

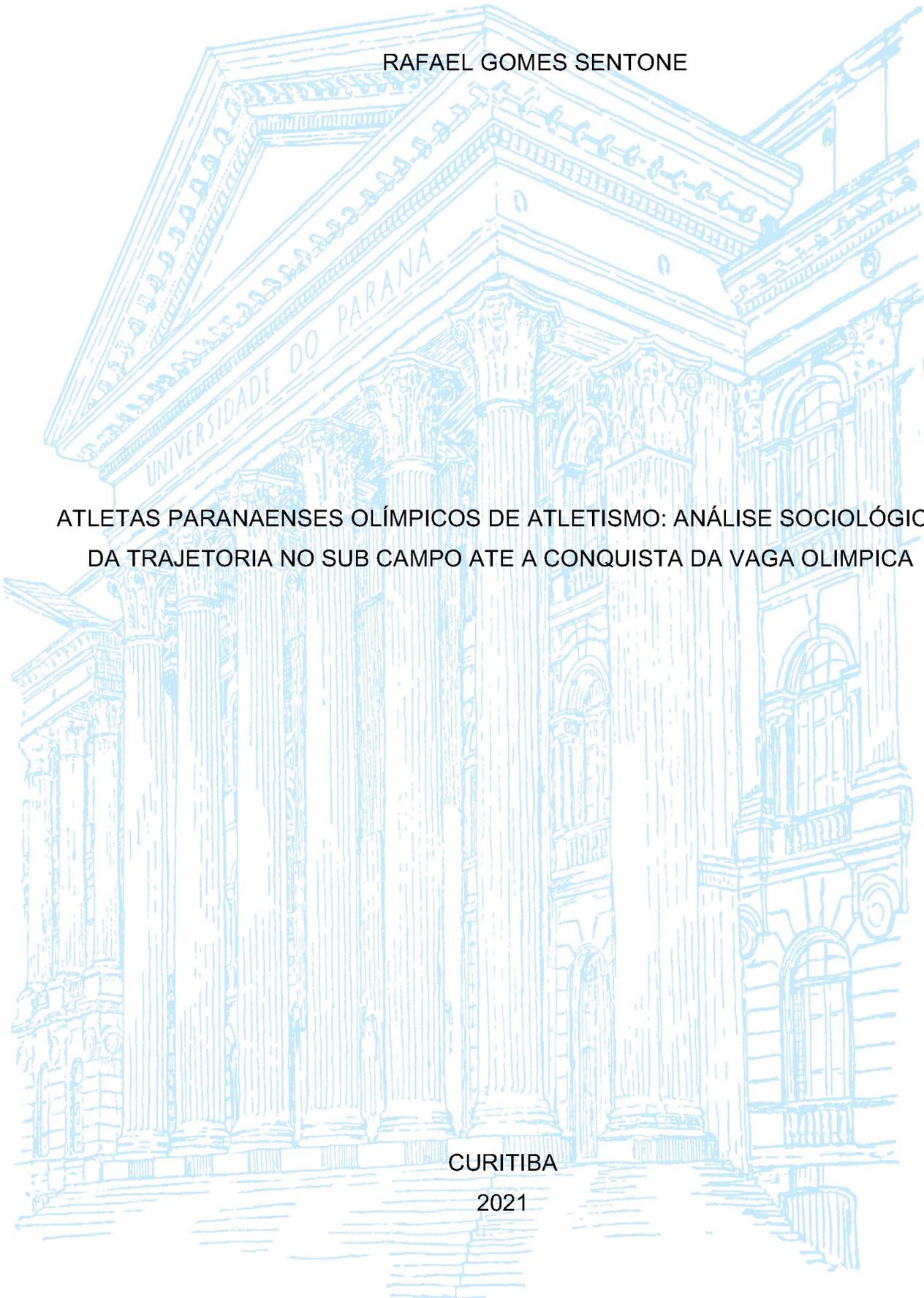
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA

RAFAEL GOMES SENTONE

ATLETAS PARANAENSES OLÍMPICOS DE ATLETISMO: ANÁLISE SOCIOLÓGICA  
DA TRAJETORIA NO SUB CAMPO ATE A CONQUISTA DA VAGA OLIMPICA

CURITIBA

2021



RAFAEL GOMES SENTONE

ATLETAS PARANAENSES OLÍMPICOS DE ATLETISMO: ANÁLISE SOCIOLÓGICA  
DA TRAJETORIA NO SUB CAMPO ATE A CONQUISTA DA VAGA OLIMPICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientador: Prof. Doutor Fernando Renato Cavichioli

CURITIBA

2021

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.  
Biblioteca de Ciências Biológicas.  
(Rosilei Vilas Boas – CRB/9-939).

Sentone, Rafael Gomes.

Atletas paranaenses olímpicos de atletismo: análise sociológica da trajetória no sub campo até a conquista da vaga olímpica. / Rafael Gomes Sentone. – Curitiba, 2021.

196 f. : il.

Orientador: Fernando Renato Cavichioli.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Atletismo. 2. Sociologia. 3. Esportes. 4. Política pública. I. Título. II. Cavichioli, Fernando Renato. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20.ed.) 796.42

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **RAFAEL GOMES SENTONE** intitulada: "**ATLETAS PARANAENSES OLÍMPICOS DE ATLETISMO: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA TRAJETÓRIA NO SUB CAMPO ATÉ A CONQUISTA DA VAGA OLÍMPICA**", sob orientação do Prof. Dr. FERNANDO RENATO CAVICHIOLLI, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 11 de Fevereiro de 2021.

Assinatura Eletrônica

11/02/2021 13:44:30.0

FERNANDO RENATO CAVICHIOLLI  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

18/02/2021 18:01:34.0

FERNANDO AUGUSTO STAREPRAVO  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ )

Assinatura Eletrônica

13/02/2021 22:03:24.0

ANDRÉ MENDES CAPRARO  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

11/02/2021 15:19:45.0

WANDERLEY MARCHI JR  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

18/02/2021 19:07:29.0

JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA )

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os membros do eterno “Grupo do Cavicca” pelas inúmeras reuniões, orientações, conselhos, dicas, leituras, debates e sabatinas. O grupo de pesquisa é uma verdadeira irmandade, responsável pelo desenvolvimento acadêmico de cada um de seus membros. Como dizem “ninguém faz nada sozinho”.

Destaco, mais do que merecidamente, os amigos Cristiano Israel Caetano e José Francisco López-Gil pela parceria em nossas pesquisas internacionais entre Brasil e Espanha, muitos artigos científicos publicados e a construção de uma equipe de trabalho objetiva e com propósito.

Para o Rodrigo Waki, muito mais que o secretário da pós-graduação em Educação Física, um amigo que extrapolou incontáveis vezes suas atribuições e sempre, verdadeiramente, foi prestativo e sincero. Meu obrigado.

Ao amigo, orientador, professor e mentor Fernando Renato Cavichiolli. Ao final de sete anos desde o primeiro encontro em 2014 até este memorável e sonhado momento, palavras não exprimem o verdadeiro agradecimento que merece. Evocando um ensinamento dado por meu pai Cesar Sentone de que “devemos fazer em vida e sempre que possível pelas pessoas”, espero ter honrado seu nome ao longo deste tempo que espero não acabar. Meu agradecimento sincero, para todo aquele que ler esta página saber que em todas as dimensões da vida, em todos os momentos que estive com o Prof. Cavichiolli aprendi alguma coisa. Meu muito obrigado e eterna gratidão.

De todas as maneiras e por todos os motivos imagináveis, minha esposa Marcelle Almeida Weber e meu filho Henrique Sentone Weber merecem o maior dos agradecimentos. Como diz o ditado “Quando nos tornamos pais, aprendemos a ser filho. Quando nos tornamos avós, aprendemos a ser pais”. Eu entendo o que meus pais fizeram por mim e hoje, com esse título, retribuo a eles e meu filho com mais esse tijolo em nossas vidas para que eu possa ajudar com uma vida ainda melhor do que eu tive e tenho. Obrigado por estar sempre ao meu lado Marcelle, ser a companheira, esposa, amiga e alicerce do meu ser e razão da minha existência. Amo vocês.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O progresso intelectual e o progresso moral raramente marcham juntos, mas o que o Espírito não consegue em dado tempo, alcança em outro, de modo que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível. Eis por que se veem muitas vezes homens inteligentes e instruídos pouco adiantados moralmente, e vice-versa.

(KARDEC, 2006, p. 33-34)

No entanto, o progresso intelectual pode engendrar o progresso moral fazendo [...] compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.

(KARDEC, 2007, p. 408-409)

## RESUMO

O atletismo no Brasil possui uma infraestrutura que movimenta a modalidade desde as federações e confederações, clubes esportivos e sociais, instituições de ensino, comitês e órgãos dos governos municipais, estaduais e federal. A trajetória de um atleta é carregada de registros construídos e vivenciados por ele, levando em consideração episódios individuais e coletivos, assim como transformações importantes neste processo, desde sua iniciação esportiva até o que se pode considerar como auge na carreira, a vaga olímpica. Em destaque o estado do Paraná possui em sua história nomes do atletismo nacional e internacional que puderam percorrer esta trajetória e conquistar um lugar em um dos maiores eventos esportivos mundialmente. A presente tese tem como **objetivo geral** investigar como atletas paranaenses de atletismo percorrem o subcampo do atletismo até conquistarem uma vaga em jogos olímpicos. Como **procedimentos metodológicos** foram selecionados atletas de atletismo nascidos no Paraná e que iniciaram a prática da modalidade no estado. Delimitou-se as olimpíadas de 2004, 2008, 2012 e 2016 para selecionar atletas que iniciaram a modalidade de atletismo no estado do Paraná e conquistaram uma vaga olímpica, chegando ao número de oito entrevistas, buscando convergir suas trajetórias com a teoria sociológica e os elementos que indicam o sucesso esportivo. Foi escolhido os fatores preditores de sucesso esportivo elencados por Houlihan e Green, complementados por uma revisão bibliográfica e os conceitos teóricos sociológicos de Pierre Bourdieu (campo, subcampo, capital e *habitus*). Como **resultados** principais tem-se que os atletas paranaenses da modalidade de atletismo que participaram dos jogos olímpicos nasceram 50% em grandes centros urbanos e 50% em pequenas cidades. Apenas um dos atletas participou em prova de campo, três atletas em prova de rua, três atletas em provas de velocidade e um atleta em prova de meio fundo. Das edições olímpicas que participaram quatro dos atletas estiveram nas olimpíadas no Brasil em 2016, dois nas olimpíadas de Atenas em 2004, um nas olimpíadas de Pequim em 2008 e um nas olimpíadas de Londres em 2012. Todos os atletas entrevistados são de família de classe social baixa, alguns sem a figura paterna, possuíam pouco capital social, cultural e econômico. As disputas engendradas no interior do subcampo do atletismo competitivo estão objetivadas em uma relação multilateral composta por clubes, técnicos, políticas públicas de incentivo ao esporte, entidades privadas (patrocinadores/*sponsors*) e os mega eventos

esportivos, todos buscando os melhores atletas para os representarem. A trajetória dos atletas paranaenses de atletismo que conquistaram uma vaga olímpica foi marcada por disputas no subcampo do atletismo, nas relações de poder entre eles e os treinadores e os dirigentes dos clubes esportivos e sociais. O capital simbólico (potencial performático) foi a ferramenta de barganha que lhes conferiu garantias de subsistência pessoal e profissional no subcampo, por meio dos resultados que obtinham em competições, do histórico de resultados e das possibilidades de crescimento, conseguiam ocupar as posições de maior prestígio no subcampo. A figura do treinador no subcampo do atletismo foi a mais marcante na trajetória dos atletas, sendo o responsável pelas decisões mais importantes dos atletas.

Palavras-chave: Atletismo; Sociologia do Esporte; Políticas Públicas.

## ABSTRACT

Athletics in Brazil has an infrastructure that moves the sport from federations and confederations, sports and social clubs, educational institutions, committees and bodies of municipal, state and federal governments. The trajectory of an athlete is loaded with records constructed and experienced by him, taking into account individual and collective episodes, as well as important transformations in this process, from his sports initiation to what can be considered as the peak of his career, the Olympic vacancy. In the history of the state of Paraná, national and international athletics names have been highlighted who have been able to follow this trajectory and win a place in one of the biggest sporting events worldwide. The present thesis has the **general objective** of investigating how Paraná athletes of athletics go through the subfield of athletics until they win a place in Olympic games. As **methodological procedures**, the predictive factors for sports success listed by Houlihan and Green were chosen, complemented by a bibliographic review and Pierre Bourdieu's sociological theoretical concepts (field, subfield, capital and habitus). The 2004, 2008, 2012 and 2016 Olympics were delimited to select athletes who started athletics in the state of Paraná and won an Olympic spot, seeking to converge their trajectories with sociological theory and the elements that indicate sports success. As main **results** it has been that the athletes of Paraná from the athletics modality who participated in the Olympic games had an average age of  $25 \pm 3.7$  years in the Olympic year (under age 20 and over age 31), 50% were born in large centers urban and 50% in small towns. Only one of the athletes participated in the field test (A5), three athletes in the street test (A1-2004, A2-2008 and A3-2004), three athletes in speed tests (A4-2016, A6-2016 and A8- 2016) and an athlete in the middle race (A7-2016). Of the Olympic editions that participated, 50% of the athletes participated in the Olympics in Brazil in 2016 (A4-2016, A6-2016, A7-2016 and A8-2016), 25% in the Athens Olympics in 2004 (A1-2004 and A3-2004 ), 12.5% at the Beijing Olympics in 2008 (A2-2008) and 12.5% at the London Olympics in 2012 (A5-2012). All athletes interviewed are from a low social class family, some without a father figure, had little social, cultural and economic capital. The disputes engendered within the subfield of competitive athletics are aimed at a multilateral relationship composed of clubs, coaches, public policies to encourage sport, private entities (sponsors / sponsors) and mega sporting events, all seeking the best athletes to represent them. The trajectory of Paraná's athletics athletes who won

an Olympic spot was marked by disputes in the athletics subfield, in competition with the interests of other fields (politics, media, sport, economics, etc.), required physical and behavioral skills in order to be successful, assisted and guided by their coaches, having symbolic capital (performance potential) the bargaining tool that gave them guarantees of personal and professional subsistence in the subfield.

Key words: Athletics; Sociology of Sport; Public policy.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> – PILAR 2 DO SPLISS – GOVERNANCA, ORGANIZACAO E ESTRUTURA PARA O ESPORTE DE ELITE.....	12
<b>FIGURA 2</b> – ORGANOGRAMA DAS ENTIDADES REPRESENTATIVAS DO ATLETISMO .....	81
<b>FIGURA 3</b> – LEGISLACAO ESPORTIVA BRASILEIRA E SUBSIDIOS PUBLICOS .....	83
<b>FIGURA 4</b> – MOTIVOS QUE INFLUENCIARAM OS ATLETAS DURANTE SUA TRAJETORIA OLIMPICA .....	169
<b>FIGURA 5</b> – ORGANOGRAMA DO DESENVOLVIMENTO DOS FATORES DE SUCESSO BRASILEIRO DE ACORDO COM A TEORIA DO SPLISS .	194

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - ESTRUTURA DA TESE .....	11
<b>TABELA 2</b> - COMPARATIVO ENTRE ALGUNS PAISES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE PILARES DO SPLISS .....	21
<b>TABELA 3</b> - TEMATICAS A PARTIR DAS ENTREVISTAS .....	57
<b>TABELA 4</b> - RESULTADO DOS ESTUDOS OBTIDOS NA REVISAO BIBLIOGRAFICA .....	62
<b>TABELA 5</b> - FEDERACOES DE ATLETISMO NO BRASIL .....	85
<b>TABELA 6</b> - ATLETAS BRASILEIROS E PARANAENSES DE ATLETISMO NAS OLIMPIADAS DE 2004, 2008, 2012 E 2016 .....	91
<b>TABELA 7</b> - IDENTIFICACAO DOS ATLETAS PARANAENSES DE ATLETISMO NAS OLIMPIADAS DE 2004, 2008, 2012 E 2016 .....	93
<b>TABELA 8</b> - MOVIMENTO MIGRATORIO VIVIDO PELOS ATLETAS NA TRAJETORIA OLIMPICA .....	128
<b>TABELA 9</b> - CLUBES REPRESENTADOS PELOS ATLETAS NA TRAJETORIA OLIMPICA .....	129
<b>TABELA 10</b> - DISTRIBUICAO DE BOLSA ATLETA NA TRAJETORIA OLIMPICA.....	143
<b>TABELA 11</b> - PARTICIPACAO NO PAAR DAS FORCAS ARMADAS .....	144
<b>TABELA 12</b> - LOCAIS ONDE OS ATLETAS REALIZARAM <i>CAMPING</i> DE TREINAMENTO .....	164

## **LISTA DE SIGLAS**

- AIA – Associação Ibero-Americana de Atletismo
- CBAT – Confederação Brasileira de Atletismo
- CBC – Comitê Brasileiro de Clubes
- CIE – Centro de Iniciação Esportiva
- COB – Comitê Olímpico do Brasil
- COI – Comitê Olímpico Internacional
- CONSUDATLE – Confederação Ibero-Americana de Atletismo
- FAP – Federação de Atletismo do Paraná
- IAAF – Federação Internacional de Atletismo
- IAU – Associação Mundial de Ultramaratonas
- PAC – Programa de Aceleração do Crescimento
- PND – Plano Nacional de Desporto
- RNT – Rede Nacional de Treinamento
- SBD – Sistema Brasileiro de Desporto
- SNE – Sistema Nacional de Esporte

## SUMARIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. FATORES DE SUCESSO ESPORTIVO: uma revisão bibliográfica.....</b>	<b>11</b>
2.1 PRIMEIRAS REFLEXOES .....	30
<b>3 A TEORIA DOS CAMPOS DE PIERRE BOURDIEU.....</b>	<b>33</b>
3.1 CAMPO .....	36
3.2 HABITUS.....	42
3.3 CAPITAIS .....	49
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>57</b>
4.1 ESTRUTURA DA TESE .....	57
4.2 FATORES DE SUCESSO ESPORTIVO .....	57
4.3 AMOSTRA.....	58
4.4 CONCEITOS TEÓRICOS SOCIOLÓGICOS .....	59
4.5 PROCEDIMENTOS PARA ENTREVISTA .....	59
4.6 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	61
4.7 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS .....	64
<b>5 O SUBCAMPO DO ATLETISMO.....</b>	<b>66</b>
5.1 SISTEMA E LEGISLAÇÃO ESPORTIVA.....	78
5.2 ATLETISMO EM NUMEROS .....	83
<b>6. ATLETAS PARANAENSES OLÍMPICOS DE ATLETISMO.....</b>	<b>90</b>
6.1 ESTRUTURA E APOIO FAMILIAR.....	93
6.2 INICIO NO ESPORTE.....	102
6.3 MUDANÇA DE CIDADE, TECNICO E CLUBE .....	108
6.4 DISPUTAS NA TRAJETORIA ESPORTIVA .....	112
6.5 TRAJETORIA PARA A OLIMPIADA .....	119
6.6 DESENVOLVIMENTO DE INSTALACOES DE ELITE .....	128

6.7 SUPORTE PARA ATLETAS EM TEMPO INTEGRAL .....	133
6.8 PRESTACAO DE SERVICOS DE TREINAMENTO, CIENCIA ESPORTIVA E MEDICINA ESPORTIVA .....	141
6.9 HIERARQUIA DE OPORTUNIDADES DE COMPETICAO CENTRADA NA PREPARACAO PARA EVENTOS INTERNACIONAIS.....	149
6.10 NOVAS POSSIBILIDADES E ACHADOS .....	157
<b>7. CONCLUSÃO .....</b>	<b>163</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>172</b>
<b>ANEXO 1 – Organograma do desenvolvimento dos fatores de sucesso brasileiro de acordo com a teoria do SPLISS. ....</b>	<b>190</b>
<b>ANEXO 2 – Questões norteadoras das entrevistas com os atletas .....</b>	<b>191</b>
<b>ANEXO 3 – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa .....</b>	<b>195</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O atletismo no Brasil possui uma infraestrutura que movimenta a modalidade desde as federações e confederações, clubes esportivos e sociais, instituições de ensino, comitês e órgãos dos governos municipais, estaduais e federal. Somadas auxiliam a espalhar a modalidade para todas as idades e diferentes perspectivas de difusão que perpassam pelas práticas descompromissadas em espaços públicos e privados, ensino escolar, veículos de comunicação até o esporte competitivo, em alguma medida o ponto auge do esporte.

Na instância competitiva observamos que em todas as edições dos Jogos Olímpicos de Verão o atletismo é a quarta modalidade que mais conquistou medalhas para o Brasil somando 16, incluindo o bicampeão olímpico Adhemar Ferreira da Silva (salto triplo) em 1952 e 1956 até o recordista olímpico Thiago Braz (salto com vara) em 2016. De acordo com Caregnato (2018) e Sentone *et al.* (2019) atletas brasileiros do atletismo olímpico passam por diferentes instituições, recebem apoio de diversas pessoas - familiares, amigos, técnicos - apoio financeiro por meio de bolsas, iniciam em idades variadas e acabam por migrar para diferentes cidades na busca de melhorar seu rendimento.

A trajetória de um atleta é carregada de registros construídos e vivenciados por ele, levando em consideração episódios individuais e coletivos, assim como transformações importantes neste processo (PEREZ, RUBIO, 2013). Estas transformações seguem normas da sociedade e instituições (RUBIO, 2014) como citado por Caregnato (2018) ao verificar que no atletismo alguns clubes colocam como condição de incentivo fazer com que atletas vivam em determinadas cidades, aonde estão as instalações físicas e recursos humanos, ocasionando migrações de atletas da modalidade de atletismo entre regiões brasileiras (SENTONE *et al.*, 2019).

Além da busca por estruturas físicas e recursos humanos, o atleta que se dedica exclusivamente ao esporte de rendimento necessita de subsídios financeiros. No Brasil algumas políticas públicas de incentivo ao esporte possibilitam que entidades privadas concorram o direito de fazer a gestão de

recursos públicos específicos (CORREIRA, 2014) fazendo com que muitos dos melhores atletas do atletismo estejam em clubes (CAREGNATO, 2018).

Parte dos atletas brasileiros que competem na prova de 100m rasos (SENTONE *et al*, 2019) tiveram uma trajetória na carreira passando por diversos estados onde obtiveram seus melhores resultados, bem como passaram por muitos clubes esportivos ao longo da carreira ocasionado pela falta de comunicação entre esferas do governo e órgãos esportivos, culminando em uma caminhada solitária dos atletas da modalidade de atletismo (CAREGNATO, 2018)

Alguns desses atletas paranaenses possuem uma trajetória de sucesso como Vanderlei Cordeiro de Lima (maratonista natural de Cruzeiro do Oeste, medalhista olímpico em 2004), Edson Luciano Ribeiro (atleta da equipe de revezamento 4x100m, natural da cidade de Bandeirantes, participante das edições olímpicas de 1996 e 2000) e Jardel Gregório dos Santos (atleta de salto triplo, natural da cidade de Jandaia do Sul, participante da olimpíada em 2004) que chegaram a uma olimpíada (RUBIO, 2015). O atleta é figura mobilizadora no universo esportivo e ocupa uma posição central de importância, pois por meio dele que as estruturas se organizam para movimentar mídia, captação de recursos, políticas de incentivo e ensino do esporte em escolas (SILVA, 2015; DE BOSCHER *et al.*, 2015). Sendo figura mobilizadora do esporte a presente tese possui o seguinte problema: **como atletas paranaenses de atletismo percorrem o subcampo do atletismo até conquistarem uma vaga em jogos olímpicos?**

Tendo em vista os inúmeros esportes existentes para investigação este pesquisador optou pela modalidade de atletismo por ter sido atleta em provas de meio fundo e fundo por mais de dez anos. A proximidade com a modalidade permitiu uma melhor compreensão dos relatos dos atletas por conhecer a realidade dos treinamentos, as necessidades básicas de equipamentos e recursos humanos o que resulta em uma empatia por este mundo. Evidentemente que o gostar não deve ser um fim em si na escolha de uma pesquisa, motivo pelo qual observamos ao longo dos últimos anos que o atletismo é uma das modalidades que mais possibilita medalhas em uma olimpíada, está presente em todas as edições olímpicas modernas e possui atletas que se destacaram ao longo desta competição, alguns deles advindos

do estado do Paraná. Por fim registramos que uma investigação sobre esta modalidade nos permitirá tornar público, de maneira acadêmica, registros científicos sobre o atletismo olímpico brasileiro, em especial atletas que iniciaram sua trajetória no Paraná.

A partir desta perspectiva a presente pesquisa apresenta como objetivo principal **investigar como atletas paranaenses de atletismo percorrem o subcampo do atletismo até conquistarem uma vaga em jogos olímpicos.** Com este condão delimita-se três objetivos específicos sendo **a)** compreender o atletismo brasileiro, explorando por meio de revisão bibliográfica os quatro temas apontados por Houlihan e Green (2008) como preditores do sucesso esportivo, **b)** apresentar os conceitos teóricos sociológicos de Pierre Bourdieu buscando entender e explicar o subcampo do atletismo, **c)** explicar como os atletas paranaenses olímpicos da modalidade de atletismo desenvolvem seus capitais no subcampo do atletismo, internalizam e se apropriam do *habitus* daquele subcampo, para terem acesso aos quatro temas apontados por Houlihan e Green como preditores do sucesso esportivo.

Na tentativa de compreender como o atleta consegue conquistar cada espaço, inserção em equipes, competições e incentivo ao longo de sua carreira, diversos autores buscaram identificar o que de fato é importante neste processo, apontando, explicando e sistematizando fatores e elementos que podem prever o sucesso esportivo. Houlihan e Green (2008) verificaram que os estudos sobre o desenvolvimento de ingredientes do sucesso esportivo de elite começaram a ser apresentados por diversos autores na tentativa de apresentar um modelo de sucesso, no entanto cada estudo apresenta características e pontos distintos. Para Green e Oakley (2001a,b) dez elementos foram identificados para o sucesso esportivo tendo como foco aspectos sociais, políticos e econômicos. Já para Digel (2002a,b) outros seis fatores foram identificados focados no contexto de desenvolvimento do talento esportivo, abrangendo os processos pelos quais o talento esportivo pode ser identificado e desenvolvido. Green e Houlihan (2005) evidenciaram, após analisar o sistema esportivo de elite de cinco países, que quatro fatores de desenvolvimento de atletas seriam o ponto chave do sucesso esportivo. Em contrapartida De Bosscher *et. al.* (2006) compararam inicialmente o sistema esportivo de seis países e desenvolveram um modelo, denominado SPLISS,

com nove pilares que desencadeiam o sucesso esportivo, sendo complementado com estudos de outros países (DE BOSSCHER *ET. AL.*, 2015) aperfeiçoando o mesmo modelo.

Após analisar os estudos anteriores e seus resultados Houlihan e Green (2008) constataram que em todos eles haviam quatro temas em comum que tratam sobre o desenvolvimento de atletas de elite relacionados ao sucesso esportivo sendo: **(1)** desenvolvimento de instalações de elite, **(2)** suporte para atletas em tempo integral, **(3)** prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva e **(4)** hierarquia de oportunidades de competição centrada na preparação para evento internacional. De Bosscher et al. (2006) alertam que mesmo estruturando e identificando indicadores de sucesso esportivo de elite, não é possível aplicar um único modelo para explicar o sucesso de maneira internacional. Desta forma busca-se no primeiro objetivo específico desta tese a identificação e compreensão de tais elementos.

Tendo delimitado um grupo para análise (atletas paranaenses olímpicos de atletismo), um ponto final de sua trajetória (participar de uma olimpíada) e elementos a serem observados neste caminho (fatores preditores de sucesso esportivo determinados por Houlihan e Green) optamos por uma teoria sociológica para analisar e esclarecer o objetivo geral desta tese, sendo ela a teoria dos campos de Pierre Bourdieu, especificamente utilizando alguns de seus conceitos: campo, subcampo, *habitus* e capital (BOURDIEU, 2001).

Bourdieu (2003) demonstra que a sociedade é constituída por uma complexa estruturação de campos, a que ele argumenta de forma *sui generis* como sendo um espaço de lutas entre agentes, e que para pessoas entrarem e se manterem nesse esquema social é necessário que apreendam e internalizem comportamentos padronizados e pré determinados, denominado de *habitus*, sigam regras explícitas e implícitas utilizando de ferramentas específicas para cada um desses campos, caracterizado como capitais – recursos materiais ou simbólicos de que cada agente dispõe, dentre vários existentes como o econômico, cultural ou corporal (MEDEIROS *et al.*, 2017).

Ser atleta exige do agente determinadas posições no mundo em que vive que poderão lhe propiciar a entrada ou derrocada no esporte, conhecer

técnicos e dirigentes, que por sua vez estão inseridos em outras camadas de relacionamentos.

Este olhar sociológico nos permite colocar em perspectiva que o atleta, inserido em um mundo social, caminha influenciado por um conjunto de fatores e elementos que podem ou não estar sob seu controle e decisão, que exige do atleta determinadas características, capitais, que serão objeto de barganha ao longo de seu relacionamento. As políticas públicas, por exemplo, sendo um dos elementos determinantes para o sucesso esportivo (HOULIHAN, 2005) potencializam o agente/atleta ao disponibilizar um recurso financeiro que, na linguagem sociológica, pode ser traduzida como aquecer o capital corporal e simbólico do agente/atleta com o objetivo de obter em troca, pela sua performance atlética e resultado esportivo, capital financeiro além do que foi investido (STAREPRAVO, SOUZA, MARCHI JÚNIOR, 2013).

Um único elemento, política pública, analisado em um grupo social específico, dos atletas, permite que conjugemos os conceitos teóricos de capital, campo e *habitus* para entender as relações estabelecidas entre os indivíduos.

Os campos analisados por Bourdieu (2001, 2003, 2004, 2011) dizem respeito a espaços que existem fundamentados por regras próprias, principalmente delimitados por disputas em seu interior, como no campo acadêmico, onde professores disputam o direito de ensinar ou fazer valer sua teoria. Em se tratando do esporte Bourdieu (2003, p. 186) aborda um conceito maior de “campo das práticas desportivas” que engloba o “desporto prática, desporto de elite, desporto popular ou de massa, desporto espetáculo”. A complexidade de teorizar algo desta magnitude é fragmentada em partes menores, denominado por Bourdieu como subcampo, que são um universo diferente e homólogo ao campo, mas regidos por uma lógica social própria, racional e universal (BOURDIEU, 2001), cada subcampo possui suas próprias regras e objetos em disputas.

Bourdieu (2001, p. 120) exemplifica que o “princípio de visão e de divisão e o modo de conhecimento correntes num campo”, no caso em questão, campo das práticas esportivas, “em associação com uma forma específica de expressão, só podem ser conhecidos e compreendidos em relação com a legalidade específica desse campo como microcosmo social”,

ou seja, determinados comportamentos de um grupo só fazem sentido para eles, pois são regidos por suas próprias regras, comportamentos e disputas. Entender um determinado campo ou subcampo, implica ao menos compreender as crenças pela qual é regida.

Deste modo o mundo social em que estão inseridos os atletas da modalidade de atletismo permite que analisemos as disposições em seu interior, as relações que se estabelecem entre seus agentes e os capitais presentes, para alcançarem uma Olimpíada, utilizando conceitos teóricos sociológicos. Starepravo e Marchi Júnior (2015) puderam demonstrar que é possível uma discussão entre o esporte e a sociologia quando verificaram que o desenvolvimento do esporte no Brasil coexiste pela confluência dos campos político e esportivo, logo muito do desenvolvimento do esporte está atrelado às iniciativas e estratégias do Estado, como as políticas públicas.

Pensar o esporte sociologicamente e sob o olhar da teoria Bourdiesiana permite que possamos analisá-lo para além das perspectivas de treinamento técnico e tático ou biologicista, mas como afirmam Souza e Marchi Júnior (2017) podemos inventivamente utilizar da teoria para buscar a compreensão e dirimir dúvidas sobre diferentes domínios da sociedade como o mundo dos esportes. De fato é possível que o esporte seja abordado por esta vertente teórica como o próprio Bourdieu (2003) o fez preliminarmente, havendo estudos utilizando os pressupostos teóricos de Bourdieu sobre a política pública, atletas, técnicos e instituições esportivas (MARCHI JÚNIOR, 2004; STAREPRAVO, 2011; SALVINI, 2012; FERREIRA, 2013; STAREPRAVO, SOUZA, MARCHI JÚNIOR, 2013; SOUZA, 2014; ALMEIDA, 2015; SILVA, 2015; STAREPRAVO, MARCHI JÚNIOR, 2015; ALMEIDA, MARCHI JÚNIOR, 2017; MARCHI, SOUZA, MARCHI JÚNIOR, CAVICHIOLLI, 2017; SALVINI, 2017; SOUZA, MARCHI JÚNIOR, 2017; SILVA *et al.*, 2017; SILVA, MEZZADRI, CAVICHIOLLI, 2018; STAREPRAVO, SOUZA, BARNABÉ, MARCHI JÚNIOR, 2018).

O esteio de análise desta pesquisa então funda-se sobre os temas apresentados por Houlihan e Grenn (2008) indicando o sucesso esportivo e uma leitura por meio de alguns conceitos da teoria reflexiva dos campos de Pierre Bourdieu a partir dos relatos de atletas paranaenses da modalidade de atletismo. O indicativo de que existe um “caminho” que leve os atletas ao

sucesso esportivo transparece, a primeira vista, que eles tiveram a opção de escolher aquele ou este, mas apoiando-se na teoria Bourdiesiana (2011) coloca-se objetivamente três pontos de análise: a posição social do atleta que estabelecerá a relação com os campos em que se fará presente, as disposições dos atletas perante os campos ou o *habitus* adquirido/assumido e as tomadas de posições e escolhas assumidas.

Os três pontos de análise indicados revelam a possibilidade de construir socialmente o caminho percorrido por eles e revelar as disputas ocorridas entre os atletas e aqueles que ao longo de sua trajetória os fizeram amoldar ao *habitus*, as posições que assumiram e conseqüentemente lhes renderam determinados resultados, assim como em que medida suas posições sociais foram preponderantes e responsáveis pelas suas inserções no subcampo do atletismo. As discussões sobre o tema vão além de apresentar a identificação de um movimento migratório do atleta entre estados brasileiros (SENTONE *et al.*, 2019), ainda que seja um passo importante, mas se propõe discutir a maneira como eles foram inseridos ou se inseriram no subcampo do atletismo, construíram a possibilidade de saírem de determinada localidade e fossem para outra que *in tese* seria mais suscetível ao sucesso esportivo.

O propósito de observar a perspectiva do atleta, não obstante a possibilidade de aplicação aos familiares, técnicos e dirigentes, revela que sua história de vida é fundamentada em escolhas que foram tomadas por ele, uma sucessão de posições ocupadas que foram construindo o alicerce para conseguirem o direito de ir a uma competição olímpica. Neste mundo social esportivo o atleta é peça central e as outras engrenagens dependem dele em uma relação mútua de dependência, condição esta que gera disputas diversas por algo. A prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva, apontada por Houlihan e Grenn (2005), é um exemplo desta disputa. Se um atleta, em determinado momento de sua carreira, passa a necessitar de um profissional de uma área aleatória ou um profissional específico, desdobra-se uma série de relacionamentos no interior daquele mundo social para que uma decisão seja tomada.

Hipoteticamente e trazendo à tona o olhar sociológico verifica-se que o atleta pede, seu técnico barganha com o clube esportivo que representa ou

com o patrocinador e estes últimos discutem sobre a possibilidade de conferir o solicitado. A decisão, ainda que possa parecer simples – o atleta precisa do especialista para melhorar e ter maior rendimento – é traduzida numa releitura situacional onde o clube ou patrocinador enxerga no atleta um capital simbólico que pode lhes render mais capital financeiro, um retorno midiático por exemplo, caso tenha resultados esportivos. O técnico por sua vez avalia a necessidade e o valor do capital simbólico do atleta, o quanto ele treinou e ainda pode evoluir, e por este motivo barganha mais ou menos para que haja um resultado positivo.

Assim como neste exemplo, outros inúmeros casos podem ocorrer entre a iniciação esportiva e o resultado obtido, abordando o atleta ou instituições (STAREPRAVO, MARCHI JÚNIOR, 2015; ALMEIDA, MARCHI JÚNIOR, 2017). De fato, a forma como o atleta interage e principalmente a leitura que realiza do ambiente irá determinar sua trajetória, esta leitura funda-se, na construção deste prólogo, em o atleta perceber que determinados elementos ou fatores aumentarão as chances de evoluir no esporte.

Como apresentado inicialmente o subcampo do atletismo é um organismo movimentado por interesses e disputas por seus vários agentes e o atleta, inserido nos heterogêneos campos (político, esportivo, acadêmico), caminha aqui e lá, participando das lutas entre eles, auspiciando vencer a cada passo.

O desenvolvimento de atletas da modalidade de atletismo no Paraná depende de seus próprios atributos esportivos e das relações que estabelecem com o ambiente (subcampo) que estão inseridos (VIEIRA, VIEIRA, 2001; VIEIRA, VIEIRA, KREBS, 2003). Como apontado por Ress *et al.* (2016), Caregnato (2018) e Sentone (2019) o atletismo brasileiro, especificamente no Paraná, possui interações complexas dos atletas com o subcampo e seus agentes, seus atletas de atletismo tem percorrido seu caminho sem direcionamentos consistentes, existem evidências de que os atletas de atletismo têm migrado para determinadas regiões e que fatores importantes no desenvolvimento esportivo possuem relação com desempenho olímpico ao longo de sua história.

Por meio da perspectiva sociológica justificamos a presente investigação, fundada na profundidade explicativa das relações vividas pelos

atletas no mundo social do atletismo, e não apenas com apontamentos de elementos que ensejam o sucesso esportivo. O olhar sociológico pretendido permite compreender a realidade do grupo de atletas que iniciaram numa meso região do Brasil e conseguiram conquistar uma vaga olímpica. Desta forma, diferenciando-se de olhares pontuais como teorias de políticas públicas para desenvolvimento do esporte, bioecológicas e até mesmo olhares eminentemente históricos sobre a trajetória, a perspectiva sociológica conjuga elementos de compreensão advindos das relações humanas. Nesta perspectiva e partindo deste prólogo é que pretende-se um olhar sociológico sobre a vida e trajetória dos atletas paranaenses de atletismo que conquistaram uma vaga nos jogos olímpicos, na perspectiva de racionalização<sup>1</sup> do processo de produção do atleta apontado por Houlihan e Green.

Em uma triangulação, tendo em seus vértices a) fatores de sucesso elencados por Houlihan e Green, b) conceitos teóricos sociológicos de Pierre Bourdieu e o c) relato da trajetória esportiva vivida por tais atletas, no terceiro objetivo específico desta tese é analisado esta interação. O resultado, além de cumprir com os propósitos estabelecidos em pesquisa, é destinado como justificativa à sociedade demonstrando que o estado do Paraná é celeiro de atletas de nível olímpico, possui potencialidades esparsas no território no que diz respeito à recursos humanos para o esporte (como atletas, técnicos e dirigentes), podendo destinar-se a (re)formulação de políticas públicas para o esporte, principalmente o atletismo, que projetem o Paraná como unidade federativa destaque no Brasil.

Com os objetivos apresentados e a perspectiva de resultados que se buscou com a estruturação metodológica da pesquisa, a formulação da hipótese é “como um enunciado geral de relações entre variáveis (fatos, fenômenos)” (LAKATOS, MARCONI, 2008, p. 128). Desta forma a hipótese é entendida como uma formulação provisória do resultado evidenciado no

---

<sup>1</sup> De acordo com Marchi Júnior, Almeida e Souza (2019) a categoria sociológica de análise denominada racionalização diz respeito ao processo de desenvolvimento esportivo pelo aperfeiçoamento dos treinamentos e especializações que auxiliam o atleta a tornar-se melhor. Nesta perspectiva os fatores indicados por Houlihan e Green são uma chave indicativa de estudos que culminam para os indicadores de maior eficiência no processo formativo de um atleta.

problema, de forma a explicar ou predizê-lo e passível de ser verificado empiricamente, haja vista que ainda não foi confirmado. Por meio de uma relação de causa e efeito temos que:

- Considerando que parece haver um movimento migratório de atletas para determinadas regiões e suas possíveis causas estarem relacionados a fatores que indicam o desenvolvimento do esporte;
- Considerando que o Paraná possui atletas de atletismo com rendimento esportivo olímpico;
- Considerando que a abordagem sociológica pretendida permite a construção explicativa das decisões tomadas pelos atletas em razão do mundo social em que vivem;
- Considerando que os fatores preditivos para rendimento esportivo serem deficitários no Estado do Paraná, temos as seguintes hipóteses:

1. O subcampo da modalidade de atletismo no Paraná não apresenta infraestrutura necessária para dar suporte a seus atletas participarem de competições de grande porte, entendendo como infraestrutura os quatro fatores apontados por Houlihan e Green sendo: (1) desenvolvimento de instalações de elite, (2) suporte para atletas em tempo integral, (3) prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva e (4) hierarquia de oportunidades de competição centrada na preparação para evento internacional.

2. A trajetória do atleta paranaense da modalidade de atletismo é pautada em oportunidades que o possibilitem ter acesso à técnicos, estrutura para treinamento e sustento familiar, visando sua projeção na modalidade.

Nos capítulos 2 e 3 será apresentado o resultado do objetivo específico “a” e os conceitos teóricos de Bourdieu, respectivamente, descritos nos termos metodológicos no capítulo 4.

## 2. FATORES DE SUCESSO ESPORTIVO: uma revisão bibliográfica

O presente capítulo tem como meta cumprir com o primeiro objetivo específico sendo **compreender o atletismo brasileiro, explorando por meio de revisão bibliográfica os quatro temas apontados por Houlihan e Green (2008) como preditores do sucesso esportivo**. A partir das bases de dados foram identificados os estudos relacionados aos temas propostos, dos quais todos os 69 estudos apontados foram apresentados na revisão.

<i>Base de dados</i>	<b>Estudos totais</b>	<b>Após a leitura do título</b>	<b>Após a leitura do resumo</b>	<b>Após leitura na íntegra</b>	<b>Estudos relacionados</b>	<b>Total</b>
<i>Scielo</i>	332	9	3	3	-	3
<i>Portal de periódicos da CAPES/MEC</i>	5.836	213	28	25	11	36
<i>Taylor &amp; Francis</i>	3.154	42	17	10	3	13
<i>Repositório de dissertações e teses da CAPES</i>	465.765	125	30	11	6	17
<i>Total</i>	475.087	389	78	49	20	69

Tabela 1. Revisão de bibliografia a partir das bases de dados. Sistematizado pelo autor, 2020.

Sobre o **desenvolvimento de instalações de elite**, Houlihan e Green (2008) referem-se ao fornecimento e acesso prioritário a instalações para treinamento. De acordo com a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) o Brasil possuía em 2019 oito pistas de atletismo homologadas pela Federação Internacional de Atletismo (IAAF), quatro em São Paulo, duas no Rio de Janeiro e duas em Minas Gerais, para pistas de oito raias | classe I (BRASIL, 2019). Destaca-se a ausência de pista de atletismo indoor no Brasil. Já para pistas de seis raias, classe II de acordo com a IAAF, o Brasil possuía 47 pistas homologadas, das quais três estão no Paraná (Curitiba, Maringá e Cascavel). Rocha e Santos (2010) apontam que mais de 80% de seus atletas da modalidade de atletismo entrevistados disseram que a falta de infraestrutura é responsável pelo abandono da modalidade, confirmando que as instalações para treinamento, estrutura e organização no Brasil são poucas e muito abaixo do que deveria existir (DE BOSSCHER *et al.*, 2015; ANEXO I).

Com o advento das olimpíadas no Brasil em 2016 o governo brasileiro iniciou uma política pública de desenvolvimento do esporte, tendo como uma

de suas metas a criação de uma infraestrutura holística pelo país, integrando instalações já existentes com outras novas construções (MEZZADRI, SILVA, CAVICHIOLLI, 2018). O programa faz parte da criação da Rede Nacional de Treinamento, proposta em 2011, e tinha como referência a aplicação de ciência esportiva para o treinamento dos atletas para o esporte de alto rendimento. No entanto, mesmo tendo o suporte financeiro como indicador de desenvolvimento esportivo (HOULIHAN, GREEN, 2005; DE BOSSCHER *ET AL.*, 2015) e o Brasil sendo um dos países com maior suporte pelo governo, quando traduzido em infraestrutura para o esporte fica aquém de países como Austrália, Japão, Finlândia.

## Pilar 2 do SPLISS

### Governança, organização e estrutura para o esporte de elite.

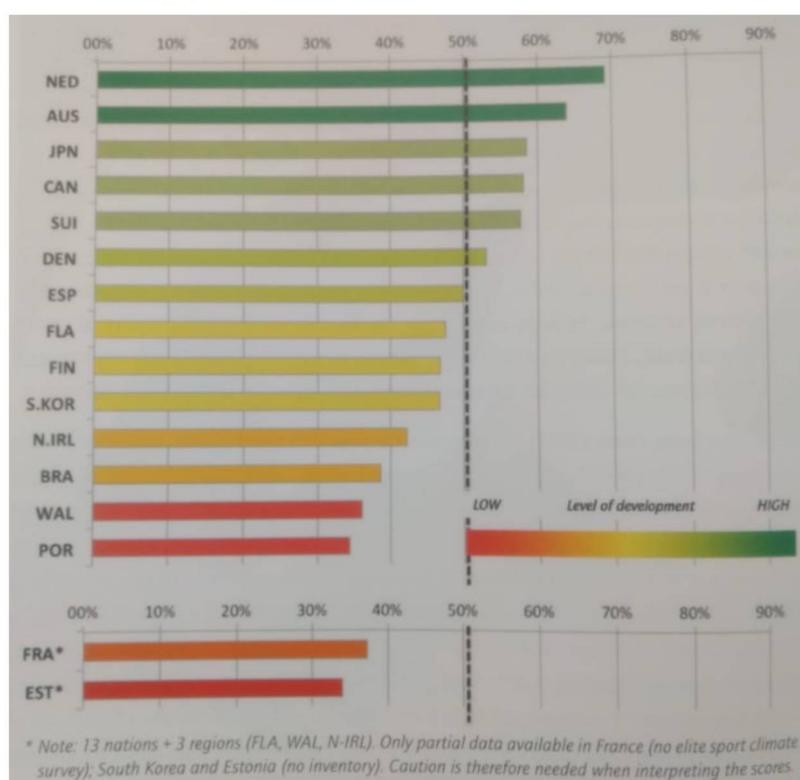


Figura 1. Fonte De Bosscher *et al.* (p. 134, 2015).

Se levarmos em consideração Estados Unidos e China, primeira e quarta nação com maior número de medalhas no atletismo dos jogos olímpicos de 2016, Houlihan e Green (2008) identificaram que além de possuírem os sistemas de produção de atletas mais eficientes do mundo, na

China “todos os esportes escolares possuem suas próprias instalações de treinamento” (p. 43) e nos Estados Unidos uma lei federal garante que as escolas recebam fundos públicos federais seguindo três critérios:

a) o percentual de atletas masculinos e femininos deve ser proporcional, b) a escola deve ter um histórico de continuidade na expansão de participação esportiva para ambos os sexos, c) a instituição deve acomodar eficientemente os interesses e habilidades dos atletas (p. 244).

De acordo com Czekanski e Lower (2018), além das escolas, os clubes esportivos colegiados nos Estados Unidos tem promovido o esporte competitivo como uma de suas metas, somado ao aumento de participantes e promoção de um ambiente sociável. Na China o planejamento para conquistar medalhas olímpicas surgiu na década de 80 e conta com uma rede de estruturas para treinamento, divididas em disciplinas esportivas e níveis de atletas, concentrando recursos financeiros e humanos para o desenvolvimento de atletas de alto rendimento (ZHENG, CHEN, 2016).

Ao contrário, Papadimitriou e Alexandris (2018) apontam claramente que a austeridade financeira do governo da Grécia prejudicou o desenvolvimento de instalações pública para treinamentos de atletas de atletismo e outras modalidades do país, em número e qualidade, principalmente na deterioração das instalações e sua manutenção. Os autores apontam que a austeridade advinda do pós olimpíadas de Atenas em 2004 causou nos atletas a perda pela paixão e espírito do treinamento duro, fazendo com que jovens talentos percebessem de locais para treinamento como uma barreira para o treinamento de alta intensidade. Perda similar ocorreu em uma comunidade na Nova Zelândia que teve sua única pista de atletismo para treinamento em qualquer condição climática destruída, restando apenas uma pista de grama. Comparando os resultados esportivos três anos antes e após a perda da pista oficial verificou-se que os resultados esportivos dos atletas foram menores após a perda (WATT, HOGAN, 2017). Seguindo esta linha de acesso precário, em condições ainda piores, muitos países africanos não apresentam instalações esportivas para seus atletas de atletismo, ocasionando um movimento migratório para países que possuem estrutura para treinamento, além de melhores condições financeiras (NJORORAI, 2012;

CHEPYATOR-THOMSON, ARIYO, 2016) ocorrendo de competirem por equipes brasileiras para disputarem as premiações de corridas de rua (NUNES, ROCHA, 2019).

A prática esportiva é de livre acesso as pessoas, acontece nas instituições e espaços públicos e privados, mas quando nos referimos ao esporte de alto rendimento a abrangência de pessoas que praticam diminui. No Brasil o esporte de *performance* se desenvolve eminentemente em clubes privados, concentrados nas regiões sul e sudeste do país, o que faz com que o acesso às praticas esportivas ocorra por uma pequena parcela da população ainda menor (MEZZADRI, SILVA, CAVICHIOILLI, 2018) e a Rede Nacional de Treinamento começou a ser pensada após o Brasil ter sido nomeado como sede dos jogos olímpicos, muitos anos após China e Estados Unidos, por exemplo. Em que pese a situação clubística do Brasil, Vargas e Capraro (2020) constataram que mesmo sem políticas públicas e programas de incentivo ao esporte como os desenvolvidos pelo governo federal com intensidade nos anos 2000, os colégios particulares da capital paranaense nos anos 80 e 90 desenvolviam o esporte em suas instituições projetando suas equipes a todos os níveis de competição, havendo casos de atletas de atletismo que chegaram a competir em olimpíadas, resultado de um esforço dos técnicos das escolas, secretaria municipal de esporte e o sistema de competições. Das instituições de ensino analisadas apenas uma possui pista de atletismo oficial, colocando em questão o quanto este tipo de instalação influenciou o desenvolvimento de atletas. De igual forma Carneiro (2013) constatou que mesmo que o governo do Distrito Federal tenha investido em instalações olímpicas para atletas, por meio da gestão da secretaria de esportes, a infraestrutura existente carecia de profissionais para sua gestão, que acabava sendo realizada pelo por instituições mistas (público e privada) - terceiro setor, como ONG's - ratificando a presença do campo privado na gestão do esporte no Brasil. Em que pese o Estado tenha subsidiado a construção de pistas de atletismo e centros de treinamento pelo Brasil, é necessário que haja uma equipe de recursos humanos, condizente com o esporte de alto rendimento, para treinar os atletas.

No Brasil Mazzei *et al.* (2012) e Antonelli (2016) puderam constatar que não existem centros de treinamento adequados para formação de atletas de

alto rendimento e políticas para o desenvolvimento de instalações esportivas, cenário que foi alterado nos anos seguintes da pesquisa citada, pois novas pistas de atletismo e centros de treinamento surgiram. Porém, muitas destas estruturas, de acordo com Caregnato (2018), foram construídas em locais onde não existe equipes de atletismo, não possuem projetos de manutenção, utilização, além de não terem recebido equipamentos para o desenvolvimento das provas do atletismo, como é o caso do Centro de Atletismo do Complexo Esportivo Ciro Nardi, na cidade de Cascavel.

Assim, o panorama das instalações para treinamento de atletismo no Paraná é precário e não evoluíram, uma vez que Caregnato, Ordonhes e Cavichioli (2018) também demonstram que a região sul do Brasil não possui centros de atletismo para jovens talentos e de alto nível, sendo que o de Cascavel esteve em construção de 2014 a 2018 (CAREGNATO, 2018), sendo entregue somente em 2020. Apesar das exíguas instalações no Paraná, o estado detém o maior número de equipes com mais resultados esportivos na modalidade (6 de 15 equipes), em cidades onde não existe estrutura de alto rendimento homologada, como as cidades de Foz do Iguaçu, Campo Mourão, Colombo e Londrina (CAREGNATO, ORDONHES, CAVICHIOLLI, 2018) demonstrando a capacidade que o Paraná possui de produzir atletas de atletismo e de receber investimentos para desenvolver a modalidade, seja em instalações físicas, para equipamentos, recursos humanos (treinadores, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, etc.). Já Sentone *et al.* (2019) identificaram, ainda, que dentre os melhores atletas brasileiros de 100 metros, masculino e feminino, o Paraná foi representado por apenas dois clubes no Estado dentre trinta e quatro encontrados, confirmando que as instalações existentes no Paraná não permitem que o atleta permaneça, mas tenha que migrar para outras localidades, principalmente para o estado de São Paulo onde estão concentrados os clubes mais representatividade do atletismo no Brasil e as pistas de atletismo certificadas pela IAAF (ANUNCIAÇÃO *et al.*, 2017a).

A partir desta contextualização o primeiro tema apontado por Houlihan e Green (2008) – desenvolvimento de instalações de elite – tem ocorrido no Brasil, mas ainda se apresenta incipiente e não condiz com padrões que

possibilitem o desenvolvimento da modalidade de atletismo, principalmente no Paraná.

Para o segundo tema apontado pelos autores – **suporte para atletas em tempo integral** – Houlihan e Green (2008) apontam para o investimento realizado pelo setor público na possibilidade de os atletas poderem se dedicar exclusivamente ao treinamento. Verifica-se que as políticas públicas de incentivo ao esporte no Brasil são caracterizadas por uma heterogeneidade territorial, possuindo ações presentes em três instâncias: municipal, estadual e federal. Neste tópico o Brasil apresenta desempenho similar a grandes potências do esporte, tendo o fator suporte financeiro como o mais desenvolvido (DE BOSSCHER *et al.*, 2015, ANEXO 1). Sendo um componente no desenvolvimento da carreira como atleta, o apoio do Estado é importante, seja na promoção de políticas públicas de incentivo ou com o apoio de instituições privadas para realizá-lo (PRUDÊNCIO, 2006), tendo em vista que a política inclui “todos os processos de governar as pessoas e administrar as políticas, em todos os níveis de organização, público e privado. Desta forma, a política é parte integral do esporte” (COAKLEY, 2015, p. 458), tendo o esporte brasileiro a característica de ser desenvolvido por clubes, mas financiado pelo poder público (MEZZADRI, SILVA, FIGUEROA, STAREPRAVO, 2014).

A capital paranaense, Curitiba, possui política pública própria para incentivo ao esporte desde o ano de 2002 tendo investido mais de 19 milhões de reais dos quais 7,5 milhões somente para modalidades olímpicas individuais destinados a 3587 projetos de incentivo à pessoa física para 965 atletas, entre os anos de 2002 e 2015 (SENTONE, 2016). De acordo com Sentone (2016) o atletismo teve 372 projetos aprovados em todo o período analisado, 106 atletas tiveram cerca de 628 mil reais destinados pelo poder público municipal e podiam chegar a valores de até R\$11.000,00 no ano por atleta, considerando atletas de nível olímpico e internacional, o que daria menos de R\$1.000,00 por mês.

Trazendo a discussão para o âmbito estadual Vieira (1999), Vieira e Vieira (2001) e Vieira, Vieira e Krebs (2003) constataram que talentos esportivos de atletismo do Paraná foram dependentes de políticas municipais e estaduais durante a caminhada esportiva, não havendo integração entre

órgãos públicos e privados relativos ao esporte, fato confirmado por Caregnato (2018). Os autores demonstram que as políticas de incentivo ao esporte no Estado do Paraná tiveram momentos de grande apoio até 1990 tendo perdido força até o ano de 1998, período analisado na pesquisa dos autores, evidenciando que as decisões tomadas no campo político foram importantes, positiva ou negativamente, no desenvolvimento do atletismo no Paraná.

A mesma importância sobre o financiamento foi citada por atletas, técnicos e dirigentes quando referente à política pública estadual de incentivo ao esporte no Paraná – Talento Olímpico do Paraná | TOP (FIDELIS, ANTONECHEN, KOCH, 2017). O programa que iniciou-se em 2011, incentiva o esporte de alto rendimento buscando projetar ao nível olímpico e paralímpico, além de resgatar e impulsionar atletas paranaenses que estejam fora do Estado.

A busca por esta projeção nacional do esporte paranaense tem sido encontrada em pesquisas, demonstrando que a região sul do Brasil é a segunda com mais atletas e bolsas esportivas distribuídas pelo programa federal Bolsa-Atleta. O atletismo obteve cerca de 10% das bolsas federais entre 2011 e 2013 no Paraná (ANUNCIAÇÃO *et al.*, 2017a), atrás somente da cidade de São Paulo (32%), uma representatividade de 74% dos estados do sul e sudeste, mostrando que a modalidade é destaque pelo programa em questão com 511 bolsas distribuídas naquelas regiões. De acordo com dados do Projeto Inteligência Esportiva<sup>2</sup> entre bolsas de incentivo do tipo Base, Estudantil, Internacional, Nacional, Olímpica e Pódio, a modalidade de atletismo no Brasil beneficiou 4343 atletas com 8561 bolsas e R\$143.287.295,00 de reais entre 2005 e 2018. Foram 214 atletas do Paraná para provas de pista e campo da modalidade de atletismo olímpico. Como apresentam Anunciação *et al.* (2017b) as bolsas do programa federal foram distribuídas no Paraná nas cidades de Londrina, Maringá, Curitiba e suas regiões metropolitanas, apontando para alguns celeiros da modalidade no estado.

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/>. Acesso em 24 de junho de 2019.

No Paraná o suporte financeiro possui ramificações quanto as suas destinações, principalmente para o esporte de rendimento, quase sempre pautado em eventos esportivos, ou seja, existem injeções de incentivo conforme há possibilidades maiores de atletas brasileiros se destacarem em competições internacionais (CORREIA, 2014; CANAN, SANTOS, STAREPRAVO, 2017). Mais de 70% de atletas de atletismo disseram que a situação financeira e 80% sobre o patrocínio serem responsáveis pelo abandono da modalidade (ROCHA, SANTOS, 2010; SANTOS, 2016). Outro indicativo desta falta foi a destinação de emendas parlamentares federais de paranaenses entre os anos de 2004 e 2015 que somaram R\$ 378,5 milhões de reais, no entanto 98% deste valor foi para infraestrutura e não ao atleta diretamente (CASTRO et al., 2019) e quando se fala em suporte para o atleta em tempo integral, os locais e materiais para treinamento são um dentre vários fatores que permitirão que o atleta continue treinando, mas definitivamente somente com eles não é possível. Como pode identificar Santos (2016) nos atletas de atletismo de Paranaíba/PR, o auxílio de R\$200,00 ou R\$500,00 mantinha os atletas treinando e sem esse auxílio muitos deles acabaram abandonando os treinamentos para terem que trabalhar.

No nível federal o Brasil possui diversas fontes de financiamento como o orçamento público próprio da União, por meio de legislações (Lei Agnelo Piva, Lei de Incentivo ao Esporte) e patrocínio de estatais (Caixa Econômica Federal, Petrobras, Correios e Banco do Brasil). De acordo com Castro (2016), Castro e Mezzadri (2019) o governo brasileiro já executou bilhões de reais para o esporte brasileiro de 1995 a 2011 direcionados para eventos esportivos, infraestrutura, atletas e políticas públicas como Segundo Tempo e Esporte e Lazer na Cidade. Um dos programas de incentivo ao esporte mais promissores em termos de destinação financeira foi criado em 2005 sob o nome Bolsa-Atleta. Camargo et al. (2017) apontam que entre os anos de 2005 e 2016 o referido programa destinou para 20.900 atletas, 70% com até 25 anos de idade, cerca de R\$717,7 milhões de reais em bolsas esportivas e considerando atletas das categorias mais altas, categorias olímpica e paraolímpica, destinou cerca de R\$572,5 milhões de reais (79,7%). Os autores apontam, ainda, que a maior destinação deste recurso é realizada para as bolsas esportivas de maior rendimento esportivo e os atletas de nível

básico recebem valores até dez vezes menores e são os menos beneficiados. No entanto, ao abordarmos o suporte para o atleta em tempo integral, depara-se com uma celeuma, tendo em vista que para iniciar a carreira esportiva se recebe pouco e talvez não o suficiente para “viver” do esporte, isso quando se aborda o tempo da legislação que destina subsídios para atletas, mas há aqueles que viveram antes de 2005 e ainda assim puderam conquistar uma vaga olímpica.

As bolsas destinadas para o atletismo nas categorias de base e estudantil entre os anos de 2011 e 2013 pelo Programa Bolsa-Atleta representaram 20,72% do total (ANUNCIAÇÃO *et al.*, 2017a) tendo como valor mensal, referente ao ano de 2013, R\$370,00 para bolsa de base e estudantil, R\$925,00 para a bolsa nacional, R\$1.850,00 para a bolsa internacional, R\$3.100,00 para bolsas olímpica e paraolímpica. Além destas bolsas existe uma categoria do Bolsa Atleta, criada pela Lei Federal nº 12.395 de 16 de março de 2011, denominada Bolsa Atleta Pódio, destinada a apoiar atletas com chances de medalhas com valores que variam de R\$5.000,00 a R\$15.000,00 ao mês (COSTA *et al.*, 2019).

Além das bolsas para os atletas a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) também recebe sua parcela de financiamento pelo Ministério do Esporte (ME) para desenvolvimento esportivo (CANAN, ROJO, STAREPRAVO, 2018). Para o ciclo olímpico (2009 a 2012), por exemplo, dos jogos de 2012 em Londres a CBAt recebeu cerca de R\$12 milhões de reais por meio de convênios, terceira modalidade com maior aporte de recursos, com a finalidade de implantar os Centros Nacionais de Treinamento de Atletismo de Alto Nível em Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará (TEIXEIRA, MATIAS, MASCARENHAS, 2017). O aporte, de acordo com os autores, seguiu o critério das modalidades com maior chance de ganhar medalhas, como ocorreu nas Olimpíadas do RIO 2016.

Paralelamente ao Programa Bolsa-Atleta o Brasil implantou em 2008, em conjunto ao Ministério da Defesa, o Programa para Atletas de Alto Rendimento (PAAR) das Forças Armadas, tendo como principal objetivo fortalecer as equipes militares brasileiras em eventos de alto nível. Diferentemente do Programa Bolsa-Atleta que oferece uma bolsa esportiva, o PAAR integra às Forças Armadas o atleta, voluntariamente, oportunizando

serviços de saúde, instalações esportivas e salário. Silva Rosa (2019) e Costa (2020) apontam que dos Jogos Mundiais Militares ocorridos em 2007 para a edição de 2011, assim como da edição olímpica de 2008 (Pequim) para os jogos olímpicos 2016 o Brasil subiu no quadro geral de medalhas da posição 33º para 1º no evento militar e de 22º para 13º nas olimpíadas. Para Lipert (2013) o PAAR oportunizou para uma pequena parcela de atletas recursos que podem ter permitido chegarem naquelas competições, recursos como: salário, melhores condições de treinamento, aumento da experiência profissional e oportunidade de competir internacionalmente.

Como apontado anteriormente o fato de o Brasil ter o esporte de rendimento fortalecido e sustentado pelos clubes sociais e esportivos (MEZZADRI, SILVA, CAVICHIOLLI, 2018) uma nova fonte de financiamento indireta aos atletas emergiu no decorrer do processo político esportivo. O Comitê Brasileiro de Clubes (CBC) é a entidade que representa os clubes no Brasil e, integrado ao Sistema Nacional do Desporto, responsável principal pelo desenvolvimento do esporte de alto rendimento, passou a ter direito a uma parcela de recursos advindas do Ministério do Esporte a partir de 2011, potencializando as ações de incentivo e promoção do esporte brasileiro (ALEXANDRINO, 2019). Como aponta Caetano (2020) o auxílio do CBC para o Clube Curitibano, o principal clube da capital paranaense, propiciou que investissem em mais profissionais da educação física, contratação de equipe multidisciplinar (psicólogo, nutricionista, fisioterapeuta) e até mesmo financiar o treinamento de seus atletas em outros países. Alexandrino (2019) aponta que há dezenas de clubes filiados ao CBC e muitos deles são formadores de atletas, oferecem suporte financeiro e multidisciplinar, mas destacam que apesar de oportunizarem esta gama de recursos, as ações dos clubes são individualizadas, não existe uma comunicação integrada entre eles visando formar os atletas com objetivos comuns ou canalizando recursos para setores mais importantes. Neste ponto destacamos que os clubes oferecem, além de salários ou recursos financeiros aos atletas, um suporte suplementar para o treinamento, no entanto, por terem características sociais e esportivas, não são de acesso a todas as pessoas.

Traçando um paralelo com o cenário internacional De Bosscher et al. (2015) apontam que as quatro nações mais eficientes em termos de sucesso

esportivo são França, Austrália, Japão e Países Baixos. A eficiência não está ligada diretamente ao número de medalhas, mas sim como os 15 países analisados, incluindo o Brasil, administram o esporte. Com exceção da França, o Brasil possui suporte financeiro mais alto que os outros países (BRA – 66%, FRA – 69%, AUS -60%, JAP – 61%, PB – 45%), no entanto os autores destacam que não é a quantidade de suporte financeiro fornecido, mas como ele é utilizado, o que diferencia principalmente os quatro países em destaque. O principal destaque é para o suporte em ciência, pesquisa e inovação esportiva (1), suporte para a carreira do atleta (2), instalações para treinamento (3) e técnicos (4) os menos desenvolvidos pelo Brasil (conforme tabela 2), colocando-o como um dos piores países dos pesquisados em quase todos os itens citados, confirmando alguns apontamentos dos estudos anteriores de que falta um plano geral para o direcionamento de recursos ao esporte brasileiro.

#### **COMPARATIVO ENTRE ALGUNS PAISES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE PILARES DO SPLISS**

	BRASIL	FRANÇA	AUSTRALIA	JAPAO	PAISES BAIXOS
1	29%	60%	90%	75%	53%
2	38%	67%	75%	67%	77%
3	33%	72%	66%	74%	65%
4	28%	80%	69%	60%	62%

**Tabela 2.** Quadro resumo de alguns países e o desenvolvimento de alguns pilares do SPLISS. Fonte: De Bosscher et al. (2015).

Na França, por exemplo, o Ministério da Saúde, Juventude e Esporte possui o suporte do Fundo de Desenvolvimento Nacional do Esporte que utiliza 1/3 do orçamento do Ministério, além de 5% dos direitos de receita televisada (HOULIHAN, GREEN, 2008) que são utilizados com critérios estabelecidos por uma lei de finanças públicas, das quais destacamos:

- > Promover probidade financeira e eficiência das federações esportivas;
- > Dedique atenção especial a uma expansão equilibrada de instalações esportivas em toda a França;
- > Adaptar a oferta de treinamento esportivo à evolução dos cargos e carreiras esportivas e contribuir para as perspectivas profissionais do atleta de elite. No caso deste objetivo, um indicador específico se relaciona com atletas de elite, a saber 'a qualificação profissional

e as perspectivas dos atletas e atletas de elite'. Esse objetivo é composto por dois indicadores: a taxa de integração econômica e social dos atletas dois anos após o abandono do esporte; e a taxa de atletas de alto nível em treinamento ou emprego;

> Manter a classificação da França nas competições esportivas de nível mundial. Este objetivo é composto por três indicadores: classificação nos Jogos Olímpicos de verão e inverno; classificação em uma base anual em uma gama de vinte e cinco esportes olímpicos e não olímpicos; e classificação por um painel de jornalistas esportivos.

Dois indicadores se relacionam especificamente ao esporte de elite:  
1 O número de jovens atletas de esportes de elite cumpriu todas as regulamentações médicas no decorrer de um ano em comparação com o número total de atletas de elite ou jovens atletas de elite ou talentos esportivos; (HOULIHAN, 2008, p. 155-156 – traduzido pelo autor)

Já nos Países Baixos a legislação e programas de desenvolvimento de atletas estão concentrado e centralizados nas escolas, com investimentos em técnicos e nos talentos esportivos (ELLING, REIJGERSBERG, 2018). Apesar da superioridade em seus sistemas e programas para atletas de alto rendimento, em defesa do Brasil, apontamos que nenhum dos quinze países estudados por De Bosscher et al. (2015) se aproxima do tamanho da população, extensão territorial (com exceção do Canadá), multiplicidade cultural e sistema político brasileiro que podem ser considerados pontos positivos ao observarmos que Estados Unidos e China, mais populosos e com grande extensão territorial, se apresentam sempre em alto nível competitivo olímpico. Como explorado por Henry et al. (2020) o modelo de sucesso esportivo construído por De Bosscher et al. (2015), apesar da contribuição pelas informações apresentadas, possui limites em sua análise, uma vez que não consideram que cada país possui história, cultura, recurso e perspectiva diferentes para o esporte. Em outra perspectiva Dowling et al. (2018) evidenciam que a metodologia comparativa das políticas esportivas realizadas por estudiosos da área é frágil e não reflete uma realidade, tornando questionáveis os resultados apresentados por eles.

Nos Estados Unidos, por exemplo, existem diversas instituições que registram e organizam o esporte, dentre elas as associações escolares ou colegiais. A *National Collegiate Athlete Association* (NCAA – Associação Nacional de Atletas Colegiais), a maior do país, possui mais de 1.200 instituições associadas, cerca de 450.000 atletas, já a *National Association of*

*intercollegiate Athletics* (NAIA – Associação Nacional de Atletismo Intercolegial) possui cerca de 260 escolas como membros e cerca de 60.000 atletas filiados (COAKLEY, 2015, MILLER, BUTTEL, 2018). Juntas, NCAA e NAIA capitalizam um orçamento de aproximadamente R\$505 milhões de dólares por ano, isto porque “O esporte profissional na América do Norte é propriedade privada dos indivíduos, parceiros e corporações” (COAKLEY, 2015, p 367) e por esta característica é eminentemente desenvolvido por *sponsors* ou patrocinadores. Para Miller e Buttell (2018) cerca de 2% dos atletas escolares da NCAA serão atletas profissionais e comporão equipes para os jogos olímpicos.

Não podemos negar que nos últimos anos diversas ações têm sido realizadas no Brasil para proporcionar condições de que o atleta se dedique ao treinamento, talvez não especificamente e claramente com exclusividade, mas elas existem a partir de diferentes fontes e maneiras e são um dos fatores que motivam os atletas de atletismo brasileiro a permanecerem no esporte (COSTA, CAREGNATO, LOPEZ-GIL, CAVICHIOILLI, 2021, NO PRELO).

Sobre o tema “suporte para atletas em tempo integral” o Brasil possui algumas ferramentas que podem proporcionar aos atletas recursos para se projetar na modalidade de atletismo. No entanto não é possível afirmar se os recursos recebidos pelos atletas são suficientes para se dedicarem em tempo integral ao esporte, resultado que será demonstrado no capítulo 6.

Ao analisarmos o terceiro tema – **prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva** – Houlihan e Green (2008) apontam que em vários países este tipo de serviço ocorreu tardiamente, principalmente por terem menos retorno financeiro do que a construção de instalações para treinamento e equipamentos esportivos. Podemos complementar sobre o que já foi apresentado que o campo esportivo e em específico o subcampo do atletismo é composto por elementos que se integram e dificilmente conseguem se desenvolver individualmente. Ao longo da análise que está sendo realizada é indissociável que não havendo locais para treinamento, também não haja técnicos/treinadores, equipe especializada, competições esportivas e um número considerável de atletas para que se possa impulsionar a modalidade de atletismo. Peres e Luvisolo (2006) e Rocha e Santos (2010) apontam que a continuidade de atletas no

atletismo depende do suporte em recursos técnicos, humanos e financeiros, indicando haver influência do componente social no apoio ao esporte. De acordo com os autores a falta de assistência (80%) e equipe técnica especializada (30%) são motivos que levam atletas de atletismo a abandonarem a modalidade e por não terem este suporte, conseqüentemente não são preparados adequadamente para competições em seus diversos níveis.

Os programas de treinamento estão ligados a uma equipe técnica que proporcione ao atleta treinamento e preparação para competições o que não parece ocorrer no Brasil. O que se tem é uma falta de apoio técnico especializado que proporcione ao atleta o suporte de outros profissionais como psicólogo, fisioterapeuta e nutricionista fazendo com que os técnicos recorram a parcerias informais para auxiliá-los (PERES, LOVISOLO, 2006; CAREGNATO, 2018).

O levantamento realizado por Vieira, Vieira e Krebs (2003), Rocha e Santos (2010) e Caregnato (2018) dão conta de que o atleta necessita de uma equipe especializada por trás de seu treinamento, não só um treinador/técnico, visando o desenvolvimento na modalidade. Alexandrino (2018) aponta nutricionista, psicólogo, fisioterapeuta, médico e fisiologista como apoios extras para permitirem condições de que atletas possam continuar a evoluir no esporte. A autora completa a equipe especializada com o apoio de profissionais da educação, assistência social, suporte administrativo (organização de viagens para participação em competições) e suporte habitacional - para atletas que moram longe de suas residências.

Ao investigar o suporte para ciência esportiva, pesquisa científica e inovação para o esporte de elite, De Bosscher et al. (2015) apontam que o Brasil apresenta pouco desenvolvimento (29%). Os países com melhores índices, Austrália, Japão e Canada, por exemplo, possuem centros nacionais de pesquisa para o esporte que auxiliam na coordenação, disseminação e comunicação de informações científicas para o treinamento esportivo. Já sobre o suporte para treinamento, verifica-se que a provisão de técnicos/treinadores ofertado pelo Brasil o coloca como o pior país analisado (27%). Mesmo para atletas amadores de corrida de rua com poder aquisitivo

elevado, o acompanhamento por profissionais de saúde é muito pequeno, como aponta Fonseca et al. (2019).

O atletismo é uma modalidade individual e que, com algumas exceções, não depende de implementos para sua execução, tendo o corpo como instrumento principal e assim como outros esportes, principalmente quando envolvido no nível de alto rendimento esportivo, sujeita o atleta a lesões. Feitoza e Júnior (2000) apontam que mais da metade dos atletas de atletismo investigados apresentaram transtornos psicológicos como ansiedade e dificuldade de concentração, 84% tiveram lesões físicas ocorridas em sua maioria durante os treinamentos e que em decorrência das lesões tiveram que procurar por fisioterapeutas e médicos. Os autores verificaram, ainda, que 75% dos atletas perderam competições importantes e 70% ficaram meses sem treinar devido as lesões, isto porque não realizavam acompanhamento com uma equipe de profissionais que pudesse preveni-las. O transtorno de ansiedade, por exemplo, pode influenciar positivamente ou negativamente nos resultados competitivos, o que ficou demonstrado por Vieira et al. (2011) em atletas jovens de atletismo no Paraná. Nesta perspectiva a saúde mental em atletas de elite tem sido explorada por pesquisadores como estressores para o desempenho esportivo, uma vez que atletas e treinadores assimilam que a angústia física e mental faz parte da trajetória como atleta profissional, quando na verdade este é um traço de resistência quanto a utilização de serviços de profissionais de saúde que lidem com a saúde mental (POUCHER et al., 2019). Atletas olímpicos lidam com a resiliência ao longo da trajetória esportiva e podem ser afetados por inúmeros estressores mentais, dos quais Sarkar e Fletcher (2014) puderam listar três categorias (desempenho competitivo, organização esportiva e eventos da vida pessoal não esportivo) e outras quatorze subcategorias (preparação, lesões, pressão, baixo desempenho, expectativas, auto apresentação, rival, questões de liderança e pessoais, questões culturais e de equipe, questões logísticas e ambientais e questões pessoais e de desempenho, interface vida-trabalho, questões familiares e morte de alguém significativo).

Sobre técnicos/treinadores de atletismo no Brasil, Caregnato et al. (2020) apontam que da iniciação ao encerramento da carreira os atletas de atletismo necessitam de suporte de seus técnicos/treinadores de maneira

estruturada, cada etapa com um nível de desenvolvimento, no entanto os técnicos/treinadores entrevistados relatam que no Brasil eles não possuem uma iniciação esportiva ou base de treinamento sólida o que dificulta o trabalho do técnico/treinador para prepará-los para o alto rendimento esportivo. Os autores esclarecem que não existe um sistema de detecção de jovens atletas de atletismo no Brasil e de formação, acarretando no desenvolvimento deficitário dos atletas por parte dos treinadores, destacando a necessidade de estrutura para a progressão da carreira dos técnicos/treinadores de atletismo no Brasil. A narrativa dos autores é confirmada por Zimmermann (2019) ao apontar o professor de educação física na escola como o agente detector, incentivador e desenvolvedor de atletas para o esporte competitivo que, além de suas atribuições como professor, soma a de técnico/treinador e papéis que se aproximam do psicólogo, fisioterapeuta e médico. O técnico/treinador é responsável pela condução do atleta no decorrer de sua carreira, principalmente pelo treinamento. De acordo com Baker, Schorer e Wattie (2018) os treinadores possuem um conjunto de informações baseadas nos anos de experiência que são mais importantes para detecção e formação de talentos do que a identificação de fatores específicos sobre identificação de talentos (JOHNSTON et al., 2017).

Na Grécia, por exemplo, a Federação Grega de Atletismo possui duas divisões de atletismo, cada qual com níveis de atletas distintos havendo cerca de 534 técnicos registrados na entidade. De acordo com Stavropoulos et al. (2014) o fator ciência do esporte é a competência principal relatada pelos 368 técnicos entrevistados para gerenciar atletas de atletismo o que inclui: demonstrar uma compreensão dos riscos inerentes específicos à atividade esportiva, pedagogia esportiva, fisiologia do exercício, anatomia e utilização de métodos pedagógicos durante o treinamento. Fazendo uma reflexão sobre a importância do professor de educação física e técnico apontada por Zimmermann (2019) e Caregnato et al. (2020) uma vez que a formação de educação física do professor no Brasil é dividida em licenciatura e bacharelado, a primeira eminentemente voltada a formação escolar e a segunda eminentemente para o treinamento (BRASIL, 1996), porém o critério para docência escolar é ser licenciado. As competências relatadas por

Stavropoulos et al. (2014) condizem, principalmente, com a formação de bacharel, desta forma inferimos que os professores de educação física no Brasil, responsáveis pela iniciação esportiva, não estão preparados, nos termos das competências apresentadas, para treinar alunos a serem atletas de atletismo, uma fragilidade do início da carreira que afeta todo seu percurso, como apontado por Caregnato et al. (2020).

Um outro aspecto sobre a prestação de serviços para treinamento diz respeito a nutrição adequada dos atletas. Fortes et al. (2016) constataram que atletas femininas de atletismo no Brasil que apresentam traços de perfeccionismo estão mais suscetíveis a transtornos alimentares. Os autores concluem que os técnicos devem se atentar ao comportamento perfeccionista de suas atletas e ao perceber anormalidades na alimentação, encaminhar para profissionais que os auxiliem, demonstrando que a prevenção não faz parte da organização do treinamento esportivo e que o aspecto psicológico, mais uma vez, associa-se a outro problema, alimentação adequada. Este fato foi observado por Okuizumi et al. (2018) e Vitória et al. (2018) ao detectarem que jovens atletas brasileiros de atletismo apresentam alimentação aquém ou acima do adequado, justamente por não possuírem acompanhamento nutricional, levando à prejuízo do desempenho esportivo. A mesma deficiência de ingesta e inadequação alimentar foi verificada em atletas americanos de atletismo por Beermann et al. (2019) que apontaram, ainda, que os atletas apresentam deficiência em nutrientes importantes para o desempenho como cálcio e vitamina D.

O suporte que permeia a vida do atleta, seja com pesquisas, medicina esportiva ou com o auxílio de equipes multidisciplinares, se mostra importante para o desenvolvimento do atleta de atletismo uma vez que desde a iniciação esportiva até o momento de sua aposentadoria no esporte o atleta é demandado a obter resultados sob pena de encerrar sua carreira (ANJOS, 2019), uma vez que sem eles não obtém as condições para prosseguir, deixam de receber este tipo de suporte. No Brasil o PAAR proporcionou aos atletas a maior parte destes serviços – médico, fisioterapia, psicólogo e odontológico – sendo um dos fatores citados por atletas como motivador a não encerrarem a carreira de atleta (LIPERTS, 2013).

Desta forma verificamos que o tema “prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva” não é abordado especificamente nos estudos levantados, no entanto identificamos pistas da ausência destes serviços para atletas de atletismo no Brasil, principalmente para nutrição, psicologia, medicina, fisioterapia, além de falta de organização e preparo de técnicos/treinadores em todos os níveis de rendimento esportivo para o atletismo.

Sobre o quarto tema – **hierarquia de oportunidades de competição centrada na preparação para evento internacional** – Houlihan e Green (2008) apontam uma dificuldade em congregar o interesse dos clubes esportivos e dos empresários que promovem os eventos esportivos.

A suposta Rede Nacional de Treinamento que deveria existir para integrar atletas do Brasil ainda não existe na prática, apenas no plano político e legal (BRASIL, 2011; MEZZADRI, SILVA, CAVICHIOLLI, 2018; CAREGNATO, 2018). No Brasil o atletismo é tratado pelos dirigentes responsáveis pelo esporte de forma leviana, seja na formação e capacitação de treinadores da modalidade, discussão de novos métodos de treinamento entre os técnicos de acordo com o nível do atleta, preocupação com a organização de campeonatos, principalmente direcionados aos jovens, ausência de formas de detecção de atletas (CAREGNATO, 2018) e de competições que atraiam espectadores e a mídia (MIRANDA, 2007). Como exemplo citamos o calendário de competições da CBAAt para o ano de 2019<sup>3</sup> que possui 15 competições no país englobando categorias de idade sub-16, sub-18, sub-20 e sub-23, de todas as provas, com 10 delas realizadas em São Paulo e uma vez em Pernambuco, Santa Catarina, Mato Grosso, Ceará e Rio Grande do Norte, destacando que a maioria das competições são patrocinadas pela Caixa Econômica Federal. Com este calendário é possível verificar que mesmo as competições divulgadas pela Confederação Brasileira de Atletismo não contemplam todas as macrorregiões do país (sul, sudeste, centro-oeste, norte e nordeste), provavelmente para todos os estados.

Segundo Mezzadri, Silva e Cavichioli (2018) a Rede Nacional de Treinamento, que deveria ser um legado para os Jogos Olímpicos do Rio de

---

<sup>3</sup> Disponível em <<http://www.cbat.org.br/novo/calendario/>>. Acesso em 3 de junho de 2019.

Janeiro em 2016, não tem prazo para se consolidar. A Rede Nacional de Treinamento que fora prevista desde 2011 procura integrar os estados brasileiros desde a detecção de atletas até o direcionamento para os Centros Olímpicos de Treinamento. No Paraná, como pudemos demonstrar, existem três pistas no padrão II estabelecido pela IAAF, para o ano de 2019, onde ocorreram quatro competições pela federação estadual naquele ano, todas no município de Londrina<sup>4</sup>, na pista inaugurada em 2018 na Universidade Estadual do município. Ainda assim a própria organização esportiva do atletismo no Brasil não proporciona condições para que suas outras localidades promovam a modalidade e integrem atletas, concentrando neste caso as poucas competições em um único local.

Oportunizar um calendário competitivo permite que os técnicos organizem o treinamento de seus atletas de maneira a conquistarem índices melhores a cada nível de competição maior (ANUNCIAÇÃO *et al.*, 2017a). De acordo com Ocampo *et al.* (2019) entre os anos de 2008 e 2016 o Brasil sediou e/ou realizou cerca de 7.092 eventos esportivos, de diversos níveis, dentre as trinta e nove modalidades olímpicas. Os autores destacam uma desproporcionalidade das categorias de eventos ocorridos sendo: 6% regional, 63% estadual, 18% nacional, 5% continental e 8% mundial, demonstrando que atletas da iniciação esportiva ou de cidades menores possivelmente careçam de competições e tenham que participar diretamente em eventos de nível estadual, no entanto é destaque que o Brasil teve competições de nível mundial (ainda que os autores não tenham demonstrado quantos eventos por modalidade existiram). Ainda para Ocampo *et al.* (2019) a região sul foi a terceira com mais eventos esportivos no Brasil (16%), atrás das regiões nordeste (22%) e sudeste (40%).

Para se ter uma ideia da importância de experiências em competições de níveis diversos, atletas australianos de atletismo, com participação em competições olímpicas e mundiais da modalidade, revelaram que um sistema de competições iniciado desde a escola que os levou a ter experiências em eventos internacionais ainda jovens, foi importante para que entendessem o

---

<sup>4</sup> Disponível em < [http://www.cbat.org.br/novo/?pagina=calendario\\_estadual](http://www.cbat.org.br/novo/?pagina=calendario_estadual)>. Acesso em 3 de junho de 2019.

treinamento e buscassem motivação para continuar competindo e conquistando índices maiores (HUXLEY, O'CONNOR, BENNIE, 2018). Da mesma forma os atletas relatam que o fato de terem participado de diversas modalidades ao longo da infância e executado treinamentos diversos para o atletismo os auxiliou a desenvolverem suas provas específicas.

Para Kiouranis (2017) no Brasil os Jogos Escolares Brasileiros são as competições organizadas com maior perenidade no Brasil, ocorrendo desde 1969 e integram a rede pública e privada de ensino. De acordo com a autora ao longo dos anos os referidos jogos passaram por modernizações que, a partir de 2005, passaram a ter forte influência política em sua organização, principalmente com a administração do Comitê Olímpico Brasileiro. A autora, além de demonstrar a perenidade e envolvimento da competição aponta que o seu caráter competitivo e midiático tornou-se forte influenciador no evento, desta forma desde as fases iniciais do esporte os jovens atletas e seus professores/treinadores podem planejar o treinamento. Arantes (2019) reforça a importância dos jogos escolares brasileiros apontando que em suas edições a partir de 2005 o nível da competição aumentou gradativamente, assim como o nível técnico do evento, tendo como principais resultados a participação de vários atletas de atletismo, natação, judô e ginástica rítmica em edições olímpicas. Os jogos escolares brasileiros congregam os níveis municipal, estadual e nacional para solidificar o esporte por meio do ensino no momento de iniciação esportiva.

A integração entre programas de treinamento, assim como as oportunidades de competições no Paraná, é exígua no panorama apresentado e seguem a tendência apresentada pelos autores da análise brasileira de que não existem, com exceção dos jogos escolares brasileiros, atingindo assim apenas o nível inicial do esporte.

## 2.1 PRIMEIRAS REFLEXOES

Ao investigar sobre a produção científica relativa aos quatro temas apontadas por Houlihan e Green (2008) – **desenvolvimento de instalações de elite, suporte para atletas em tempo integral, prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva, hierarquia de**

**oportunidades de competição centrada na preparação para evento internacional** – os estudos podem indicar que no Brasil existem poucas instalações oficiais para treinamento em atletismo, principalmente se levarmos em consideração antes do período em que o Brasil investiu em programas governamentais para construção de novas pistas de atletismo. Este fato não exclui a possibilidade de que atletas possam desenvolver suas habilidades em pistas não oficiais de diversos materiais e distancias – uma reflexão que será abordada por meio da teoria dos campos de Bourdieu em diálogo com as entrevistas dos atletas desta pesquisa.

Já o suporte para que os atletas desenvolvam suas carreiras esportivas em tempo integral, tendo como principal condutor o financiamento esportivo, foi evidenciado nos estudos levantados demonstrando que o Brasil possui diversas legislações que promovem o esporte, com financiamentos que advém de fontes diversas e colocam o país como um dos maiores injetores de fundos no esporte. No entanto, como pudemos verificar, o financiamento em si necessita de planejamento e direcionamento para que seja eficiente, o que parece não ocorrer no Brasil se comparado com outros países. Também, não foi possível comprovar se o financiamento por meio de bolsas, disponibilizado pelo Estado, é o suficiente para que atletas de atletismo possam se dedicar exclusivamente ao esporte sem recorrer a outras fontes.

Já a prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva demonstrou poucos estudos específicos sobre o tema. O que pode ser constatado é que o técnico é o responsável direto em toda a trajetória do atleta, porém não possui seu próprio suporte e estrutura no Brasil, desencadeando uma falha no processo de desenvolvimento de atletas pela desestrutura para técnicos/treinadores de atletismo. Não foi possível mensurar ou diagnosticar o número de treinadores disponíveis ou existentes no estado do Paraná, de tal forma que, juntamente com o atleta, formam o binômio essencial do esporte, sem os quais dificilmente existiria, ainda assim o estado tem apresentado resultados que indicam indícios de que pode ser investido ainda mais em uma projeção do atletismo para o esporte mundial e olímpico. Já o suporte de outros profissionais como nutricionista, psicólogo, médico e fisioterapeuta ficou demonstrado que não são utilizados com acompanhamento, programação e regularidade por atletas de atletismo no

Brasil, com exceção do Programa de Atletas de Alto Rendimento das Forças Armadas que deixou claro a disponibilidade de toda uma equipe multidisciplinar para atendimento ao atleta que, no entanto, atende uma parcela muito pequena de atletas profissionais no Brasil. Em mais este item verificamos uma deficiência de estudos e do próprio suporte ofertado aos atletas de atletismo no Brasil.

O último item apontado pelos estudos, competições hierarquizadas visando competições internacionais, denotam um sistema de competições brasileiro para o atletismo concentrado eminentemente na região sudeste do país. Não obstante esta realidade, as competições disponibilizadas possuem um nível que não atende pequenas regiões de forma a proporcionar que mais atletas experimentem o atletismo. Evidenciou-se que o sistema mais completo de competições no Brasil está ligado ao esporte escolar.

Desta forma destaco os apontamentos de Rees *et al.* (2016) ao indicarem a falta de estudos sobre as interações complexas entre os agentes envolvidos no desenvolvimento esportivo para compreendê-lo, como realmente agiram e observaram o mundo ao seu redor, as decisões tomadas e os caminhos percorridos para chegarem onde chegaram. Ser atleta não é apenas ter desempenho, são seres humanos que interagem e por interagir estão imersos em redes sociáveis que contemplam, no esporte, um campo de inter-relacionamento. Os resultados da revisão bibliográfica puderam demonstrar que, apesar de haver falhas nas conexões entre a oportunidade de competições, serviços de profissionais da saúde, etc. para o atletismo no Paraná e no Brasil, com destaque para a fase competitiva, a história apresenta atletas que obtiveram êxito ao conquistarem vaga nos jogos olímpicos em diversas edições, reforçando o objetivo geral desta tese em **investigar como atletas paranaenses de atletismo percorrem o subcampo do atletismo até conquistarem essa vaga**, mesmo nas condições que foram apresentadas.

### 3 A TEORIA DOS CAMPOS DE PIERRE BOURDIEU

O presente capítulo tem como meta cumprir com o segundo objetivo específico desta pesquisa sendo o de **apresentar os conceitos teóricos sociológicos de Pierre Bourdieu buscando entender e explicar o subcampo do atletismo.**

A sociologia, em especial a desenvolvida por Pierre Bourdieu, tem por função científica “compreender o mundo social” (BOURDIEU, 2003, p. 32), e na tentativa de explicá-lo Bourdieu (2003) assenhorou-se da sociologia transformando problemas metafísicos em problemas passíveis de análise científica e conseqüentemente análise política, resultando em uma teoria reflexiva da sociedade.

Sua teoria auxilia a converter uma ideia abstrata, uma hipótese, e com o auxílio de ferramentas teóricas desenvolvidas por ele, poder explicar grupos sociais, comportamentos e relações. Para transformar tais realidades Bourdieu utiliza ferramentas que, juntas, são o resultado de uma expressão capaz de explicar determinada **prática** que é resultante do: **[(*habitus*) + (*capitais*)] + campo** (BOURDIEU, 2015; SOUZA, MARCHI JÚNIOR, 2017).

Todo mundo social possui símbolos de distinção, que os diferenciam de outros mundos sociais, conferem características que o destacam por meio dos capitais e *habitus*, podem ser entendidos como “o mundo social em forma de um espaço (a várias dimensões) construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto de propriedades que atuam no universo social considerado” (BOURDIEU, 2005, p. 133) e que transcendem os próprios indivíduos pelas suas características construídas e amoldadas ao longo do tempo. Podemos observar o mundo como social dividido em países e a maneira como foram colonizados e civilizados, podemos observar dentro de um único país as divisões territoriais a partir dos estados, sistemas políticos e econômicos, pensamentos religiosos que transcendem muros, até grupos menores como a sociedade cabila analisada por Bourdieu em sua pesquisa de campo, as comunidades do gueto americano analisadas por Wacquant, unidades educacionais e políticas, esportes, religião ou artes.

As análises dos tecidos sociais por Bourdieu permitem que, ao escolher determinado grupo para se investigar e conhecer, faça-o observando o comportamento dos indivíduos daquele grupo - os que estão inseridos, pretendem ingressar e os que já pertenceram -, o que utilizam para jogar dentro do grupo e entre os indivíduos, além da constituição histórica do grupo, as propriedades que foram construídas e agregadas a ela que a tornam o que é, a constituição do espaço nos indivíduos e nas coisas. Em outras palavras Bourdieu objetiva “uma ligação das disposições construídas (*habitus*) com a quantidade de ‘fichas’ agregadas (capital) e com as propriedades que são historicamente construídas (campo)” (MARCHI JUNIOR, ALMEIDA, SOUZA, 2019) que ocorre em espaços físicos e disposições mentais, envolvem comportamentos e regras de ingresso e permanência, aos moldes de um jogo aonde cada relação envolve disputas por algo.

Uma das áreas exploradas por Bourdieu, a título de exemplo de aplicação da teoria, foi o campo educacional (BOURDIEU, PASSERON, 2014). Estudar o campo acadêmico apresenta em determinado tempo os bens disputados naquele mundo social, que vão desde títulos acadêmicos, direito de ter legitimado um discurso, ensinar e falar o que se pensa. Ao contrário do que se possa imaginar, as ocorrências do campo acadêmico são apresentadas por Bourdieu com interferências externas, numa clara demonstração das relações de poder existentes entre campos diferentes, como o político e o familiar. Ao teorizá-lo mostrou como cada agente se encontra nas relações, dominado ou dominante, assim como demonstrou que a construção das posições no campo educacional são alvo de disputas. Um professor que ocupa uma cadeira no ensino assume um papel, ao fazê-lo lhe é garantido alguns direitos dentro de determinados limites, pode lecionar, mas não exatamente como deseja. Este papel, a grosso modo o *habitus* da posição que ocupou, exerce duas funções, constrói o campo a que pertence e o perpetua, pois se não se dispor a segui-lo deixará de ocupar aquela cadeira ou travará uma batalha pelo direito de falar o que pensa e mudar o discurso presente.

O caráter perpétuo do discurso e determinadas posições do campo confere a possibilidade de reconstruir um grupo social pela investigação dos agentes, pois o *habitus* que neles existe é o resultado da condição do campo,

nas relações entre os indivíduos se encontra um aspecto oculto, como afirma Bourdieu (2016, p. 134) sobre o campo educacional “é pela maneira particular segundo a qual realiza sua função técnica de comunicação que um sistema escolar determinado realiza além disso sua função social de conservação e sua função ideológica de legitimação.”.

Com o auxílio da teoria reflexiva de Bourdieu é possível analisar as disputas que ocorrem fora das competições esportivas de atletismo, por exemplo, talvez tão ou mais significativas na trajetória dos atletas do que elas próprias, uma vez que nas relações sociais é que os indivíduos travam as batalhas para conquistarem seus objetivos. O olhar a partir dos campos denota a pluralidade dos mundos existentes dentro do mundo, as diferentes lógicas e sistemas (BOURDIEU, 2004).

Como aponta Bourdieu (2003, p. 98) “A partir do momento em que há um espaço social, há luta, há luta de dominação, há um polo dominante, há um polo dominado” assim, para melhor compreender a teoria e sua utilização, por meio de cada um dos três conceitos basilares de sua teoria (campo, habitus e capital) e como o subcampo do atletismo pode ser entendido, nesta perspectiva de lutas em que participam os atletas de atletismo na trajetória olímpica.

Antes da apresentação dos princípios ou conceitos de análise da teoria bourdiesiana, trago a tona o princípio da reflexividade epistêmica. De acordo com Wacquant (2018) a teoria de análise estabelecida pelo mentor, Bourdieu, deve ser realizada como uma caixa de ferramentas, e não por blocos de conceitos. O autor complementa arguindo que a análise de um objeto deve ser realizada por comparação ou situações simuladas (mimese), não pela descrição minuciosa ou detalhada (exegese). Desta forma a sociologia reflexiva leva em consideração, como apontado nos procedimentos metodológicos, que o pesquisador entre em campo o mais livre de pré noções, construa o objeto/agente (*habitus*) e o mundo social (campo) por meio de uma compreensão historicista. A reflexividade parte do olhar no *habitus*, da sua construção pelo passado, afirmação presente e condição de perpetuação [analisada com profundidade pelo conceito de histerese na obra *A Reprodução* (BOURDIEU, PASSERON, 2014)], somada ao posicionamento

do pesquisador objetivado (tendo construído e trazido as informações para que se assenhorasse do processo de constituição do campo e *habitus*).

Em outras palavras a reflexividade epistêmica permite ao pesquisador que, destituído dos interesses de um jogo, mas conhecendo-os, assim como suas regras de funcionamento, agentes, posições, disposições, capitais acentuados, gosto, etc. (conceitos abordados a frente), possa analisar reflexivamente (na acepção da palavra) o funcionamento de um mundo social. Bourdieu e Wacquant (2008, p. 65) afirmam que a reflexividade de sua teoria propugna pela crítica da sociedade e promove “autoconsciência” sobre o mundo social, fazendo dar sentido às práticas pela “exploração sistemática das categorias impensadas do pensamento que delimitam o pensavam e predeterminam o pensamento” (idem, p. 68) tendo sempre em mente que a análise e construção do objeto de investigação deve continuamente “neutralizar o inconsciente coletivo científico fixado nas teorias, problemas e categorias” (idem, p. 68). Analisar além do pré-concebido, pensar fora do que está fixado, estabelecendo a crítica, por meios de algumas ferramentas analíticas que passo a apresentar.

### **3.1 CAMPO**

Observar o mundo social e classificá-lo é uma maneira de diferenciar os modos de conhecimento que se tem dele, pontos de vistas delimitados por campos que criam seus próprios objetos e projetam neles como o compreendem e o explicam (BOURDIEU, 2001). O estilo de vida dito “militar”, por exemplo, só pode ser descrito e compreendido quando relacionado com o campo militar e a forma de se viver dos agentes que estão naquele campo, pois esse ponto de vista sobre o mundo social é próprio daquele grupo.

Quando se utiliza o conceito de campo entende-se que, independentemente de qual seja, existe uma disputa em jogo em seu interior e que os princípios de diferenciação entre campos diferentes são o objeto de disputa ou e as posições existentes neles. São as posições que definem as paradas em jogo e não os agentes ocupantes delas, assim aquele posto relaciona-se com outras posições cada qual com seus critérios de ocupação e permanência.

Conceitualmente o campo é entendido como “espaços estruturados de disposições cujas propriedades dependem da sua posição nesses espaços e que podem ser analisados independentemente das características dos seus ocupantes” (BOURDIEU, 2003, p. 119). Dentre as disputas existentes no campo das práticas esportivas, por exemplo, citamos a luta entre amadorismo e profissionalismo, prática esportiva por lazer e prática esportiva visando espetacularizá-lo, havendo alternância dos bens em disputa dependendo do espaço social analisado. Sobre a posição e sua relação com o campo, cito como exemplo o campo político do Paraná, muitas das disputas ocorridas têm a participação do governador, não da pessoa que exerce o cargo, mas da posição que aquele cargo ocupa no campo.

O campo se faz um campo quando os agentes disputam e tomam as posições, atraídos pelos signos de cada um deles ou repelidos quando o *habitus* já não é mais simpático ao agente ou as regras de permanência não fazem sentido (BOURDIEU, 2005). “Um campo é também um espaço de conflitos e de concorrência no qual os concorrentes lutam para estabelecer o monopólio sobre a espécie específica do capital pertinente ao campo.” (LOYOLA, 2002, p. 67). Esta condição de disputa está adstrita ao gosto que o agente assimila simpaticamente em querer pertencer ao campo, de se dispor a lutar pelos bens e transformando em preferência o que para outros é obrigação, fazendo com que o agente seja parte da estrutura do espaço social e a mesma estrutura, em simbiose, seja o agente, tal a relação entre o *habitus* e o campo. A finalidade da prática define o estilo de vida do agente, como do atleta e seu gosto por competir, emagrecer ou socializar, do músico em escutar determinado estilo musical, cantor(a) e instrumento ou do artista que aprecia pinturas, peças teatrais ou cinema e é exatamente tais gostos os produtos classificáveis, emissores de sinais de distinção, como aquele que é mais rápido ou forte, que possui mais ou menos carisma no grupo, maior ou menor conhecimento sobre técnicas ou estilos de pintura, etc. Cada gosto está inserido em um espaço único de disputa e relação com seus agentes, assim:

Cada um desses espaços constitui um campo – econômico, político, cultural, científico, jornalístico etc. -, ou seja, um sistema estruturado de forças objetivas, uma configuração relacional que, à maneira de um campo magnético, é dotado de uma gravidade específica, capaz de impor sua lógica a todos os agentes que nele penetram. (BOURDIEU, 2005, p. 82).

Um campo não existe por si só, mas combinado com outros campos a partir de interesses comuns, possibilitando a análise de subcampos, como se cada campo fosse um círculo e na intersecção entre dois campos exista um subcampo ou espaço específico dentro de um único campo. Esta intersecção existe pelo interesse e permissão mútuos de enlace dos *habitus* e principalmente pelos capitais que passarão a ser trabalhados. Objetivamente podemos citar a análise realizada por Starepravo, Souza e Marchi Júnior (2013) aonde os autores teorizam a existência do subcampo das políticas públicas de esporte e lazer fruto do campo esportivo e campo econômico. De um lado existem agentes praticantes de modalidades esportivas e do outro o dever do Estado de incentivar e promover as práticas esportivas em suas manifestações, campos diferentes, mas interdependentes que, na análise de Bourdieu (2001, p. 125) estão “estruturalmente coagidas, de agentes e instituições inseridos em campos concorrentes e complementares [...], envolvidos em circuitos legitimadores de trocas cada vez mais distendidos e mais complexos”. As competições, megaeventos, inclusão social, indústria cultura e mídia, são alguns dos bens em disputa comuns aos dois campos que possibilitam tal análise. Além desta possibilidade o campo esportivo também pode oferecer o estudo de subcampos pertencentes a seu campo “como os do futebol, do voleibol, do xadrez e assim por diante” (MARCHI JUNIOR., ALMEIDA, SOUZA, 2019, p. 120) e por conseguinte o subcampo do atletismo.

Um exemplo de bens disputados é o da política pública de incentivo ao esporte, por exemplo o Bolsa Atleta, que é manifesta pelo Estado na perspectiva de movimentar suas finanças, mas relacionadas ao esporte necessita de um agente específico para que ocorra, o atleta. Em que pese um atleta da modalidade de atletismo possa não ser detentor de capital econômico interessante para a estrutura política de um governo, ele é detentor de um capital global, a soma de diversos capitais como o cultural, social,

corporal e simbólico, que faz o ajustamento dos interesses entre os dois campos. De um lado a promessa de ganhos financeiros pelo Estado e do outro a recíproca de ganhos pelo cumprimento de seu dever, aprovação social e permanência no campo político. Temos então o que Bourdieu (2003) aponta como cerne do campo esportivo, a relação de bens de consumo, oferta e demanda.

Ao se analisar um campo é preciso verificar as posições existentes e delas as disputas que ocorrem para que sejam ocupadas. Para ingressar em um campo e dele fazer parte, a primeira condição do agente está no “interesse ao fato de se pertencer a um campo, [...] que é a condição do seu funcionamento” (BOURDIEU, 2004, p. 110 e 128) e com isso se predispor aos ditames do campo. Quando o agente passa a ter interesse por determinado bem em um campo, também passa a pensá-lo e interiorizar nas estruturas mentais aquele mundo social, agir e se movimentar para adaptar-se àquela realidade e se apropriar do *habitus*. Ao teorizar o campo das práticas esportivas Bourdieu (2003) demonstra que este espaço social é um lugar de disputas, como o do uso legítimo do corpo, com isso o agente pode pender para uma visão biológica do corpo a partir da prática corporal [pensando na saúde e bem estar - manifestação estética (MARCHI JUNIOR, 2015)] ou visão atlética, buscando preparar o corpo para obter resultados - manifestação espetáculo (MARCHI JUNIOR, 2015).

A propriedade e talvez o trunfo do campo esportivo seja o que o autor denomina como forma diacrônica de se observar, dotada de plasticidade para atender a uma representação e apropriação (BOURDIEU, 1990) o olhar diacrônico permite que o atleta, apesar de ser atleta na representação do corpo e eficiência mecânica, também é fonte de capital econômico quando, por exemplo, o maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima foi empurrado durante a prova nas Olimpíadas de Atenas (2004) e amplamente utilizado como símbolo no campo esportivo, midiático, da comunicação, político, etc. ou o atleta Usain Bolt quando associado à marca esportiva Puma pelos seus feitos velozes nas provas rasas. O mesmo ocorre quando o campo jornalístico pensa matérias e divulgações sobre o esporte na perspectiva de maior divulgação, visualização e ganhos (SILVA, 2015).

Os campos são maneiras diferentes de se ver e dividir o mundo social, aquilo que os distingue – gosto, *habitus*, interesse – lhe conferem a autonomia de não depender do agente, pois sua lógica foi constituída pela história, gravada nas coisas e nas estruturas mentais, em um espaço invisível (BOURDIEU, 2001). O campo religioso, por exemplo, distingue o mundo dos salvos e não salvos, dos que vão para o inferno ou céu, dos puros e impuros. Esse princípio de visão e divisão é próprio do campo religioso e sua lógica não traz sentido ao campo político ou econômico, por exemplo, pois o bem que engendra disputas é diferente, definir o que ocorre depois da morte em termos espirituais não é simpático ao interesse daqueles campos. Geração após geração de papados, as disputas em seu interior não se alteram, pois estão inscritas nas coisas - templos, igrejas, monastérios, livros, vestimentas, etc. - e nas estruturas mentais - como pensar sobre determinado assunto ou conceito, a maneira de falar e julgar, etc. - daí se observa que os agentes ocupantes das vagas no interior do campo, as posições, possuem relativa autonomia de atuação, no entanto, até chegarem a ocupá-las passaram por processos de interiorização do modo de pensar e fazer o campo que culminam com o pensar e agir próprio do campo, o *habitus*. Como apontam Jourdain e Naulin (2017, p. 146)

A aposta do campo político, por exemplo, é o poder, a do campo econômico é a riqueza, e a do campo artístico é o reconhecimento. Os indivíduos que participam de um campo agem em função da aposta do campo e lutam para adquirir ou conservar o capital específico a este campo.

Estando tais comportamentos enraizadas nas estruturas mentais é possível que a investigação científica identifique nelas, nos agentes, uma maneira de explicar e reconstituir o campo, tal a ligação entre os dois conceitos e a relação entre ambas, reforçam e perpetuam-se. Como aponta Bourdieu (2001, p. 137) o sistema simbólico de funcionamento do campo é fruto das regras que o definem e “que se lhes impõem com toda a força de um constrangimento ao mesmo tempo lógico e social”, visto que são aceitos, ainda que inconscientemente na origem, mas porque não é dado o poder de escolha ou de mudança e quando já se tem consciência do funcionamento do

campo, também já não é interessante que se mude, pois já se aprendeu as regras do campo.

O campo é um lugar, invisível, que exige uma modelação do corpo e/ou do modo de pensar, fazer e interagir. Diz-se invisível porque apesar de estar presente nas coisas, não funciona somente em função delas ou nelas. Wacquant (2002, p. 79) demonstra isso ao identificar que “o ato de inculcar as disposições que formam o boxista relaciona-se, essencialmente, a um processo de educação do corpo [...] remodelado segundo as exigências próprias ao campo”, educação que ocorre no ringue e no ginásio, mas também nos momentos em que se alimenta em casa ou no trabalho, no esforço que faz ou deixa de fazer na rua em razão de benefícios ou prejuízos ao próprio corpo, enfim uma maneira de pensar o corpo para a prática do boxe levada em todos os aspectos e momentos da vida, dentro e fora do local de treino. Esta inclusão no campo, que opera de maneira gradual e progressiva no agente, acontece de maneira implícita e inconsciente, assim quando um indivíduo se da conta das disputas que está travando e do entendimento que detêm do campo a que pertence, já se passou tempo, pois “quando decidimos entrar no jogo, os lances já se encontram mais ou menos feitos” (BOURDIEU, 2001, p. 21).

Seja pela sua constituição, ponto de vista, maneiras de se observar determinado objeto ou pela confluência de interesses entre pontos de vista, seja pelos bens disputados, no seu caráter histórico de constituição e consolidação presente e futura, o campo é um espaço aonde “Mediante o investimento num jogo e o reconhecimento que pode trazer a competição cooperativa com os outros, o mundo social oferece aos humanos [...] uma justificativa para viver.” (BOURDIEU, 2001, p. 292), justificativa essa que fundamenta e ratifica a existência dos campos e mundos sociais, dando sentido a vida dos agentes que dele fazem parte, uma vez que “as pessoas, no mais pessoal de si próprias, são essencialmente a personificação das exigências ativas ou potencialmente inscritas na estrutura do campo ou, mais precisamente, na posição ocupada neste campo.” (BOURDIEU, WACQUANT, 2008, p. 74).

### 3.2 HABITUS

O *habitus* sendo o sistema de classificação das práticas define os bens em disputa e principalmente o estilo de vida daqueles que o constituem. Assim a interiorização do *habitus* pelo agente ocorre na medida em que se dispõe a tomar determinadas posições e diferenciar-se de acordo com seu peso no campo por meio dos capitais que possui.

Não é possível simplesmente imitar o trabalho de um professor, por exemplo, e ser designado como tal, há uma inscrição no ser (mental e gestual) que o torna professor (*habitus*) (BOURDIEU, 2005), “o todo social não se opõe ao indivíduo. Ele está presente em cada um de nós, sob a forma do *habitus*, que se implanta e se impõe a cada um de nós através da educação, de linguagem...Tudo o que somos é produto da incorporação da totalidade.” (LOYOLA, 2002, p. 33).

Abstrair para constituir e construir um *habitus* demanda tempo e capital. Tempo à disposição no campo e tempo ao longo da vida. O *habitus* não deve ser confundido com hábito, algo mecânico que pode ser incorporado ao comportamento, tal como escovar os dentes pela manhã ou acordar cedo para trabalhar. O *habitus* de que trata Bourdieu (2001, p. 21) “opera de modo insensível, ou seja, gradual, progressiva e imperceptível, a conversão mais ou menos radical do *habitus* originário requerido pela entrada no jogo e conseqüente aquisição do *habitus* específico acaba passando despercebida quanto ao essencial”, é sutil e ocorre pelo fato do agente ter a predisposição em aceitar tais comportamentos e formas de pensamento antes mesmo de conseguir fazer parte daquele grupo. Quando um jovem decide, em suas estruturas psíquicas, iniciar no esporte para competir, fazer amigos, conhecer lugares e ganhar medalhas, predispõe-se a aceitar determinadas regras para conseguir seus objetivos, isso de fato enseja aberturas nas estruturas subjetivas do agente para que possibilite sua objetivação perante o grupo e no grupo.

Como descreve Wacquant (2002, p. 164) “O domínio prático do tempo é uma dimensão central do sucesso da aprendizagem do ofício [...] esse investimento corporal no tempo, o lento processo de incorporação” marca uma característica importante de incorporação do *habitus* e que denota o

quanto de poder o agente irá investir no capital em jogo, na espera privilegiada de ver aumentar seu valor e que nela se vê a “mira interessada de uma coisa altamente desejada, ela modifica duravelmente, ou seja, durante todo o tempo em que dura a expectativa, a conduta daquele que está, como se diz, em suspenso pela decisão esperada.” (BOURDIEU, 2001, p. 279). Em concreto, o interesse e a relação que o indivíduo detém sobre algo aumenta, como dito, com o passar do tempo e, em razão desta espera, também se modifica a forma de observar e disputar o objeto ou posição do campo, pois passa a ser valorizado e valorado no campo.

O *habitus* de um campo ou subcampo é a construção de pontos de vista comuns entre os agentes que a ele pertencem e que dependem da posição ocupada naquele espaço, considerado aquilo que gera práticas e também as classifica (BOURDIEU, 2015). Os diferentes estilos de comportamentos e pensamentos irão definir o campo ou como define Bourdieu (2015, p. 164) “organiza as práticas e a percepção das práticas, princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social”. De acordo com Loyola (2002, p. 68):

O *habitus* constitui uma espécie de segunda natureza inconsciente, num sentido prático. Os indivíduos não agem apenas por interesse – econômico ou qualquer outro tipo utilitário – mas também pela vontade de obter prestígio e reconhecimento dos outros; pela vontade de se distinguir e de se situar numa escala de poder. O lugar e a evolução de cada indivíduo no espaço social relacionam-se, simultaneamente, ao volume global de capital que ele detém: à repartição desse capital entre capital econômico, social e cultural.

No campo das práticas desportivas descritas por Bourdieu (2003), por exemplo, o sistema de disposições (pressuposto da existência do *habitus*, juntamente com a posição) está ligado diretamente em como o agente se relaciona com o corpo próprio, a maneira como irá usá-lo e aplicá-lo no campo é o próprio *habitus* sendo incorporado. Ao descrever as práticas pugilistas do subúrbio americano, Wacquant (2002, p. 34) descreve o processo de se tornar um boxeador como “apropriar-se, por impregnação progressiva, de um conjunto de mecanismos corporais e de esquemas mentais tão estreitamente imbricados que eles apagam a distinção entre o físico e o espiritual” demonstrando e reafirmando que ingressar no campo demanda tempo, devido

a “impregnação progressiva”, e não pode ser simplesmente imitada, pois não é um ato somente físico. Este investimento decorrido ao longo do tempo reafirma o caráter historicista da constituição do campo, além daquilo que o agente precisa internalizar, vivenciar e aprender para compreender o que está em jogo em seu interior ou como afirma Bourdieu (2003, p. 38) o investimento é o “efeito histórico do acordo com duas realizações do social: nas coisas, pela instituição, e nos corpos, pela incorporação.”. Complementando que as paradas em jogo e o sentido do jogo implicam “ao mesmo tempo a inclinação e a aptidão para jogar o jogo, tomar interesse no jogo, ser-se tomado pelo jogo”.

O investimento que o agente irá realizar para ocupar determinada posição dependerá do quanto serão atraídos ou repelidos a ela, do quanto são visíveis ou o peso que possuem no campo, além do quanto são ou pretendem ser simpáticos ou antipáticos ao estilo de pensamento corrente do *habitus* daquele campo (BOURDIEU, 2005). Desta forma, até quando o indivíduo tiver interesse em continuar jogando as paradas e disputas, relativamente ao quanto se acham afinados com o *habitus*, a maneira de ser e pensar particular do campo, ditarão a predisposição em ocupar ou manter ocupada sua posição. Quando Bourdieu e Passeron (2014) imergiram na análise do sistema de ensino, constataram que o pensamento escolástico se perpetuava por gerações. Que novas correntes de pensamento pedagógico encontravam e encontram dificuldades para ganhar espaço no campo, como pode ser observado pelos conceitos de campo e *habitus*, devido a impregnação e constituição de determinados comportamentos e pensamentos terem sido instituídos e internalizados durante anos, tanto nas instituições de ensino, como nos docentes e discentes. Agora vejamos um docente, que pretende ingressar na carreira docente do ensino superior, precisa formar-se em uma graduação, adquirir diplomas e títulos, que por conseguinte irão lhe conferir o direito de falar e ensinar. Não exatamente o que gostaria, mais uma vez, mas balizado por um *habitus* da instituição a que estará servindo.

Trazendo a tona o investimento e predisposição em assumir uma posição no campo do ensino, o docente pode, ao longo da trajetória, que é resultado de anos de dedicação pelo próprio tempo necessário em conseguir os títulos acadêmicos - evidentemente que não somente os títulos são critério

de ingresso, mas também a construção de relações, incorporação do *habitus*, conhecimento do funcionamento do campo, paradas e disputas em jogo no campo – pode levá-lo a não mais ter simpatia e tornar-se antipático a posição, não ter mais interesse, assim deixando de predispor-se e abdicar da posição pela qual batalhava ou detinha, dando lugar a outros que iniciando o jogo possuem maior interesse em investir. Ao fazê-lo e ser substituído, outros agentes assumem as posições e auxiliam na construção e reafirmação do *habitus* que, como apresenta Bourdieu (2003, p. 79) é o produto de “toda a experiência biográfica (o que faz que, como não há duas histórias individuais idênticas, não haja dois *habitus* idênticos, embora haja classes de experiências, e portanto classe de *habitus* – os *habitus* de classe).” e para que continuem sendo disputadas e gerando o interesse nos indivíduos Bourdieu complementa que o *habitus* estão “de uma certa maneira no princípio da eficácia dos estímulos que os desencadeiam uma vez que essas estimulações convencionais e condicionais não podem exercer-se senão sobre organismos dispostos e percebe-las.”.

Trazendo agora como exemplo o campo das práticas esportivas, existe uma gama de maneiras de se inserir nele, possibilidades de práticas que vão desde as realizadas pelas crianças em programas educacionais, jovens que frequentam clubes sociais e esportivos, adultos que competem em corridas de rua, atletas que buscam o esporte competitivo nos seus diferentes níveis (regional, nacional, internacional), paratletas, os que fazem do esporte reabilitação ou para o lazer. Além dos seus praticantes efetivamente, podemos indicar aqueles que estão no nível de assessoramento como professores de educação física, técnicos, treinadores, gerentes de academias de musculação e clubes, até os que utilizam do esporte como ferramenta tal como empresários que promovem eventos esportivos, produtos de consumo, políticos que promovem políticas públicas para o esporte, patrocinadores que financiam campanhas esportivas e atletas.

Cada um destes indivíduos é um agente inserido no campo esportivo, assim como em outros campos, buscando se inserir ou reafirmar em seu interior. Disputam posições e se dispõem a travar disputas por bens que lhe são simpáticos e fazem sentido ao seu jogo, as paradas em jogo. A distribuição daqueles agentes pelo princípio de diferenciação das práticas

esportivas ocorre em dois espaços homólogos sendo o “das práticas possíveis, a oferta, e um espaço das disposições a serem praticadas, a procura” (BOURDIEU, 2004, p. 214).

Para cada posição um *habitus*, seja para o atleta que compete na escola ou o que disputa uma vaga olímpica, para o corredor de rua ou o que pratica na natureza. Tanto os fins a que se destinam o uso dos corpos, quanto os bens que disputam, engendram no campo esportivo e qualquer campo, uma infinidade de possibilidades de disputas. Bourdieu (2015, p. 25) afirma que a compreensão das diferentes práticas esportivas considera “os esquemas de percepção e apreciação que lhes são próprios, as diferentes classes tem gastos e benefícios associados aos diferentes esportes” de ordem física, econômica, social e simbólicos que estão diretamente relacionados com o valor de distribuição e posição no campo de cada um dos esportes considerados. Os benefícios, segundo o autor, podem ser divididos pela distinção proporcionada pelos efeitos do uso do corpo, como ficar mais magro, forte e rápido, ou pela possibilidade de ter acesso à grupos com critérios de ingresso mais exigentes, a exemplo do golfe e polo que estão atrelados ao convívio social e político vivenciado em clubes sociais e políticos.

O *habitus* também é expresso como o gosto por algo (disposição), comum a determinado grupo, este gosto por determinado bem, seja uma cadeira docente, uma visão artística ou o falar político, varia de acordo com a condição de existência e a trajetória social de cada agente. Jourdain e Naulin (2017, p. 50) apontam que “à medida que as condições de existência são comuns a todo um conjunto de pessoas localizadas na mesma situação socioeconômica, estas pessoas compartilham em parte do mesmo *habitus*” culminando como dito anteriormente no *habitus* de classe, uma categoria comum a determinado grupo. As autoras trazem ainda a dimensão da trajetória individual “que faz com que cada *habitus* particular seja encarado como uma variante de um *habitus* coletivo.”.

Assim, com estas características temos que o *habitus* partilha de duas dimensões, sendo a primeira de incorporar nos indivíduos as estruturas do mundo social e a segunda a exteriorização daquilo que foi aprendido e incorporado, resultando numa estrutura geradora de práticas, confirmando que é o *habitus* que sustenta um campo e não o contrário, pois é ele que “faz

com que os agentes que o possuem comportem-se de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias” (BOURDIEU, 2004, p. 98).

Relacionando mais uma vez o esporte, a inscrição nos indivíduos pertencentes ao campo esportivo é potencializada pelas práticas esportivas, sendo o *habitus* a incorporação primeira do comportamental, antes que o seja conscientemente nas disposições do espírito, como expresso por Wacquant, pois se aprende pelo corpo, muito mais no esporte do que outro campo, “A ordem social se inscreve nos corpos por meio dessa confrontação permanente, mais ou menos dramática, mas que sempre confere um lugar importante à efetividade e, mais ainda, às transações afetivas com o ambiente social” (BOURDIEU, 2001, p. 172). O campo esportivo exerce uma coerção ao agente que nele deseja ingressar, tendo o corpo como objeto primeiro deste teste de interesse pelo gosto do jogar esportivo e neste adestramento dos corpos é que “se impõem as disposições mais fundamentais, as que tornam ao mesmo tempo inclinados e aptos a entrar nos jogos sociais mais favoráveis ao desenvolvimento da virilidade” (BOURDIEU, 2005c, p. 71) símbolo também da força física e energia que um atleta precisa demonstrar.

Em uma análise do corpo enquanto socialmente determinado, Bourdieu demonstra que o olhar para esta máquina é fruto de um produto social resultante das condições de trabalho e hábitos alimentares. Estas maneiras de se enxergar o corpo a partir daquelas condições são reforçadas pelos próprios agentes que reafirmam determinadas características por força do *habitus*, que inclina seu postulante a entrar na disputa com pré concepções e impressões a ele apresentadas. Acontece no campo das práticas esportivas, em certa quantidade de modalidades, para os atletas que internalizam um ideal corporal como característica de desempenho antes mesmo de ter atingido determinada condição física e até o desempenho que se acredita estar adequado àquela forma.

Esta corporeidade incorporada ao *habitus* e traduzida na forma de capital em alguns campos, se revela na forma como o mundo percebe o indivíduo e o julga, da mesma forma que o próprios indivíduos se analisam em determinado contexto. O uso do corpo (MARCHI JUNIOR, ALMEIDA, SOUZA, 2019), mais uma vez, denota o gosto por determinada prática, confere certo grau de investimento, caracteriza parte do *habitus* de um campo,

pode ser entendido como elemento distintivo e diferenciador. O gosto, de acordo com Bourdieu (2015, p. 166) “é o operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos [...], ela faz com que as diferenças inscritas na ordem física dos corpos tenham acesso à ordem simbólica das distinções significantes.”, resultando em um estilo distintivo de vida, próprio do campo, pela incorporação das estruturas sociais como condição de existência. Como será apresentado, o corpo está para a prática esportiva, em especial para o atletismo, diretamente proporcional ao valor do capital simbólico que o atleta dispõe para disputar posições no campo esportivo e subcampo do atletismo, tanto o corpo físico como os resultados que dele podem ser obtidos.

Outra forma de abordagem incorporada à análise do agente é apresentada por Bourdieu (2003) ao estabelecer a análise esportiva, por exemplo, destrinchando inicialmente seus agentes segundo o nível de instrução, idade, sexo e profissão, dito como “análise das determinações sociais nas quais eles foram produzidos” (BOURDIEU, 2003, p. 134) ou variável independente (BOURDIEU, 2015), que se relaciona com a variável dependente - que pode enunciar as disposições -, reafirmando a construção de um *habitus* de classe, como dito anteriormente.

Esta primeira caracterização e classificação dos agentes permite explicar o início e decorrer da trajetória no campo, a determinação de quem são os agentes a partir de seus capitais (econômico, cultural, social e simbólico), possibilitando o entendimento de sua entrada e progressão no campo. No campo esportivo, por exemplo, é possível identificar a iniciação esportiva, como os atletas conheceram técnicos, foram apresentados à competições, instituições incentivadoras do esporte e à políticas de incentivo. A investigação da trajetória do atleta no mundo social pode ser vista em “dois estados da história (ou do social): a história no seu estado objetivado, quer dizer, a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros teorias, costumes, direitos, etc., e a história no seu estado incorporado, que se tornou *habitus*.” (BOURDIEU, 2005, p. 82). Daí a possibilidade de se extrair dos relatos e vivências dos agentes os capitais presentes no campo, o *habitus*, as características do campo, as disputas e paradas em jogo. De acordo com Bourdieu (2011, p. 21) “uma das

funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes”,

O *habitus* é monolítico, imutável, fatal e exclusivo (BOURDIEU, 2001), entendido como gerador de práticas no interior do campo e que provoca nos indivíduos disputas por posições e permanência por meio de capitais, conceito que abordo a seguir.

### 3.3 CAPITAIS

Os capitais são o princípio de diferenciação no espaço social, predizem as propriedades de determinado campo ou subcampo auxiliando na análise da aproximação e agrupamento dos agentes que mais se parecem. Existe predição, pois cada campo tem em destaque um capital de maior destaque, como o apreciador de vinhos ou pinturas de arte detentor de um capital cultural para a arte, ou o político que precisa ter uma oratória carismática e convincente (FOUCAULT, 1996). “Essas diferentes espécies de capital funcionam como fichas do jogo social de que ele participa. O espaço social construído segundo a equação: *habitus* + capital + campo = prática, permite interpretar e mapear as estratégias de distinção” (LOYOLA, 2002, p. 69). Bourdieu (2003) afirma que a variação de acordo com o capital econômico, cultural, social, simbólico e do tempo livre investido são considerados as ferramentas de movimentação no campo/subcampo em razão de uma promessa de ganhos.

Para que o esquema social exista, estão em jogo ferramentas de poder, elementos que permitem o jogo entre agentes e tornam o capital “um conjunto de direitos de preempção sobre o futuro; garante a alguns o monopólio de certos possíveis” (BOURDIEU, 2001, p. 275) sendo um princípio de diferenciação no interior do campo, uma forma dos agentes assumirem posições. O capital auxilia na formação do *habitus* a que o agente pretende interiorizar para ingressar no campo, é o *habitus* “esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionadas de uma posição em um estilo de vida unívoco, um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” (BOURDIEU, 2011, p. 21-22), princípios geradores de práticas que se distinguem socialmente, a maneira como

funciona. Identificar o *habitus* de um determinado campo auxilia a entender como aquele mundo social funciona, como se engendram as disputas em seu interior, pois “o ser social é aquilo que foi; mas também aquilo que uma vez foi ficou para sempre inscrito não só na história, mas também no ser social, nas coisas e nos corpos” (BOURDIEU, 2005, p. 100) pois são incorporados nos agentes de tal maneira que se tornam uma memória do funcionamento do campo/subcampo.

Neste jogo os capitais são essenciais para todas as disputas. Assim, no interior do espaço social, Bourdieu estabelece que os agentes estão distribuídos de acordo com o capital global que possuem, a soma de todos os capitais. Após sua inserção passam a diferenciar-se de acordo com o valor/peso de cada um desses capitais, o quanto cada um tem de valor de acordo com o campo que serão jogados. Os capitais são a tradução do peso do próprio agente em seu interior. Um cacique na tribo indígena possui um capital simbólico grande perante sua comunidade quando tratam de cura por exemplo, mas ao realocá-lo em um grupo de médicos este mesmo capital passa a não ter o mesmo valor, pois a lógica deste novo grupo é regida por *habitus* e capitais diferentes, como afirma Bourdieu (2003, p. 131) “um capital não se define como tal, não funciona como tal, não traz ganhos a não ser num certo mercado”. O agente que compreende pouco a pouco as regras do campo que pretende ingressar passa a viver alimentando e potencializando determinados capitais, interiorizando o *habitus* daquele mundo, disputando espaços e direitos.

Tais capitais são trabalhados pelos agentes na perspectiva de sua valorização no tempo, em seu volume e sua estrutura, quão fortes e estabelecidos estão. Assim o capital global de um atleta pode ser compreendido como sendo a soma do capital econômico, capital cultural, capital social e capital simbólico (BOURDIEU, 2004) ou como apresentado por Bourdieu (2001) o quão simbólico cada capital é no interior do campo.

Das quatro formas de capital mais distintas na teoria de Bourdieu o capital econômico “designa um conjunto de recursos econômicos de um indivíduo englobando tanto seu patrimônio material quanto seus salários” (JOURDAIN, NAULIN, 2017, p. 126). O capital cultural, que está ladeado pela origem social do agente que, por sua vez, interfere nas disposições e tomadas

de posições no campo, “corresponde aos recursos que permitem a um indivíduo apreciar os bens e as práticas próprias à cultura erudita” (idem, p. 127). O capital social como sendo o “conjunto de recursos atuais ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter reconhecimento” (idem, p.127). Já o capital simbólico é a moeda utilizada nas disputas no interior dos campos que são entendidas e reconhecidas de maneiras diferentes pelos agentes, de acordo com os bens em disputa, podendo-lhes ser atribuído valores variados, assim o capital simbólico assume a forma de qualquer capital desde que reconhecida como tendo valor ou “ter poder sobre os que estão dispostos a nos dar crédito” (JOURDAIN, NAULIN, 2017, p. 128).

Como apresentado anteriormente, cada campo e *habitus* possui um capital de maior valor, que engendra as disputas no mundo social. No campo educacional, especificamente na docência, o capital cultural está mais presente, pois o bem disputado está no discurso, no reconhecimento de determinado conhecimento (BOURDIEU, 2014), fazendo com que possuir bens materiais ou finanças avantajadas não sejam o capital mais influente neste processo, como afirma Bourdieu (2011, p. 19) “os professores (relativamente mais ricos em capital cultural do que em capital econômico) opõem-se nitidamente aos empresários”. Outra característica do capital cultural é que ele pertence somente ao agente que o detém, o conhecimento adquirido ao longo da vida não pode ser passado, ao contrário do capital econômico e social. De acordo com Bourdieu (2004, p. 170) o capital cultural pode, no campo educacional, ser tomado como capital simbólico “de reconhecimento ou consagração, institucionalizada ou não, que os diferentes agentes conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores”, tal qual as lutas travadas pelo próprio Bourdieu ao defender a corrente sociológica de análise científica em detrimento da visão histórica ou filosófica (BOURDIEU, 2003).

Esta individualidade do capital cultural é observada nas discussões sobre as desigualdades no sistema de ensino, trazendo agora o relacionamento entre o capital cultural e social. Referenciando “a análise das determinações sociais” (BOURDIEU, 2003, p. 134) o capital social se desenvolve em conjunto com o capital cultural e econômico, visando uma rede

de conexões entre indivíduos e delas fazer valer um poder sobre as disputas, o agente precisa ter acesso a espaços e ter conhecimentos. Um indivíduo que tenha nascido em uma família de muitas posses e um nome reconhecido socialmente, herda o capital social da família assim como o econômico, pois as posses e finanças serão passadas para as gerações seguintes. A rede de relacionamentos desenvolvidas e estabelecidas em razão de um nome (de família) e as possibilidades de aplicação econômica e financeira possibilitam que este agente tenha acesso a grupos e locais seletos, como os clubes sociais. Ao contrário, um indivíduo que tenha nascido em uma família sem posses e de poder aquisitivo pequeno, terá conseqüentemente menos acesso a lugares e pessoas, logo um capital social e cultural fraco, mas que podem ser construídos por outras vias. Para entender o capital social Bourdieu explica que:

[...] construir este conceito é produzir o meio de analisar a lógica segundo a qual esta espécie particular de capital é acumulada, transmitida, reproduzida, o meio de compreender, a preço de que trabalho pode o capital econômico converter-se em capital social, o meio de captar a função de instituições como os clubes ou, muito simplesmente, a família, lugar principal da acumulação e da transmissão desta espécie de capital, etc. (2003, p. 60)

Um exemplo desta relação está na origem dos clubes sociais e a prática de determinados esportes estarem atreladas a classes sociais mais elevadas. Bourdieu (2003, p. 190) aponta que “a maior parte dos clubes mais seletos, quer dizer mais seletivos, se encontram organizados em torno de atividades desportivas, que servem de ocasião ou de pretexto a agrupamentos eletivos” como o golfe e a vela. Quando as famílias frequentavam os clubes, também a pretexto da prática esportiva, estão oportunizando aos membros da família possibilidades de estabelecer novas amizades e relações entre os indivíduos, por este motivo o capital econômico pode ser convertido em social, pela possibilidade de acesso a determinados espaços. De igual forma, poder viajar para lugares diferentes, frequentar museus e cursos (graduação e especializações) conferem ao indivíduo o aumento de capital cultural que, na escola, irá diferenciar os alunos pela maneira como irão absorver os conteúdos tendo em vista as diferentes experiências de vida.

Evidente que para cada capital citado existem exceções que possibilitam aos agentes, por outras vias, conquistarem posições no campo, como é o caso citado de alguns esportes ditos elitizados. No Brasil, a legislação esportiva, como apresentado no capítulo 4, criou mecanismos para que os clubes sociais pudessem receber subsídios do governo, tendo como contrapartida o investimento em atletas, permitindo que pessoas de diferentes classes sociais e com capitais antes inerentes ao convívio daqueles espaços, fossem democratizados. Seja o capital cultural, social ou econômico, o agente busca marcas de distinção no campo, maneiras de se alocar ao se destacar perante aqueles que disputam as posições. Seja o professor com o maior número de títulos acadêmicos ou o que possui o título mais difícil de ser conquistado, o atleta que mais participações teve em uma competição ou aquele em uma única vez estabeleceu novo recorde, em qualquer situação os indivíduos buscam se distinguir, característica que resulta na análise do quarto tipo de capital, o simbólico.

O caráter distintivo e de distinção dentro do campo são marcas decisivas para ter conhecimento das disputas e relações de poder existente em seu interior. De acordo com Bourdieu (2005, p. 144) “A distinção – no sentido corrente do termo – é a diferença inscrita na própria estrutura do espaço social quando percebida segundo as categorias apropriadas a essa estrutura”, aquilo que no subcampo do atletismo diferencia seus agentes perante outros grupos sociais e do seu próprio subcampo, o que torna o atleta de atletismo próprio do seu espaço e não do campo das artes, por exemplo. O autor aprofunda a análise arguindo que:

O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, que dizer, quando conhecido e reconhecido como algo óbvio. As distinções [...] são produto da aplicação de esquemas de construção que, são produto da incorporação das estruturas a que eles se aplicam; e o reconhecimento da legitimidade mais absoluta não é outra coisa senão a apreensão do mundo comum como coisa evidente, natural, que resulta da coincidência quase perfeita das estruturas objetivas e das estruturas incorporadas. (BOURDIEU, 2005, p. 145).

Como dito anteriormente, o capital simbólico toma a forma dentro de cada espaço social de acordo com o valor que as estruturas internas lhe atribuem como potenciais positivos e assim, na medida que incrementam seu capital, são reconhecidos pelos agentes do campo. Um exemplo deste reconhecimento ou caráter distintivo pode ser verificado pelo nome da profissão ou título que recebe e assim “o seu valor da posição que ocupa num sistema de títulos organizado hierarquicamente e que contribui por este modo para a determinação das posições relativas entre os agentes e os grupos.” (BOURDIEU, 2005, p. 148). Para os atletas de atletismo os títulos, comumente associados aos acadêmicos (1º grau, mestrado, doutorado), políticos e sociais (governador, deputado, detentor de muitas posses), estão relacionados aos títulos conquistados em provas e competições. Na horizontal temos os níveis das competições (regionais, estaduais, nacionais, pan-americanas, internacionais, mundiais e olímpicas), na vertical a classificação obtida na horizontal (1º, 2º, 3º colocação, etc.). O mesmo raciocínio pode ser aplicado à classificação do ranking (nacional e internacional) e sua posição, ambos irão conferir ao atleta o “título” de acordo com o nível do atleta. Este título lhe permite um incremento em seu capital simbólico, que por sua vez aumenta as chances de entrada no subcampo do atletismo para posições de maior destaque, prestígio e possibilidades, como as bolsas esportivas, patrocínios, equipes e treinadores.

Outra análise realizada por Bourdieu (2004) diz respeito ao campo político. De acordo com o autor o capital simbólico dos políticos, por exemplo, perpassa pelos diferentes grupos com os quais se relacionam. Quando se dá com a população, está em questão “o valor que existe na personagem política, esse produto da cabeça da pessoa, um encanto, um **carisma** [...] espécie de poder que parece ter origem em si mesmo.” (p. 190), característica que os políticos trabalham para conquistá-las e conseguir êxito na eleição. Uma das formas do carisma, por exemplo, é a retórica. Quando direcionada para os próprios políticos, tem a necessidade de um discurso mais polido e técnico (FOUCALT, 1996), mas quando direcionado à população ajusta-se às propriedades do grupo pelas gírias, diminuindo o distanciamento social pela aproximação cultural. Ao final deste processo o grupo reafirma determinado

político como representante da multidão, tendo o político um super capital simbólico.

Bourdieu diferencia o capital em três dimensões, a primeira delas diz respeito ao volume do capital global, incluindo todos os tipos, a segunda dimensão de acordo com a estrutura do capital, o peso relativo do capital econômico, cultural e social dentro do capital global e a terceira dimensão diz respeito a evolução do volume e estrutura do capital no decorrer do tempo (BOURDIEU, 2004, 2011) conferindo-lhes mais ou menos poder, podendo ocorrer de se tornar um poder simbólico.

Voltando a discussão sobre os capitais, a distribuição dos agentes no espaço social é decorrente do quanto possuem de capital econômico e cultural, também trabalhados como capital simbólico, constituindo princípios de diferenciação no campo e que juntos constituem o capital global. O primeiro capital de contato com o ser está presente no seio familiar e é formado pelas crenças e educação que os pais, principalmente. A constituição deste capital primário é a primeira base do capital cultural que o agente irá inscrever em seu interior, não é escolhido e muitas vezes outorgado de forma hereditária. Dizemos hereditário pois, como afirma Bourdieu (2011, p. 131), a família “é um dos lugares por excelência de capital sob seus diferentes tipos e de sua transmissão entre as gerações” e assim acaba por direcionar de alguma forma o caminho da criança.

O círculo familiar é tão virtuoso para a construção do indivíduo quanto o volume dos capitais trabalhados por ele. Podemos compreender esta dimensão primária do capital quando Bourdieu e Passeron (2014) expressam a teoria dos campos analisando o sistema de ensino francês. Em suas análises a família investe no capital escolar, que se transforma ou transfigura em capital cultural, na medida que possui capital econômico, melhores escolas, cursos e profissionalização são acessíveis para aqueles que detêm condições de arcar, mas não só poder como compreender a importância de tal investimento, caso contrário a família seria possuidora de bens e finanças mas rechaçaria este viés do ensino. Este, então, é o círculo virtuoso e hereditário simbólico da família, pois ao internalizar a importância de determinado bem social, como frequentar um clube para jogar golfe ou permitir e incentivar que uma criança pratique esporte na escola, inscreve no indivíduo

e gerações subsequentes a importância de determinado capital pelo *habitus* primário, o familiar.

No campo esportivo cada modalidade, inscrita em um subcampo, possui um *habitus* próprio, como foi apresentado, e para cada posição no subcampo determinados capitais, em volume e estrutura, são necessários para a manutenção das posições e disputas. Para se ter uma ideia da distribuição no espaço das posições sociais e estilos de vida, Bourdieu (2015, p. 118-119, 2011, p. 20) apresenta um esquema aonde estão distribuídos os indivíduos por classe (popular, média e superior), maior e menor volume de capital global e mais ou menos capital econômico e cultural. Fazendo referência as práticas esportivas o autor identifica, por exemplo, que as classes superior e média possuem um maior volume de capital global e estão atreladas aos praticantes de golfe, ski e equitação (com distribuição de mais capital econômico do que cultural), além de xadrez, natação e asa-delta (com distribuição de mais capital cultural do que econômico). Já a classe popular, preponderantemente, possui um volume de capital global menor, estando atrelada aos praticantes de dança, futebol, rúgbi e bocha.

Os espaços delimitados em razão dos capitais se retraduz “em um espaço de tomadas de posições pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*)” (BOURDIEU, 2011, p. 21) confirmando que os capitais em destaque para cada campo são fruto de um estilo de vida dos agentes ocupantes daquele espaço social, a configuração do capital para cada espaço, traduzido como “a fórmula geradora do *habitus* que, em um estilo de vida particular, retraduz as necessidades e as facilidades características dessa classe de condições de existência” (BOURDIEU, 2015, p. 196) permitem destacar as disposições de determinado *habitus* em razão de uma prática específica. Desta forma é possível teorizar um campo ou subcampo, como apresentado no capítulo 5.

## 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 ESTRUTURA DA TESE

Visando a melhor compreensão da leitura desta pesquisa e de como ela foi concebida, a tabela a seguir demonstra a divisão dos capítulos e seus propósitos e partindo desta estrutura, são descritos os procedimentos metodológicos.

<b>ESTRUTURA DA TESE</b>		
	<b>Conteúdo</b>	<b>Propósito</b>
<b>Capítulo 2</b>	Revisão de bibliografia sobre os fatores de sucesso apontados por Houlihan e Green relacionados ao atletismo no Brasil	Compreender a produção acadêmica sobre a temática, visando dar suporte à discussão com os resultados das entrevistas no capítulo 6 – objetivo específico primeiro
<b>Capítulo 3</b>	Conceitos teóricos sociológicos de Pierre Bourdieu	Apresentar o aparato teórico da teoria dos campos de Bourdieu
<b>Capítulo 5</b>	Subcampo do atletismo	Teorizar o subcampo do atletismo utilizando os conceitos teóricos, a estrutura para treinamento, federação, captação de recursos, praticantes e legislação.
<b>Capítulo 6</b>	Entrevistas realizadas com os atletas paranaenses olímpicos de atletismo	Discorrer sobre a trajetória esportiva dos atletas enaltecendo os fatores de sucesso apontados por Houlihan e Green, convergindo com os conceitos sociológicos – objetivo específico terceiro – e discutindo com os estudos identificados no capítulo 2

Tabela 3. Estrutura da tese. Sistematizado pelo autor, 2020.

### 4.2 FATORES DE SUCESSO ESPORTIVO

Delimitou-se os quatro fatores elencados por Houlihan e Green (2008) como os vetores para análise da trajetória dos atletas paranaenses olímpicos de atletismo, sendo os fatores: (1) desenvolvimento de instalações de elite, (2) suporte para atletas em tempo integral, (3) prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva e (4) hierarquia de oportunidades de competição centrada na preparação para evento internacional.

Para identificação dos fatores de sucesso e compreensão de cada um deles tendo como foco a modalidade de atletismo, empregou-se como técnica a pesquisa bibliográfica (THOMAS, NELSON, SILVERMAN, 2012), estabelecendo como fontes publicações de livros, teses, monografias e artigos científicos nas seguintes bases de dados: Scielo, Portal de Periódicos da CAPES/MEC, Taylor & Francis Online, catálogo de dissertações e teses da CAPES. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave em português e o respectivo no idioma em inglês: atletismo/*track and field*, olimpíada/*olympic*, financiamento esportivo/*sports financing* e competição/*competition*.

As palavras-chave foram utilizadas combinando-se primeiramente três para a busca nas bases de dados totalizando três combinações distintas, não sendo encontrado artigos combinou-se duas palavras-chave, totalizando seis combinações, por fim não sendo encontrado utilizou-se a palavra-chave isoladamente. Delimitou-se o período compreendido entre janeiro de 2016 a abril de 2020 para a busca, bem como estudos relacionados nas pesquisas encontradas que compactuem com o assunto desta tese. O catálogo de dissertações e teses da CAPES tinha disponível as publicações do quadriênio 2013 a 2016 e referente aos anos de 2017 e 2018.

#### 4.3 AMOSTRA

O universo escolhido limita-se ao Estado do Paraná, de acordo com o objetivo de pesquisa proposto, tendo sido selecionado atletas da modalidade de atletismo que participaram de Jogos Olímpicos nas edições 2004, 2008, 2012 e 2016.

São critérios de inclusão ser brasileiro, iniciado na modalidade de atletismo no Estado do Paraná e ter participado de uma edição olímpica, chegando-se ao número de oito atletas, três homens e cinco mulheres. De acordo com o preâmbulo apresentado, foi escolhido os Jogos Olímpicos tendo em vista que se o atleta chegou nesta competição percorreu as fases de desenvolvimento de um atleta de alto rendimento, passando invariavelmente pelos elementos sociais que balizaram sua trajetória. Como fator limitador deste ponto destacamos o lapso entre as quatro edições olímpicas e o desencontro de gerações de atletas, mas optou-se pelas edições olímpicas

do século XXI visando encontrar o maior número de atletas. A identificação e caracterização dos atletas está apresentada como resultados na introdução do capítulo 6.

#### 4.4 CONCEITOS TEÓRICOS SOCIOLÓGICOS

Para analisar o grupo de atletas paranaenses olímpicos de atletismo selecionados relacionando o sucesso esportivo com os elementos que *in tese* os levaram a uma olimpíada, optou-se pela teoria dos campos de Pierre Bourdieu (2004) para compreender este mundo social. Assumimos, intencionalmente, a escolha de três conceitos de sua teoria para auxiliar na análise: campo e subcampo, *habitus* e capital. Os atletas foram tratados como agentes e o subcampo do atletismo estando inserido dentro do campo esportivo.

De acordo com a teoria de Bourdieu as regras que regem o subcampo no qual estão inseridos os agentes passam a valer para eles a partir do momento que se dispõem, tomam determinadas posições, a se engajarem nas lutas em disputa em seu interior (BOURDIEU, 2005). Buscando essa compreensão o subcampo do atletismo foi descrito utilizando os conceitos teóricos de campo e subcampo, *habitus* e capital – cultural, social, econômico e simbólico - (capítulo 5) tendo em vista que o subcampo apresenta o entendimento de onde os agentes estão inseridos, o *habitus* revela como se comportam (objetiva e subjetivamente) e as ferramentas utilizadas por eles são seus capitais.

#### 4.5 PROCEDIMENTOS PARA ENTREVISTA

Como técnicas a serem utilizadas para a coleta de dados utilizaremos a pesquisa de campo e entrevistas. De acordo com Lakatos e Marconi (2008, p. 188):

É aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as **relações entre eles**. (grifo do autor).

Assim, pela condição teórica de se compreender o mundo social pretendido é necessário que estejamos próximos do objeto de pesquisa, neste caso do atleta, para podermos construí-lo a luz dos conceitos teóricos escolhidos. Sendo assim, utilizaremos como procedimento de coleta a entrevista não-estruturada, conforme anexo 2.

O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 199).

Optou-se por este método pois a entrada no campo permite que a pesquisa esteja livre de noções e conclusões pré concebidas trazendo o mais próximo da realidade o que se pretende descobrir (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2018).

Desta forma a coleta de dados ocorrerá em dois momentos distintos: fase exploratória de cunho identificatório (diálogo preliminar com os atletas) e fase de análise sobre como foi a trajetória dos atletas desde sua iniciação esportiva até chegarem a uma Olimpíada (LAKATOS, MARCONI, 2003, SILVA, 2015) balizando a discussão da pesquisa pelos quatro elementos de sucesso esportivos e os três conceitos teóricos estabelecidos.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003) a pesquisa exploratória é uma investigação que irá auxiliar a aumentar a familiaridade com o mundo social em que vive o atleta, permitindo que, por meio desta compreensão, possamos entendê-lo e descrever como eles se inserem neste subcampo, se relacionam e quais capitais são destacados.

Os dados para estabelecermos contato com os atletas foram coletados na Confederação Brasileira de Atletismo. Os atletas que não foram encontrados naquela entidade foram buscados em redes sociais e pelos próprios atletas encontrados, sendo coletado número telefone de contato,

instituição onde treinam, cidade de residência, bem como a utilização do Programa Inteligência Esportiva (IE) para captação de dados.

Para todos os atletas foi apresentado o projeto de pesquisa explicando todas as etapas e objetivos desejados. Todos àqueles que aceitaram participar receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, uma vez que foram todos identificados como maiores de dezoito anos. Antes da confecção do referido termo o presente projeto passou por avaliação do Comitê de Ética da UFPR para aprovação dos procedimentos metodológicos com aprovação do parecer nº 3.786.188 conforme anexo 3.

Os diálogos e informações colhidas diretamente com os atletas foram armazenadas por meio de gravador de voz (*Slend apps*) disponível gratuitamente no *Play Store*.

As entrevistas foram realizadas buscando responder as questões do objetivo de pesquisa e posteriormente, pessoalmente ou por meio eletrônico (contato telefônico e vídeo chamada), conforme houve a necessidade de novas intervenções para responder aos objetivos da pesquisa. A medida para saber da necessidade de novas intervenções se deu pela transcrição, análise e interpretação dos dados conforme estabelecido pelos procedimentos metodológicos.

#### 4.6 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A construção de um formato pré concebido para interpretação dos dados é desencorajada por Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2018). De acordo com os autores precisamos “adquirir uma disposição mental” (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2018, p.15) para pensar o objeto sociologicamente e para isso é necessário que o pesquisador vá à campo para descobrir a verdade – e não o que já se pensa como é – para depois discutir, a partir dos princípios sociológicos, o engendramento daquele grupo.

Para Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2018) fechar uma lógica de análise com regras fechadas também restringe a maneira de observarmos o objeto, que não é o viés sociológico. Dentre os princípios da sociologia que

buscaremos está a ruptura no decorrer da história dos agentes que levaram eles até seu objetivo maior que é participar dos Jogos Olímpicos.

Desta forma e por meio das entrevistas identificou-se, primeiramente, temáticas em comum trazidas pelos atletas e a partir delas o capítulo 6 foi dividido em subcapítulos para melhor compreensão da trajetória esportiva. As categorias identificadas foram:

#### TEMATICAS A PARTIR DAS ENTREVISTAS

1	Estrutura e apoio familiar,	Identificação, caracterização e trajetória esportiva dos atletas.
2	Início no esporte	
3	Mudança de cidade, técnico e clube	
4	Disputas na trajetória esportiva	
5	Trajetoira para olimpíada	
6	Desenvolvimento de instalações de elite	Fatores identificados por Houlihan e Green
7	Suporte para atletas em tempo integral	
8	Prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva	
9	Hierarquia de oportunidades de competição centrada na preparação para eventos internacionais	
10	Novas possibilidades e descobertas	Para além dos fatores

Tabela 4. Temáticas identificadas por meio das entrevistas. Sistematizado pelo autor, 2020.

A interpretação das entrevistas compreende uma linha temporal (trajetória do atleta) dialogada com os quatro fatores de sucesso e os conceitos teóricos. Por meio dos relatos dos atletas foi teorizado o subcampo da modalidade de atletismo e seu funcionamento, onde estão inseridos diversos agentes e dentre eles o atleta, que possui um *habitus* que movimenta capitais em seu interior.

Como enunciado por Bourdieu (2017, p. 18) a leitura de determinado campo/subcampo tem como primeira condição a “análise da relação entre as posições sociais (conceito relacional), as disposições (ou o *habitus*) e as tomadas de posição, as ‘escolhas’ que os agentes sociais fazem”.

A partir deste entendimento Bourdieu (2017) passa para uma segunda dimensão de análise, princípios de diferenciação pelos capitais. A compreensão do mundo social analisado ocorre pelas disputas em seu interior por meio da tomada de posição e disposições assumidas (*habitus*), utilizando cada agente seus capitais, no que expressaremos como interpretação:

- (a) De que forma os atletas adquiriram, potencializaram e utilizaram os capitais ao longo de sua trajetória para se inserir e disputar posições no subcampo da modalidade de atletismo;
- (b) Apresentaram indícios que os quatro fatores apresentados na literatura especializada foram fundamentais do sucesso na modalidade e a partir disto utilizaram os capitais para se movimentarem no interior do subcampo;
- (c) A transformação ocorrida na vida do atleta entre sua inserção no campo esportivo até a participação em Olimpíada | construção deste processo socialmente elaborado (BOURDIEU, 2001).

De acordo com Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2018, p. 17) a análise e discussão sociológica parte de uma tarefa epistemológica, indo a campo para deslindar o mundo social pela proximidade ao objeto, “passando de um conhecimento menos verdadeiro a um conhecimento mais verdadeiro”, confrontando estudos que apresentamos por meio da revisão de literatura. Após a inserção foi identificado e discutido as rupturas na biografia histórica dos atletas, apontando em que momento(s) houve decisões e encaminhamentos decisivos para o desenvolvimento no esporte. As rupturas mostram de que forma os agentes tomaram posição no mundo social e em que condições, características importantes para entender o problema desta pesquisa.

As rupturas, tomadas de posição pelos agentes e predisposição, construção individual do agente inserido em determinado subcampo a partir de determinados capitais são aspectos importantes a serem discutidos enaltecendo o *habitus* adquirido. Destacamos a “lógica objetiva da organização” (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2018, p. 29) a qual analisamos para explicar as atitudes e comportamentos dos agentes; “não a explicação de um comportamento, mas um aspecto do comportamento a ser explicado” (p. 51); utilização de “procedimento comparativo” (p. 67) para construir casos análogos que possam justificar o caso estudado.

Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2018, p. 68) afirmam que a “analogia é a única forma legítima de comparação – aliás o único meio prático á nossa disposição para tornar as coisas inteligíveis”. Desta maneira, é por

meio de modelos analógicos que discutiremos os princípios ocultos no mundo social que foi investigado.

Joudain e Naulin (2017) assinalam que a entrevista biográfica ou narrativa de vida subjetiva é uma técnica utilizada por Bourdieu para acessar um modo de explicação de determinado mundo social, neste estudo o dos atletas paranaenses da modalidade de atletismo. A partir de sua teoria sociológica (BOURDIEU, 2003) e os propósitos desta pesquisa, foi assumido como ponto de vista para construção do subcampo no qual se inseriram e o *habitus* adquirido, apenas o ponto de vista do atleta.

Bourdieu (2003, p. 120) deixa claro que “os interesses de um campo não são percebidos por alguém que não tenha sido construído para entrar nesse campo”, não podemos supor que um técnico possa falar da trajetória do atleta não tendo acompanhado ela do início ao fim, caso contrário teríamos apenas um retalho da colcha.

Por meio das entrevistas é possível compreender a construção de sua inserção no subcampo do atletismo, da trajetória particular conducente a tal posição (BOURDIEU, 2001), como um dos pressupostos de análise da categoria em questão. Desta forma, a perspectiva histórico biográfica que foi assumida para construção da trajetória de atletas paranaenses de atletismo que conquistaram uma vaga nos jogos olímpicos se dá pela objetivação dos próprios atletas, possível somente por meio da perspectiva histórica (BOURDIEU, 2001).

#### 4.7 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A gravação das entrevistas – processo de transcrição que é tornar escrito algo gravado em voz ou vídeo – seguiu os passos de Meihy (1996) ocorrido em duas etapas: textualização e transcrição. Na textualização toda a transcrição dos entrevistados foi organizada em ordem cronológica (conforme o objeto da presente pesquisa, partindo da iniciação esportiva até a conquista da vaga em jogos olímpicos), permitindo que o discurso faça sentido e siga uma lógica narrativa. Após, seguiu-se com a transcrição, recriando o discurso dos entrevistados, sem com isso perder a lógica do depoimento, suprimindo elementos textuais, como os vícios de linguagem

(neologismo, cacofonia, gíria, barbarismo, solecismo, ambiguidade e pleonasma), que permitem uma semântica da redação mais clara, entendível e agradável para leitura, conferindo sentido às expressões dos relatos.

Com as entrevistas processadas por meio de transcrição, textualização e transcrição, foi extraído de cada depoimento os elementos condizentes com cada item da tabela 2 (p.36) e apresentadas no capítulo 6. O depoimento dos atletas está identificado por sigla, tendo em vista o anonimato e preservação da imagem dos entrevistados. A sigla contempla a vogal “A” em referência ao depoimento realizado pelo “A”tleta, seguida de um número, conforme foram entrevistados (A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7 e A8). Visando facilitar a interpretação dos dados, bem como a compreensão do leitor, após cada sigla segue-se com o ano de participação em olimpíada pelo entrevistado (A1-2004, A2-2008, A3-2004, A4-2016, A5-2012, A6-2016, A7-2016 e A8-2016).

## 5 O SUBCAMPO DO ATLETISMO

Visando teorizar um subcampo do atletismo parte-se do princípio que o campo das práticas esportivas, este mundo social, está consolidado (BOURDIEU, 2003) do ponto de vista da sua diferenciação perante outros mundos sociais. Construir o entendimento do que é o subcampo do atletismo auxilia a compreender como o atleta está presente nele, pois “é preciso buscar [...] ‘no espaço social ou campo’ as condições sociais de possibilidade do ‘sujeito’ e de sua atividade de construção do objeto [...], trazendo assim a luz do dia os limites sociais de seus atos de objetivação” (BOURDIEU, 2001, p. 146). Nesta perspectiva a construção do subcampo do atletismo está direcionada para o esporte de rendimento, principalmente, tendo em vista que o desfecho desta pesquisa recai sobre atletas que conquistaram uma vaga em jogos olímpicos.

O que se pretende é buscar as relações dentro de cada espaço social a partir do *habitus* exercido pelos agentes e inscrito neles, que por sua vez são engendrados por crenças e disputas por posições (SOUZA, MARCHI JÚNIOR, 2017). Cada campo é uma forma macro de se enxergar o *habitus* dos agentes, os bens em disputa, posições, assim como os capitais em destaque. Em seu interior existem subcampos, um recorte do campo, com características homólogas e bens distintos em disputa, são dotados de um número comum de interesses no campo e interesses particulares no subcampo. Cito como exemplo os subcampos da mídia esportiva (SILVA, 2015), do *Mixed Martial Arts / MMA* (SALVINI, 2017), do esporte escolar brasileiro (KIOURANIS, 2017) e do basquetebol (PAMPUCH, 2020) que fazem parte do campo das práticas esportivas e de outros campos, como o político e educacional.

No subcampo do atletismo há distinção dos agentes pelo **gosto** (práticas e propriedades), classificados e classificáveis de acordo com as disputas ocorridas pelos bens (BOURDIEU, 2003). Quando o atleta se apresenta física e mentalmente disposto à prática do atletismo, por exemplo, o faz dependente dos capitais necessários para disputar as posições do subcampo. O gosto é o “conjunto das práticas e das propriedades de uma pessoa ou de um grupo, são o produto de um encontro [...] entre bens e um

gosto” (BOURDIEU, 2003, p. 170), que no atletismo perpassa pelas diversas maneiras de expressão (lazer, rendimento, educacional), por exemplo. A compreensão do gosto do atleta de atletismo permite conhecer as condições em que eles próprios são produzidos no subcampo e que acabam gerando os bens de consumo, pois os classificam, por exemplo, entre o que é bom e ruim, interessante ou não.

A prática do atletismo, os materiais e estruturas utilizadas para sua prática (propriedade) assim definem previamente o subcampo do atletismo perante outros subcampos do campo esportivo, tais como pista de atletismo, dardos, sapatilhas e outros materiais, classificação no ranking, o resultado de uma prova, os patrocinadores que o atleta possui, o treinador, o local de treinamento (terra pátria ou estrangeira) que são bens distintos da modalidade, assim como distintivos de outras modalidades que não possuem a mesma propriedade para as diferentes práticas como por exemplo o futebol e natação. Como demonstram Wacquant (2002) e Salvini (2017) o subcampo das práticas esportivas de luta – boxe e MMA – possui um espaço físico próprio (ringue, ginásio, sala de sacos, octógono, etc.) dotado de características que o distingue de outros esportes e tornam seus praticantes distintos entre si (forma de se comportar, vestir, falar, etc.). “O mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido como distinto.” (BOURDIEU, 2005, p. 118) e para atletas que chegaram a uma competição de nível mundial como a Olimpíada é possível identificar como se distinguiram no subcampo, bem como nos campos que a ele confluem interesses, vide as legislações esportivas brasileiras de caráter esportivo, advindas do campo político, também àquelas que se destinam às competições escolares – campo da educação.

Se no campo existem características comuns como, por exemplo, no campo esportivo a utilização do corpo como bem esportivo, a diferenciação de sua utilização está no tipo de prática ou a capacidade de diferenciá-las e as propriedades ou capacidade de apreciar as práticas e serviços - as duas características do **gosto** (BOURDIEU, 2003, 2015) – assim o corpo utilizado como prática do lazer ou para o rendimento esportivo resultará no encontro dos subcampos a que pode pertencer, uma vez que o signo corporal passa a ser chave de entrada para diferentes subcampos. A utilização e apresentação

do corpo se apresenta como capital para o atleta no campo esportivo (BOURDIEU, 2015), esta ligado diretamente a uma dimensão estética (MARCHI JUNIOR, 2015) como bem de consumo no campo.

Antes da forma final do atletismo ser vista nas competições em pistas oficiais ou eventos de pedestrianismo – maratona e marcha atlética – os atletas ocupam outros espaços para treinamentos como praças, clubes, academias - musculação, ginástica, yoga, pilates – ginásios, parques e estabelecimentos de ensino. Tais espaços não possuem uma configuração padronizada e oficializada que determine o que é a prática de atletismo, pensada sob o prisma do espaço, ou seja, sua prática não está adstrita a uma pista ou campo oficial. Como foi apresentado na investigação sobre as estruturas existentes no Paraná, por exemplo, existe muito mais pistas não oficiais e de materiais diversos como de terra e saibro, do que as de borracha e oito raias, ainda assim há prática da modalidade. Um dos atletas mais conhecidos no atletismo mundial revela uma amostra da simplicidade dos locais de prática, o jamaicano Usain Bolt começou a praticar atletismo na escola primária rural em que estudava onde próximo havia “uma pista de corridas, que era um trecho acidentado coberto de grama, com as faixas demarcadas por linhas pretas, queimadas no chão com fogo de gasolina. Havia um barraco na linha de chegada” (BOLT, ALLEN, 2014, p. 17).

Quando se evidenciou a existência de mais de cinco mil estabelecimentos de ensino no Paraná, a quantidade de possíveis para a prática de atletismo pode acontecer na mesma proporção, assim como o número de praticantes, levando em consideração que todo aluno é um atleta em potencial. O subcampo do atletismo é multifacetário, se pensado apenas nos espaços possíveis de sua prática, mas passa a diminuir sua abrangência quando se evolui com o desenvolvimento da prática. As corridas talvez sejam a prova mais democrática, podendo ser praticadas, mesmo nos níveis mais elevados, nos mesmos locais que amadores o fazem <sup>5</sup> (LASSALE,

---

<sup>5</sup> Faço referência, também, a experiência vivida por mim quando pratiquei o atletismo. De 2004 a 2015, do amadorismo escolar ao atletismo profissional vivido nos Jogos Mundiais de Polícia e Bombeiro, ocorridos na Irlanda do Norte em 2013, treinei nos mesmos locais e menos de 5% dos treinamentos foram efetivamente em pistas oficiais. Claro que, a prova de 5.000m que pratiquei não possuía a especificidade das corridas rasas ou com barreiras.

RECOURS, GRIFFET, 2018; ROJO, CANAN, MORAES, SILVA, 2019). Mas mesmo nas corridas a especificidade de cada prova enseja uma análise particularizada. As corridas rasas exigem o uso de sapatilha, blocos de saída e barreira, implementos que são próprios de pistas de atletismo. Da mesma forma as provas de campo, nos níveis mais elevados do atletismo, exigem locais apropriados para sua prática. O atleta precisa de cuidado para arremessar um peso e lançar um dardo, martelo e disco. De igual forma os saltadores necessitam das caixas de areia, colchonetes e pistas de corrida.

Neste processo o atleta percorre caminhos que o elevam no atletismo e permitem sua entrada em locais de acordo, não só com suas conquistas esportivas, mas seus relacionamentos no subcampo. O *habitus* adquirido, processado e praticado por ele permitirá que utilize as instalações de um clube ou praça pública, que conheça diferentes treinadores ou faça parte de equipes mais ou menos estruturadas em termos de suporte ao atleta. Desta forma, as posições disponíveis para o atleta no subcampo do atletismo variam em dois momentos: apresentação à modalidade (invariavelmente ocorrida na escola) e fase adulta. Uma breve apresentação destas fases indica que a primeira delas compreende a prática da modalidade estando no período escolar sendo necessário, para que o aluno/atleta ocupe uma posição, que desenvolva seu gosto pela modalidade e se disponha a treinar. Esta posição varia, ainda, pela aceitação e incentivo familiar que irão reforçar o gosto do aluno/atleta. Como apontado por Bourdieu o capital cultural e social herdados da família, bem como a constituição familiar são elementos de identificação de um grupo e poderão determinar, por exemplo, as características dos atletas do subcampo do atletismo. Coakley (2015, p. 54) demonstra que:

[...] os membros da família irão definir o quão importante é a participação no esporte para os jovens, assim como a vontade para a dedicação de acordo com o tempo, dinheiro e energia disponíveis pela família para dar suporte as crianças nas diferentes atividades esportivas em diferentes programas.

Na primeira fase se observa uma dimensão escolar de análise (MARCHI JUNIOR, 2015) que relaciona-se com a teoria dos campos de Bourdieu por seu caráter reflexivo, sobre os tipos de práticas da modalidade,

as abordagens do professor e treinador na iniciação esportiva e seus encaminhamentos.

No segundo momento, fase adulta, o atleta já imbuído do compromisso atlético da modalidade, mas agora sem as amarras estudantis (logo com mais tempo livre) e o descompromisso infantil (sustento e construção do alicerce próprio da vida enquanto indivíduo pertencente a sociedade, que precisa trabalhar e buscar sentido e significado), possui algumas as opções de pertencer a uma equipe de atletismo advinda de um clube social e/ou esportivo ou de entidade pública (prefeitura ou estado), principalmente.

Estas duas condicionantes estão relacionadas ao estatuto da CBAAt que obriga o atleta estar vinculado a uma equipe para participar de competições esportivas; a visibilidade do atleta para ter acesso a uma rede de treinadores, assim como possibilidade de patrocinadores; ter subsídios para sustento próprio; acesso a infraestrutura de treinamento e equipe de atletas. O subcampo do atletismo requer que o atleta esteja classificado no ranking nacional brasileiro para ocupar aquelas posições, uma das condicionantes, somado a disponibilidade de um treinador que queira treiná-lo e/ou de um clube que tenha interesse (ambos as fases descritas são exploradas no capítulo 6 por meio das entrevistas dos atletas). Estar classificado no ranking é um resultado objetivo das disputas entre os atletas para ocupar posições no subcampo, estando em questão o capital simbólico mais forte, aquele em que o atleta demonstra maiores possibilidades de ter resultado esportivo e proporcionar “retorno” ao clube e/ou entidade.

Até aqui o subcampo do atletismo faz parte do campo esportivo, se distingue pelo *habitus*, que é o produto do gosto exercido pelos atletas sendo a soma de sua prática e propriedades. “Cada campo é a institucionalização de um ponto de vista nas coisas e *habitus*. O *habitus* específico, imposto aos novos postulantes como um direito de entrada, não é outra coisa senão um modo de pensamento específico” (BOURDIEU, 2001, p. 121). Nesta perspectiva a maneira como atletas enxergam o mundo social do esporte - campo esportivo - é observada por um comportamento e pensamento padronizado – *habitus* – de forma consciente e inconsciente. Quando determinado agente se predispõe a entrar em determinado campo ou subcampo, como no caso do subcampo da modalidade de atletismo, existe

uma aprendizagem de como proceder para adquirir disposições em seu interior, “espécie de sentido do jogo que não tem a necessidade de racionar para se orientar e se situar de maneira racional no espaço.” (BOURDIEU, 2005b, p. 62).

O subcampo do atletismo vive independentemente das pessoas que ocupam as posições em seu interior, como dissemos introdutoriamente, impondo aos postulantes a ocupar suas posições e seguirem determinadas regras. “O poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, a um tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade.” (BOURDIEU, 2005, p. 117) e desta forma aqueles que aspiram ingressar ou que acabam ingressando pouco a pouco, inconscientemente no subcampo do atletismo, o fazem perpetuando no tempo e nas coisas, reforçado pelos agentes e tudo que possa envolver o espaço social, o que é preciso para ser um atleta pertencente ao subcampo do atletismo. Mesmo que um novo atleta queira ingressar olvidando mudar determinadas regras – na tentativa de estabelecer uma alteração no *habitus*, mesmo sem saber que é o *habitus* que se deseja mudar – não possui força e capital necessários e suficientes para obter êxito, assim “Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida quotidiana, não tem outra escolha a não ser a da aceitação (BOURDIEU, 2005, p. 124). Neste processo, quando acaba aceitando e com o tempo passa a ser um dominante, já não pensa mais na mudança e finda perpetuando e se tornando aquele que exerce uma coerção sobre os dominados isolados.

Uma atleta que inicia no atletismo, mesmo que campeão na categoria de sua idade, ainda não consegue se inserir nos grupos de atletas adultos que se encontram a muitos anos vivendo o atletismo. Lhe falta tempo vivido no subcampo para desenvolver os capitais necessários para galgar determinados espaços e privilégios, como pertencer às melhores equipes e ser patrocinado pelas melhores marcas ou empresas. Da mesma forma, ainda que seja o melhor em sua faixa etária, a própria legislação que garante benefícios financeiros, lhe atribui um limite, que só poderá ser atingido com o passar dos anos.

Bourdieu (2011) deixa claro que a leitura da relação entre as posições sociais, suas disposições e a tomada de posição de seus agentes necessitam estar tecnicamente equivalentes, havendo a necessidade de uma relação de homologia. Ainda que tenha discutido (Bourdieu, 2003) os diferentes aspectos para análise entre praticantes de boxe e golfe, por exemplo, leva-se em consideração que o espaço social analisado nesta pesquisa superou um dos princípios de diferenciação estabelecidos por Bourdieu (2011), o capital econômico. Antes da universalização e democratização do esporte, os praticantes de golfe eram aqueles, impreterivelmente, detentores de capital econômico elevado, não havendo a participação de agentes das classes mais abastadas. No entanto, no século XXI, podemos ter um atleta de classe social base, financiado por política pública e privada, inserindo-o no mesmo campo de disputa, diminuindo o espaço físico e aproximando o espaço social.

Algumas modalidades, no entanto, se afastam desta teoria haja visto o *habitus* do seu subcampo, como bem observa Wacquant (2002) ao analisar o pugilismo nos Estados Unidos e clarificar que neste caso o atleta advém de classes sociais e regiões menos favorecidas, os guetos, de tal forma que o capital econômico não é fundamental para ingresso no subcampo em questão, mas toma outra forma no decorrer das disputas. Tal fato é confirmado por Leila (2017) ao realizar análise similar em atletas lutadoras do Brasil, constatando ainda que não só tem pouca importância o capital econômico do atleta no campo - mas sim o que do atleta pode se transformar em capital econômico -, como é transferido para as disputas do campo esportivo como forma de consumo do esporte, um alerta realizado por Bourdieu (2003). De acordo com o autor trata-se de “um produto complexo da relação entre uma competência e um mercado, produto que não existe fora desta relação; é uma *competência em situação*, uma competência para um mercado particular” (BOURDIEU, 2003, p. 136). O autor complementa apontando que o corpo, a ferramenta de um atleta no campo esportivo, torna-se um capital em destaque, o capital corporal (BOURDIEU, 2015).

Uma das dimensões de análise do esporte, a estética, (MARCHI JUNIOR, ALMEIDA, SOUZA, 2019, p. 88) está “atrelada ao contexto da saúde”. Em uma análise do subcampo do atletismo, a dimensão estética pode ser entendida como a supremacia do corpo como ferramenta de rendimento

esportivo, para qualquer prova. Isto porque o atletismo, sendo o esporte de maior presença na história das competições, necessita elevá-lo a patamares distantes ao praticante comum. Esta dimensão se aproxima do fator 'prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva' apontado por Houlihan e Green, na medida em que proporcionar ao atleta ferramentas auxiliares de rendimento esportivo reafirma a visão estética do próprio corpo como elemento fundamental para seus resultados, por óbvio, haja visto que não há implementos (com exceção do salto com vara) neste jogo, somente o corpo e a mente. O capital corporal do atleta soma-se ao capital simbólico, permitindo que barganhe por posições no subcampo e se defronte com relações de poder para disputar tais espaços.

Tais competências, projetadas na trajetória do atleta de atletismo, são recebidas de formas diferentes em cada momento do processo, iniciando pela fase escolar aonde o rendimento da criança e jovem atleta tem peso, principalmente, para o sistema de ensino e as competições como os jogos escolares (em suas diferentes etapas: regional, estadual, nacional, sul-americano e mundial), sendo observados pelo campo político e jornalístico em sua passagem para a segunda fase. A transição entre a saída do escolar e a entrada na fase adulta, que é um período de prova do atleta perante os clubes, técnicos e patrocinadores, em que se ratifica seu *habitus* e capital simbólico no subcampo, marca de maneira mais incisiva sua posição, período em que o atleta estabelece as relações no subcampo e desenvolve seu capital simbólico a um nível marcadamente pelo esporte enquanto ofício, fase em que o atleta "encarnou de modo duradouro no corpo sob a forma de disposições permanentes." (BOURDIEU, 2003, p. 140) realizando o ajustamento ao subcampo, findando com uma terceira fase do ápice e transição de carreira, aonde o atleta atinge as melhores marcas de sua prova, participa das competições mais importantes e tem o período de maior rentabilidade pessoal e para o subcampo do atletismo, pois consegue proporcionar, em razão do valor de seu capital simbólico, os ganhos inerentes as disputas e barganhas do subcampo do atletismo.

No subcampo do atletismo, especificamente, pela democratização dos locais possíveis de prática, desde as unidades educacionais até a fase adulta, o capital econômico denota indícios de não ser uma das chaves de

ingresso no subcampo, como aponta Caregnato (2018) ao demonstrar que atletas de atletismo são de origens menos privilegiadas social e financeiramente – confirmação obtida por meio dos relatos dos atletas e exploradas no capítulo 6.

Nestes termos Bourdieu (2011, p. 17) afirma que “o tênis e o golfe já não são, atualmente, tão exclusivamente associados às posições dominantes como eram antigamente” e assim assumimos que o mesmo pode ser aplicado a outras modalidades esportivas como no caso do atletismo. No interior dos campos as relações existentes como parte das disputas pelos bens ocorrem com a utilização de “recursos” ou bens sociais denominados por Bourdieu de capitais. Cada campo, *habitus* e suas respectivas posições exigem, em maior ou menor grau, determinados capitais que são mais ou menos importantes para o grupo e permanência no posto.

Por meio das estruturas para treinamento da modalidade de atletismo no Brasil que foram levantadas no capítulo 4, somadas ao enunciado dos conceitos sociológicos da teoria dos campos, podemos inferir de maneira sutil, que apesar de poucos locais oficiais para a prática da modalidade, principalmente no estado do Paraná, assim como o número de praticantes, os capitais econômico e cultural do atleta não são imprescindíveis para entrada no subcampo do atletismo.

Apropriando-se desta ideia, Lassale, Recours e Griffet (2018) apontam que a corrida é democrática, acessível e uma atividade universal, de igual forma Rojo *et al.* (2017) demonstraram que as corridas de rua no Brasil, uma das provas do atletismo olímpico, cresceram exponencialmente nos últimos anos pela forma democrática e de fácil acesso neste espaço social do esporte. Neste contexto, trazendo à tona o capital social como distintivo de classes, percebemos que, ao menos nas provas de rua, não denota ser um *habitus* do atleta de atletismo estar associado às classes mais elevadas, como observou Marchi Junior (2004) nos primórdios do voleibol quando eram associados às posições nos clubes sociais.

Avançando um pouco mais na modalidade de atletismo, juntamente com a análise de constituição do subcampo, temos que o referido esporte é composto de provas que ocorrem em três locais diferentes, conforme especificações pelo órgão internacional (IAAF, 2017). Às realizadas em pista

necessitam do atleta, principalmente, calçado específico para a disputa como sapatilhas com travas e tênis, blocos de saída para as provas de velocidade e barreiras. São elas: 100m, 200m, 400m, 800m, 1500m, 3000m com obstáculo, 5000m, 10000m, 100m com barreira, 110m com barreira, 400m com barreira, revezamento 4x100m e revezamento 4x400m.

As provas ditas de campo ocorrem internamente à pista sendo composta pelas provas de lançamento de dardo, lançamento de disco, lançamento de martelo, arremesso de peso, salto em altura, salto em distância, salto com vara e salto triplo. Para estas provas o atleta também necessita de calçados próprios como sapatilhas com travas, além dos implementos peso, dardo, disco, martelo, vara, colchonetes, caixa de areia, traves e varão para salto. Por fim as provas ditas de rua são: maratona e marcha atlética.

A multiplicidade de provas existentes na modalidade de atletismo demonstra a especificidade de especialização que cada atleta deve possuir para ter desempenho, além dos locais e materiais próprios de que necessita para praticá-los, pensando na ascensão à olimpíada. Neste ponto destacamos que o atleta, ao projetar-se numa competição olímpica, passa a construir subjetivamente disposições mentais para fazer parte do subcampo que o levará a cumprir tal objetivo, logo desenhando objetivamente sua trajetória pelos comportamentos que exprimirá ao disputar determinados espaços nele. Na dimensão espetáculo (MARCHI JUNIOR, 2015) proporcionado pelo esporte, que se relaciona ao subcampo do atletismo, aos quatro fatores apontados por Houlihan e Green e ao capital simbólico do atleta de atletismo e sua plasticidade na transformação em capital econômico no campo esportivo. Como aponta Marchi Júnior (2015, p. 59) o atleta como “produtos a serem comercializado [...] em conformidade com seu potencial de retorno.” faz o subcampo do atletismo se movimentar em todos os aspectos, como na construção de instalações de elite, nos sistemas hierarquizados de competições, nos subsídios que possibilitam o atleta treinar em tempo integral, pelos ganhos dos veículos midiáticos, *sponsors*, clubes, treinadores, enfim o espetáculo proporcionado pelo atletismo se comunica diretamente com o fator econômico, como afirma o autor. O subcampo do atletismo está ligado diretamente às entidades que a promovem e que por sua vez

engendram as disputas pelas posições, culminando com a lógica do consumo desta modalidade por meio do atleta.

Parece ser evidente que só o desejo de querer estar ou competir em uma olimpíada não prenda o atleta em determinada posição no subcampo ou teoricamente “somente é possível segurar alguém duravelmente na medida em que ele está enredado no jogo e que se possa, de algum modo, contar com a cumplicidade de suas disposições” (BOURDIEU, 2001, p. 282) o que nos remete ao sistema de barganha entre campos, plasticidade, daqueles que esperam de determinado agente algo com uma promessa em troca. Souza (2011) relembra que no campo esportivo, do qual o subcampo do atletismo faz parte, está constituído um mercado esportivo que é potencializado pelo e nos eventos ditos de “ponta”, tal qual uma Olimpíada. Desta forma, possíveis projeções do atleta de grafar seu nome na história do esporte, participar da olimpíada ou ganhar uma medalha podem estar contaminadas ou travestidas pelas promessas de um campo político ou econômico que pretende, com a visibilidade do atleta, auferir seus próprios ganhos, como os relativos à divulgação de mídias esportivas (SILVA, 2015), de caráter político (STAREPRAVO, 2011; STAREPRAVO, MARCHI JUNIOR, 2015a,b) ou pelo setor privado (CORREIA, 2014).

O atletismo está presente nas várias fases da vida, infantil ao adulto, nos estabelecimentos de ensino, clubes, entidades estatais, espaços públicos e privados. Para complementar a análise do subcampo do atletismo abordo cinco dimensões do esporte, visando uma melhor compreensão da modalidade. Para Marchi Júnior (2015) e Marchi Júnior, Almeida e Souza (2019) o modelo analítico dos 5 “E” apresenta algumas características do esporte inseparáveis de uma análise para o campo do esporte. A dimensão que diz respeito sobre emoção, produto da emoção e excitação causadas pela prática esportiva, seja pelo estímulo à desafios ou riscos desta prática. No atletismo se observa que seu caráter individual concentra no atleta toda a carga emotiva, decorrente principalmente com a participação em competições, o ápice de uma trajetória de treinamentos aonde se coloca à prova e perante competidores, treinadores e expectadores o resultado. Como será abordado no capítulo 6, o gosto de sentir tais emoções em competições é um dos gostos dos atletas de atletismo, motivação pelo início e continuidade

com a prática esportiva, além das emoções sentidas ao longo dos treinamentos pelas incertezas de se obter índices, garantir patrocínios e bolsas esportivas. A trajetória do atleta de atletismo é carregada de emoção.

Já a dimensão apontada por Marchi Júnior (2015) que diz respeito a ética, referenciada para as regras e princípios de conduta no esporte. No atletismo, assim como outros esportes eminentemente individuais, aonde um único centímetro ou milésimo de segundo pode lhe posicionar em primeiro ou último colocado em uma prova, o esforço de treinamentos incontáveis posto à prova em um único momento, sem segundas chances, somados a constituição do capital destes agentes e sua posição social de origem popular, levam ao consentimento de que os atletas deste esporte, ao menos durante a competição, manifestam ética ao atleta concorrente e ao conjunto de elementos presentes durante as competições. Digo 'na competição' pois os bastidores dos treinamentos revelam subterfúgios, como o *doping*, utilizados para se fazerem campeões ante a qualquer preço, levantando questionamentos sobre a verdadeira ética do esporte (COAKLEY, 2015).

Na tentativa de projetar os interesses do produto final dos agentes de campos diversos pelo atleta olímpico, retornamos às questões desta tese que importam discutir e descobrir, fatores identificados por Houlihan e Grenn (2005) como preditores de sucesso esportivo. Se em uma das pontas temos a constituição de um atleta olímpico oriundo do estado do Paraná e do outro a derrocada de seu objetivo em ser convocado para uma olimpíada, é na trajetória entre as duas pontas que auspicamos deslindar as disposições e posições assumidas pelos atletas selecionados, expondo as disputas ocorridas com a utilização de capitais e fortalecimento de um *habitus* para compreender a preponderância do desenvolvimento de instalações de elite, o suporte para atletas em tempo integral, a prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva e uma hierarquia de oportunidades de competição centrada na preparação para evento internacional como fatores que os levaram a conquistar uma vaga olímpica.

## 5.1 SISTEMA E LEGISLAÇÃO ESPORTIVA

Para falarmos sobre o atletismo no Brasil apresentaremos a hierarquização das principais entidades responsáveis pela modalidade, nível de subordinação entre elas e as competências dentro do processo olímpico, aludindo à presente pesquisa, bem como as principais legislações brasileiras que regem o esporte.

A maior entidade representativa do atletismo é a *International Association of Athletics Federation* (IAAF), fundada ao final dos jogos olímpicos ocorridos na Suécia em 1912. Em sua constituição a IAAF tem como objetivos principais atuar sobre o atletismo no mundo por meio de valores éticos no campo educacional, estilo de vida e sua promoção, promovendo a participação na modalidade de pessoas em todos os níveis, sexo e raça, além de regular a atuação do atletismo por meio de regras que incidem sobre as confederações e federações disseminando informações técnicas, médicas, estatísticas e outras informações sobre o atletismo (IAAF, 2017).

A IAAF, bem como seus membros, tem o dever de se filiar ao Comitê Olímpico Internacional (COI) cumprindo com os objetivos da entidade quanto ao movimento olímpico, sendo responsável pela modalidade no decorrer dos Jogos Olímpicos e em seu processo de execução e organização.

Subordinadas as suas regras estão os membros signatários de 214 países que constituem suas confederações. No Brasil a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) foi fundada em 1977 passando a funcionar efetivamente em 1979 (CBAT, 2019a). É filiada e segue as diretrizes emanadas da IAAF, Associação Mundial de Ultramaratonas (IAU), Confederação Sul-Americana de Atletismo (CONSUDATLE), Associação Ibero-Americana de Atletismo (AIA) e ao Comitê Olímpico do Brasil (COB) (CBAT, 2019b).

As orientações emanadas pela CBAt seguem o estatuto da IAAF e são a base para as atividades das Entidades Regionais de Administração de Atletismo ou Federações em nível estadual, sendo a única no país que dirige o atletismo em todas as suas modalidades. Todas as entidades citadas são de fins não econômicos e não lucrativos, no entanto representam o atletismo, cada uma em sua esfera, junto ao poder público. Além de pautar suas

atividades por meio das orientações da IAAF a CBAAt é norteadada pela legislação brasileira, bem como pelo Comitê Olímpico Brasileiro. Das Federações filiadas à CBAAt, a de Atletismo Paranaense (FAP) foi fundada em 1932 tornando-se Federação somente em 1987 (FAP, 2019).

Antes de ter sido estruturada a administração do atletismo como descrevemos, o Comitê Olímpico Internacional (COI) foi fundado dois anos antes da primeira olimpíada moderna em 1894. O COI atua principalmente sobre o Movimento Olímpico e o Olimpismo, constituindo orientações no campo ético e moral do esporte (COI, 2019), formando uma tríade juntamente com os Comitês Olímpicos Nacionais e as Federações Esportivas Internacionais, neste caso o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e a Federação Internacional de Atletismo (IAAF).

As entidades descritas compõem o que definimos nesta pesquisa como aquelas responsáveis pelo balizamento teórico e técnico da modalidade, e a partir desta estrutura agrega-se as entidades que efetivamente proporcionam ou promovem a prática de atletismo por atletas em todos os níveis da modalidade, profissional ou não, educacional ou de rendimento, as quais elencamos: academia, agremiação, associação, centros de treinamento e universitário, clube, colégio, corporação, escola, colégio, faculdade, fundação e instituto (INTELIGÊNCIA ESPORTIVA, 2019). Esta composição de grupos é importante uma vez que, a partir do olhar para os sistemas de competições, é necessário que o atleta pertença a uma equipe e esta equipe seja filiada a sua federação e confederação, respectivamente. As entidades pertencentes ao atletismo estão representadas pelo esquema a seguir.

## ORGANOGRAMA DAS ENTIDADES REPRESENTATIVAS DO ATLETISMO

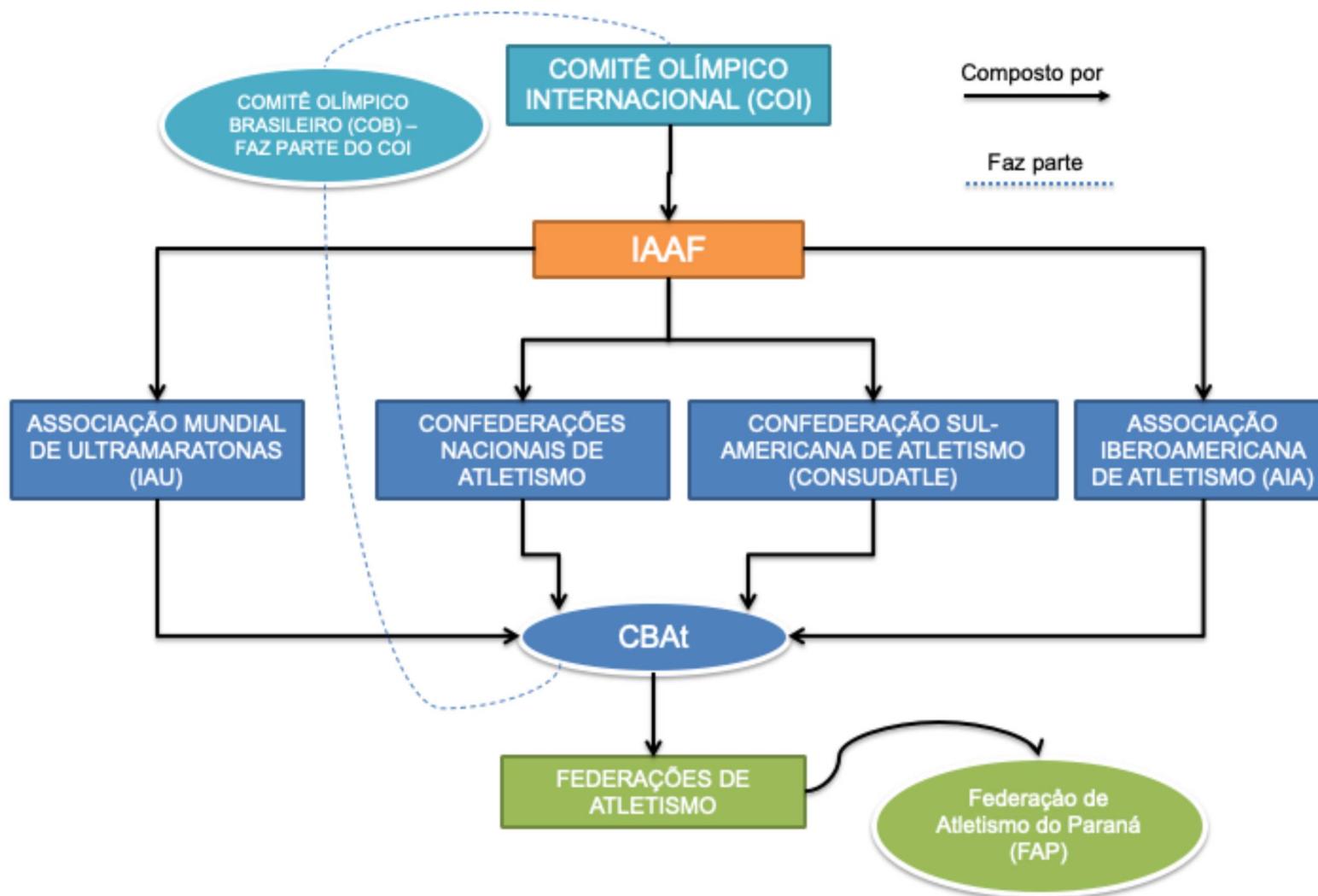


Figura 2. Organograma das entidades representativas do atletismo. Criado pelo autor, 2019.

O estatuto da CBAAt estabelece que ela detém a direção do atletismo brasileiro e estabelece que as competições promovidas pela entidade e suas filiadas devem seguir suas regras. Dentre os critérios de participação nas competições está o da entidade filiar-se à federação, com exceção dos atletas que participam dos jogos escolares que necessitam apenas estar matriculado em uma instituição de ensino. Desta forma um atleta que queira participar de qualquer competição, seja a nível escolar ou mundial, deve estar inscrito em uma equipe e esta, por sua vez, cadastrada na federação ou confederação.

A análise inicial da estrutura do atletismo brasileiro registra o Comitê Brasileiro de Clubes (CBC) como peça chave, atuando desde os anos 90, por representar os clubes esportivos brasileiros, fomentar o esporte e principalmente poder participar de editais públicos que financiam a compra de equipamentos e materiais esportivos, remuneração de técnicos, assim como a participação de equipes em competições esportivas (CBC, 2019).

O CBC integra o Sistema Nacional de Esporte (SNE) que é um órgão colegiado, vinculado ao Ministério do Esporte, partícipe do Sistema Brasileiro de Desporto (SBD), e tem por objetivo buscar o desenvolvimento do esporte brasileiro (BRASIL, 2019). Sua representatividade passou a ser importante no processo de desenvolvimento do esporte em razão do encontro entre os interesses público e privado, intermediados pela legislação brasileira.

O esporte brasileiro passou a ser regulado e organizado em 1998 (BRASIL, 1998) por uma legislação federal que criou o Sistema Nacional do Desporto (SND) e o Sistema Brasileiro do Desporto (SBD). No ano de 2001 a Secretaria Nacional do Esporte passou a ter recursos advindos das loterias federais por meio da lei Agnelo/Piva (BRASIL, 2001), acrescidos em 2003 de outros percentuais (BRASIL, 2003), destinados inicialmente para o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), quando em 2011 o Comitê Brasileiro de Clubes foi incluído na partilha dos recursos ao lado dos outros dois comitês (BRASIL, 2011; CAETANO, 2020). De acordo com a legislação citada, o Conselho Nacional do Desporto (CNE), criado em 2002, é um colegiado responsável por elaborar o Plano Nacional do Desporto (PND) e propor prioridade no plano de aplicação dos recursos do Ministério do Esporte, incorporado ao Ministério da Cidadania e tornado Secretaria Especial do Esporte em 2019.

## LEGISLAÇÃO ESPORTIVA BRASILEIRA E SUBSIDIOS PUBLICOS

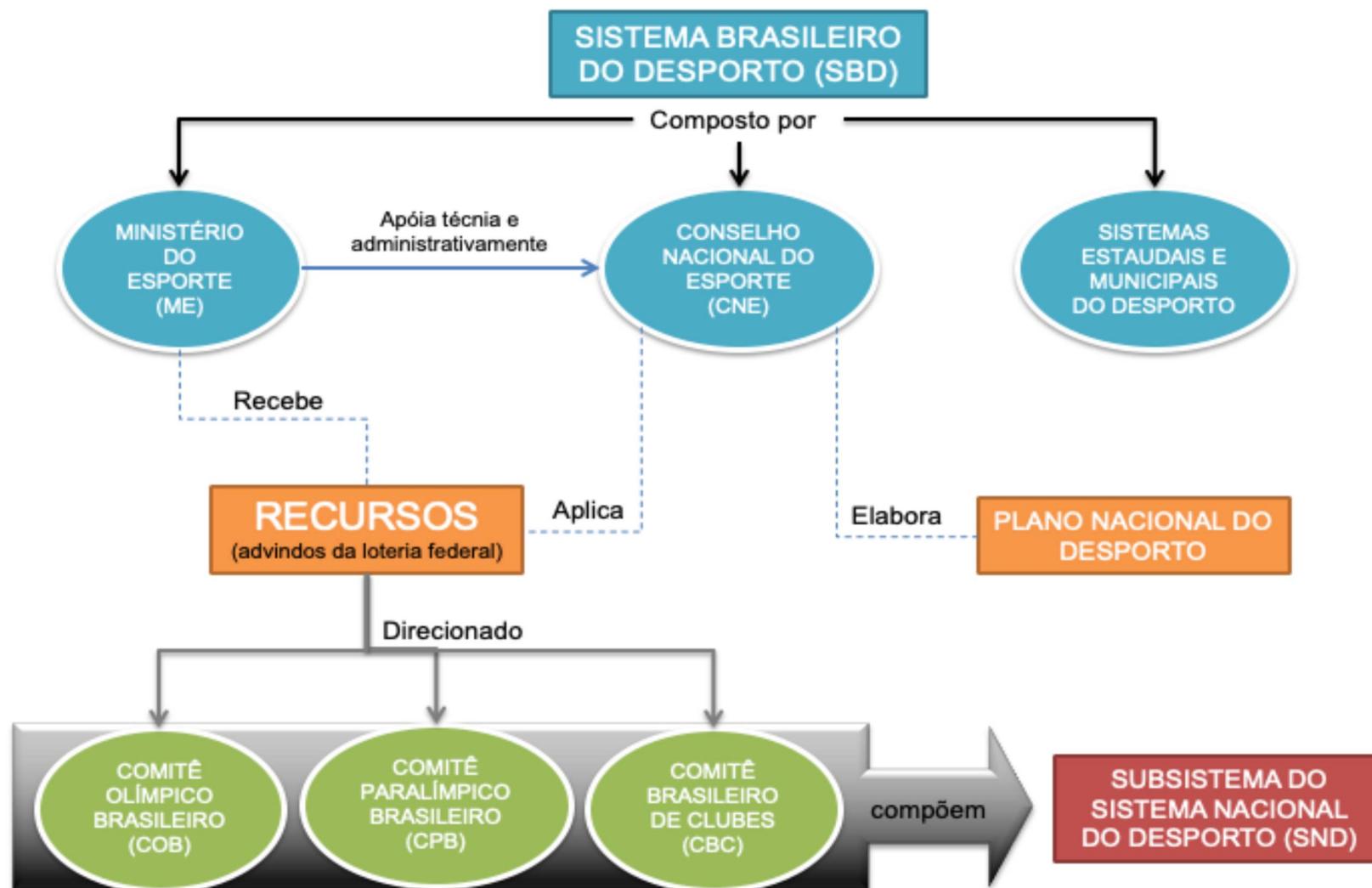


Figura 3. Organograma dos sistemas criados pela legislação brasileira sobre o esporte e a destinação de recursos públicos. Criado pelo autor, 2019.

A legislação brasileira ainda prevê outros mecanismos de captação de recursos como a lei de incentivo ao esporte (BRASIL, 2006) que permite que pessoas físicas e jurídicas destinem parte do imposto de renda para incentivo ao esporte, assim como indiretamente permitindo que equipamentos esportivos sejam adquiridos com imposto tributável reduzido (BRASIL, 2002).

O apanhado sobre a legislação, principais sistemas e entidades representativas do esporte brasileiro norteará as discussões sobre o subcampo do atletismo brasileiro nos capítulos seguintes, pois o atleta é um dos agentes que percorre algumas daquelas instâncias e de maneira recíproca elas são organizadas e movimentadas em razão do atleta. É nas instituições de ensino, principalmente, que os atletas iniciam a prática esportiva, passando pelos clubes e entidades públicas - prefeituras -, que por sua vez se comunicam com seus representantes, como é o caso do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC), e estes com os representantes do governo brasileiro que legislam e organizam o esporte.

Em síntese verificamos que o atleta é o alicerce da gestão realizada pelos conglomerados sociais, públicos e privados, que pensam o esporte e dada sua importância nesse sistema ratificamos a escolha metodológica de ouvir a trajetória deles para discutir os aspectos sociológicos já elencados.

## 5.2 ATLETISMO EM NUMEROS

Neste tópico apresentaremos o que o atletismo no Brasil, principalmente no Paraná, possui de instalações e infraestrutura como: instituições promotoras do atletismo no Brasil, federações e atletas. Levando em consideração que selecionamos atletas participantes das olimpíadas dos anos de 2004, 2008, 2012 e 2016 e que um ciclo olímpico possui quatro anos, os dados contaram a partir do ano 2000, um ciclo olímpico antes da edição de Atenas/Grécia.

A Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) foi fundada na década de 70 e registra 26 federações estaduais mais uma no distrito federal. De acordo com a CBAt todos os 26 Estados e Distrito Federal possuem sua federação de atletismo, no entanto boa parte delas não possui informação sobre suas atividades e histórico. As federações que não possuíam um

histórico exato de suas atividades contavam com notícias e resultados esportivos de pelo menos da década de 90.

<b>FEDERACOES DE ATLETISMO NO BRASIL</b>	
<b>FEDERAÇÃO</b>	<b>FUNDAÇÃO</b>
ACRE	1989
ALAGOAS	1985
AMAZONAS	-
AMAPÁ	-
BAHIA	-
CEARÁ	1972
DISTRITO FEDERAL	2006
ESPÍRITO SANTO	-
GOIÁS	1979
MARANHÃO	-
MINAS GERAIS	1937
MATO GROSSO DO SUL	1980
MATO GROSSO	-
PARÁ	-
PARAÍBA	1978
PERNAMBUCO	1979
PIAUI	-
PARANÁ	1932
RIO DE JANEIRO	1938
RIO GRANDE DO NORTE	1918
RONDÔNIA	-
RORAIMA	-
RIO GRANDE DO SUL	1925
SANTA CATARINA	1978
SEGIPE	-
SÃO PAULO	1924
TOCANTIS	-

Tabela 5. Federações de atletismo do Brasil. Sistematizado pelo autor. 2019.

O atletismo no Paraná começou a ser estruturado e organizado com a fundação da Liga Atlética Paranaense em 1932, responsável não só pelo atletismo, inicialmente, mas por outros esportes como basquetebol, vôlei e handebol. A primeira competição, sediada na capital, foi realizada no mesmo ano de fundação, seguida por uma competição interestadual meses após (PILATTI, 2008), colocando o Paraná em destaque nas competições futuras atrás de São Paulo e Rio de Janeiro (PILLATTI, 2000). Cada uma das

federações carrega sua história e objetivos em promover a modalidade em seus estados de tal forma que a partir da década de 90 as federações estavam minimamente estruturadas e vinculadas a CBAAt.

Esta sistematização das entidades representativas da modalidade de atletismo foi importante no Brasil para que pudesse ser difundido os calendários de competições e vinculação futura com projetos de expansão da modalidade com a construção de locais para treinamento. No ano de 2007 o Governo Federal criou uma lei instituindo o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) que passou a destinar recursos financeiros para desenvolvimento da infraestrutura brasileira (BRASIL, 2007) e em 2011, em sua segunda fase “PAC 2”, especificamente para centros de treinamento esportivo e compra de materiais.

De acordo com a Secretaria Especial do Esporte (BRASIL, 2019) o “PAC 2” previu a construção e recuperação de 47 pistas de atletismo em 39 cidades, sendo que 18 delas haviam sido entregues até 2016. O centro de iniciação esportiva previsto para Cascavel/PR até 2019 não havia sido entregue, com previsão para 2016, sendo a maior obra para o atletismo no Paraná (CAREGNATO, 2018; CAREGNATO, ORDONHES, CAVICHIOLLI, 2018). Antes da construção destes grandes centros de treinamento o Paraná possuía algumas poucas pistas de atletismo no estado com demarcações oficiais como a Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Paraná em Curitiba (década de 80), Complexo Esportivo Pinheirão em Curitiba (1997), Universidade Positivo em Curitiba (início dos anos 2000), Colégio Estadual do Paraná em Curitiba (2006), Estádio Regional Willie Davids em Maringá (2008), Universidade Federal do Paraná em Curitiba (2017) e Universidade Estadual de Londrina (2018). Destas a PUC, que teve a primeira pista de atletismo do país (ROGÉRIO, CESAR, 2013) foi demolida em 2010 e a do Complexo Pinheirão ficou interditada a partir de 2007 (UOL, 2007) sendo deteriorada e abandonada desde então (RPC, 2015).

O Paraná ainda possui outras pistas não oficializadas, com medida de 400m, como a da Universidade Estadual de Maringá, que recebeu o tartan em 1998, com oito raias, e possui projeto de atletismo – da iniciação esportiva até o profissional, mantido pela prefeitura e associação local -, e pistas de terra nos municípios de Paranavaí, Campo Mourão, São José dos Pinhais,

Medianeira, Foz do Iguaçu, Cianorte, Apucarana, Marechal Candido Rondon, Toledo, Entre Rios do Oeste, Palotina, Umuarama (200m) e Ponta Grossa (concreto) (FAP, 2019)<sup>6</sup>.

Com este panorama os locais para treinamento da modalidade de atletismo, levando em consideração pistas oficiais ou com material oficial, e realização de competições eram restritas no Estado do Paraná uma vez que a PUC e Universidade Positivo são instituições privadas, Colégio Estadual do Paraná, Universidades de Londrina e Federal do Paraná apesar de públicas possuem restrições de ordem administrativa, restando a pista do Estádio Willie Davids em Maringá que é administrada pelo município e do Complexo Esportivo Pinheirão que, até quando pode ser utilizado, era administrado pela Federação Paranaense de Futebol. Analisando a perspectiva de um atleta de atletismo no estado na década de 90 e início dos anos 2000, havia apenas duas possibilidades caso vivesse na capital, do contrário não havia estrutura oficial, mas como apontado muitas pistas de atletismo estão distribuídas por diversos municípios.

Como apresentado por Caregnato (2018), no Brasil a distribuição de centros de treinamento de atletismo concentra 11 deles em São Paulo, 8 no Rio de Janeiro, 4 em Minas Gerais, 3 no Paraná, 3 no Ceará, 2 no Amapá, Santa Catarina, Pernambuco, Rio Grande do Sul e 1 no Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba e Amazonas, totalizando 41 centros, muitos deles construídos nos últimos anos em razão do PAC 2. Alguns destes centros não foram construídos propriamente como centros, mas trazidos pela CBA e COB, em parceria, para constituírem locais de treinamento para atletas. Os apontamentos de Caregnato, Ordonhes e Cavichioli (2018) apontam a inexistência de centros de treinamentos específicos para jovens.

Cerca de 37% das estruturas físicas do atletismo e 53,1% dos atletas estão concentrados na região sudeste do país (CAREGNATO, 2018) decorrente, principalmente, dos clubes esportivos e estabelecimentos de ensino que se encontram naquelas regiões. Das instalações existentes a

---

<sup>6</sup> Algumas pistas de atletismo citadas não constam na página da Federação de Atletismo do Paraná. Como sou Policial Militar e desenvolvi atividades profissionais em inúmeros municípios do estado, tendo sido atleta de atletismo, conheci algumas delas.

maioria encontra-se nas universidades públicas, prefeituras e centros nacionais de treinamentos (CAREGNATO, ORDONHES, CAVICHIOLLI, 2018). Apesar da especificidade da modalidade de atletismo, é possível que sua prática ocorra em qualquer espaço, assim, como exemplo, citamos a capital Curitiba que apresenta dezenas de parques e praças públicas e o próprio estado do Paraná que possui mais de 2mil estabelecimentos estaduais<sup>7</sup> de ensino, distribuídos nos 399 municípios, que podem oferecer alguma estrutura para a prática do atletismo.<sup>8</sup> Como apontam Costa, Caregnato, López-Gil e Cavichiolli (2021, NO PRELO) os técnicos e professores são os primeiros agentes responsáveis pelo primeiro contato da criança com o atletismo, desempenhando papel fundamental na detecção, e formação de atletas.

No que diz respeito ao número de atletas da modalidade no Brasil não existem informações concretas. Tanto a confederação (CBAT, 2019a) como as federações de atletismo que poderiam conter o número e registro de atletas<sup>9</sup> não o fazem (CAREGNATO, 2018), porém o Comitê Olímpico Brasileiro (COB, 2020) informa que a CBAt representa cerca de 500 clubes, 50 mil atletas e 840 treinadores federados. Esta informação traria um dado importante de como e onde estão distribuídos os atletas pelas mais de 5 mil cidades existentes no Brasil e com base nelas definir, por exemplo, os melhores locais para construção de estruturas para treinamento ou promoção de competições esportivas.

No Estados Unidos, por exemplo, as medalhas conquistadas pelos Estados Unidos nas competições de natação têm sido relacionadas com o número de atletas existentes no país. Em 2015 eram 330 mil atletas registrados na confederação de natação (G1, 2015), muitos deles membros

---

<sup>7</sup> Dados da Secretaria Estadual de educação do Paraná. Disponível em <http://www4.pr.gov.br/escolas/numeros/>. Acesso de 30 jul. 2020.

<sup>8</sup> Na rede pública de ensino do Paraná, para o ano de 2004 o número de professores de educação física<sup>8</sup> era de 3725, já para 2016 eram 5346, recurso humano indispensável para o desenvolvimento não só do atletismo, como do esporte às crianças e adolescentes. Para os mesmos anos, Curitiba, por exemplo, detinha na rede municipal de ensino pública, 564 e 708<sup>8</sup> professores de educação física, respectivamente. Em ambas as redes de ensino, quase a totalidade dos professores desenvolviam suas atividades em contratos (concurso ou processo seletivo simplificado/PSS) com 20 horas aula por semana.

<sup>9</sup> Pesquisa realizada em 30 de julho de 2020 nos sítios <http://www.cbat.org.br/novo/> e <https://www.atletismofap.org>.

da Associação Atlética Universitária Nacional (NCAA), a maior associação esportiva do país, que possuía em 2017 cerca de 460 mil atletas registrados (NCAA, 2017).

No atletismo os números são ainda maiores aonde mais de 1 milhão de estudantes foram registrados como participantes pela Federação Nacional das Associações Escolares nos Estados Unidos em competições de atletismo (GEER, 2018). A ausência deste registro no Brasil dificulta não só as perspectivas de propagação da modalidade, difusão de competições, desenvolvimento e construção de estrutura, como também identificar e estruturar uma Rede Nacional de Treinamento (RNT).

No Brasil a Rede Nacional de Treinamento (RNT) tem sido estruturada buscando identificar os locais onde se encontram os atletas de diversas modalidades para estruturar o esporte de maneira mais eficiente (BRASIL, 2011b). A partir do ranking disponibilizado pelas confederações têm-se buscado alcançar, ao menos, os atletas que se encontram em estado competitivo, uma vez que é necessário estar credenciado em uma equipe e conseqüentemente na federação esportiva para constar no ranking. Desta forma foi possível identificar 4203 atletas presentes no ranking da modalidade entre os anos de 2013 a 2016 (CAREGNATO, 2018). Outra estratégia seria buscar por meio das políticas públicas de incentivo ao esporte no nível municipal, o que demandaria um trabalho grande tendo em vista o número de municípios existentes no Brasil, sem contar o fato de que seria necessário conhecer quais deles promovem tais políticas.

Na capital paranaense, por exemplo, a política pública de incentivo ao esporte existe desde o ano de 2002, possibilitando que qualquer pessoa, em qualquer nível esportivo, possa receber um benefício financeiro (SENTONE, 2016). A ajuda disponibilizada pelo município de Curitiba auxilia desde aqueles no nível escolar até o nível olímpico, tendo de 2002 a 2015 beneficiado 106 atletas diferentes da modalidade de atletismo, um número pequeno de atletas identificados que disputam a modalidade considerando uma capital com quase 2 milhões de habitantes<sup>10</sup>. Comprovada ou não, a

---

<sup>10</sup> Dados de acordo com censo estimado para o ano de 2018 pelo IBGE. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/panorama>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

relação entre número de atletas praticantes da modalidade de atletismo e as medalhas auferidas em uma olimpíada são expressivas. Nas olimpíadas do Rio 2016 o Brasil conquistou uma medalha de ouro contra 32 dos Estados Unidos, por exemplo, de um total de 141 medalhas distribuídas na modalidade<sup>11</sup>.

Ainda sobre a Rede Nacional de Treinamento (RNT), uma outra fonte de identificação de atletas de atletismo e possíveis centros de treinamento e desenvolvimento de atletas, está ligada aos clubes formadores. O Comitê Brasileiro de Clubes (CBC) tem papel importante neste processo, principalmente depois que passou a receber recursos do governo federal e efetivamente possibilitou que o esporte fosse desenvolvido em Curitiba/PR como aponta Caetano (2020), por exemplo. De acordo com o CBC (2020) existem cadastrados 94 clubes que participam da política de formação de atletas no Brasil, dos quais 11 estão no Paraná<sup>12</sup>, nem todos incentivadores do atletismo. Ainda que não sejam muitos clubes para o estado do Paraná, leva-se em consideração outros clubes, associações e repartições privadas que possam a desenvolver o atletismo em suas cidades, mas que não façam parte do CBC.

Desta forma, com centros de treinamento para a modalidade de atletismo concentrados, principalmente, na região sudeste, poucas delas existentes no estado do Paraná e a impossibilidade de identificar atletas e treinadores em todos os níveis, o atletismo brasileiro apresenta uma infraestrutura ainda não estruturada. Existe legislação para o desenvolvimento do atletismo no Brasil, mas a organização dos agentes que fazem parte do subcampo do atletismo – atleta, treinador, gestor – não é identificável.

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://www.olympic.org/olympic-games>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

<sup>12</sup> Clubes formadores de atletas cadastrados no Comitê Brasileiro de Clubes em 2020: Sociedade Thalia, Sociedade Morgenau, Santa Monica Clube de Campo, Instituto Paranaense de Esportes e Cultura, Clube Curitibano, Clube de caça e pesca do Paraná, Clube de Regatas Curitiba, Clube Duque de Caxias, Círculo Militar do Paraná, Associação dos Servidores Municipais de Campo Mourão – ASSERCAM e Associação Basquetebol Arte de Pato Branco.

## 6. ATLETAS PARANAENSES OLÍMPICOS DE ATLETISMO

Neste capítulo será apresentado as informações obtidas por meio das entrevistas, estando divididas em três grupos (conforme descrito no subcapítulo 4.6), sendo o primeiro grupo de categorias (6.1 a 6.5) com identificação, caracterização e trajetória esportiva dos atletas, o segundo grupo (6.6 a 6.9) abrangendo especificamente os quatro fatores apontados por Houlihan e Green e o terceiro grupo (6.10) com uma análise de novas possibilidades e olhares para a trajetória olímpica dos atletas paranaenses de atletismo.

O presente capítulo visa responder o terceiro objetivo específico desta pesquisa de **explicar como os atletas paranaenses olímpicos da modalidade de atletismo desenvolvem seus capitais no subcampo do atletismo, internalizam e se apropriam do *habitus* daquele subcampo, para terem acesso aos quatro temas apontados por Houlihan e Grenn como preditores do sucesso esportivo.**

Com a identificação dos atletas brasileiros que participaram das edições olímpicas de 2004, 2008, 2012 e 2016 chegou-se ao número de atletas conforme tabela a seguir:

<b>ATLETAS BRASILEIROS E PARANAENSES DE ATLETISMO NAS OLIMPIADAS DE 2004, 2008, 2012 E 2016</b>				
<b>País sede da Olimpíada</b>	<b>Ano</b>	<b>Seleção Brasileira</b>	<b>Atletas Paranaenses</b>	<b>Atletismo</b>
<b>BRASIL</b>	2016	462	29	6
<b>LONDRES</b>	2012	259	19	2
<b>PEQUIM</b>	2008	277	23	2
<b>ATENAS</b>	2004	247	24	4
<b>TOTAL</b>		1245	96	14*

Tabela 6. Criado pelo autor. Fonte dos dados: Comitê Olímpico Brasileiro (2018), RUBIO (2015) e Inteligência Esportiva. \*Um dos atletas identificados participou de duas edições olímpicas (2004 e 2008).

A partir destes critérios, dos 13 atletas encontrados, identificamos dois que são paranaenses, porém iniciaram a prática da modalidade em outro estado, chegou-se ao número de onze atletas, sendo seis mulheres e cinco homens. Ao final foram realizadas oito entrevistas, tendo em vista que dois atletas não foram encontrados e um não quis participar da pesquisa. As

entrevistas realizadas com os atletas somaram 13 horas, 23 minutos e 20 segundos de gravação, transcritas integralmente em documento Word com 244 páginas.

Iniciando a primeira parte temos que os primeiros dados revelam que os atletas paranaenses da modalidade de atletismo que participaram dos jogos olímpicos possuíam idade média de  $25\pm 3,7$  anos no ano olímpico (menor idade 20 anos e maior idade 31 anos), 50% nasceram em grandes centros urbanos e 50% em pequenas cidades. A média de idade é similar a de outros atletas brasileiros de atletismo que foram para jogos olímpicos, sendo de 27 anos (CAREGNATO, 2018; COSTA, CAREGNATO, LOPEZ-GIL, CAVICHIOLLI, 2021, NO PRELO), são mais jovens do que os atletas da federação francesa de atletismo (LASSALE, RECOURS, GRIFFET, 2018) que possuem média de 30 anos (nas provas de velocidade estão os mais jovens e nas provas de longa distância os mais velhos). Já para Husley, O'Connor e Bennie (2018) atletas australianos que participaram do atletismo nas olimpíadas tiveram a primeira experiência internacional em competições com média de 17 anos. Para efeito de comparação do esporte competitivo e do lazer, Fonseca et al. (2019) constataram que atletas amadores de corrida de rua possuem média de idade de  $36,4\pm 10,3$ , evidenciando-se que o atletismo competitivo brasileiro é característico de atletas mais jovens, tal qual em outros países, mesmo para o atleta A1-2004 que tinha 27 anos quando participou da maratona nos jogos olímpicos, prova de rua.

Apenas um dos atletas participou em prova de campo (A5), três atletas em prova de rua (A1-2004, A2-2008 e A3-2004), três atletas em provas de velocidade (A4-2016, A6-2016 e A8-2016) e um atleta em prova de meio fundo (A7-2016). Das edições olímpicas que participaram 50% dos atletas estiveram nas olimpíadas no Brasil em 2016 (A4-2016, A6-2016, A7-2016 e A8-2016), 25% nas olimpíadas de Atenas em 2004 (A1-2004 e A3-2004), 12,5% nas olimpíadas de Pequim em 2008 (A2-2008) e 12,5% nas olimpíadas de Londres em 2012 (A5-2012).

**IDENTIFICACAO DOS ATLETAS PARANAENSES DE ATLETISMO  
NAS OLIMPIADAS DE 2004, 2008, 2012 E 2016**

Atleta	Sexo	Data de nascimento	Cidade natal	População*	Olimpíada que participou	Prova	Idade na Olimpíada
A1-2004	Masculino	10/01/1977	Curitiba	10.444.526	2004 (Atenas)	Maratona	27
A2-2008	Feminina	10/04/1977	Palotina	28.683	2008 (Pequim)	Marcha atlética	31
A3-2004	Feminina	20/02/1984	Braganey	5.735	2004 (Atenas)	Marcha atlética	20
A4-2016	Feminina	11/06/1987	Curitiba	10.444.526	2016 (Brasil)	100m	29
A5-2012	Masculino	01/10/1987	Uraí	11.472	2012 (Londres)	Salto em altura	25
A6-2016	Masculino	11/08/1991	Curitiba	10.444.526	2016 (Brasil)	400m	25
A7-2016	Feminina	01/07/1993	Campo do Tenente	7.125	2016 (Brasil)	800m	23
A8-2016	Feminina	23/04/1996	Maringá	357.077	2016 (Brasil)	400m	20

Tabela 7. Sistematizado pelo autor, 2020. \*Foi utilizado a população estimada pelo IBGE no ano de 2010, tendo em vista que algumas cidades não possuíam a informação no ano em que os atletas nasceram. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Com estes dados algumas considerações devem ser apontadas quanto a características que os diferenciam enquanto atletas. A primeira delas distingue os atletas entrevistados em dois grupos, os participantes da edição olímpica do ano de 2016 e participantes das edições olímpicas dos anos de 2004, 2008 e 2012, principalmente pela injeção de políticas públicas que foram realizadas para a edição de 2016 (no país natal dos atletas), que culminaram com a construção de centros esportivos e distribuição de mais bolsas esportivas. Este olhar será evidenciado com maior ênfase nos subcapítulos 6.6 a 6.9. O número de atletas de atletismo brasileiros participantes na edição dos jogos olímpicos de 2016 (62) foi muito maior se comparado com as edições de 2004 (41) e 2008 (31) (INTELIGÊNCIA ESPORTIVA, 2020).

Um segundo olhar coloca os entrevistados entre aqueles que correm na pista de atletismo (A4-2016, A6-2016, A7-2016 e A8-2016), fora da pista de atletismo (A1-2004, A2-2008 e A3-2004) e no campo de atletismo (A5-2012). Nesta diferença destaca-se entre eles os métodos e local para treinamento serem distintos, eventos esportivos realizados em datas diferentes, além da diferença de idade entre o grupo dos corredores de longa distância e curta distância (LASSALE, RECOURS, GRIFFET, 2018).

Os primeiros apontamentos confirmam que o subcampo do atletismo no Brasil é constituído de atletas jovens, de diferentes provas, mas preponderantemente nas corridas (87,5%) e diferentes origens quanto as cidades (centros urbanos e pequenas cidades). Dado que a iniciação

esportiva inscreve no atleta características que carregará ao longo da vida, como a prova de atletismo que desenvolveu, o subcampo do atletismo no Paraná prevalece um *habitus* que desenvolve agentes para as corridas (pista e/ou rua) em detrimento dos saltos, lançamentos e arremessos.

## 6.1 ESTRUTURA E APOIO FAMILIAR

Por meio das entrevistas foi possível identificar que todos os atletas advêm de família simples, no aspecto financeiro e profissões dos pais, como relata A5-2012 “Minha família nunca teve muitas condições”, tendo ainda três dos atletas não conhecido os pais e dois tinham os pais separados (um deles o pai veio a falecer ainda na adolescência), como relata a atleta A6-2016 “meus pais eram separados, vivi só com a minha mãe e a minha irmã [...] então meu pai sempre foi bem de boa em questão de família, era presente, do modo dele”.

Não obstante estes indicativos dois deles viviam no meio rural como relata a A7-2016 que “ajudava o pai com gado e na roça, mas nunca tinha treinado”. Já para a atleta A2-2008 a família tinha um comportamento descrito por ela como “cigano” ao se referir as recorrentes mudanças de cidades durante a infância. Na infância e juventude todos os atletas relataram ter vivido em bairros de classe social média e baixa. Para a profissão dos pais foi constatado: confeitaria (1), mecânico (1), eletricitista (1), costureira (1), pedagoga (1), policial militar (1), pedreiro (1), empregada doméstica (1), professor (3), rural (2) e dona de casa (1)<sup>13</sup>. As profissões se enquadram no esquema apresentado por Bourdieu (2015, p. 118-119) como famílias de classe popular ou predominantemente classe socioeconômica “C, D e E” (FREITAS, 2019), detentores de pouco capital econômico e cultural, e são do mesmo grupo, por exemplo, dos atletas da federação de atletismo francesa (LASSALE, RECOURS, GRIFFET, 2018) que possuem pais com emprego de clérigo, artesão, agricultor, aposentado, desempregado e estudante, constituindo desta forma uma característica para os atletas do subcampo do atletismo advirem de famílias com tais profissões e volume de capital baixo. Para

---

<sup>13</sup> Constam menos profissões, pois alguns atletas não conheceram os pais.

Bourdieu, estas variáveis independentes constituem parte do corpo de origem dos agentes de um campo, neste caso do subcampo do atletismo competitivo. Isto porque para Fonseca et al. (2019) atletas amadores de corrida de rua, por exemplo, apresentam alto nível de escolaridade (83,6% com nível superior) e cerca de 50% ganham mais de três salários mínimos. Neste aspecto Anjos (2019) confirma que atletas de alto rendimento mudam de cidades sem o acompanhamento dos pais, justamente por não possuírem condições financeiras de fazê-lo.

Para os entrevistados o início no atletismo ocorreu com idade média de  $11,8 \pm 2,7$  anos de idade e demoraram em média  $3,3 \pm 2,1$  anos para competirem nos Jogos Escolares Brasileiros, competição em que possuíam  $15 \pm 1,2$  anos de idade média, corroborando com Caregnato, Ordonhes, Silva e Cavichioli (2020) de que treinadores do atletismo brasileiro indicam o início da prática ainda jovens, tendo como pico da performance esportiva a partir dos 17/18 anos (CAMARGO et al., 2017). Por meio dos relatos de todos os atletas, ao deporem sobre a experiência de participar daqueles jogos, sem exceção, julgaram como a primeira competição importante na trajetória esportiva. Esta competição provocou nos atletas a predisposição em ingressar no subcampo do atletismo, após esta competição passaram a tomar posições no subcampo para permanecer e disputar em seu interior, estabelecendo uma ruptura (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2018) na vida dos atletas por começarem a entender que o atletismo é um espaço de disputas por posições no subcampo, seja para disputar o ingresso em clubes, por posições no ranking e na escola. Esta ruptura é de fato confirmada quando Arantes (2019) verificou que dos 215 atletas brasileiros participantes dos jogos olímpicos no atletismo entre 1972 a 2016, 45,6% (98) participou dos jogos escolares brasileiros. As características, aparentemente comuns entre eles, somam-se ao fato de todos terem estudado em escolas públicas, até que dois deles (A1-2004 e A4-2016) ganharam bolsas de estudos em escolas particulares em razão dos rendimentos esportivos na época escolar. Para os atletas A1-2004, A2-2008 e A3-2004 o incentivo proporcionado pelos jogos escolares, em todos os seus níveis, foi prova de políticas públicas que buscaram identificar talentos esportivos entre os anos 1990 a 2004 (KIOURANIS, 2017; ARANTES, 2019).

O início no atletismo para os entrevistados teve um discurso comum ao iniciarem, principalmente, na escola, como apontam os atletas o início no atletismo ocorreu “em festivais de atletismo promovidos pela prefeitura” (A2-2008), “na escola estadual, a professora viu que tinha talento e inscreveu numa competição escolar” (A5-2012), “no Colégio Estadual do bairro [...] Professora inscrevia nos jogos escolares e competições da cidade” (A6-2016), “professora da escola estadual inscrevia nos jogos escolares, mas não treinava” (A7-2016) ou quando a própria “escola estadual indicou que a mãe colocasse no esporte por ser hiperativa, a mãe viu que na Universidade da cidade tinha projetos esportivos, então colocou no atletismo porque a filha gostou da pista” (A8-2016). Para o atleta A1-2004 o primeiro contato ocorreu:

No colégio do estado, a professora chamou os alunos para participar de uma prova de 100m e acabei me destacando. Depois inscreveu nos jogos escolares onde ganhei 3 provas [...] nesse dia um técnico do colégio Positivo que tinha visto a competição me ofereceu bolsa de estudo.

Os relatos deixam pacífico que a escola foi fundamental para sua inserção no esporte, tendo como agente condicionante o professor e ratificando a presença maciça das escolas públicas nos jogos escolares em detrimento das privadas, com uma representatividade da região sul do Brasil, entre os anos de 2005 a 2019, que varia de 20% a 38%, atrás somente da região sudeste (INTELIGÊNCIA ESPORTIVA, 2020). De igual forma Costa, Caregnato, Lopez-Gil e Cavichioli (2021, NO PRELO) confirmam que atletas brasileiros de atletismo iniciam a prática da modalidade, principalmente, nas escolas seguida, em menor proporção, pelas prefeituras, associações e projetos sociais. Os autores apontam, ainda, que tais atletas são influenciados pelos técnicos ou professores de educação física, corroborando com Zimmermann (2019) sobre o papel do professor, treinador e técnico. Ao contrário do relato de Aldana (2019) de que em Cuba todas as escolas devem proporcionar a prática do atletismo às crianças, em todas as provas, como uma política de governo para não perderem um campeão em potencial, os relatos dos atletas desta pesquisa demonstraram que as ações dos professores nas escolas paranaenses são fruto de iniciativas individuais, mas que demonstraram ser algo a ser implementado enquanto política de incentivo

ao esporte e quem sabe para detecção de talentos esportivos. Para Caregnato, Ordonhes, Silva e Cavichioli (2020) este tipo de política não está presente no Brasil, mas seria um ideal para alcançar mais pessoas. Na Austrália, por exemplo, anualmente mais de 100mil crianças entre 5 e 15 anos participam de programas de atletismo escolar em pista e campo, adaptados para idade (HUXLEY, O'CONNOR, BENNIE, 2018). O fato de os entrevistados terem iniciado o atletismo na escola e serem descobertos como atletas pode ser visto com surpresa, uma vez que Caregnato, Ordonhes, Silva e Cavichioli (2020) relatam a partir da opinião de treinadores brasileiros experientes de atletismo que a educação física escolar não contribui para o técnico que trabalha com jovens atletas, podendo estar mais presente neste espaço.

Neste aspecto identificamos mais uma ruptura na trajetória dos atletas ao estabelecerem um vínculo com seus mentores (professor/treinador) como agente conector com o campo esportivo e subcampo do atletismo, sendo eles os responsáveis pela educação dos corpos e mentes dos atletas, seja nos termos do treinamento físico ou socialmente para viverem o atletismo competitivo.

A atleta A4-2016 possui um histórico familiar na modalidade de atletismo, pois familiares foram atletas, o que acabou influenciando e incentivando diretamente a percorrer o mesmo caminho, todos os outros possuíam incentivo de suas famílias para praticarem o esporte. O que foi possível perceber é que os técnicos vislumbravam o desenvolvimento de talentos esportivos como a professora da atleta A8-2016 que “falava que eu era boa mas não sabia o tanto que eu era boa”, faziam participar nas competições escolares promovidas pela rede pública ou corridas rústicas, algumas vezes acabavam comprando sapatilhas, promovendo rifas para comprar passagens e levar os atletas à competições fora de suas cidades e nesta conjuntura os pais permitiam, sem imaginar as possibilidades futuras, no relato de A8-2016 “eu não tinha condições financeiras, minha família não tinha como comprar” percebemos as circunstâncias na qual os atletas iniciaram no atletismo e como os pais viam após anos de vivência alguns frutos do esporte:

[...] minha mãe sempre falava nossa nego ó pra você ver, você não tinha nada né, começou não tinha nada, corria descalço, era 'ranhento', não tinha calça, não tinha tênis, olha aí o quanto você tem hoje e você nem pagou por isso e olha quanta coisa veio para você, coisa boa né!. (A6-2016)

Pelo fato de começarem com pouca idade os atletas relataram que os pais viam este engajamento como uma forma de permanecerem na escola e ficarem longe das ruas, a atleta A4-2016 relata que “eu sempre treinava sabe, eu treinava mais pra mostrar pra família que eu era boa mesmo, sempre foi nessa assim, eu sou boa? Vou ser boa, vou ser boa! e isso me incentivava” e este engajamento era entendido pelos pais como algo a ser barganhado com os filhos para se manterem nas atividades escolares:

[...] eu era bem vagabundão nessa época para estudar, minha mãe falou “se você não estudar eu vou tirar você do atletismo”, daí a gente brigou. Eu disse para ela que eu parava de estudar, mas não de correr (risos). Ela viu que não conseguiria me fazer parar de correr e disse “então tá bom, mas começa a estudar”. Então comecei a estudar e levar mais a sério a escola, só queria correr. (A6-2016)

Com algum tempo participando dos treinamentos e algumas competições alguns deles passaram a ser beneficiados por programas de incentivo do governo municipal e estadual, quando não, de uma rede particular de empresários ou da própria comunidade. Para reforçar a situação das famílias, neste momento em que passam a auferir ganhos financeiros, percebemos que são estabelecidas várias conexões, os atletas passam a perceber que competindo podem viajar, conhecer lugares novos, ficar em hotéis e até:

Quando não tinha muito dinheiro me levaram para a primeira competição, acho que foi em Curitiba. Pagaram restaurante, hotel, pizzaria, rodízio, eu contava nos dedos de uma mão as vezes que eu ia para um rodízio, era raro quando eu era pequeno. Eu curti, criançada, brincadeira, clima de competição, conhecendo gente nova, viajando, eu acabei ficando. (A5-2012)

E corriam em troca de barganhas estabelecidas com seus técnicos, como ganhar “chocolate” (A2-2008), “sair, vou morar fora, treinar e viajar” (A1-2004) e “ganhei troféu e subi no pódio, então aquilo para mim foi tipo brilhou

meus olhos, meus avós e todo mundo gostou” (A8-2016). Outros queriam ganhar medalhas, gostavam do prazer de competir, passaram a ter amigos, mas grande parte deles, pela situação simples de suas famílias nos relataram que poder “viajar e conhecer lugares” (A4-2016) foi a maior conquista no esporte. Outros relatos demonstram como o atletismo alterou a expectativa de vida sobre a prática da modalidade e as interferências (benéficas) nos próprios atleta:

[...] a professora nos perguntou se sabíamos que por termos ganhado iríamos competir em Brasília. Eu não sabia que tinha níveis de competição e nem onde ficava Brasília (risos). A professora teve que explicar que Brasília fica em outro estado. Quando perguntamos quanto tempo era de viagem ela disse que iríamos de avião. A criançada ficou doida, nos sentíamos muito chique. [...] Quando a gente voltou, nossa! esse movimento saiu no Jornal [...] ganhamos medalha e depois dessa competição todo mundo queria fazer atletismo, viram que era legal porque estávamos viajando. A criançada começou a incorporar lá o atletismo. (A6-2016)

Eles ofereciam para o atleta, que não tinha nada, uniforme, chegava na cabeça do pai, pegava e ia. O atleta de atletismo é simples. A uns anos atrás você só conseguia coisas diferentes, tênis, quando ia para a capital. As cidades pequenas não tinham nada. (A2-2008)

Eu vi uma oportunidade em ser atleta de viajar, conhecer lugar diferente. Minha mãe trabalha de costureira, quando que eu ia pensar em ir pra Argentina, Colômbia, Chile, nunca, minha mãe nunca ia ter condições de me dar isso, então eu vi uma oportunidade no esporte de viajar, de conhecer lugar diferente e aí eu me dedicava porque só dependia de mim. (A3-2004)

Eu trabalhei desde criança e na minha cabeça sempre foi trabalho, não era diversão, nunca foi diversão. Primeiro que eu não gostava e depois que comecei a gostar eu sabia que eu tinha que fazer bem pra conseguir viajar, então a minha recompensa era viajar, então eu tinha que treinar. [...] Eu pensava em como ganhar uma viagem, e sabia que precisava trabalhar pra ganhar ela. Então para mim eu trabalho desde os nove quando comecei no atletismo (A4-2016)

A possibilidade de viajar, ganhar materiais para treinamento e ter suas conquistas expostas em reportagens potencializava sutilmente que os jovens atletas aceitassem aos poucos o *habitus* do subcampo do atletismo e desta forma, recebendo aqui e lá reforços positivos, passavam a internalizar a cada corrida as regras do campo esportivo e do atletismo.

Por outro lado, as famílias viam o esporte como uma fonte de renda, nem que fosse os R\$50,00 por mês, o que posteriormente viriam a ser tornar

R\$250,00 ou mais, “na nossa época era o máximo, ganhar um dinheiro ainda, imagina, pra poder ajudar em casa e a mãe vai poder deixar continuar treinando” (A3-2004).

Dependendo do que você ganhava pegava um salário mínimo e recebia uma parte ou mais dependendo do seu resultado. A maioria dos atletas é carente, se você garantir que ele vá para a escola e garantir uma cesta básica ou um tênis, você já tira ele das ruas, das drogas e vai para o esporte. (A2-2008)

Eu comecei a receber dinheiro da cidade com 12 anos de idade, mas era assim, o meu técnico tinha um valor para pagar por um atleta, ele dividia para quatro atletas que eram da minha cidade e tinham o mesmo potencial sabe? Recebíamos R\$15,00/R\$20,00, não lembro, mas era um dinheiro maravilhoso. Era só pra mim, para eu comer lanche na escola, adorava comprar caderno e caneta. (A4-2016)

Na verdade, a associação de atletismo dava uma ajuda de custo, uma força. A princípio era R\$50,00 reais pra alguns, não tinha condições para todos, e para outros que se destacavam um pouquinho melhor davam R\$250,00, que foi o que comecei a receber após 4 meses participando. (A5-2012)

[...] e em casa me ajudou com R\$500,00. Não que seja pouco, para mim era ótimo, dava pra minha mãe R\$300,00 e o restante eu gastava com doce, durava que era uma beleza. (A6-2016)

Com 12 anos eu já estava ganhando dinheiro, porque eu era a melhor do Paraná e estava ranqueada entre as três primeiras do Brasil, comecei ganhando R\$150,00 da prefeitura de Maringá. Para mim aquilo era o máximo porque eu juntei três meses e consegui comprar um tênis que eu queria, era muito positivo porque minha família não tinha condições de comprar um tênis, que eu via nos outros atletas. (A8-2016)

Neste item os próprios atletas viam a possibilidade de poder comprar o que tinham vontade como “doces” (A6-2016) ou “material escolar” (A3-2004), mas definitivamente poder ajudar em casa, quando possível, uma realidade que já ocorria desde cedo como relata A1-2004 “tinha 11 anos em Curitiba, minha mãe e meu pai saíam para trabalhar e eu cuidava da casa, dos meus irmãos”. Desta forma percebemos que o “incentivo” dos pais, para alguns deles, passava a ser um permissivo, como relatou o atleta A6-2016 “ela sempre deixou, nunca incentivou pra falar, acho que o incentivo dela foi deixar, eu fazia as minhas escolhas”, e desta forma praticar o esporte possibilitava ganhos a todos, de ordem material e moral (como ter responsabilidade, cumprir horários de treinos, etc.). Para a atleta A8-2016 o apoio dos pais se

deu de maneira direta “minha mãe foi na UEM viu que tinha natação, vôlei, atletismo, e eu gostei mais do atletismo, que eu vi aquela pista linda na UEM. [...] ela e meu avô me levavam pra treinar” e de igual forma para o relato da atleta A4-2016 que mudou de cidade acompanhada da genitora, “minha mãe morou comigo até falecer em 2016, ficamos juntas”.

Outro ponto importante que foi possível constatar neste mesmo esteio é que ao findarem os estudos do ensino médio os atletas conduziram suas vidas para uma construção no esporte, com competições, busca por clubes (trataremos no item 6.3), procura de técnicos e não projetavam, nem seus familiares, uma vida acadêmica ou que os conduzisse a uma formação para uma profissão, com exceção da atleta A2-2008 a qual a família desejava que concluísse os estudos e tivesse uma formação, o que para alguns veio a se tornar realidade muitos anos depois, quando já não estavam competindo.

Trazendo a tona o conceito relacional de análise estabelecido por Bourdieu (2017), enunciado na metodologia, sobre esta primeira fase dos atletas, é possível inferir que a origem social simples esteve atrelada a escolha deles ao se disporem a tomar a posição de atletas e se submeterem, ainda que inconscientemente, às regras do subcampo do atletismo, que são: treinar e participar de competições, sujeitar-se aos regramentos do professor e/ou treinador/técnico. Isto posto por entendermos que o capital primário, aquele adquirido no âmbito familiar, para alguns dos atletas era frágil pela estrutura familiar não estar completa (devido a ausência dos pais), ainda que forte afetivamente (pelo carinho expresso pelos atletas ao considerarem o atletismo uma fonte de renda familiar), mas mesmo naquelas famílias “completas” a ausência de experiências culturais e educacionais levaram os atletas a tomarem a mesma decisão quando apresentados ao esporte, neste caso o atletismo por seus professores, o que pode acontecer com outras modalidades esportivas. Além da ausência paterna, as famílias eram frágeis financeira e economicamente o que se desdobrava nas possibilidades da vivência cultural, posteriormente apresentadas aos atletas por meio do atletismo.

Quando os atletas relataram que o atletismo era uma oportunidade de não estarem nas ruas “em uma fase importante da vida, que eu vivia muito na rua” (A5-2012) evidenciou-se que as possíveis opções de vida, apresentadas

ou não pela família ao longo da criação, não foram o suficiente para suplantar a escolha dos atletas em praticar o esporte a um ponto de considerar como futuro de vida e neste ponto se sujeitaram aos ditames do subcampo do atletismo que, no início da trajetória, apresentava regras mais brandas do que as que os atletas se submeteram ao longo da carreira. No entanto, por serem mais brandas ou por apresentarem mais benefícios ao atleta, acabaram por aceitar as regras do subcampo e internalizar seu *habitus*, passaram a viver o comportamento dele e passariam a se tornar parte dele conscientemente ao relatarem todos que permaneceram e continuaram no atletismo por gostar do esporte, gosto traduzido pelas categorias de apreciação do subcampo do atletismo, elegidas pelos atletas.

Desta forma concluo esta primeira análise da apresentação, iniciação e entrada no subcampo do atletismo que os atletas iniciaram com pouca idade, nas escolas públicas, por intermédio dos professores, atraídos pelas possibilidades de vivência inexistentes no seio familiar, preenchendo o tempo livre que detinham com atividades esportivas, culminando com a conclusão de que detinham capital cultural, econômico e social fracos. A primeira vista tais capitais não são necessários para entrada no subcampo do atletismo, porém ao analisar uma criança que tivesse um e outro daqueles capitais desenvolvidos, como advir de família economicamente, socialmente e/ou culturalmente mais favorecida, justamente por possuírem tais capitais talvez não tivessem a oportunidade de praticar o atletismo, pois seu tempo livre seria preenchido com outras atividades ou não vislumbrassem no atletismo uma possibilidade de preenche-lo. Destaco novamente que a primeira ruptura na vida dos atletas ocorreu quando perceberam que a prática do atletismo, ditada pelas regras impostas pelos professores/treinadores, passou a oportunizar vivências e aquisições materiais não possíveis em suas vidas. A partir de então os atletas passaram a se dispor, física e mentalmente, às primeiras regras do subcampo do atletismo.

A relação com o atletismo se deu, na infância e primeiro contato, com a escola, tendo como critério de entrada no subcampo a vontade ou iniciativa de participar da atividade, competição ou brincadeiras realizadas pelos professores. Após esse contato o professor e treinador passaram a vislumbrar potenciais que entendo ser a moeda de troca dos atletas até sua ida para a

olimpíada, o capital simbólico na forma do que denomino como **potencial performático** ou como denominado por Freitas (2019) a “avaliação potencial” do treinador ou por Marchi Júnior (2015) como “potencial de retorno”, sendo o possível de ser atingido no atletismo pelo atleta, em outras palavras o quão bom poderia ser tornar como atleta, capital simbólico de caráter subjetivo quando apreciado pelo treinador no início da prática esportiva, tornado objetivo posteriormente quando somado à análise dos índices obtidos em provas, bem como a classificação no ranking da confederação brasileira. O relato da atleta A3-2004 denota este potencial de rendimento esportivo na primeira competição em que participou “Ganhei da Maria Leidi, ela era do Rio Grande do Norte, a ‘bambambam’ da marcha, ninguém ganhava dela, e eu cheguei, uma desconhecida, fiquei em quarto no menores, que era a competição da minha idade, e ganhei da Leidi” e com essa experiência demonstrou a si própria e ao treinador o potencial a ser desenvolvido no subcampo do atletismo. Zimmermann (2019) aponta que o primeiro contato do professor com o atleta é o momento em que está atento para identificar habilidades e potencialidades. Desta forma a possibilidade performática, aliada a disponibilidade de tempo livre à disposição (ANJOS, 2019) do subcampo, como aponta Bourdieu, permitiu que os atletas ocupassem posições no subcampo do atletismo.

## 6.2 INICIO NO ESPORTE

O atletismo, para os atletas entrevistados, foi em sua infância uma grande oportunidade de vivenciar aquilo que suas famílias não poderiam oportunizar, experiências que nem mesmo eles sabiam que poderiam gozar, como relata o atleta A6-2016 “tudo era novidade, eu nunca tinha ido para lá, para mim era uma viagem, nós passávamos debaixo do viaduto do bairro Jardim das Américas e ficávamos gritando” e A7-2016 “Pegavam os alunos que tinham interesse [...] Daí a gente queria sair, queria conhecer e a gente ia junto, a professora levava”. Em certo ponto uma chance agarrada por eles na falta, talvez, de outras melhores, pois como aponta Coakley (2015) e Anjos (2019) quanto menor a classe social, menor serão as possibilidades de acesso a diferentes práticas esportivas. Apenas dois deles começaram a praticar a

modalidade em pistas de material sintético, enquanto seis deles iniciaram e alguns permaneceram por muitos anos em pista de saibro ou terra, dois deles praticavam na escola, correndo ao redor da quadra, pois não havia pista. No aspecto de estrutura para treinamento, especificamente falando de pista de atletismo, os atletas não destacavam como um fator importante de permanência ou para maior rendimento ter este acesso, uma vez que permaneceram treinando na fase inicial do esporte no mesmo local e posteriormente continuaram. No entanto, por serem muito jovens e com pouca maturidade pessoal e profissional esportiva, não conseguiam perceber que ter acesso a essa estrutura era um fator de desenvolvimento esportivo, sendo relatado posteriormente que não ter tido acesso a eles pode ter afetado seu rendimento.

Neste aspecto a reflexão, adiantada, sobre as instalações para treinamento ser um fator preponderante para o desenvolvimento de atletas de elite provoca o primeiro contraponto com o postulado, pois os atletas iniciaram em condições de instalações não condizentes com padrões de excelência para o atletismo, no entanto foram atraídos pela modalidade, enxergados pelos professores e treinadores como potenciais atletas, atingiram níveis no esporte em suas categorias de idade e, somente depois – para alguns foram meses e outros anos -, passaram a usufruir efetivamente de complexos esportivos. Deixo o aprofundamento para essa questão no item (6.6) específico para o tema. Como apontam Lassale Recours e Griffet (2018) os atletas de atletismo, principalmente nas provas de curta e média distancia, buscam a prática da modalidade por serem realizadas em grupo. Com o olhar na realidade dos entrevistados, advindos de famílias simples, com poucas oportunidades, fazer parte de um grupo (atletismo) no qual se destacam, se demonstrou um atrativo para ingresso no subcampo do atletismo.

O destaque para os locais iniciais de treinamento paira sobre a criatividade e iniciativa dos professores que, apesar da ausência de infraestrutura, possibilitaram e criaram oportunidades para seus alunos. Os relatos foram variados, cada qual mais promotor que o outro como a atleta A8-2016 “nós fomos para a pista e começou tudo com muita brincadeira [...] bola, bambolê, cone, muito essa coisa” e dos atletas:

A professora deu aula de educação física normal, com os colchonetes, explicou como funcionava o salto em distância, puxou uma cordinha e explicou mais ou menos o salto em altura, deu alguns educativos de atletismo, exercício de coordenação e ela me viu subir naqueles aros de basquete que tem na parede. [...] depois me encaminhou para a pista de atletismo, que é onde tinha atletismo mesmo. (A5-2012)

E eu era um piázinho que vivia me quebrando, eu sempre fui frágil [...] comecei no colégio com a professora Zoraida [...] antes da gente jogar futebol ela era a professora que, geralmente o professor chega e joga a bola 'ah se divirta aí', ela não, 'vocês querem jogar futebol, querem jogar vôlei, vai ter que correr duas voltas em volta do colégio', ela falava 'tem que ir todo mundo', se um ficar pra trás ninguém vai jogar futebol, vamos esperar até o outro terminar, aí então já havia uma pressão. [...] era 45 minutos de educação física, começa com 20 minutos de corrida e nada de bola (risos), aí nego começa a correr (risos), pra jogar 15 minutos de bola (risos) [...] daí foi assim, devagarzinho eu comecei a participar das corridas de rua. (A6-2016)

Mas todos os professores de educação física participavam das competições de suas cidades nas competições escolares e foi justamente na escola que todos os atletas começaram a praticar o atletismo. Algumas estratégias, apesar de terem tido êxito, demonstram a carência dos atletas ao percebermos que:

[...] todo mundo fazia todas as provas, não importava se era gordo, magro, menina, menino, e aí começou um movimento legal na escola, as outras crianças começaram a ver 'nossa o atletismo é legal', depois a professora conseguiu lanche para nós comermos depois do treino. Quem não gosta?! Criançada vai por causa do lanche, treinava por causa do lanche, com isso começamos a fazer por gosto, falávamos 'nossa, que legal fazer isso daqui'. E quando eu comecei eu corria descalço. (A6-2016)

Como relatou a atleta A8-2016 “muitas vezes a gente treinava pra comer depois, e eu treinava pra comer sim. Terminava o treino e a gente ia comer, tinha que terminar o treino pra comer.”, uma constatação das possibilidades de acesso dos atletas e da fragilidade do capital econômico e social de suas famílias, que não impediram que os atletas conquistassem grandes competições, realidade retratada por um dos maiores atletas de atletismo da história. O treinador se dirigiu ao pequeno estudante e disse:

Bolt, se você vencer o Ricardo na corrida [...] eu pago um almoço pronto completo para você [...] disse ele, sabendo que o verdadeiro caminho para o coração de um garoto era pelo estomago [...] Uau

a coisa ficou séria! Um almoço completo era o máximo, porque continha um suculento frango com tempero jamaicano, batata-doce assada, arroz e ervilhas. De repente, eu tinha um incentivo, um prêmio em vista. (BOLT, ALLEN, 2014, p. 16)

O relato do atleta A1-2004 deixa evidente que “O principal do meu início no Paraná foi que tinha competições de base, tinha jogos escolares que eu participei em Curitiba como a Copa Itaú que era forte, todos os colégios, e além das competições tinha o técnico” e como destacado nos relatos dos atletas A8-2016 “com nove anos eu participei de uma corrida” e A6-2016 “lá que foi a primeira competição, e eu era bom, daí essa idade de 8-9 anos” a apresentação ao esporte desde cedo propiciou que pudessem vivenciar práticas do campo esportivo e futuramente ingressar no subcampo do atletismo.

Como último destaque e buscando a reflexividade utilizada por Bourdieu, do início da prática até ingressarem efetivamente no subcampo do atletismo competitivo, os atletas são conduzidos por seus professores e técnicos até o final de suas carreiras, tendo maior ou menor grau de autonomia conforme suas vidas vão amadurecendo, há constituição familiar e os objetivos são alcançados, mas buscando os primeiros indícios para o problema desta pesquisa podemos apontar que a tese inicialmente apresentada se afirma na medida em que os atletas relatam não imaginar participar de uma olimpíada, seja por não traçarem esse objetivo ou seus treinadores, porque buscam auferir ganhos para se sustentarem, como verifica-se nos depoimentos a seguir:

[...] a estrutura privada é o que ainda ajuda no esporte, porque parte de governo você não tem [...] Eu corria por conta nas ruas no início, depois quando fui para o colégio privado comecei a correr e treinar na pista de atletismo do colégio estadual com a equipe (A1-2004)

[...] A maioria dos atletas é carente, se você garantir que ele vá para a escola e garantir uma cesta básica ou um tênis, você já tira ele das ruas, das drogas e vai para o esporte. Mas nem isso. (A2-2008)

[...] eu não tinha dinheiro pra nada [...] na nossa época era o máximo, ganhar um dinheiro ainda, imagina, pra poder ajudar em casa e a mãe, assim podíamos continuar treinando. (A3-2004)

Para os atletas A1-2004, A2-2008 e A3-2004 a falta de apoio no início da trajetória foi marcante, principalmente pela presença do estado,

demonstrando que por serem atletas que iniciaram e competiram em um período no qual a legislação esportiva brasileira, principalmente a política pública esportiva federal, dava seus primeiros passos para a consolidação do que se observa no ano de 2020, os ganhos financeiros advindos de competições, do município ou de entidades privadas os impulsionaram a continuar treinando. Para os atletas da outra geração temos (pós anos 2000) que:

Daí tinha uma 'competiçãozinha' com festival de atletismo da UNIMED. Fui lá, competi, gostei e comecei a treinar (A5-2012)

[...] começamos a competir nas competições que tinha na PUC [...] corria descalço lá [...] Fazia salto em distancia, 300m com barreira, salto duplo, depois triplo [...] No centro politécnico foi a primeira competição, com 8-9 anos (A6-2016)

[...] comecei a fazer atletismo em 2010, mesmo ano que eu sai de casa e fui morar em Campo Mourão para treinar. [...] Conheci e comecei o atletismo com uma professora do colégio estadual aqui na cidade que levava a gente, não treinava nada, só íamos participar dos jogos escolares (A7-2016)

[...] comecei no atletismo com nove anos, por incentivo dos meus dos meus avós, da minha mãe e irmãos. (A8-2016)

O início cedo no atletismo, reforçado pelos pais, professores e técnicos proporcionou que os atletas ingressassem e continuassem a praticar a modalidade, aliado a disponibilidade dos atletas em praticar. Todos eles, com exceção da atleta A3-2004, que sempre praticou a mesma prova, praticaram várias provas do atletismo até encontrarem ou serem direcionados para aquela que os elegeram para representarem o Brasil nas olimpíadas. Para Caregnato, Ordonhes, Silva e Cavichioli (2020) a prática de diferentes esportes é benéfica para o desenvolvimento de um maior repertório motor dos atletas, o que acabou sendo benéfico para os entrevistados até encontrarem a prova de atletismo que melhor se encaixaram.

De forma lúdica, o processo de inserção do subcampo do atletismo alterava pouco a pouco as estruturas mentais dos atletas que, por sua vez, internalizavam o *habitus* do agente deste subcampo, fazendo-os permanecer e jogar o jogo, à primeira vista, despretensiosamente, pois como ficou demonstrado nos relatos, os atletas viam a possibilidade de auferir ganhos financeiros – capital econômico e financeiro – para ter bens materiais que não

detinham, além de aumentar a experiência ao conhecer lugares diferentes, por meios de transporte que não eram de seu mundo social – avião. Nestes primeiros passos os atletas incrementaram substancialmente seu capital cultural “apenas” praticando o atletismo que, para eles, até aquele momento, era uma brincadeira, afinal, estavam em período escolar, moravam com os pais e não possuíam responsabilidades familiares que, adiante, impactaram em suas vidas, como será abordado.

Como apontado por Bourdieu o subcampo se faz com o preenchimento de determinadas posições a partir da disposição em querer ocupá-las, tal qual os atletas fizeram. Do contrário, como relatou a atleta A4-2016, muitos atletas que não aceitavam se dispor, ficavam pelo caminho e não progrediram no subcampo, “Mas das quatro realmente eu fui a única que virei atleta [...] potencial todas tinham, mas **you have to want**, é um negócio que você tem que querer, não ficar faltando nos treinos”, reafirmando que a trajetória do atleta dedicação e sacrifícios, como em um código de condutas (ANJOS, 2019) ou o *habitus* do subcampo do atletismo. O início da trajetória dos entrevistados evidencia que não possuíam capital social e econômico, ao contrário estavam sendo atraídos para o subcampo do atletismo pela possibilidade de os conseguirem, de fazer amizades, pertencer a um grupo, auferir ganhos financeiros e matérias, vivenciar o que a vida pessoal e familiar não os permitia.

Pela pouca idade, foram influenciados por um esporte que se aproximava de sua realidade de vida, a base de esforço e dedicação. O subcampo do atletismo foi apresentado aos atletas em seu início de carreira demonstrando relativa facilidade em ocuparem as primeiras posições, pois perceberam a falta de mais agentes que tinham a intenção de ocupá-las, tendo alguns dos entrevistados conquistado índices esportivos de adulto, quando ainda eram jovens. Uma pequena mostra da capacidade que poderiam desenvolver rendimento esportivo levou treinadores, professores e técnicos a investirem nos entrevistados, sabendo que os atletas eram de origem simples, sem capital econômico, social e cultural para oferecer, demonstrando que o capital simbólico deles, o potencial performático, se apresentou como influenciador no processo de relação entre seus primeiros mentores e o início da prática esportiva.

### 6.3 MUDANÇA DE CIDADE, TÉCNICO E CLUBE

Destaco a alternância de cidades, técnicos e clubes como um fator marcante nos relatos dos atletas que influenciou suas trajetórias e determinou o caminho que trilharam até os jogos olímpicos. Estas mudanças são o primeiro indício para a discussão do objetivo específico que postula os quatro fatores de sucesso como preponderantes para o sucesso esportivo, pois os atletas demonstraram um movimento migratório na busca deles visando seu desenvolvimento. Como foi apontado na revisão sobre as instalações existentes para treinamento no Brasil e a preponderância de clubes esportivos na condução do esporte profissional, o depoimento dos atletas também desdobrou-se nesta linha que, motivados pela melhora de seus índices, alternavam em busca de melhores condições. Sobre a mudança de cidades o atleta A5-2012 relatou que “Em 2006 eu fui embora para São Paulo para treinar com o treinador Nélio Moura, fiquei com ele de 2006 a 2008, depois fui para o projeto do governo de São Paulo chamado Rede Atletismo”. O depoimento dos outros atletas foi:

[...] o técnico levava para competições em São Paulo [...] a estrutura de Cornélio ficou pequena [...] Sai depois de fazer um teste para a equipe de Campinas/SP [...] Depois mudei para o Rio de Janeiro no Clube Cruzeiro [...] retornei para Campinas a convite da BM&F. (A1-2004)

[...] 2014 o Clube Pinheiros (São Paulo) me contratou [...] o Time Brasil do COB perguntou pro treinador se eu tinha interesse de treinar mais perto do meu técnico, porque eles iam fazer um plano de ação com os atletas melhores classificados no ranking para dar ajuda de custo para aluguel [...] mudei pra Valinhos/SP, para estar mais perto do meu técnico [...] (A4-2016)

Eles me convidaram para ficar em um centro de treinamento em Uberlândia/MG, igual o de Bragança/SP (A6-2016)

Eu treinava em Uberlândia/MG no centro de treinamento, depois fui com meu treinador para o Amazonas. Em Manaus/AM estava com muita despesa, o lugar é caro para se alimentar, viagem, etc [...] voltei pra Campo Mourão/PR, seria mais econômico (A7-2016)

Em seus discursos a mudança de cidade não pareceu ser uma barreira, mas algo enfrentado como uma realidade da vida como atleta ou na ótica sociológica, os atletas internalizaram que o *habitus* do subcampo do atletismo exigia para sua permanência tais mudanças, mesmo em condições difíceis

como as relatadas pela atleta A7-2016 que cruzou o país de sul a norte para treinar em Manaus.

Sobre a alternância de clubes os depoimentos dos atletas demonstram que são parte estruturante do subcampo do atletismo, sendo detentores de posições que garantem maiores privilégios aos atletas, concorrendo para a mudança das cidades e dos técnicos, como será observado em alguns relatos. Os clubes e técnicos ficaram evidenciados como componentes e agentes do subcampo responsáveis pelos jogos e disputas em seu interior, detentores de capital econômico que atraía os atletas, selecionados por meio do capital simbólico - potencial performático (MARCHI JUNIOR, 2015, FREITAS, 2019, ZIMMERMANN, 2019). As mudanças de cidades em busca de centros de treinamento ou clubes esportivos é um fato constatado na revisão de Anjos (2019) que confirma o movimento dos entrevistados. Este movimento também ocorre pelas ofertas disponíveis pelos patrocinadores (clubes, estado, marcas) que concedem subsídios financeiros aos atletas em troca de resultados que projetem sua imagem positivamente (HASAAN, BISCAIA, ROSS, 2019). Neste sentido os atletas relatam que:

A Rede atletismo me queriam na equipe e pagariam por mês para treinar, podendo ficar em Curitiba. Pagavam de R\$2.500,00-3.000,00, tênis, uniforme, viagem [...] Em 2009 a Rede Atletismo e a BM&F tiveram uma rixa para ver quem ganhava o troféu Brasil. A Rede não quis renovar, então fui para a BM&F e tive as mesmas coisas, estrutura, tênis, viagem, tudo isso eles pagavam. [...] (A2-2008)

A BM&F (SP) não tinha uma equipe de marcha atlética, porque não tinham alguém para treinar os atletas, então treinei pela BM&F com polo em Blumenau/SC [...] depois veio a REDE Atletismo e Clube Pinheiros. [...] você faz parte da equipe, mas se estiver longe deles não tem apoio da equipe multidisciplinar. (A3-2004)

[...] em Blumenau/SC, a equipe ajudava um pouco, nós pagávamos a inscrição e outras coisas. A cidade era movimentada pelos Jogos Abertos. [...] Eu trabalhava como monitora de atletismo pra criança porque não tinham dinheiro pra me pagar como atleta (A4-2016)

[...] Meu treinador conversou com o da BM&F que aceitou me treinar, maior clube do país, e recebia R\$700,00 reais [...] treinei pela REDE Atletismo (2009-10) e depois no Clube Pinheiros (2010-11). [...] só consegui o Pinheiros porque tinha marca, senão teria parado. [...] Em todos eles eu fiquei em república ou apartamento pago pelo clube (A5-2012)

Os clubes representados pelos atletas estão concentrados em sua grande parte na região sudeste e sul, demonstrando que o subcampo do

atletismo possui, além das características clubísticas após a fase de iniciação esportiva no campo educacional, como ratificam um espaço territorial de dominância da modalidade de atletismo no Brasil. Muito embora alguns atletas tenham relatado terem participado de projetos nos estados de Minas Gerais e Manaus, acabaram por buscar São Paulo e Rio de Janeiro (INTELIGENCIA ESPORTIVA, 2020), até mesmo pelo término dos projetos esportivos naqueles estados. Quando não estavam morando nos estados dominantes, recebiam “permissão” para permanecerem em suas localidades mantendo o caráter representativo dos clubes, dando mostras de que o capital simbólico dos atletas era atrativo e permitia a quebra de alguns critérios de permanência no clube, estado e técnicos. Isso porque alguns atletas conseguiram treinar em cidades distintas de seus treinadores e ainda assim obter resultados.

A atleta A2-2008 detinha duas peculiaridades, a primeira que “meu marido era meu treinador [...] professor concursado do Estado [...] foi a base de tudo para mim” e pode se manter treinando devido a segunda peculiaridade, pois havia poucos treinadores para a prova de marcha atlética, desta forma os clubes que representou permitiam que a atleta continuasse residindo onde seu marido/treinador trabalhava. Mas esta realidade não foi a dos outros atletas:

O professor da escola me descobriu e logo depois comecei a treinar com o técnico do município [...] Quando isso aconteceu eu fui pra outra realidade, seguia planilha de treino todo mês (A3-2004)

[...] o treinador me convidou para treinar em Valinhos/SP. Passei alguns dias na cidade e o Adriano me dando dicas. Ele disse que eu conseguiria com certeza ir para uma olimpíada. (A4-2016)

[...] Quando eu mudei de equipe não pude permanecer com ele, se você muda de treinador você acaba perdendo a equipe. (A5-2012)

[...] professora Zoraide na escola, professor Jorge no politécnico, Daniel no salto triplo [...] e depois pelo Robson [...] no centro de treinamento em Uberlândia/MG no começo de 2011 treinei com o Luiz e depois fui para o Sanderlei nos 400m. (A6-2016)

[...] troquei de técnico quando eu tinha 16 anos [...] tive muito resultado com ela [...] mudei para o treinador Artur porque eu vi meus amigos com ele, fazendo treinamentos diferentes [...] Com o Marcelo eu obtive tudo, cheguei na Olimpíadas, muitas vitórias. (A8-2016)

Com os relatos sobre cidades, clubes e por último dos treinadores, os atletas culminam com o discurso de que o subcampo do atletismo permite que treinadores em diferentes níveis o componham - vide o relato dos atletas sobre seus professores em época escolar, treinadores dos clubes e do município. Esta trajetória horizontal rumo a olimpíada denota uma linearidade de pontos em comum - primeiro a instituição de ensino, prefeitura e clube -, tal qual o *habitus* e capitais do subcampo, demonstrando também que as posições ocupadas pelos treinadores variam pela sua força vertical ou o quanto estão aptos e capazes de elevar seus atletas a diferentes níveis na modalidade. A cada passo que aproxima o atleta da olimpíada o distanciava de um treinador e aproximava de outro, da mesma forma que os clubes e as cidades que estavam situadas. O professor e treinador se torna curador e desempenha papel fundamental no processo de conquista da vaga olímpica, como apontado por Zimmermann (2019).

Isto não quer dizer que o mesmo caminho foi seguido por todos, mesmo porque os atletas são de épocas diferentes, nasceram em locais distintos e praticavam provas diferentes, mas a forma como desenvolveram sua trajetória é similar, sendo um traço do *habitus* do subcampo do atletismo. Como aponta Bourdieu (2005, p. 134) este campo de forças que atrai os atletas de acordo com sua evolução e desenvolvimento no subcampo é “como um conjunto de relações de forças objetivas impostas a todos os que entrem nesse campo e irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às interações diretas entre os agentes”, imposição que fez a atleta A8-2016 mudar de cidade sabendo que o local aonde residia e treinava havia lhe conferido as maiores conquistas e índices, assim como a atleta A2-2008 trocar inúmeras vezes de clube em benefício da sobrevivência familiar. A propriedade do subcampo do atletismo de distribuição e distinção de seus agentes, tal qual o mundo social descrito por Bourdieu, encaixa nos discursos anteriores que demonstram sua dinâmica em várias localidades do Brasil.

Esta dinâmica entre cidades e clubes pode ser confirmada por Sentone et al. (2018) para atletas do atletismo brasileiro, ratificando um *habitus* do subcampo, bem como a presença do capital simbólico – potencial performático – como componente nas relações que estabeleciam a ocupação de posições no subcampo pelos atletas.

## 6.4 DISPUTAS NA TRAJETORIA ESPORTIVA

Avançando no reconhecimento da trajetória olímpica dos atletas, buscando compreender o subcampo do atletismo por meios do *habitus* e dos agentes pertencentes a ele, até aqui evidenciou-se que os atletas investigados detinham capital econômico, financeiro e cultural de pequena alíquota, assim como o capital social herdado e proporcionado pelas famílias. Desta forma, como foi teorizado inicialmente, o capital simbólico dos atletas foi chave de entrada e barganha no subcampo do atletismo, resultante da potencialidade de desenvolvimento como atletas e do tempo livre a disposição do subcampo. Neste subcapítulo será apresentado alguns relatos pontuais que confirmam o capital simbólico descrito como sendo a moeda de troca no subcampo entre os agentes, para disputas de posições e visando aumentar o potencial de distinção dos atletas.

Como foi apresentado no subcapítulo anterior, os atletas buscaram clubes e treinadores, resultando em mudança de cidades e conseqüente perdas pessoais, para melhorarem seu rendimento esportivo. Para que as escolhas fossem feitas e concretizadas ocorreram algumas disputas e barganhas, como relata o atleta A1-2004:

[...] os cara te dão oportunidade mas querem resultado, se não fizer resultado é cortado [...] na minha época as competições pagavam carro, moto, então às vezes se te pagasse um carro numa competição que fosse no mesmo dia da olimpíada, tinha atleta que não ia para a olimpíada, porque você só ganha uma medalha ou um 'tapinha' nas costas [...] Para treinar no clube eles tinham que dar estrutura.

Deixavam escolher as competições porque colocávamos metas. [...] se você não fez o resultado aí você não pode optar por nada, o que mandar você tem que fazer. [...] Nós éramos movido a premiação. Eu ia pro Japão correr, meu cachê era \$10.000 dólares só para participar.

O patrocinador exigia as provas de rua que davam maior visibilidade [...] O esporte competitivo é assim, para você estar com os treinadores tem que estar 'puxando o saco', tem muita sacanagem no pessoal que administra o esporte do Brasil, tem que estar apadrinhado. [...] E eles dependiam de você, se te olhassem 'feio' nós arrumávamos outro patrocínio

O relato do atleta A1-2004 da mostra inicial de que o capital simbólico do atleta no subcampo do atletismo é barganhado em razão da possibilidade

de resultados a serem obtidos por ele e, por sua vez, da visibilidade que este resultado pode gerar ao patrocinador ou clube. Como apresentado no capítulo 5, a plasticidade do capital simbólico do atleta como possibilidade que seja utilizado por ele para se movimentar e ocupar posições no interior do subcampo do atletismo, ao mesmo tempo que é utilizado pelo clube e patrocinador para gerar visibilidade, para ambos - dominante e dominado - há incremento de distinção pelas vitórias e conquistas. Este capital se tornou tão forte para o atleta A1-2004 que foi necessário ou oportuno que ele tivesse um intermediador para agenciar sua rentabilidade performática (MARCHI JUNIOR, 2015) enquanto atleta. Seu agente negociava com patrocinadores e empresas que geriam competições importantes pelo mundo sua participação na expectativa de rentabilidade para todos os agentes do subcampo do atletismo que, nesta fase, já interagia com outros campos. Nesta mesma linha temos os seguintes relatos:

Criança adora chocolate e o treinador perguntou o que eu queria para correr, eu disse que queria um chocolate prestígio. Corri as 10 voltas de boa e o treinador disse que eu tinha futuro. [...]. A barganha era sempre essa, mostrar resultado para merecer. [...] Era sempre assim, se você ia e ganhava o mérito era deles (prefeitura ou clube), se você perdia o problema era seu. [...] Se você não tem indicação (QI) você não consegue as coisas. [...] (A2-2008)

[...] a partir do momento que você não está rendendo, troca e vem outro te substituir [...] Se você fosse representar a seleção brasileira você não tinha custo [...] ganhei bolsa na faculdade em Blumenau, fiz licenciatura e bacharel, tudo decorrente do esporte. Meu treinador era professor na faculdade e conseguiu para mim. [...] O problema no Brasil você só vai ter apoio e visibilidade a partir do momento que você for campeão [...] (A3-2004)

Os relatos das atletas A2-2008 e A3-2004 ratificam o capital simbólico do atleta no subcampo do atletismo e vão além, as disputas e barganhas ocorridas no subcampo reservam alguns impasses legais como apontados no subcapítulo 4.1, mesmo possuindo resultados condizentes com algumas posições de destaque, tinham que optar por um ou outro benefício. Demonstraram também que o bônus dos resultados angaria para os atletas possibilidade de movimentação no subcampo, mas o ônus de deslizos ou descumprimentos dos acordos firmados, mesmo que informais, acarretava a perda da posição, troca de equipe, treinador e patrocínio. Como apontado por Zimmermann (2019) o professor procura identificar no aluno um potencial não

confirmado, sem saber acaba atraindo o futuro atleta para o subcampo do atletismo, destacando seu capital simbólico e possibilitando que os agentes dominantes do subcampo possam enxergá-lo e oportunizar determinadas posições para serem ocupadas. De igual forma Anjos (2019) confirma que, com a queda de rendimento esportivo, os atletas estão em constante risco de ser substituídos. Tais características dão mostra das disputas por posições no subcampo do atletismo tendo como capital predominante o simbólico, resultado da performance possível de ser atingida pelo atleta, sendo este capital utilizado pelos entrevistados e seus treinadores para ocuparem posições melhores no subcampo e garantirem benefícios.

A trajetória dos atletas se mostrou ilógica em um ponto, treinavam e competiam sem ter a certeza de que angariaram subsídios para sobreviver e continuar treinando, uma vez que era necessário comprovar resultados antes de barganhar pelas posições no subcampo. Esta forma de viver é alimentada no atleta desde os primeiros contatos com a modalidade, por intermédio do professor e treinador que, no relato da atleta A3-2004 era exigida dela algumas voltas na pista em troca de chocolate ou como relatou a atleta A8-2016 quando ia treinar para conseguir alimento – “não tinha comida, mas corria para comer depois”. Como aponta Anjos (2019) a particularidade do esporte é de que o atleta necessita investir tempo e esforço antes de ingressar na fase profissional. Este comportamento de se investir em algo sem a certeza de consegui-lo ou que possa não ter sentido para quem observa de fora do subcampo, pode ser explicado por Bourdieu (2005, p. 98) quando:

[...] existe um investimento no próprio trabalho que faz com que o trabalho proporcione um ganho específico, irredutível ao lucro monetário: este <ganho> do trabalho, que constitui em parte o <interesse> pelo fato de trabalhar e que é, por outra parte, efeito de ilusão constitutiva da participação num campo, contribui para tornar o trabalho aceitável para o trabalhador apesar da exploração; ele constitui até, em certos casos, para uma forma da auto exploração. Este investimento na própria atividade, que faz com que esta possa ser vivida como livre e desinteressada em referencia a uma definição restrita do interesse, identificada com o ganho material, com o salário, supõe de facto um acordo tácito infraconsciente entre as atitudes e a posição.

Esta relação entre o agente (atleta) dominado pelo agente dominante é mais uma característica do subcampo do atletismo que impõe aos atletas

determinados comportamentos reforçados em todas as fases da trajetória. De acordo com Bourdieu estas relações de forças que impõem determinados comportamentos, tanto para o dominado quanto para o dominante, para usufruírem mutuamente das posições e distinções de cada um, apesar do aparente discurso dos atletas de serem “usados” revela uma imposição do subcampo, uma vez que o atleta também se utiliza da imagem do clube, confederação, seleção brasileira e patrocínio para autopromoção. Como aponta Anjos (2019) o corpo do atleta é seu instrumento de trabalho, então investindo em si próprio, absorvendo e aceitando determinadas condições, reafirma sua permanência no subcampo e a posição assumida nele. A própria legislação esportiva brasileira garante algumas benesses aos clubes que desenvolvam o esporte (nas diferentes vertentes), como foi apontado por Caetano (2020). Desta forma Bourdieu (2005, p. 124-125) aponta que:

[...] O que está nela em jogo é o poder de se apropriar, se não de todas as vantagens simbólicas associadas à posse de uma identidade legítima, quer dizer, suscetível de ser publicamente e oficialmente afirmada e reconhecida [...]

A revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de intimidação que ela exerce tem em jogo não, como se diz, a conquista ou a reconquista de uma identidade, mas a reapropriação coletiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade de que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou negar-se para se fazer reconhecer.

Avançando um pouco mais sobre as relações de disputa e relações entre os agentes no subcampo do atletismo, relatam os atletas que:

[...] se eu competir bem e ela me treinar bem, alguém vai me ver [...] Eu sempre fui muito de seguir regras [...] você tem que conhecer gente [...] para ter o Bolsa atleta é pelo resultado que você fez não é por você ser atleta, é mérito [...] a única coisa que você tem que fazer é continuar treinando pra depois no fim do ano comprovar só isso [...] é a melhor coisa pra todo mundo investir, é você estar em entre as quatro do ranking brasileiro de 100m (A4-2016)

Eu treinava com outros dois atletas no salto em altura, mas eles não estavam no meu nível. [...] Quando mudei de cidade nunca tive uma relação boa com ele, tanto que em 2010 ele retornou para São Paulo e eu fiquei em Bragança. Eu fiz o índice da olimpíada treinando longe dele. Uma dessas vezes eu fui treinar e quando cheguei ele não estava, tinha ido viajar e não me avisou. [...] Nosso relacionamento foi complicado e difícil. (A5-2012)

O relato dos atletas A4-2016 e A5-2012 demonstra uma outra relação de barganha, a do atleta na figura de detentor da barganha, mas que resultam em algumas dificuldades vividas por eles. Como ficou demonstrado nos relatos anteriores, o capital simbólico dos atletas – potencial performático de resultados esportivos – permitia que os atletas ocupem determinadas posições. Desta forma a atleta A4-2016 já entendia as regras do subcampo e utilizava delas em seu favor ao estabelecer uma rede de relacionamentos com técnicos e dirigentes por meio do seu comportamento regrado com os treinamentos, assim como pela potencialidade de seu poder carismático ao retribuir favores e ajudas recebidas com sorrisos e agradecimentos públicos. Ao contrário, não se permitia sujeitar-se quando não estava cumprindo com as exigências que lhe conferiam o direito de ocupar determinado espaço no subcampo, como ocorreu nas Forças Armadas, machucada, não quis pedir para permanecer.

Já o atleta A5-2012 vivenciou o mesmo processo de escolhas, porém sem a consciência de que elas lhe prejudicariam, como dito por ele ao não ter um bom relacionamento com seu treinador, motivo de estresse (POUCHER et. al., 2019) durante o período que treinou para obter o índice olímpico, que na análise do discurso do atleta, pareceu ser o resultado de seu afastamento dele pela troca da cidade onde escolheu morar e treinar. Neste caso ambos buscaram prestígio mútuo, pois A5-2012 sabia da capacidade do treinador em alçá-lo como atleta e por sua vez o treinador vislumbrava, aparentemente, que A5-2012 tinha um potencial performático (MARCHI JUNIOR, 2015, COAKLEY, 2015, FREITAS, 2019, ZIMMERMANN, 2019, ANJOS, 2019) de atingir índices esportivos – de fato conquistado para uma vaga olímpica. Com mais estes dois exemplos constatamos que o capital presente no subcampo do atletismo reafirma o que Bourdieu (2005, p. 134-135) pontua sobre capital e sua relação no mundo social:

O capital [...] representa um poder sobre um campo (num dado momento) e, mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre o conjunto de instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e de ganhos. As espécies de capital, à maneira de trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado (de fato, a

cada campo ou subcampo corresponde uma espécie de capital particular, que ocorre, como poder e como coisa em jogo, neste campo) [...]

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles [...] o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital.

Como teorizado até aqui, o capital simbólico (potencial performático) dos atletas engendra no subcampo do atletismo, pelo histórico de cada atleta, uma curva ascendente de rendimento esportivo materializada no ranking da confederação brasileira de atletismo (CBAt) que, por sua vez, garante o prestígio, reputação e fama expostos por Bourdieu, que são o objeto acumulado do trabalho passado dos atletas, objetivado em uma posição que classifica os atletas por provas. O ranking, desta forma, se torna um elemento do subcampo do atletismo, capaz de posicionar os atletas em determinadas posições, possibilitando a margem de barganha que o atleta pode estabelecer e o quanto o outro lado, dominante, precisa avançar para conquistá-lo, faz-lo representar. Como apontado por Hasann, Biscaia e Ross (2019) o atleta precisa demonstrar que sua representatividade perante o patrocinador irá resultar em benefícios, para ambas as partes. Por derradeiro, temos os discursos dos atletas A6-2016 e A7-2016 sobre as barganhas ocorridas em suas trajetórias que fogem dos relatos anteriores tendo em vista que os atletas demonstraram posturas de disputa por mudanças no subcampo do atletismo, ocasionando seu afastamento das posições de maior destaque, as quais passo a apresentar:

[...] Quando me chamaram para ficar no centro de treinamento de Minas Gerais me ofereceram moradia, alimentação e treinamento. [...] Um dos meus treinadores se intrometia demais da minha vida, isso para mim é demais. [...] estava a uns 3 meses sem falar com ele [...] Depois da final veio todo animado me dizer que iria me levar para a Europa treinar, eu questionei ele porque não me disse isso antes, agora que eu corri queria ir para Europa. Ele disse que eu tinha que correr antes para conseguir. Eu respondi que não fazia sentido isso, ele não acreditava mais em mim, então fui embora. [...] eu nunca fui bem visto porque eu sou barraqueiro, não gosto de injustiça. (A6-2016)

[...] tentei trocar de treinador no meio do processo, mas não me adaptei [...] No início eu pensei em ingressar no PAAR, soube por outras pessoas como se fosse uma panela, e eles escolhem, tipo esses

treinadores que são do Brasil . Como meu treinador é descartável aqui no Brasil, eles tiraram todas as possibilidades para ele [...] Se eu tivesse treinando com outro treinador talvez as portas abrissem mais, mas com ele eu tenho resultado, então eu prefiro ficar com ele, carregar isso sabendo que não vou ter outras oportunidades. (A7-2016)

O discurso dos atletas A6-2016 e A7-2016 demonstra duas características em comum. A primeira delas de entenderem determinadas regras que conduzem o jogo existente no subcampo do atletismo, mas de não concordarem com elas. A segunda característica em comum é de terem se aproximado e afeiçoado pelos treinadores, que por sua vez também lutavam contra algumas regras do subcampo. Desta forma os quatro eram agentes dominados do subcampo isolados do grupo. Para Anjos (2019) dentro de um grupo ou da própria equipe existem disputas por vagas e melhores posições. Bourdieu (2005, p. 134) afirma que “Os agentes e os grupos de agentes são assim definidos pelas suas posições [...] Cada um deles está acantonado numa posição [...] determinada do espaço, e não se pode ocupar realmente duas regiões opostas do espaço” o que fica claro para o discurso dos atletas ao serem excluídos pelos dominantes dos benefícios resultantes da ocupação das posições de maior prestígio. Estando fora a atleta A7-2016 deixou de ser convidada para integrar clubes e do programa de rendimento das Forças Armadas, da mesma forma que A6-2016 não se sujeitou a continuar neste programa por não concordar com determinadas regras.

A homologia de pensamento entre os atletas e seus treinadores foi frutífera para que ambos se beneficiassem da produção de atletas de rendimento esportivo, bem como de treinadores capazes de alçar um atleta. A relação entre estes atletas e seus treinadores, bem como as agruras vividas na trajetória, em razão de determinados comportamentos, ratifica o quão forte o capital simbólico dos atletas – potencial performático – é no subcampo do atletismo, pois mesmo com as posturas contrárias ao pensamento padronizado no subcampo, uma parte do *habitus*, ainda assim conquistaram uma vaga olímpica. Durante as entrevistas percebi que a postura espontânea de A6-2016 denotava um embate aberto em desfavor das regras, ao passo que a atleta A7-2016 é contida, apesar da certeza de sua posição, ficando na sombra de seu treinador.

Independente do atleta e das circunstancias que os levaram a viver disputas no subcampo do atletismo, assumir posições e conquistar espaços, fica evidente que o capital de interesse pelos dominantes é alvo de disputas nos atletas que, por sua vez, buscam reafirmar seu comportamento pelos ditames do *habitus* do subcampo, virtuosamente buscando melhorar seus índices esportivos, conquistar um meio de sobrevivência – angariando subsídios na troca de seu capital simbólico por capital financeiro, assim como aproveitando das oportunidades que o subcampo oportuniza para também cambiar seu capital simbólico pela vivencia de oportunidades que aumentam e potencializam seu capital cultural.

## 6.5 TRAJETORIA PARA A OLIMPIADA

Neste item falaremos do momento em que consideramos a entrada dos atletas no subcampo do atletismo competitivo, que foi terem participado da primeira competição importante, até a participação na olimpíada. Destacamos novamente que a primeira competição importante vivida pelos atletas foi os Jogos Escolares Brasileiros, tendo em vista a repercussão nacional da competição, sendo o ápice a nível escolar no Brasil e principalmente pelos atletas terem tido a primeira oportunidade de viajar para fora de suas cidades, entenderem que treinar e seguir as regras impostas por seus professores os levariam à competições importantes.

Partindo dessa premissa temos que A2-2008, A3-2004, A4-2016, A5-2012, A6-2016 e A8-2016 participaram dos Jogos Escolares Brasileiros, obtiveram resultados que os qualificaram para a fase sul americana, mundial de menores ou mundial juvenil, permanecendo na escola nos anos seguintes, continuando com os treinamentos e competições. Estes resultados corroboram com os achados de Arantes (2019) de que os jogos escolares brasileiros é uma competição de nível escolar que desmembra atletas do atletismo para o esporte competitivo. A exceção foram os atletas A1-2004 e A7-2016 que participaram dos Jogos Escolares Brasileiros e foram convidados a ingressar, a convite do treinador, em uma equipe de outra cidade. Neste interim da primeira participação nos Jogos Escolares Brasileiros até finalizarem os estudos, entre 17 e 18 anos de idade, todos os atletas, com

exceção da atleta A3-2004, participaram, treinaram e competiram em várias provas do atletismo até se identificarem ou seus treinadores identificarem a prova que melhor demonstravam habilidade e desempenho. O resultado obtido nos Jogos Escolares Brasileiros chamou a atenção de treinadores de outras equipes como relata o atleta A1-2004 “depois da competição escolar o técnico levou para Cornélio Procópio/PR. Lá a prefeitura bancava uma equipe na república, pagava para treinar e competir”, a atleta A7-2016 “Foi o Paulinho de Campo Mourão daí eu fui pra lá”, A8-2016 “Eu recebi convite da BM&F com 13 ou 14 anos, praticamente todos os clubes me convidaram. Clube Pinheiros e ORCAMPI sempre me convidaram” e:

[...] na verdade a BM&F era o maior clube do país. Na verdade eu nem sabia que ia entrar para a BM&F, eu sabia que ia treinar com o Nélio. Ele (Nélio) falou que eu ia ser da BM&F, fui para São Paulo e fiquei 2 anos. (A5-2012)

Como observado no relato dos atletas, ainda adolescentes passaram a tomar decisões decisivas em suas vidas pessoais e profissionais, passaram a ter o direito de alguns benefícios do subcampo do atletismo, especificamente do competitivo, e vivenciarem as primeiras relações complexas do subcampo. Nos termos da teoria dos campos de Bourdieu os atletas seriam confrontados a tomar posições perante técnicos, clubes e conseqüentemente disposições no subcampo, resultando na segunda ruptura encontrada por nós na trajetória dos atletas, o que passamos a explorar a seguir.

Quando os atletas participaram dos Jogos Escolares Brasileiros e auferiram resultados expressivos em nível nacional, desencadearam uma série de ações que mudaria a forma de enxergarem o atletismo e suas vidas. A primeira delas é que estando entre os primeiros do ranking da Confederação Brasileira de Atletismo passaram a fazer jus às bolsas esportivas, alguns de seus municípios, estado e do governo federal. O segundo aspecto que nos leva a ruptura é que os atletas passaram a receber convites para compor às equipes de clubes em outras cidades do Paraná e outros estados. Estes dois fatos permitiriam aos atletas vislumbrar uma continuidade no esporte, tendo em vista que a escola não mais proporcionaria esta regularidade, auferir ganhos financeiros para fazer o que gostavam de fazer e ao mesmo tempo

autonomia para uma vida longe das famílias, tendo em vista a mudança de cidade. Ainda assim, Arantes (2019) verificou que muitos atletas não prosseguem como atletas profissionais justamente por optarem em trabalhar e estudar ao invés de competir. Dos entrevistados as atletas A3-2004 e A8-2016 permaneceram em suas cidades durante alguns anos após o término dos estudos, pois tinham na cidade as mesmas propostas financeiras, mas principalmente pela confiança e segurança do treinamento e da pessoa de seus técnicos.

Com esta mudança os atletas passaram a viver as primeiras experiências no e do subcampo do atletismo e a se predispor a algumas de suas regras, ir ao encontro de técnicos e clubes. Quando optaram por trilhar o caminho do atletismo competitivo passaram a perceber que a cada mudança poderiam desenvolver níveis de suas capacidades e ao atingirem tais limites, entendiam que novas mudanças eram necessárias para superá-las. Como relataram os atletas A2-2008 “Campo Mourão/PR a cidade montou uma equipe, fomos para lá, ficamos na república” e:

[...] fiquei em Campo Mourão até o final de 2011, treinando com Paulinho [...] depois segui para o Centro de Treinamento de Uberlândia/MG, que era mantido pelo Ministério do Esporte, onde fiquei treinando com o treinador Luiz Alberto até 2015. (A7-2016)

Entre idas e vindas todos os atletas acabaram por mudar de cidade pelo menos duas vezes ao longo da carreira sendo que 75% (6) deles passaram por São Paulo, 25% (2) pelo Rio de Janeiro, 25% (2) por Minas Gerais, 25% (2) por Santa Catarina e 12,5% (1) pelo Amazonas, conforme tabela abaixo, desta forma apenas um atleta não esteve treinando na região sudeste demonstrando e ratificando os estudos sobre o desenvolvimento do atletismo competitivo no Brasil estar presente eminentemente naquela região (ANUNCIAÇÃO et al., 2017, CAREGNATO, 2018), ratificando que o subcampo do atletismo se desenvolve nesta região, reafirmando um *habitus* que exige do atleta assumir posições em determinadas localidades, se predispondo as exigências do subcampo.

### MOVIMENTO MIGRATORIO VIVIDO PELOS ATLETAS NA TRAJETORIA OLIMPICA

<b>A1-2004</b>	Curitiba/PR	Cornélio Procopio/PR	Campinas/SP	Rio de Janeiro/RJ	Campinas/SP
<b>A2-2008</b>	Goioerê/PR	Campo Mourão/PR	Curitiba/PR	São Paulo/SP	Curitiba/PR
<b>A3-2004</b>	Braganey/PR	Timbó/SC	Blumenau/SC	Timbó/SC	
<b>A4-2016</b>	Paranavaí/PR	Blumenau/SC	São Paulo/SP	Blumenau/SC	Valinhos/SP
<b>A5-2012</b>	Maringá/PR	São Paulo/SP	Curitiba/PR		
<b>A6-2016</b>	Bragança Paulista/SP	Uberlândia/MG	Santos/SP	Bragança Paulista/SP	
<b>A7-2016</b>	Campo do Tenente/PR	Campo Mourão/PR	Uberlândia/MG	Manaus/AM	Rio de Janeiro/RJ
<b>A8-2016</b>	Maringá/PR	Presidente Prudente/SP	Maringá/PR		

Tabela 8. Cidades e estados nas quais os atletas viveram durante a carreira esportiva até a Olimpíada. Sistematizado pelo autor, 2020.

O movimento migratório dos atletas foi motivado por diversos fatores e cada atleta, em seu momento de vida e carreira esportiva, tomava novas posições no subcampo do atletismo visando melhorar seus resultados e auferir ganhos pessoais para sustento pessoal. Com as decisões verificamos que 6 dos 8 atletas representaram o mesmo clube (BM&F), tendo 4 deles representado também outro clube (Clube Pinheiros) conforme tabela abaixo, ratificando tais clubes como os de maior representatividade (ANUNCIACÃO et al., 2017, CAREGNATO, 2018) no subcampo do atletismo, confirmando a alternância de clubes pelos atletas ao longo da trajetória esportiva (SENTONE et al., 2018). Destacamos as atletas A7-2016 e A8-2016 que não pertenceram a nenhum clube por dois motivos principais: a) o primeiro e comum as duas foram ter mantido a fidelidade ao técnico, A7-2016 mudou para três cidades acompanhando seu técnico e ao longo da carreira passou a ter a percepção do técnico e própria dentro do subcampo do atletismo ao perceber que seu treinador era excluído perante os dirigentes da CBA e sobre possíveis convites para integrar clubes:

[...] Pessoalmente pra mim não, pode ter vindo pra ele (treinador), mas ele deve ter negado todos. Até porque os clubes sabendo que eu treinava com ele já nem faziam o convite porque eles conheciam o meu treinador, e ele é uma pessoa que não segura 'papas na língua', ele xinga e palavrão é bem constante no vocabulário dele, [...] as grandes equipes no Brasil não pegam um atleta de fora, não aceitam atleta com treinador de fora, tem que ser da equipe. (A7-2016)

Ao menos com o apoio privado A7-2016 e seu técnico não possuíam ligação e benefícios mútuos, no entanto A7-2016 fez parte de dois complexos esportivos do programa de infraestrutura esportiva do governo federal em Uberlândia, primeiro construído fora de São Paulo, e em Manaus. Já a atleta A8-2016 relata que “estava muito bem com esse treinador, não olhava para os outros e a para seleção brasileira, via como era e me sentia bem aqui”; b) poder ficar perto de casa era mais importante do que mudar de cidade e técnico para ter um clube, somado ao fato de ter o apoio do seu município no incentivo ao esporte, contando com estrutura de treinamento, técnico e suporte financeiro. Outros fatores auxiliaram A8-2016 a tomar a decisão de permanecer, como integrar o PAAR das Forças Armadas e o Bolsa Atleta lhe conferindo estabilidade aonde estivesse.

#### **CLUBES REPRESENTADOS PELOS ATLETAS NA TRAJETORIA OLIMPICA**

<b>A1</b>	BM&F, CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA, CRUZEIRO ESPORTE CLUBE e FLUMINENSE FOOTBALL CLUB
<b>A2</b>	BM&F e ESPORTE CLUBE PINHEIROS
<b>A3</b>	BM&F
<b>A4</b>	BM&F e ESPORTE CLUBE PINHEIROS
<b>A5</b>	BM&F e ESPORTE CLUBE PINHEIROS
<b>A6</b>	BM&F, ESPORTE CLUBE PINHEIROS e SANTOS FUTEBOL CLUBE
<b>A7</b>	FECAM
<b>A8</b>	AA Maringá

Tabela 9. Clubes representados pelos atletas ao longo da trajetória esportiva. Sistematizado pelo autor, 2020.

Outro fator que motivou a mudarem de cidade, algumas vezes acompanhadas pela mudança de representação de clubes era a mudança de técnicos/treinador. Alguns dos atletas trocavam de localidade por entender que os técnicos não tinham mais o que agregar nos treinamentos, como relatou o atleta A5-2012 e a atleta A8-2016.

Algumas mudanças ocorreram pelo custo de vida na cidade ou por desentendimentos, como do atleta A5-2012 que teve desentendimentos com o treinador durante anos, mas invariavelmente todos tiveram ao menos uma troca ao longo de sua trajetória, além do professor da escola que os iniciou no esporte. De acordo com o atleta A1-2004 “mudei para o RJ quando percebi que não evoluía mais, sempre ficava atento quando estagnava, daí mudava

de cidade, técnico e clube”, para o atleta A5-2012 “Em 2006 eu fui embora para São Paulo para treinar com o Nélio Moura”, para o atleta A6-2016 “eles me convidaram, estavam precisando de atleta”, para a atleta A7-2016 “optei por voltar pra Campo Mourão porque seria mais econômico” e a atleta A4-2016 “mudei pra Valinhos, porque o comitê olímpico falou que ia dar uma ajuda de custo para morar, ficar próximo do treinador e ter fisioterapia”. Em complemento aos relatos dos atletas em razão das mudanças de técnicos, a atleta A2-2008 aceitou um convite depois de saber que o clube não renovaria seu contrato e em outra oportunidade aceitou treinar pelo clube, mas morando em outra cidade, porque o treinador do clube não entendia da prova de marcha atlética a qual fazia. Já a atleta A3-2004:

[...] fui competir por São Paulo/SP, mas morava em Blumenau/SC, treinei com outro treinador entre 2004 e 2006. Depois voltei para Timbó/SC. Competi pela BM&F por dois anos, no mesmo ano em que fui para a olimpíada. [...] Eu tinha 20 anos, mas com 18 anos já tive propostas de equipes de São Paulo pra sair, só que em termos financeiros, morar longe da minha cidade, ficar lá, não valeria a pena sair, então não fui. (A3-2004)

Foi possível observar que em certo ponto de suas trajetórias os atletas se familiarizaram com os clubes e técnicos presentes no subcampo do atletismo e quando vislumbravam a necessidade procuravam por conta própria ou por intermédio de seus técnicos novas oportunidades, como ocorreu com o atleta A6-2016 que mudou de cidade para treinar com um treinador que já havia conseguido levar um atleta para uma olimpíada (atleta Joaquim Cruz, campeão olímpico de 1984 nos 800m).

O fato de os atletas buscarem novos técnicos e clubes denotou uma nova ruptura em suas vidas sobre o atletismo, a modalidade era uma opção de vida e merecia sacrifícios que o subcampo do atletismo no Brasil impunha. Muitos dos atletas passaram a trajetória esportiva inteira vivendo em repúblicas fornecidas pelos clubes, associações esportivas ou do governo e algumas vezes acabaram residindo com os técnicos. No relato do atleta A6-2016 “Moro com ele, só 2017 que eu não morava com ele, mas no clube. Mas todos os outros fiquei com ele, durante 6 anos”, para a atleta A4-2016 “Morei no Projeto Futuro, fiquei lá 6 anos”, para a atleta A2-2008 “morava em república”, para a atleta A7-2016 “Morava em república, só fui sair da república

quando eu engravidei mesmo. Passei meu atletismo inteiro, minha história só em república e alojamento”.

Quando eu fui para São Paulo eu cheguei e morava no “Projeto Futuro” que é do Governo do estado [...] quando eu sai do projeto eu morei um pouco no apartamento da equipe da BM&F, fiquei um ano no apartamento e depois vim para Bragança/SP, ali a equipe tinha um apartamento para os atletas na cidade mesmo e fiquei nos apartamentos. (A5-2012)

Entre clubes, técnicos, cidades e novas equipes a olimpíada foi considerada pelos entrevistados como “o ápice né, porque ali você sabe que estão os melhores mesmo...olimpíada é um negócio mágico né cara...a determinação é que diferencia bastante” (A1-2004), “o ápice de uma carreira esportiva é uma olimpíada, porque as condições de treinamento são tão precárias que é considerado uma grande vitória chegar em uma competição como esta” (A2-2008), “A sensação é incrível, incrível mesmo. Eu puxei palma no ultimo salto” (A5-2012), “eu já peguei todas as seleções, consegui ir pra uma olimpíada que é o sonho, o ápice da carreira de um atleta” (A7-2016), “olimpíada pra mim era meu sonho, nossa eu chorava, quando eu consegui o índice eu fiquei besta, quando consegui a classificação estava ‘passada’, eu estava em êxtase, não estava acreditando” (A8-2016):

[...] você consegue chegar onde todo atleta tem o sonho de chegar na competição mais alta que é a Olimpíada, e quando você chega lá, você chega na vila olímpica e você esta ali no meio de todo mundo e todo mundo é igual a você independente de resultado, aí começa a cair a ficha, ‘cheguei né, conquistei isso’ e aí você está na Grécia, Atenas, berço da olimpíada. (A3-2004)

Os jogos olímpicos foram considerados por eles como a competição que todos os atletas viam como o ápice de uma competição no atletismo, mas as condições em que esses atletas chegaram não os favoreceram. De acordo com a atleta A3-2004 “fui pra Olimpíada bem debilitada, eu cheguei a pesar 48kg, geralmente minha média pra competição era entre 52 a 54kg, eu estava muito magra, não tinha força, energia, não conseguia mais treinar”, para o atleta A6-2016 “a primeira olimpíada e eu tô aqui machucado, me machuquei na classificatória”.

[...] as condições de treinamento são tão precárias que é considerado uma grande vitória chegar em uma competição como esta, fiz o índice no último dia [...] Eu tinha que trabalhar de árbitra para ganhar cem reais no final de semana para ajudar. Ia para o treino e os filhos ficavam dentro do carro dormindo para ajudar e poder treinar. (A2-2008)

[...] eu voltei do troféu Brasil e lesionei, tive que ficar um mês parada fazendo só treino em piscina, bicicleta [...] aí até voltar de novo, esperávamos fazer um índice abaixo de dois minutos, mas devido a lesão, consegui o índice só depois. (A7-2016)

Foram algumas das lesões ao longo da carreira que colocaram à prova os atletas persistirem a continuar treinando e permanecer no atletismo competitivo. Como apontado por Anjos (2019) logo no início da carreira esportiva os atletas aprendem a conviver com lesões, incorporando como um elemento normal do dia a dia.

Indiretamente, ao buscarem clubes e salários, os atletas acabavam tendo direito a infraestrutura de suporte para seu treinamento (discutido nos subcapítulos 6.6 a 6.9). Ao chegarem neste nível de barganha para integrarem ou não aos clubes, percebemos que já haviam entendido o que estava em jogo no subcampo do atletismo que eram seus resultados esportivos, obtidos em razão do capital simbólico, por meio do signo corporal traduzido na potencialidade performática e do tempo disponível de cada atleta. Os atletas sabiam que tendo resultados esportivos poderiam barganhar pelos melhores clubes, não importava o nível de seus capitais cultural, econômico, financeiro ou social, o subcampo do atletismo, para o atleta, trabalha com as paradas em jogos barganhando o nível do capital simbólico, se tem condições de atingir índices para ingressar ou não em determinada equipe ou ser aceito por determinado técnico. O mesmo servia para bolsas esportivas uma vez que a legislação é quem ditava as regras de forma unilateral, cumprindo os requisitos ensejava os direitos.

A longa trajetória no atletismo até chegarem a uma olimpíada, levando em consideração o primeiro contato com a modalidade, foi de  $13,3 \pm 4,8$  anos em média, sendo o menor período de 7 anos e o de maior 20 anos. Se considerarmos a participação nos jogos escolares brasileiros sua entrada no subcampo do atletismo na forma competitiva, até a olimpíada os atletas investiram  $10 \pm 3,6$  anos em média, sendo o menor tempo de 6 anos e o de

maior 16 anos até chegar a uma olimpíada. A percepção dos entrevistados sobre a trajetória para a olimpíada pode ser verificada a partir dos seguintes relatos:

Uma vaga olímpica não tem preço. [...] Meu marido foi extremamente importante [...] A escola ajudou muito meus filhos [...] a família foi muito importante [...] Fui atleta da seleção brasileira por 20 anos. [...] Eles querem ajudar quando você está pronto. (A2-2008)

[...] por ser atleta olímpica eu não ganhei nada pra ir pra Olimpíada [...] Não ganhei dinheiro, não estou rica por causa do esporte, consegui chegar nas Olimpíadas com muito esforço, muita dedicação e muito treinamento sozinha [...] voltei da Olimpíada e cheguei na minha cidade, sozinha, fui pra casa da minha mãe, me senti tão mal, não tem ninguém pra me dar os parabéns. [...] (A3-2004)

Para as atletas A2-2008 e A3-2004 a família, treinador e comunidade foram de extrema importância como suporte para continuarem os treinamentos. Demonstraram que o processo de conquista da vaga olímpica é de muito esforço, com alguns indícios iniciais de falta de apoio técnico (saúde) e financeiro, bem como a valorização enquanto atleta e a maneira como são observados pelo subcampo do atletismo – bens de consumo (BOURDIEU, 2003, MARCHI JUNIOR, 2015). Sendo ambas as atletas de um período em que o atletismo estava menos estruturado em termos de instalações e políticas públicas esportivas, se comparadas aos outros atletas, tiveram uma percepção ligeiramente mais difícil, como podemos verificar nos discursos a seguir:

[...] se eu não tivesse me comprometido a ser atleta nos dois últimos anos antes da olimpíada eu não teria ido [...] A pressão é muito maior em cima da gente quando chega no ano de olimpíada [...] Acabou a olimpíada, acabou o apoio. (A4-2016)

Aqui no Brasil é assim, você pode ter talento, mas se você não demonstrar isso, não mostrar resultado, ninguém te dá chance, [...] Quando eu fui para a olimpíada ninguém me falou nada, estava na minha cidade sozinho, treinando sozinho. (A5-2012)

Em 2016 eu já estava treinando, com muita vontade [...] Eu quero ser campeão olímpico, eu quero ser finalista olímpico, não gosto de participar [...] (A6-2016)

[...] Eu gosto do atletismo e do que ele me proporcionou, conheci vários países, viajei o mundo inteiro graças a ele, peguei todas as seleções e consegui ir pra uma olimpíada (A7-2016)

Diferente do discurso das atletas A2-2008 e A3-2004 verifica-se a presença de agentes e elementos diferentes no subcampo do atletismo. Após muitos anos no subcampo, os atletas passaram a compreender de maneira consciente não só que o *habitus* exigia deles rendimentos esportivos para ocuparem posições, como também a relação de dominados perante os patrocinadores, clubes e estado, que utilizavam dos atletas para conseguir visibilidade nas competições, associa-los às suas marcas, etc. A trajetória de todos foi marcada por esforços de toda ordem até conquistarem a vaga olímpica, tendo todos abdicado da presença familiar, saúde própria, relações com técnicos e clubes.

Um dos pontos possíveis de se identificar no discurso dos atletas foi o papel da família para o desenvolvimento da trajetória olímpica dos atletas, fato apontado por Anjos (2019) como motivo de satisfação também para os pais. Para o autor esta relação dos pais incentivarem ou deixarem que os filhos sigam em determinado esporte pode ser consequência de algo que não tiveram oportunidade de fazer, uma projeção nos filhos de suas frustrações ou vontades. Na trajetória dos atletas, muitos dos comportamentos seguem um ritual de restrição particular do atleta profissional, como restrições alimentares, vida noturna e boemia, não sendo aceitas pela particularidade da prática esportiva e pela própria sociedade (ANJOS, 2019), e que causam prejuízo ao atleta como apontado pela atleta A4-2016.

## 6.6 DESENVOLVIMENTO DE INSTALACOES DE ELITE

Iniciamos com o primeiro fator apontado por Houlihan e Green como indicador de sucesso esportivo. No decorrer da trajetória os atletas passaram por inúmeras cidades e clubes, recordando o subcapítulo 6.2 quando evidenciou-se que na iniciação esportiva, quando começaram a praticar e competir o atletismo na escola, os atletas não utilizavam instalações de treinamento de excelência. Após o período inicial de desenvolvimento, alguns deles foram conduzidos por seus treinadores para locais de treinamento mais adequado até que, ao saírem de suas cidades natal puderam efetivamente se deparar com locais exclusivos para treinamentos, como nos clubes e

repúblicas. Nestes momentos temos os relatos dos atletas, A8-2016 por exemplo teve na iniciação esportiva, fase escolar, estrutura para treinamento advinda da prefeitura (espaço público), já os outros atletas:

Eu ia para as cidades e clubes que oportunizavam estrutura de treinamento [...] treinei em San Diego nos EUA com a ajuda do técnico. (A1-2004)

Eu competia por Campo Mourão/PR, morava em república [...] para você ser uma atleta de alto rendimento você precisa ter uma estrutura [...] Em Curitiba a pista era de carvão [...] Em São Paulo tinha tudo (A2-2008)

Foi muito amadorismo e a gente conseguiu alcançar, será que mais estrutura ia fazer diferença?! (A3-2004)

Os atletas A1-2004, A2-2008 e A3-2004 contemplam uma geração de atletas que iniciou no atletismo na década de 90 e início dos anos 2000. Tiveram oportunidades distintas dos demais entrevistados e relatam a vivência em um momento do atletismo paranaense e brasileiro diferentes, aonde haviam, segundo seus relatos, mais competições esportivas de base, mais equipes, porém menos subsídios governamentais – principalmente o consolidado Bolsa Atleta. A peculiaridade destes atletas é que A2-2008 e A3-2004 competiam na prova de marcha atlética, prova que tem possibilidades de acontecer na pista, mas nas provas adultas e olímpicas são na rua. Assim, as instalações de elite que dizem respeito a pista para treinamento para elas não foram essenciais, pois de acordo com seus relatos os treinamentos ocorriam nas ruas, parques e praças.

De igual forma o atleta A1-2004 competia em provas de fundo, maratona e meia maratona, quase todas em rua. Mesmo assim seus treinamentos eram realizados em pista de atletismo, o local condizente com as categorias de elite. Assim como todos os entrevistados relataram, puderam usufruir de instalações de elite quando passaram a pertencer a clubes esportivos privados, considerando que instalações de elite eram aquelas com um local para treinamento, alojamento e vestiário. A realidade destes atletas é corroborada com os achados de Mazzei et al. (2012) de que não havia no Brasil centros de treinamento destinados a preparação de atletas para o alto rendimento, informações confirmadas por Caregnato, Ordonhes e Cavichioli (2018) para o mesmo período levando em consideração os centros de

descobertas de talentos, de jovens talentos e de alto nível. Dos três tipos de centros a região sul apresentava dois centros de descobertas de talentos apenas, nas cidades de Cascavel e Maringá, enquanto a região sudeste detinha onze. Ainda que as possibilidades de centros oficiais de treinamento para o atletismo sejam e tenham sido escassas para os entrevistados, as poucas oportunidades que tiveram os levaram por um caminho comum, percorrido em clubes esportivos, principalmente. Para os outros atletas verifica-se que:

Eu treinei a vida inteira numa pista de terra, os anos que eu treinei em pista sintética foram os piores anos da minha vida [...] Meu lugar pra treinar sempre foi muito ruim, simples, mas sempre tiveram o suficiente pra fazer a gente treinar, pra dar resultado. (A4-2016)

[...] não tem como você conseguir fazer um índice sem estrutura nenhuma. Não sei como que eu acabei conseguindo fazer o índice. (A5-2012)

O meu dever é treinar, claro que se tivesse uma pista de borracha seria melhor [...] o que conta na verdade é a vontade você tem [...] que tiram o atleta do rumo de ser atleta, é o estudo e ter que trabalhar pra ajudar em casa. [...] (A6-2016)

O Centro de Treinamento de Uberlândia/MG tinha uma estrutura para nível mundial, de ranking, de estar entre os melhores. Tínhamos pista, alojamento, não nos preocupávamos com alimentação (café, almoço e janta), alguém preparava para nós [...]. (A7-2016)

O discurso de alguns atletas aponta que ter instalações é fundamental para ter rendimento, fazendo referencia à países pelos quais passaram em *campings* ou nas oportunidades que vivenciaram tais instalações no Brasil, porém aludem ao momento da carreira esportiva em que estão nas primeiras colocações do ranking, já competiram a nível nacional e internacional. Mas, a carreira não se faz somente deste momento e sim construída de ponta a ponta, no entanto os atletas não apontam que poder utilizar estas instalações de elite no período escolar influenciaria o rendimento esportivo. O relato dos atletas neste ponto confirma os achados de Caregnato, Ordonhes e Cavichioli (2018) que as equipes sub-16 de atletismo do Paraná apresentavam o maior número de resultados entre as equipes desta faixa etária no atletismo, em cidades onde não existem centros de treinamento (somente Maringá). Na análise realizada no subcapítulo 6.2 fica claro que mesmo sem elas os atletas

conseguiram atingir níveis esportivos que os colocaram em posição de disputa no subcampo do atletismo. No entanto Castro e Mezzadri (2019) apontam que os investimentos realizados por meio da legislação esportiva brasileira focaram em regiões e modalidades específicas, dificultando a experiência dos atletas entrevistados em usufruir das instalações, até mesmo experimentá-las na fase de iniciação esportiva, como evidenciou-se pelos relatos dos atletas.

A falta de instalações ou locais para treinamento durante a trajetória dos entrevistados no Paraná poderia ter tido outra realidade, pois como apontado por Castro et al. (2019) os parlamentares paranaenses destinaram entre os anos de 2004 a 2015 mais de R\$370 milhões de reais por meio de emendas parlamentares somente em infraestrutura no Paraná, não usufruídas pelos entrevistados, tendo em vista não relatarem a utilização de novas instalações no estado, tendo sido necessário sua migração para outros locais, com exceção da atleta A8-2016 que permaneceu em Maringá, mas utilizando o que já havia disponível. Para Hasaan, Biscaia e Ross (2019) a relação entre o atleta e investidores (clubes, marcas e estado) está atrelada a uma confiabilidade e responsabilidade de que o atleta irá dar algum retorno deste investimento e a infraestrutura pode não ser um elemento vantajoso. Em se tratando de estrutura para treinamento Alexandrino (2019) aponta que mesmo os clubes esportivos no Brasil possuem deficiências, principalmente para construção e manutenção da infraestrutura, advindas da falta de recursos necessários para cumprir com este tipo de investimento. Neste aspecto, se mesmo os clubes, que são os maiores responsáveis pelo desenvolvimento de atletas de alto rendimento no Brasil, relatam dificuldade e falta de estrutura completa. Os achados vão ao encontro dos resultados de Rocha e Santos (2010) ao apontarem que atletas jovens, principalmente na transição para a fase adulta, elegeram em 80% a infraestrutura como motivo de abandono do esporte, confirmando que o Paraná perde atletas para o esporte ou para outros estados por esta falta, já que as equipes adultas de atletismo estão presentes, principalmente, em São Paulo (CAREGNATO, ORDONHES, CAVICHIOLLI, 2018).

O pressuposto de Houlihan e Green ao apontar que instalações de elite seja um fator que direcione o atleta para conquistas e índices esportivos de sucesso pode ser confirmado para o subcampo do atletismo brasileiro. No

entanto, os Centros de Treinamento construídos no Brasil por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) fase II deram início após o ano de 2010 e foram concluídos nos anos seguintes, desta forma quase todos os atletas entrevistados (A1-2004, A2-2008, A3-2004, A5-2012) não tiveram oportunidade de usufruir das instalações proporcionadas pelo governo federal, acarretando na utilização pelos atletas das instalações fornecidas pelos clubes ou prefeituras.

Os entrevistados não barganhavam para utilizar ou conquistar o direito de uso de instalações de elite, pois na infância não o tiveram, logo não sabiam da importância que faria no desempenho esportivo. O capital simbólico utilizado pelos atletas – potencial performático e tempo a disposição do subcampo – servia para ingressarem em equipes que garantissem primeiro subsídios financeiros, depois os atletas pensavam nas outras ferramentas necessárias para seu desenvolvimento como atletas.

Como investigado e apresentado no capítulo 4 as instalações para treinamento no Paraná estão restritas a algumas pistas oficiais em instituições de ensino público e privado, havendo muitas delas não oficiais espalhadas pelo estado. Este fato confirma que a precariedade das instalações no Paraná é um fator deficitário que provocou o movimento migratório dos entrevistados para localidades que proporcionassem melhores instalações, além de clubes, patrocinadores e equipes de atletismo - existentes em Campo Mourão e Maringá. O subcampo do atletismo sustenta precariamente o que se pode considerar instalações de elite para o treinamento no Brasil, como relatam os atletas A6-2016 e A7-2016 que treinaram nos Centros de Treinamento em Uberlândia/MG e Manaus/AM.

As posições assumidas pelos atletas no subcampo para garantir o acesso às instalações de elite minimamente condizentes para o treinamento de rendimento esportivo que os alavancaram a uma olimpíada são, pelos relatos dos atletas, pífios. O único local considerado pelos atletas, principalmente A7-2016 e A8-2016, que abrange o que seriam instalações de elite para o treinamento é o complexo esportivo do Rio de Janeiro na Escola de Educação Física do Exército. Desta forma ratifico o pressuposto de Houlihan e Green para o subcampo do atletismo brasileiro de que instalações de elite são essenciais para que, no nível competitivo de alto rendimento,

atletas de atletismo possam brigar por vagas em competições olímpicas e por medalhas.

## 6.7 SUPORTE PARA ATLETAS EM TEMPO INTEGRAL

O Programa do Governo Federal Bolsa Atleta teve início no ano de 2005 e por este motivo os atletas A1-2004 e A3-2004 não tiveram a concessão da bolsa até o ano em que participaram da olimpíada em 2004, no entanto A3-2004 foi contemplada durante vários anos após sua participação, ainda que não tenha participado de outra edição olímpica. A categoria Bolsa Pódio, iniciada em 2011, não foi conferida para nenhum dos atletas.

Considerando as bolsas auferidas pelos atletas entrevistados até o ano em que participaram da olimpíada verificou-se que A1-2004 e A3-2004 não receberam, já os outros atletas receberam em valores totais: A2-2008 – R\$ 27.000,00, A4-2016 – R\$11.100,00, A5-2012 – R\$33.300,00, A6-2016 – R\$88.800,00, A7-2016 – R\$66.600,00 e A8-2016 – R\$48.840,00 conforme tabela abaixo, sendo verificado o maior número de bolsas a partir de 2011 para o atletismo (INTELIGÊNCIA ESPORTIVA, 2020).

DISTRIBUICAO DE BOLSA ATLETA NA TRAJETORIA OLIMPICA													
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
A1	X												
A2					X								
A3	X												
A4													X
A5									X				
A6													X
A7													X
A8													X

BASE		INTERNACIONAL		PARTICIPAÇÃO OLMÍPICA	X
NACIONAL		OLÍMPICO			

Tabela 10. Ano de recebimento de Bolsa Atleta pelos atletas, provenientes do Governo Federal. Fonte: Projeto Inteligência Esportiva. Disponível em [www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/](http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/). Acesso em 10 abr. 2020. Sistematizado pelo autor, 2020.

Para Camargo et al. (2017) entre os anos de 2005 e 2016 o governo brasileiro distribuiu 31,9% das bolsas esportivas (para todas as modalidades esportivas) para atletas com idade entre 19 e 25, a mesma faixa etária de cinco dos atletas entrevistadas quando foram para as olimpíadas. Já para a idade dos outros três entrevistados, no mesmo período foram distribuídas 19,9% das bolsas. Na investigação os autores constataram que as bolsas de base e estudantil somaram valores dez vezes menor que as outras proporcionalmente (levando-se em conta que as bolsas são, naturalmente, menores em valor), demonstrando um investimento pífio na iniciação esportiva. Para Anunciação et al. (2017) o atletismo recebeu, entre os anos de 2011 e 2013, uma média de 9% do total de bolsas, direcionadas principalmente para os atletas de nível nacional, sendo o Paraná o segundo estado com maior número, tendo recebido até 2019 cerca de 7,78% do total de bolsas esportivas distribuídas pelo governo federal (INSTITUTO DE PESQUISA INTELIGÊNCIA ESPORTIVA, 2020). Estes dados ratificam que o estado paranaense é celeiro de atletas de atletismo com projeções no esporte de alto rendimento.

Com exceção da atleta A6-2016, nenhum outro entrevistado teve auxílio advindo do Comitê Olímpico Brasileiro, ainda que seja sua função o fomento do Olimpismo e junto às confederações o esporte de alto rendimento (CANAN, ROJO, STAREPRAVO, 2017), mesmo o COB sendo uma entidade presente no subcampo do atletismo por meio da legislação, não apresentou relações com os atletas.

Além das Bolsas do Governo Federal alguns dos atletas foram integrados ao Programa de Incorporação de Atletas de alto Rendimento às Forças Armadas (PAAR), criado pelo Ministério da Defesa em parceria com o Ministério do Esporte em 2008 (COSTA, 2020), e somaram mais suporte financeiro do setor público.

PARTICIPACAO NO PAAR DAS FORÇAS ARMADAS					
	FORÇA	ORIGEM	PATENTE	PERÍODO	SALÁRIO MENSAL
A4-2016	EXÉRCITO	PAAR	3º SARGENTO	2011 – 2012	R\$2.061,00 a R\$2.268,00
A5-2012	EXÉRCITO	PAAR	3º SARGENTO	1/3/2014 – 29/2/2016	R\$2.703,00 a R\$3.111,00
A6-2016	EXÉRCITO	SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO	SOLDADO	2010 – 2016	R\$963,00 a R\$1.491,00
A8-2016	MARINHA	PAAR	3º SARGENTO	20/6/2016 – Vigente até 20/6/2024	R\$3.111,00 a R\$3.825,00

Tabela 11. Atletas participantes do PAAR das Forças Armadas. A variação de valores nos salários existe em razão dos reajustes anuais, considerando 2010 a 2016. Disponível em [www.portaldatransparencia.gov.br](http://www.portaldatransparencia.gov.br). Acesso em 10 abr. 2020. Sistematizado pelo autor.

O atleta A6-2016 ingressou nas Forças Armadas pelo alistamento obrigatório e permaneceu por um período superior do que o previsto em lei, tendo em vista ter sido designado para a Comissão de Desportos do Exército (CDE) e passou a competir pelo Exército, no entanto saiu dois anos antes do serviço por não ter compatibilizado com a rotina de um militar:

Ah depende, o dinheiro é bom mas, que nem eu disse, não cobra a sua paz, às vezes é melhor você ter paz. [...] Tinha mais 2 anos para ficar, eu que saí mesmo, porque estavam querendo me prender. (A6-2016)

Mesmo com sua saída foi incentivado a fazer parte do processo seletivo no PAAR, mas não o fez. De acordo com o atleta a experiência como soldado<sup>14</sup> atleta não foi agradável e só retornaria, por meio do PAAR, se fosse convidado, o que não ocorreu. Já a atleta A7-2016, assim como ocorreu para os convites de composição com clubes, teve o mesmo posicionamento sobre o PAAR:

Em 2013 eu cheguei a receber convite, mas eu não sei se o meu treinador negou ou o que aconteceu, daí não fizeram mais. Nem mesmo quando eu corri 2.0 em 2015 não voltou. Em 2013 chegaram a fazer o convite, mas o meu treinador acho que não permitiu. (A7-2016)

<sup>14</sup> Na hierarquia militar o Soldado exerce a menor patente existente, sendo responsável pela maior parte das atividades operacionais e braçais. Diferentemente dos atletas que ingressam pelo PAAR, o Soldado do serviço militar obrigatório ingressa com propósitos distintos. No presente caso o atleta A6 teve sua função de Soldado híbrida, servindo como militar e sendo atleta, diferentemente do atleta na patente de 3º Sargento que serve exclusivamente como atleta (COSTA, 2020).

Ao contrário, a atleta A8-2016 aproveitou a oportunidade e integrou o PAAR desde 2016 quando ingressou na “Marinha, ela tem a vaga no 400 metros feminino do Brasil entre as forças [...] **É um salário e você tem muito benefício ali dentro, você tem 13º salário, tem auxílio fardamento, férias**” e com a garantia de salário pode sustentar sua permanência na cidade onde mora (Maringá/PR) e negar os convites para estar nos clubes de São Paulo. O conforto proporcionado pelo programa, um vínculo empregatício, pode proporcionar perspectiva de continuidade no esporte como relata a atleta A8-2016 **“realmente incentiva, porque é um salário muito bom e se não fosse esse salário depois da olimpíada eu teria parado, estaria trabalhando”** tendo em vista o salário que recebem conforme consta na tabela 7 “você **chega num nível que você precisa de dinheiro para se manter**, então ajudou muito mas, eu cheguei na Olimpíada sem ajuda da Marinha”. Especificamente sobre o PAAR a atleta A8-2016 tem a percepção sobre os quatro fatores de sucesso apontados por Houlihan e Green que:

[...] se você se machucar e se quiser se tratar lá você tem como se tratar, tem pista de atletismo, se quiser morar. Mas não é o caso, porque morar num quartel é difícil, então tem tudo, não tem o que falar **é sensacional esse programa do governo.**

Mas como disse a atleta A8-2016 não era uma opção sair de sua cidade e neste ponto a concessão do PAAR em permitir que o atleta permaneça onde prefere garante que se mantenham treinando e representando as Forças Armadas e o Brasil em competições.

De acordo com as entrevistas e a trajetória dos atletas o mais próximo que conseguiram de suporte para dedicação em tempo integral foi estarem integrados em equipes de clubes privados, programas do governo como o de Uberlândia/MG e Projeto Futuro em São Paulo, além do PAAR das Forças Armadas. Mesmo os atletas que estiveram nos clubes podem ter como interpretação o apoio da Estado, tendo em vista que a legislação esportiva no Brasil repassa parte dos subsídios para a iniciativa privada por meio dos clubes sociais e esportivos, confederações, federações e comitês (CANAN, ROJO, STAREPRAVO, 2017). Como também apresentam Matos e Correia (2002) os atletas de atletismo de alto nível de Portugal não demonstraram

aceitação com as bolsas de financiamento ofertadas pela federação portuguesa de atletismo a época, alegando desproporcionalidade entre o valor ofertado e a dedicação necessária do atleta para as competições de alto nível. Os relatos dos atletas confirmam os achados de Anjos (2019) de que atletas necessitam de patrocínios para manutenção da prática esportiva, poderem subsidiar o custeio de materiais e profissionais da saúde, como de fato foi apontado pelos atletas e explorado no subcapítulo 6.8. Para Mezzadri, Silva, Figueroa e Starepravo (2014) os subsídios públicos do Brasil destinados ao esporte são o que mantem a estrutura esportiva, como apontado pelos entrevistados ao relatarem suas experiências positivas dos Centros de Treinamento. Os autores apontam a necessidade de estudos que aprofundem a discussão sobre a efetividade da política pública esportiva no Brasil, que para os relatos dos entrevistados se mostra insuficiente para mantê-los unicamente para o esporte de alto rendimento, fazendo com que a situação financeira e falta de patrocínios levem cerca de 70-80% dos atletas juvenis de atletismo a abandonarem a modalidade para a fase adulta (ROCHA, SANTOS, 2010).

O subcampo do atletismo no Brasil está atrelado ao treinador, logo onde quer que ele esteja, para lá irão os atletas, como ficou evidente no subcapítulo 6.3 quando os atletas se dispunham a ocupar determinadas posições no subcampo mudando de cidades para serem treinados pelos treinadores ou integravam clubes e aceitavam treinadores que gostavam ou não. As relações de poder existentes entre atleta e treinador no subcampo do atletismo ficaram demonstradas em várias passagens na trajetória dos entrevistados. Este comportamento comum dos atletas, o *habitus* do subcampo, é característico de um grupo social, como aponta Bourdieu (2005, p. 137):

Com base no conhecimento do espaço das posições, podemos recortar classes no sentido lógico do termo, que dizer, conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, tem, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo práticas e tomadas de posições semelhantes....permitem explicar e prever as práticas e as propriedades das coisas classificadas.

Nestes termos os atletas não possuíam como objetivo primário conseguir condições que lhe permitissem se dedicar integralmente ao esporte. Esta análise necessita ser destrinchada, como fizemos inicialmente no subcapítulo 6.2, pois tiveram uma fase em que dependiam e eram sustentados pela família e o tempo livre é utilizado para ir à escola. O atletismo não era um meio de subsistência ainda e sua inserção no subcampo do atletismo não era completa no ponto específico do atletismo competitivo, mas se fazia nas interações com o campo educacional.

Como apontado nas análises anteriores, o primeiro rompimento dos atletas ocorre quando participam dos jogos escolares brasileiros e passam a perceber este mundo social competitivo e alguns anos após se deparam com o segundo rompimento, o mais drástico, elegem o atletismo como signo profissional e de sustento pessoal e familiar. Quando isto ocorre os atletas passam a interagir no subcampo do atletismo de forma a conseguirem as ferramentas necessárias para melhorar seus índices esportivos. Para terem acesso a estrutura para treinamento, salários e bolsas esportivas, patrocinadores, equipamentos e outros benefícios precisam, invariavelmente demonstrar rendimento esportivo, como evidenciou-se no subcapítulo 6.4. Este fato refuta os achados de Anjos (2019) ao apontar que na trajetória do jovem atleta as condições financeiras e de treinamento no clube estão fora de seu controle, mas ao contrário, o *habitus* do atleta do subcampo do atletismo revela que determinados comportamentos o colocam em situação de jogo, de disputa por posições no subcampo e que lhe garantem benefícios financeiros e treinamentos em clubes. Esta evidencia foi demonstrada no subcapítulo das disputas, quando os atletas externaram em seus discursos saberem que precisam provar sua capacidade de rendimento esportivo para conquistar as posições do subcampo. Do outro lado percebe-se que os treinadores dos atletas entrevistados parecem ter mais poder sobre eles e no subcampo do atletismo no Brasil, quando em algumas oportunidades tomaram decisões importantes pelos atletas ou mesmo ao escolher as competições e cidades de treinamento.

Os relatos dos atletas apontam para dois momentos distintos de sua trajetória, influenciados pela possibilidade de ganhos financeiros. O primeiro é a aquele em que estão na escola e, praticando o atletismo, auferiam

pequeno rendimento financeiro, incapaz de sustentar a si próprios e familiares, mas todos eles acabaram por ajudar suas famílias com elas. Destaco novamente que todos iniciaram o atletismo na escola e participaram dos jogos escolares brasileiros, ainda assim, mesmo sem as bolsas esportivas de base e estudantil (CANAN, ROJO, STAREPRAVO, 2017, ANUNCIAÇÃO et al., 2017) – exceto A8-2016, traspuseram esta fase. O segundo momento é quando os atletas deixam suas famílias e passam a utilizar dos subsídios e proventos recebidos do atletismo para subsistência, marcadamente insuficiente, sob a ótica dos atletas, para se sustentarem. Alguns relatam a necessidade de trabalhar ou auxiliados pela família para complementarem a renda, caso contrário seu tempo livre, parte do capital simbólico que utilizam nas disputas no interior do subcampo do atletismo, estaria comprometida, como de fato relatou a atleta A2-2008. Para Arantes (2019) muitos atletas que competiram nos jogos escolares brasileiros não chegaram a uma olimpíada, pois necessitaram trabalhar e estudar, demonstrando que neste ponto da trajetória do atleta de atletismo a decisão de continuar a competir, de tomar posições no subcampo do atletismo, de se predispor aos ditames do subcampo, separa os que conseguem conquistar uma vaga olímpica daqueles que não. Este déficit poderia ser suprido, em partes, com maior apoio da confederação no fomento e suporte ao atleta em condições não privilegiadas. Como aponta Canan, Rojo e Starepravo (2017) as confederações são privilegiadas por receberem verbas públicas (TEIXEIRA, MATIAS, MASCARENHAS, 2017) de diferentes vias sem, no entanto, demonstrar contrapartidas. Se mesmo os atletas entrevistados que estiveram em uma olimpíada não relataram o apoio da confederação, este privilégio financeiro não os auxiliou para terem condições de dedicação exclusiva, ao contrário do que apontam Teixeira, Matias e Mascarenhas (2017).

Para auferir subsídios que permitissem aos atletas se dedicarem integralmente ao atletismo utilizaram de seu capital simbólico – potencial performático – para ingressarem em equipes que pagavam salários, classificação nas melhores posições do ranking para fazerem jus às bolsas governamentais e de igual forma competirem nos eventos de maior visibilidade para serem patrocinados por empresas esportivas – como Nike, Adidas e Puma. Como apontado por Hasaan, Biscaia e Ross (2019) a relação

entre atleta e patrocinadores (clubes, marcas e estado) é marcada por uma transferência ao atleta do potencial daqueles que representam, motivo pelo qual os atletas devem provar, de alguma maneira, que serão capazes de vencer e conseqüentemente associar que seus patrocinadores são entidades vencedoras e que possibilitam a vitória. Esta lógica também é regida em oposição, quando os atletas perdem seus patrocinadores são associados negativamente. Como apontado pelos autores o atleta é possuidor de um capital que pode ser convertido em capital social, simbólico, político e/ou econômico, capital esse apresentado nesta tese como sendo o de um potencial performático (simbólico), ratificando as relações estabelecidas entre o discurso dos entrevistados e o subcampo do atletismo, relação de consumo (BOURDIEU, 2003; MARCHI JUNIOR, 2015).

O *habitus* do subcampo do atletismo exige do atleta, para ter este suporte que o permite dedicar-se em tempo integral, principalmente, tempo a disposição do subcampo, como eleger Bourdieu em sua teoria. A atleta A4-20016 e A7-2016 deixam claro que conseguiram conquistar a vaga olímpica quando tiveram condições de estar integralmente a disposição dos treinamentos e preparação, ratificando que para conseguirem tal feito foram auxiliadas por seus treinadores, alicerçadas por seu histórico como atletas e rendimento esportivo. O Brasil possui grande fonte de recursos destinados ao esporte, mas como apontado por Alexandrino (2019) tais recursos não estão alocados estrategicamente.

Desta forma o pressuposto de Houlihan e Green de que o suporte para atletas em tempo integral é um fator que direciona o atleta para o sucesso e conquistas esportivas é verdade para os entrevistados, com algumas ressalvas. Pelos estudos identificados na literatura os atletas entrevistados não puderam ter uma condição confortável suficiente para dizer o que seria o suporte – quantitativamente e qualitativamente – que lhes garantiria dedicar-se integralmente para o atletismo. Porém, alguns atletas puderam vivenciar condições financeiras no ápice da carreira, como A1-2004 e A5-2012, que deram mostra deste suporte, um deles pelos patrocínios e prêmios de competições e o segundo pelo acúmulo de bolsas e patrocínios. Ressalva-se que está sendo discutido a vida de atletas que conquistaram uma vaga olímpica efetivamente, ficando a reflexão de qual o tipo de suporte os atletas

que se encontram em níveis esportivos abaixo estão recebendo, pondo em dúvida o potencial de descoberta de novos atletas, a taxa de desistência ou perda de atletas que durante o processo foram influenciados negativamente pela falta deste suporte.

O subcampo do atletismo brasileiro possui posições que conferem a seus atletas o suporte para dedicação integral ao treinamento, mas aparentemente são posições escassas, disputadas em elevado grau de disputa, não garantem efetivamente a integralidade e exclusividade de dedicação de seus atletas, além de ser insuficiente para que resultem em resultados esportivos que os coloquem em disputa com os melhores atletas do mundo, pois os entrevistados, apesar de conquistarem as vagas olímpicas, ficaram aquém de disputarem medalhas, mesmo as atletas A2-2008 e A3-2004 que tiveram recorrentes quebras de recordes brasileiro e sul-americanos em suas épocas.

## 6.8 PRESTACAO DE SERVICOS DE TREINAMENTO, CIENCIA ESPORTIVA E MEDICINA ESPORTIVA

O terceiro fator de sucesso apontado por Houlihan e Green foi amplamente discutido pelos atletas em uma clara ausência de acompanhamento do que seria a prestação de serviços profissionais que garantissem a continuidade do treinamento, principalmente o potencial performático (capital simbólico) dos atletas, que era obtido única e exclusivamente pelo corpo, capital corporal. Passando à análise das entrevistas temos que:

[...] Não tinha nutricionista, não que não tinha, a gente não queria porque passava tempo viajando, era difícil acompanhamento, então não procurava [...] (A1-2004)

[...] você precisa treinar dois períodos, suplementação, fisioterapia, a recuperação é tão importante quanto o treino, estrutura, um relógio bom, uma viseira. Tudo isso custa dinheiro e as pessoas não tem noção. (A2-2008)

não tinha médico, fisioterapeuta, só em atletas na competição com o técnico de marcha, não tinha o dirigente, não tinha nada [...] [...] Consegui chegar numa olimpíada sem nada, sem um polivitamínico, sem nada. [...] Uma coisa que senti muita falta foi a

parte psicológica, ter um psicólogo. Nós somos preparados todo dia para treinar, mas não quando nos lesionamos, deixar de treinar por conta disso. (A3-2004)

Para os relatos dos atletas A1-2004, A2-2008 e A3-2004 verifica-se a inexistência do apoio interdisciplinar, além do treinador, para acompanhamento dos atletas, principalmente no aspecto nutricional, clínico e psicológico. No que diz respeito a alimentação todos eles comiam o que conseguiam, não o que precisavam, mesmo que houvesse indicação nutricional, pois o suporte para dedicação exclusiva não permitia o investimento dos atletas em um especialista (nutricionista e/ou nutrólogo) e mesmo alguns clubes que proporcionavam tal profissional, os atletas não teriam condições de absorver mais este gasto. O atleta A1-2004 relata que por morarem em república os próprios colegas de equipe saiam para comprar os alimentos e cozinhar. O comportamento dos entrevistados vai ao encontro dos achados por Fortes et al. (2016) de que atletas jovens do atletismo brasileiro apresentam quadro sub nutricional, justamente por não terem acompanhamento adequado e gerirem a própria alimentação. Da mesma forma Okuizumi et al. (2018) e Vitória et al. (2018) apontam o estado nutricional e corporal inadequado de jovens atletas de atletismo brasileiro, confirmando que desde a fase inicial do esporte até a de rendimento olímpico, o acompanhamento nutricional dos atletas não é realizado, afetando a constituição física e psicológica. Para Beermann et al. (2019) até mesmo os atletas de cross country, da primeira divisão da liga nacional americana, o estado nutricional é abaixo do necessário, principalmente pelos atletas não terem conhecimento do que e quanto comer.

Sobre a assistência como fisioterapeuta, ficava restrita à utilização quando se lesionavam, não houve um trabalho preventivo, da mesma forma que ocorria com a alimentação, os atletas recorriam a ajuda de amigos, empresários e órgãos públicos para utilizarem deles. De acordo com Feitoza e Júnior (2000) as lesões em atletas de atletismo é incidente em 70,5% nos corredores e 89,4% dos saltadores, sendo que em 85% deles as lesões ocorrem em membros inferiores. Para os autores as lesões decorrem de deficiência técnica, falta de material e estresse muscular. Os resultados apontam, ainda, que os atletas procuraram fisioterapeuta e médico somente

depois das lesões acontecerem, não havendo trabalho preventivo e de acompanhamento.

Por fim o suporte de profissional da psicologia comentado pelos atletas é ainda menos presente na trajetória dos atletas, apenas uma delas citou a necessidade de tê-lo presente em seus treinamentos.

[...] 2010, 2011 e 2012 tive lesão. 2013 tive uma depressão básica [...] A partir de 2014 consegui me organizar, era descansar, comer, treinar, fazer fisioterapia, descansar, comer, treinar e fazer fisioterapia. [...] massagem é sensacional pra recuperação [...] Quando estava em São Paulo na BM&F tive todo tipo de suporte. (A4-2016)

[...] o treinador não ajuda os atletas somente na questão de treino, o básico de suplementação, ele é um *meneger*, leva os atletas dele para competições na Europa, está sempre junto [...] na BM&F, Rede Atletismo e Pinheiros tive todo suporte necessário. (A5-2012)

[...] o médico que consegui foi pelo treinador [...] 2012 tive lesão [...] Teve um período que eu fiquei ruim de cabeça [...] (A6-2016)

Só quando eu morei em Uberlândia/MG tive equipe multidisciplinar, fisioterapeuta, massagista, psicóloga, médico, tinha um plano de saúde [...] Tudo isso fez bastante diferença, ajudou muito! Na época foi bem essencial. (A7-2016)

Os depoimentos dos atletas A4-2016, A5-2012 e A7-2016 demonstraram que entenderam a importância de profissionais para o acompanhamento de desenvolvimento no esporte. Todos eles relatam um histórico de lesões no esporte que desencadeou outros de ordem psicológica e por sua vez, estando sem condições de treinar, acabavam se alimentando mal e engordando. Jovens atletas de atletismo no Brasil, com idade entre 14 e 19 anos, apresentam níveis de ansiedade elevados já no início da prática esportiva de acordo com Vieira et al. (2011), demonstrando também que esta alteração psicológica afeta o rendimento esportivo e o desempenho real da capacidade do atleta. Poucher et al. (2019) aponta que a relação de tensão com o atleta é um fator estressor, assim como a pressão para se obter rendimento ou o resultado não obtido, da mesma forma Feitoza e Júnior (2000) verificaram que o estresse psicológico gerado em atletas de atletismo é causado, além da ansiedade, por dificuldade de concentração e desmotivação, sendo fatores geradores de lesões musculares devido o estado psicológico alterado. Os autores identificaram que os atletas não procuraram

psicólogos para tratamento. O fator de sucesso apontado por Houlihan e Green está atrelado à possibilidade dos atletas se dedicarem integralmente ao treinamento, de possuírem condições financeiras de sustentarem uma vida de investimento no atletismo ou que de alguma maneira recebam este suporte externamente. Sarkar e Fletcher (2014) confirmam que a resiliência psicológica pode ser alterada pelos causadores indicados por Feitoza e Jeunior (2000) e Vieira et al. (2011), e se trabalhada adequadamente pode proporcionar ao atleta fatores de proteção psicológica que irão permitir melhores resultados esportivos. Para Poucher et al. (2019) é importante que os atletas trabalhem as questões da saúde mental com seus técnicos e uma equipe especializada visando encorajar os atletas a buscarem ajuda.

Os relatos apontam que a rede de contatos estabelecida, principalmente por intermédio de seus treinadores, possibilitou que em momentos difíceis fosse conseguido profissionais da saúde para tratar os atletas, mas não era algo institucionalizado, garantido. As melhores condições vividas pelos atletas relatam o centro de treinamento de Minas Gerais como de excelência no fornecimento de profissionais à disposição dos atletas ou quando estavam ingresso em algum clube esportivo, que inclusive acabavam pagando plano de saúde para os atletas. Como apontado por Alexandrino (2019) os clubes que subsidiam atletas no Brasil fornecem apoio financeiro, assessoria de carreira, estrutura de treinamento, preparação física, nutricionista, psicólogo, fisioterapeuta, médicos, fisiologistas, educação, assistência social, suporte habitacional e alimentação. O autor conclui, apesar desta gama de profissionais disponíveis, que mesmo nos clubes os serviços não contemplam todas as necessidades do atleta para que obtenham sucesso. Esta falta de assistência e lesões motiva grande parte de atletas juvenis do atletismo brasileiro a abandonarem a modalidade no Brasil (ROCHA, SANTOS, 2010).

Vencido a disponibilidade de profissionais é identificado que os atletas não os buscaram no início da carreira esportiva por não entenderem a importância do acompanhamento, mesmo quando se machucavam relacionavam a presença de uma equipe multidisciplinar para resolver problemas pontuais. Com algum tempo de prática e vivência no atletismo os entrevistados passam a compreender a necessidade de serem assistidos por

tais profissionais, deparando-se com dificuldades próprias do subcampo que proporcionam esse contato quase exclusivamente para os atletas que estão nos clubes esportivos, do contrário o contato é restrito pela busca pessoal a eles ou quando, por intermédio de seus técnicos, conseguem patrocínios junto a empresas ou prefeituras. Em que pese terem relatado ser importante, não utilizavam dos serviços, com exceção da atleta A7-2016, mas sofreram pela ausência deste tipo de serviço à saúde, muitas vezes potencializados como foi o caso do atleta A5-2012 que, ao invés de ter no treinador a pessoa que o ajudaria obteve o contrário, por seu mal relacionamento com ele passou por momentos de estresse. Outro aspecto de destaque é que nenhum dos atletas relatou sobre a aplicação de ciência esportiva, uma total ausência na vida de todos os entrevistados. Para Caregnato, Ordonhes, Silva e Cavichioli (2020) existem poucas informações e estudo sobre o atletismo, o que dificulta a criação de modelos para treinamento.

Já sobre o serviço de treinamento recai exclusivamente sobre os treinadores. De acordo com os atletas (A3-2004, A4-2016, A7-2016, A8-2016) os problemas de ordem pessoal acabavam dificultando a relação e a visualização de diferentes métodos de treinando, que acabavam sendo entendidos pelos atletas como treinos diferentes ou estranhos. Mas os atletas afirmam a confiança que depositaram em seus treinadores, mesmo entendendo que alguns treinamentos pareciam fugir do que eles concebiam por usual para a modalidade. Para Poucher et al. (2019) deve repousar nos treinadores, os detentores de autoridade pelos atletas, a responsabilidade de direcioná-los para o tratamento da saúde mental e evitar estressores ou doenças. Na Grécia, por exemplo, os técnicos de atletismo da primeira e segunda divisão (atletas de maior rendimento esportivo), apontam que as principais competências de um treinador de atletismo devem ser o conhecimento de técnicas e treinamento, ciência do esporte, biologia, prevenção de lesões e gestão de riscos (STRAVOPOULOS et al., 2014). Tais competências estão atreladas ao presente fator apontado por Houlihan e Green, incidindo diretamente no atleta, tendo em vista que o treinador acaba se tornando o responsável por sua condução, não só no treinamento, mas na assistência a saúde ao prestar atendimento ao atleta, como é apontado por Caregnato, Ordonhes, Silva e Cavichioli (2020) ao afirmarem que o treinador

de atletismo deve estar qualificado devido ao seu importante papel no processo de formação dos atletas de atletismo.

O subcampo do atletismo brasileiro absorve parte do campo da saúde pelos profissionais que atuam no subcampo, como é o caso do fisioterapeuta, psicólogo e nutricionista. Assim como para as instalações de elite, estes serviços também dependem da escolha primária do atleta que é conseguir um clube que lhe garante proventos financeiros e somente após poderem pensar nas outras ferramentas de desenvolvimento de seus potenciais. Quando não conseguiram por meio dos clubes o fizeram pelas forças armadas, como a atleta A7-2018, ou nos centros esportivos construídos pelo governo (Minas Gerais e Amazonas), utilizado pelos atletas A6-2016 e A7-2016. Ainda assim, ficou evidenciado que os atletas passaram a compreender a necessidade de tais profissionais somente quando se lesionaram ou ficaram doentes. Para Fonseca et al. (2019) mesmo os atletas amadores de corrida de rua e com poder aquisitivo alto, a utilização e acompanhamento por profissionais de saúde é muito pequena. No entanto Anjos (2019) aponta que os atletas aprendem a conviver com lesões e dores logo no início da carreira esportiva, incorporando este elemento como parte da vivência no esporte. Este comportamento se apresenta como um *habitus* do atleta de atletismo, de que os treinamentos devem ocorrer com ou sem problemas de saúde, que as dificuldades em conviver com tais deficiências fazem parte do subcampo. O gosto, característica apontada por Bourdieu como componente do *habitus*, pelo atletismo suplanta dores ou lesões, pela ausência de um psicólogo ou fisioterapeuta. Esta ausência é sentida pelos atletas, no entanto o discurso demonstrou ares de conformismo, uma aceitação passiva que denota uma característica do subcampo. Anjos (2019) complementa que este processo funciona como um ciclo no qual o atleta precisa de financiamento para profissionais de saúde, mas para obtê-los necessita de resultados, por sua vez precisa estar saudável para consegui-los. Para o autor o corpo é instrumento de trabalho dos atletas, mas ficou confirmado somente quando os entrevistados passaram por episódios de lesões.

O corpo do atleta é seu próprio capital corporal e a utilização desta variada gama de serviços da saúde que o auxiliam a ter melhor ou pior rendimento, também são parte de seu capital simbólico, o potencial

performático. Esta dimensão estética (MARCHI JUNIOR, 2015) no subcampo do atletismo é o resultado do fator apontado por Houlihan e Green, englobando todo tipo de atividade que possa dar polimento a performance do atleta, desde a parte física e psicológica, até às maneiras mais adequadas de seu uso, seja nas rotinas diárias como das indicações por meio de pesquisas que indicam os melhores treinamentos.

Neste aspecto evidenciou-se que a prestação de serviço, medicina e ciência esportiva foi importante após anos de carreira, mas não em seu início, tendo em vista que somente a atleta A3-2004 necessitou de suporte médico nesta fase. O subcampo do atletismo possui uma interação muito tênue com o campo da saúde e ciência, resultado que leva os atletas de atletismo a percorrerem sua trajetória com sua ausência, mas quando necessário não possuem capital econômico suficiente para usufruir, ao contrário o relato dos atletas teve como ponto em comum as relações construídas com diversos agentes do subcampo para conseguirem tais profissionais, demonstrando que no ponto da carreira em que eram reconhecidos como atletas potencialmente ativos, quando seu capital simbólico era ou estava em ascensão, também detinham um capital social que permitia ter acesso aos médicos, fisioterapeutas e nutricionistas.

Destaco que a ciência esportiva tem sua avaliação superficial neste fator apontado por Houlihan e Green (2008), pois os relatos dos atletas ao dizerem que realizavam os treinamentos que seus técnicos passavam, como disse A6-2016 que seu papel era fazer o treino, e nenhum deles relatou momentos de pesquisa ou testes que tivessem a intenção de melhorar, demonstra que não existe ciência esportiva no subcampo do atletismo, pois tudo que foi importante em suas trajetórias foi apontado em seus discursos.

Para a conquistas da equipe multidisciplinar os atletas lançam mão novamente de seu capital simbólico para barganhar o uso dos profissionais da saúde e em outras oportunidades o treinador utiliza do capital dos atletas por eles, visando barganhar e disputar por posições no subcampo do atletismo. O pressuposto apontado por Houlihan e Green como indicador de sucesso esportivo é uma realidade deficitária no subcampo do atletismo brasileiro, ficando restrito aos clubes esportivos e a uma rede de contatos que pode auxiliar o atleta quando necessário. Este problema é asseverado quando

Anjos (2019) aponta que o fato de os atletas continuarem a treinar, mesmo passando por momentos em que sua saúde estivesse deficiente, ocorre por negarem os limites do próprio corpo, um signo de sua dedicação ao esporte e um traço que os identifica (COAKLEY, 2015) no subcampo. Tanto o discurso dos entrevistados como as pesquisas apresentadas apontam que os atletas corroboram para que este fator apontado por Houlihan e Green seja negado pelos agentes do subcampo do atletismo e por eles mesmos quando, por exemplo, não exigem ou os buscam. Para que não levem todo o crédito da responsabilidade deste fator, também entendo que o atleta passa a ter conhecimento e convicção deles quando o gosto e a disposição em permanecerem ocupando as posições do subcampo já não estão presentes como quando estavam em ascensão no atletismo. Isto ocorreu com os atletas A1-2004 e A4-2016, por exemplo, que após passarem por muitas lesões ficaram cansados e desistiram de continuar, de ocupar sua posição no subcampo do atletismo. Mas enquanto permanecem, enquanto continuam no subcampo, superando ou aceitando a deficiência deste suporte, investindo seu capital simbólico para diminuir perdas da própria saúde, aumentam o vínculo emocional com o atletismo e a trajetória que construíram e constroem (ANJOS, 2019).

Com recorrentes episódios de lesões em razão de treinamentos e competições, os treinamentos adequados e auxílio de uma equipe multidisciplinar de saúde se apresenta como fundamental para o desenvolvimento do rendimento esportivo, no entanto a partir dos relatos dos atletas não fica evidente o quão necessário seria sua participação e o quanto sua ausência pode causar de prejuízos. O subcampo do atletismo participa aos atletas de agentes que podem auxiliá-los com a medicina esportiva, treinamento e ciência, mas a partir dos relatos dos atletas ficou claro que ao capital corporal dos atletas não é dado a importância que merecem, visando a promoção de manutenção e conservação da saúde com o objetivo de conseguirem resultados esportivos. Neste aspecto fica evidente a dupla via para o capital simbólico dos atletas (potencial performático), pois para o aumentarem precisam alimentar seu capital corporal, utilizando os serviços de saúde e treinamento, de outro lado também demonstraram que para ter acesso a tais serviços precisam demonstrar que seu capital simbólico é

suficientemente equivalente ao investimentos que os profissionais, clubes e estado irão realizar nos atletas (HASAAN, BISCAIA, ROSS, 2019).

Este jogo de aposta e promessa de ganhos, para os agentes do subcampo do atletismo, se revela uma característica presente não só na fase de alto rendimento, como ficou demonstrado nos depoimentos, mas pode ser observado na iniciação esportiva quando mesmo na escola os professores lançavam mão de seu capital social (rede contatos) para disponibilizar serviços que dariam melhores condições e valor ao capital corporal dos atletas, conseqüentemente ao seu capital simbólico.

#### 6.9 HIERARQUIA DE OPORTUNIDADES DE COMPETICAO CENTRADA NA PREPARACAO PARA EVENTOS INTERNACIONAIS

Um dos pontos em destaque para os treinamentos realizados pelos atletas que conduziram às competições foram os *campings*. Esta nomenclatura é utilizada pelos atletas para denominar um período em que ficam em outro país para realizar treinamentos específicos e de maior dificuldade. Dos entrevistados 6 tiveram a oportunidade de realizar um *camping* e relataram que a experiência proporcionou a participação em competições internacionais e melhores resultados esportivos. Os dois atletas que não realizaram, não o fizeram por falta de oportunidade, já aqueles que realizaram possuem diferenças nas condições em que participaram.

A primeira diferença diz respeito ao custeio do *camping* que envolve gastos com transporte (passagens aéreas e deslocamentos na cidade), hospedagem (hotel ou casa) e alimentação. Dos entrevistados o atleta A1-2004 pode ficar na residência de seu técnico nos Estados Unidos tendo o custeio com passagens e alimentação apenas, já a atleta A2-2008 pode realizar três *campings* e somente em um deles teve ajuda no custeio das passagens pelo clube e CBAT, no seu relato eles “pagavam 50% do valor e o resto você tinha que bancar. Isso que eu era a melhor do ranking”. Nas outras duas oportunidades custeou com a ajuda de amigos, familiares, economias pessoais e empresários e relatou A2-2008 que “Lá (Europa) eles tinham uma estrutura ótima, dois treinos, massagista, treinamento, descanso, tira a família” e em razão destes períodos dedicados exclusivamente ao

treinamento a atleta pode ficar por quase 4 meses, alugou um apartamento e treinava com o treinador da equipe de Portugal que se comunicava com seu marido (técnico no Brasil) para ajustar os treinamentos, tendo obtido melhores resultados neste período, como relata:

Descemos de Portugal para a Itália, competimos numa prova de 10km em pista, ali eu bati o recorde brasileiro de pista, já tinha batido o recorde em Portugal, estava super rápida [...] sempre gostei de competir na Itália por ter feito resultados bons. (A2-2008)

As oportunidades de *camping* conseguidas pela atleta A2-2008 foram fruto de amizades realizadas em competições com atletas portuguesas que vieram ao Brasil para competir, desta forma pode construir a oportunidade de treinar em equipes com atletas do mesmo nível ou mais forte e por iniciativa própria buscou treinamentos diferenciados, pois no Brasil “era a melhor, muito superior as outras atletas, eu não tinha competitividade. Treinava sozinha, você automaticamente se acomoda”. O preço de lutar por resultados e fazer parte do subcampo do atletismo ia além de dinheiro e patrocínio, segundo a atleta “minha filha ficou no Brasil com o pai, coitada. [...] ‘mãe você nunca passou um Dia das mães comigo’, quando tinha festa na escola era o meu marido que ia, era conhecido como “pãe” (pai + mãe)”.

A atleta A3-2004 participou dos *campings* na mesma oportunidade que a atleta A2-2008, fruto das mesmas amizades, no entanto como A3-2004 morava em uma cidade pequena teve o apoio da prefeitura e empresários no custeio da viagem, relata que “Nas cidades pequenas você consegue ter acesso aos empresários e é mais visível, então cada um deu um pouco de coisa e consegui ir treinar na Itália”. Os atletas A4-2016 e A6-2016 tiveram a mesma oportunidade para treinar em um *camping*, como disputaram uma vaga para as olimpíadas RIO 2016 os clubes estavam mandando os atletas das provas de velocidade para um *camping* nos Estados Unidos, ambos foram indicados por seus técnicos e não tiveram despesas, conseguindo os índices olímpicos necessários, relatando o atleta A6-2016 que “fui para o Estados Unidos na Flórida, fiz 45.90s no 400m de novo, 45.50 depois e 45.44, fiz o índice para olimpíada”:

[...] eu fui pra aquele camping nos Estados Unidos que eles levam os velocistas e todo mundo. Eu era o patinho feio porque eu não tinha corrido nada em 2015, só que o meu treino, o meu técnico via meu treino, ele pediu pra me levar. (A4-2016)

Por fim a atleta A7-2016 teve no planejamento do técnico a perspectiva de treinar em um *camping* no Quênia/Africa, porém cada atleta deveria custear suas despesas. Sabendo da importância deste treinamento e confiando em seu técnico relatou que:

Foi da metodologia, ele que escolheu o lugar, na verdade ele tinha oferecido pra equipe inteira, só que quem teve condição de bancar foi, quem não teve ficou [...] na época eu fui, eu usei o dinheiro do patrocínio que havia ganhado da Puma, que eu recebi em 2014, no ano anterior, pra poder pagar minha passagem e as minhas despesas.

Durante a estadia no *camping* a atleta A7-2016 pode vivenciar a experiência do treinamento, relatando que com ele “o meu rendimento no *camping* não foi o esperado por causa da altitude, sofri bastante com altitude, tive bastante dificuldade”, mas pode agregar valores que mudaram sua perspectiva de vida “[...] o Quênia foi muito importante na minha carreira, foi um dos *campings* que foi literalmente importante, eu vejo que foi acertado, não tem explicação.”.

Desta forma os *campings* realizados pelos atletas foram fruto de amizades, desempenho esportivo, iniciativa pessoal e investimento financeiro pessoal, tendo ainda como intermediadores os técnicos, clubes e patrocinadores privados para que obtivessem êxito em participar. Como foi demonstrado os atletas auferiram importantes conquistas com os *campings* para seus resultados e no caminho de conquistar uma vaga olímpica, confirmando que um planejamento que envolva treinamentos integrados com outros países os coloca em condições de obter índices esportivos para competições como os jogos olímpicos, além de terem a oportunidade de participarem de competições esportivas também de maior dificuldade. Os relatos vão ao encontro dos achados de Sentone et al. (2018) de que atletas do atletismo brasileiro obtiveram seus melhores resultados em competições fora do Brasil, ao mesmo tempo em que recebiam subsídios pelo Programa Bolsa Atleta ou no maior evento de atletismo no Brasil (Troféu Brasil), como

pode ser identificado por meio das entrevistas. Realidade também constata para atletas estrangeiros de longa distância, como o atleta A1-2004, A2-2008 e A3-2004, que de acordo com Nunes e Rocha (2019) migram para outros países para treinar, competir e participar de competições de alto nível.

Os relatos revelam que alguns atletas entenderam ao longo da trajetória esportiva que a oportunidade de realizar um *camping* permitiu que tivessem melhores resultados, resultando em investimentos pessoais para a sua realização o que foi possível somente por possuírem patrocínios privados. De outro lado houve aqueles que também conseguiram a mesma oportunidade patrocinados por seus clubes, mas antes estavam enquadrados no critério de estar entre os melhores atletas para ter esse direito, logo seu capital simbólico foi de fundamental importância, senão condição primeira para que conquistassem esse direito. Como apontam Anunciação et al. (2017) quanto maior o nível da prova, maior o critério para participar, conseqüentemente maior o benefício obtido em bolsas esportivas. Os atletas utilizaram do título de que possuíam no subcampo do atletismo – melhor atleta no ranking, campeão de determinada competição – para serem escolhidos pelos clubes, aliados ao capital simbólico – potencial performático. De acordo com Bourdieu a luta no subcampo do atletismo por uma oportunidade ou vaga em campings, treinamentos, competições e provas foram objetivadas como oportunidade de crescimento dentro da modalidade, não só pela possibilidade de elevar seus índices esportivos, como a apresentação para os clubes e patrocinadores:

Se a estrutura do campo social é definida em cada momento pela estrutura da distribuição do capital e dos ganhos característicos dos diferentes campos particulares, é certo em todo o caso que em cada um desses espaços em jogo, a própria definição daquilo que está em jogo e dos vários trunfos pode ser posta em jogo. Todo campo é um lugar de uma luta mais ou menos declarada pela definição dos princípios legítimos de divisão do campo. (BOURDIEU, 2005, p. 149)

Neste quesito os entrevistados que obtiveram apoio de seus clubes para competições internacionais foram privilegiados, pois como apontado por Alexandrino (2019) este tipo de apoio é considerado insuficiente ou muito insuficiente para alguns clubes do Brasil, limitando ainda mais a possibilidade dos atletas poderem organizar as competições em que pretendem participar.

Por fim a relação entre os atletas e seus técnicos também permitiu que entendessem a importância e oportunidade de realizar um *camping* para treinamento e por meio deles lhes foi dada a oportunidade, dentro do planejamento de treinamento, realizá-lo.

LOCAIS ONDE OS ATLETAS REALIZARAM <i>CAMPING</i> DE TREINAMENTO		
	Local	Pago por
A1-2004	Estados Unidos	atleta
A2-2008	Portugal (2x) e Espanha	atleta
A3-2004	Portugal e Espanha	atleta
A4-2016	Estados Unidos	clube
A5-2012		Não
A6-2016	Estados Unidos	clube
A7-2016	Quênia	atleta
A8-2016		Não

Tabela 12. Locais onde os atletas realizaram *campings* de treinamento. Sistematizado pelo autor, 2020.

Além da realização dos *campings* de treinamento, que foram oportunidade em um momento final da trajetória dos atletas, em sua caminhada os entrevistados competiram em inúmeras provas que, nem sempre estavam estabelecidas no calendário do treinador ou mesmo tinham um objetivo para acontecer. Como relatam os atletas tem-se que:

[...] o resultado do Troféu Brasil te da estabilidade no clube, mas tem outras competições de rua que proporcionam retorno financeiro. Na minha época exigiam de mim mais provas de rua [...] Mas fazia as provas mais da minha cabeça mesmo, corria bastante na Espanha [...] No Paraná é assim, ele não dá continuidade pro adulto, na minha época ainda tinha jogos da Juventude, jogos escolares, hoje deve ter mas já não é igual antes [...] só que dessa essência arrebenta, você tem que ter várias competições, no mínimo umas 10-12 competições no ano e no Paraná o que tinha no adulto? Só os Jogos Abertos, e as outras competições? Então aí que morria o atleta, depois você tinha que ir embora [...] (A1-2004)

O atleta A1-2004 advém de uma realidade distinta dos outros atletas por competir em provas de rua, como maratona e meia-maratona. Desta forma havia muito mais provas possíveis para competir do que aqueles exclusivas de pistas de atletismo. Como dito em seu depoimento e confirmado por Caregnato, Ordonhes, Silva e Cavichiolli (2020) é nas idades iniciais que as competições formais devem estar presentes, o que ocorreu para A1-2004 mas até uma fase determinada, motivo que o levou a mudar de estado. Os autores

aprofundam o tema apontando que poucos programas no Brasil contemplam desde a fase de detecção até o alto rendimento o que é confirmado por Anunciação et al. (2017) ao demonstrar que ao procurar regiões mais desenvolvidas, os atletas levam em consideração as localidades com maior número de competições, ratificando o discurso de A1-2004 sobre a falta delas no Paraná, mas a preponderância no estado de São Paulo. Como iniciou a prática esportiva na década de 90 o atleta A1-2004 viveu uma realidade diferentes dos outros atletas, pois o Paraná sediou entre 2005 a 2015, por exemplo, das edições dos jogos escolares de duas categorias (12-14 anos e 15-17 anos) quatro das edições (Maringá e Londrina/2009, Curitiba/2011, Londrina/2014) (INSTITUTO DE PESQUISA INTELIGÊNCIA ESPORTIVA, 2020).

Outro fator para o atleta A1-2004 é que o objetivo das corridas visava auferir ganhos financeiros, visibilidade pelos patrocinadores e cumprir com metas contratuais. Para Hasaan, Biscaia e Ross (2019) a visibilidade do atleta perante os fãs concede à marca maior ou menor credibilidade, portanto acabam estabelecendo às provas que os atletas devem fazer. Como afirma o atleta, ele mesmo escolhia as provas baseado nas premiações. Durante a entrevista demonstrou que sabia o nível de cada prova, quando deveria correr ou se corresse o que poderia esperar como resultado, pois no nível de rendimento esportivo olímpico os atletas sabem quem são os concorrentes e se eventualmente se enfrentam nas provas disputadas. De acordo com Anjos (2019) quando atletas de alto rendimento estão integrados em grupo, com objetivos em comum como ganhar provas, o sacrifício individual é elevado em nome do grupo, pelos laços afetivos criados. Este *habitus* do subcampo faz com que os atletas busquem a cada competição desafios e concorrentes mais fortes a serem superados, denotando a importância da hierarquia de competições. Seguindo com os relatos verificamos que a atleta A2-2008 tinha o calendário esportivo orientado pelo treinador/marido, mas com a dificuldade de que “Toda vez que ia para competições e treinamentos tinha que levantar dinheiro” o que dificultava seguir um planejamento para hierarquizar as provas visando melhorar seu rendimento esportivo. Já para a atleta A3-2004:

[...] um ano antes eu tinha ido pro mundial na Jamaica, mas não tinha compromisso nenhum, ganhei, fui pro Sul-Americano no Equador em Guaiaquil [...] primeiro Mundial eu fui pra Hungria [...] Era algo muito distante do que a gente acreditava, mas o meu treinador falava que a partir do momento que eu me apegasse aos tempos que as atletas faziam no Brasil, eu não iria conseguir chegar aonde as outras meninas estavam.

Para as atletas A2-2008 e A3-2004 havia regularidade de provas para a marcha atlética em todo o Brasil, principalmente um polo de equipes de treinamento e competições que acontecia em Santa Catarina. Por meio dos seus relatos foi possível identificar que seus treinadores entendiam que haviam provas específicas para cada momento do ciclo de treinamento, bem como a realidade de que, para suplantar os níveis competitivos adstritos ao Brasil, era necessário buscar adversários fora do país. Para os outros entrevistados verificou-se que:

[...] não tinha planejamento de calendário de provas. [...] Em 2014 eu que fiz meu calendário e estipulei as provas para cada período do ano. (A4-2016)

[...] Quanto mais competições tiver no começo do ano melhor, porque é o período da base [...] Mas o nível das provas do Brasil é outro, e a diferença da competição internacional é um pouco mais (A5-2012)

[...] o calendário de provas é do treinador [...] no atletismo o mais forte é você competir em São Paulo [...] (A6-2016)

[...] o ideal é você pegar uma sequência de competições pra você conseguir atingir o teu pico [...] o calendário de provas no Brasil não era feito pensando nos atletas. (A7-2016)

[...] comecei a competir nos jogos escolares, depois Brasileiro, fui ganhando as provas (A8-2016)

Por meio dos relatos dos atletas ficou evidenciado que os treinadores elaboravam as planilhas de competições pensando na progressão dos treinamentos e visando determinados índices para competições importantes como pan-americano, sul-americano e mundiais. E pacífico entre os entrevistados que para se atingir rendimento mundial e olímpico era necessário realizar competições fora do Brasil. Os atletas, sem saber, passaram pelo processo de desenvolvimento de provas em níveis cada vez maiores logo no início da prática do atletismo, quando estavam na escola passaram pelas fases regionais, estadual, nacional, sul-americano e mundial

escolares. Sutilmente o sistema de competições de atletismo presente no subcampo exigia que os atletas seguissem um rito que, aparentemente, é ditado apenas por índices esportivos, mas nos bastidores destas conquistas existe um sistema de relações entre os agentes do subcampo, um arranjo entre os grupos para que treinador, atleta, clube e prefeitura caminhassem na mesma direção podendo extrair do atleta seu melhor rendimento.

O pressuposto de Houlihan e Green de que um sistema hierarquizado de competições coloca os atletas em condições favoráveis de conquista e sucesso esportivo mostrou-se verdadeiro a partir dos relatos dos entrevistados, principalmente no tocante às competições internacionais como responsáveis por garantir índices para as competições de nível mundial e a vaga olímpica para todos eles. Este fator de sucesso é categórico com os atletas, pois o critério de entrada nas competições é um só, ter um índice determinado. No entanto para que fosse possível atingir este índice o atleta precisava trabalhar todas as outras questões do subcampo, como ter instalações de elite à disposição para o treinamento, suporte para dedicação em tempo integral, além de uma equipe/*staff* que prestem serviço de medicina esportiva, ciência e treinamento. O subcampo do atletismo se mostra aos atletas com um campo de lutas por diversos fatores que, juntos, proporcionam condições exponencialmente favoráveis ao desenvolvimento de desempenho esportivo.

Para Bourdieu o fato dos aceitarem as disputas engendradas no subcampo, entendo a necessidade de determinadas posturas serem tomadas para ocupar as posições de destaque no subcampo, dispendo-se a pagar para competir, ou frequentar campings em outros países e longe da família, lhe garantiriam potencialidades no rendimento esportivo. Os princípios de visão e divisão apontado pelo autor estão presentes nos discursos dos atletas quando eles próprios entendem que determinados ritos devem ser seguidos para diferenciar os agentes no interior do subcampo. Participar de *campings*, *challenges* e competições internacionais são princípios de diferenciação entre os atletas e treinadores que culminam com a diferenciação dos atletas quanto aos índices obtidos.

As categorias de percepção do mundo social são, no essencial, produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço social. Em consequência, levam os agentes a tomarem o mundo social como ele é, a aceitarem-no como natural, mais do que a rebelarem-se contra ele, a oporem-lhe possíveis diferentes, e até mesmo antagonistas (BOURDIEU, 2005, p. 141)

O sistema de competições disponibilizado para os atletas é barganhado por eles com seu capital simbólico – potencial performático e tempo a disposição do subcampo – para auferirem ganhos financeiros necessários para participarem de determinadas competições, pois entendem eles e seus treinadores que determinadas provas deveriam ser realizadas, como de fato foram por eles, para que cumprissem um calendário de metas – com o clube por exemplo ou a prefeitura que exigia a participação no município e estado.

#### 6.10 NOVAS POSSIBILIDADES E ACHADOS

Neste subcapítulo será apresentado achados que se destacam da literatura apresentada na revisão bibliográfica, principalmente no que diz respeito à realidade do atletismo brasileiro, baseada nas entrevistas.

Por meio dos relatos ficou constatado que todos os atletas, em algum momento, tomaram decisões na carreira influenciados pelos seguintes motivos:

## MOTIVOS QUE INFLUENCIARAM OS ATLETAS DURANTE SUA TRAJETORIA

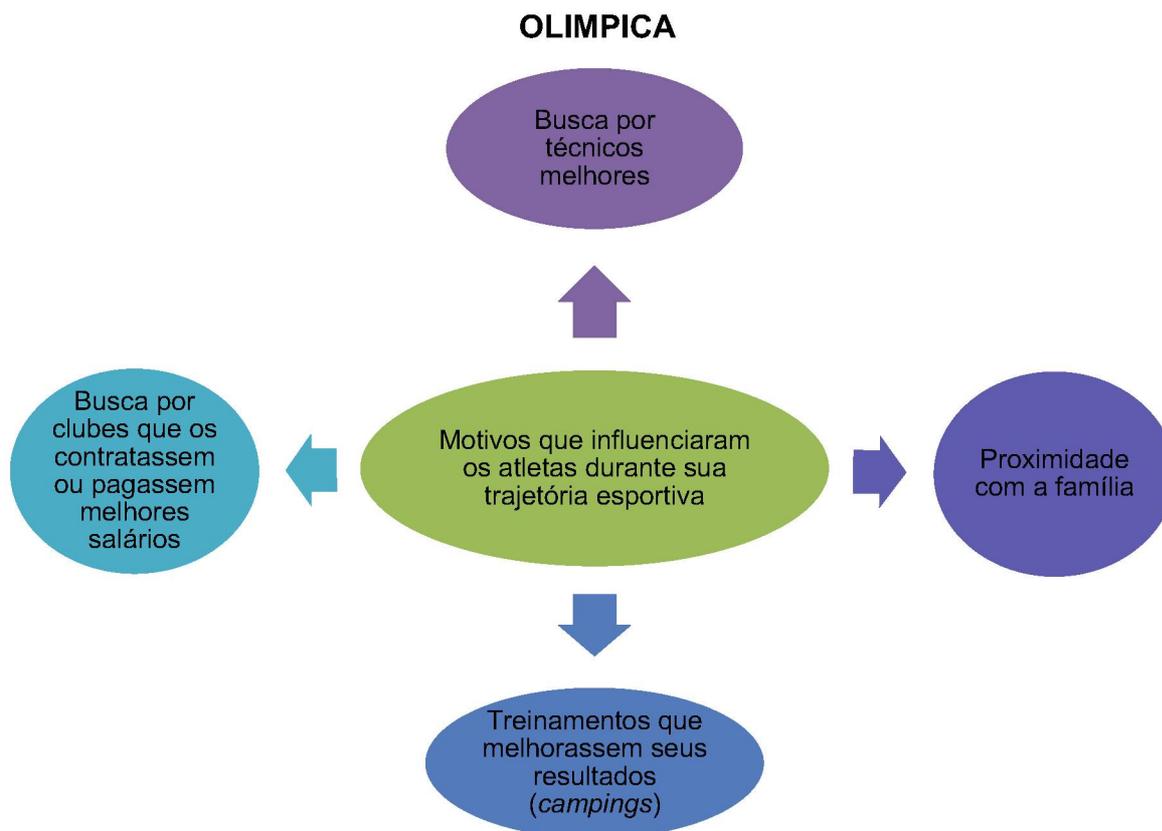


Figura 4. Motivos que levaram os atletas paranaenses que participaram de Olimpíada a tomar decisão durante a carreira esportiva. Sistematizado pelo autor, 2020.

Visando estabelecer alguma relação entre os fatores preditores de sucesso esportivo apontados por Houlihan e Green (2008) selecionados nesta pesquisa, com os motivos identificados na figura anteriormente, é possível inferir que em relação ao **(1)** desenvolvimento de instalações de elite, os entrevistados demonstraram que ter acesso a tais estruturas é importante, mas o desenvolvimento do treinamento não está atrelado exclusivamente a elas, nem tão pouco foi levado em consideração por eles como critério de escolha para qualquer um dos motivos elencados anteriormente.

Para o fator **(2)** suporte para atletas em tempo integral, pontuando exclusivamente o subsídio financeiro, evidencia-se que os atletas são motivados em sua trajetória principalmente pela busca de recursos financeiros ou de entidades e pessoas que garantam tal recurso, como os clubes ou família. Já para o fator **(3)** prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva, entendo que não estão estabelecidas e firmadas

no subcampo do atletismo de maneira consolidada. Foi possível verificar que os técnicos dos atletas compreendem a dimensão de importância destas ferramentas no subcampo do atletismo, assim como são levadas em consideração no campo esportivo e algumas de suas modalidades (como aponta a atleta A2-2008 ao relatar que seu primo possuía acesso a todos eles por ser jogador de futebol, por exemplo).

Por fim o fator **(4)** hierarquia de oportunidades de competição centrada na preparação para evento internacional foi importante para a carreira dos atletas quando estavam na fase adulta e sentida, devida sua falta, na fase infantil. A trajetória dos atletas entrevistados demonstrou que o ciclo de treinamento vivenciado por eles permitiu, em conjunto com as oportunidades de competições apresentadas a eles, estarem nas competições que, fundamentalmente os atletas buscavam para conseguir índices em progressão para cada novo evento esportivo mais elevado.

Desta forma os motivos que influenciaram os atletas de atletismo entrevistados se aproximam em partes dos fatores apontados por Houlihan e Green (2008) o que demonstra uma particularidade sobre as condicionantes de desenvolvimento de um atleta olímpico de atletismo no Brasil, neste aspecto os fatores de Houlihan e Green (2008) não contemplam, na totalidade, a realidade do subcampo do atletismo brasileiro, sendo um ponto limitador desta pesquisa, pois no decorrer da análise dos discursos outros fatores apresentados na revisão de bibliografia demonstraram-se mais próprios do atletismo (tais como a proximidade com a família, estar na cidade natal, ter reconhecimento público).

Apesar da fragilidade encontrada para analisar o atletismo brasileiro por meio dos fatores citados, a discussão foi suplantada pela análise sociológica proposta pelos seguintes motivos. Ao elencar os fatores de Houlihan e Green (2008) como um caminho ao entendimento da trajetória olímpica, a análise sociológica apresenta em destaque que todos eles estão atrelados ao relacionamento que os agentes do subcampo do atletismo no Brasil possuem entre si, principalmente na relação do atleta com o técnico, e vice-versa, e de ambos com as entidades que são parte do subcampo do atletismo. Estes possíveis relacionamentos estão intimamente ligados com o papel desenvolvido pelo técnico, agente mobilizador do subcampo do

atletismo, ainda que não exista o desenvolvimento da modalidade sem o atleta.

Vejamos a seguinte alegoria<sup>15</sup>, um marionetista treina e aperfeiçoa suas técnicas, aplicando-as em sua marionete, escolhe os locais de apresentação, negocia cachê, coloca em destaque sua marionete para um público que vai ao seu encontro para assisti-lo, para investir seu tempo em um evento. Ainda que o público saiba que é o marionetista o responsável pela marionete, é para esta que as pessoas estão voltadas. Não existe um evento sem a marionete, assim como não existe sem o marionetista. A relação é quase quimérica<sup>16</sup>.

Para o subcampo do atletismo no Brasil observamos, nas devidas proporções, o mesmo. Não existe atleta sem técnico, assim como técnico sem um atleta para treinar. O público e entidades se voltam para os atletas, eles são os atores principais, mas conduzidos durante o processo por seus coadjuvantes técnicos. Digo coadjuvante, pois o *habitus* presente no subcampo do atletismo no Brasil revela que qualquer um dos fatores apontados por Houlihan e Green (2008) são condicionados pelas relações existentes entre o técnico e o subcampo do atletismo, uma relação não explorada pela literatura tendo como ponto focal o técnico.

Pela extensão territorial brasileira os atletas puderam esclarecer que qualquer dispersão de atletas no território os levará a buscar, na fase adulta, a região sudeste do Brasil, preponderantemente. No entanto, a trajetória olímpica, como apresentada, é composta por diversas fases as quais apresento três principais: da apresentação à modalidade até o fim do período escolar, do início da fase adulta até a convicção pelo atleta de que o atletismo é seu meio de subsistência e sua própria construção de agente pertencente ao subcampo do atletismo no Brasil, findando com o desenvolvimento do agente enquanto atleta (por meio de seus resultados esportivos) até a competição olímpica.

---

<sup>15</sup> Alegoria é um modo de expressão ou interpretação que consiste em representar pensamentos, ideias e qualidades sob forma figurada. Forma de descobrir ideias ou concepções embutidas figurativamente em narrativas.

<sup>16</sup> Quimera é a combinação heterogênea ou incongruente de elementos diversos, tal qual na mitologia sobre os monstros com são compostos com partes de animais diferentes.

Cada uma das fases exigiu dos atletas entrevistados a reformulação do seu “eu” atleta no subcampo do atletismo, adaptando-se e apropriando-se do *habitus*, bem como aprendendo a utilizar os capitais inerentes àquele espaço social. Esta leitura sociológica demonstrou, em minha análise, que os fatores preditivos de sucesso são colocados em destaque de forma diferente em cada uma das fases, como dito anteriormente, as instalações de elite não foram imprescindíveis para os entrevistados na iniciação, mas na fase adulta o foram; a forma como o subsídio financeiro era recebido e utilizado em cada fase também é distinta, assim como a relação com uma equipe multidisciplinar de treinamento e as competições esportivas em seus diferentes níveis.

Desta forma o atletismo se apresentou como uma rede dividida em níveis micro e meso juntos, quando desenvolvidas pelo município e estado, e no nível macro desenvolvida pela União. Na fase de apresentação à modalidade até o fim da fase escolar os municípios e estado são as entidades públicas presentes e responsáveis pelo desenvolvimento dos atletas, logo a relação dos atletas está intimamente ligada com as instituições de ensino e secretarias de esporte municipais e estaduais, por meio de seus professores e servidores públicos. Neste aspecto, pensar em uma **Rede Estadual de Atletismo** ou de **Esporte** denota uma estratégia eficiente para que mais agentes do subcampo do atletismo no Brasil possam ter acesso à modalidade, aumentando o leque de possibilidades de que um jovem atleta venha a se tornar um atleta olímpico. Esta rede estadual desonera uma possível rede nacional de esporte suplantando, por meio de estratégias em níveis menores de gestão, o fraco capital cultural, social e econômico característico dos atletas de atletismo das provas de pista e campo. Isto porque nesta primeira fase dos atletas a maioria dos entrevistados relatou que iniciaram e se desenvolveram em locais onde as instalações não eram de elite, necessitaram pouco de uma equipe multidisciplinar para treinamento (treinador, medicina e ciência esportiva), assim como o incentivo financeiro que receberam do município, financiamento educacional em escolas particulares e incentivos da comunidade foram suficientes para se disporem a ingressar no subcampo do atletismo.

No segundo momento da trajetória olímpica, início da fase adulta até a convicção pelo atleta de que o atletismo é seu meio de subsistência e sua

própria construção de agente pertencente ao subcampo do atletismo no Brasil, destaco novamente o relevante papel do treinador, pois todos os entrevistados tomaram decisões importantes em suas trajetórias em razão de planejarem estar ao lado dos treinadores, tais como mudar de cidade e estado, deixar de participar de programas de incentivo ao esporte, deixar de receber melhores salários em clubes, deixar de compor equipes maiores e ficar longe da família. Para a realidade do subcampo do atletismo no Brasil os treinadores por si só podem ser considerados um fator preditor de sucesso esportivo, tendo em vista que este esporte carece de outros profissionais presentes no subcampo, não é uma característica consolidada ter acesso aos profissionais de saúde ou que eles sejam entendidos como primordiais, ao menos a partir dos relatos dos atletas.

## 7. CONCLUSÃO

De acordo com o objetivo geral desta tese em **investigar como atletas paranaenses de atletismo percorrem o subcampo do atletismo até conquistarem uma vaga em jogos olímpicos** a presente pesquisa apontou que os atletas de atletismo que iniciaram sua trajetória no estado do Paraná foram incentivados na escola, pelos professores e treinadores, nesta primeira fase sem instalações para o esporte de rendimento, sem uma equipe multidisciplinar (profissionais de saúde), com pouco subsídio financeiro e com a disponibilidade de participarem de competições em níveis hierarquizados de dificuldade dentro dos eventos escolares. Os atletas entrevistados possuem características comuns de classe social baixa, tendo alguns a falta da presença paterna, sendo estudantes da rede pública de ensino, demonstrando que seus capitais econômico, social e cultural eram baixos. No entanto, pela predisposição (interesse) e tempo livre (disposição) de investirem no atletismo, foram capazes de mostrar a potencialidade de seu capital simbólico (potencial performático). Esta primeira etapa da trajetória foi marcada pelo interesse dos atletas em investir na modalidade, apropriando-se pouco a pouco do *habitus* do subcampo do atletismo brasileiro, aumentando o gosto pela modalidade e as características do esporte.

Outro fator preponderante foi que todos os atletas foram incentivados pelos treinadores, sem eles não teriam começado no atletismo. Neste início da prática esportiva ficou evidente que os treinadores passaram a construir uma relação de dependência com o atleta, sem o qual os atletas não tinham condições de se programar para treinamentos, competições, patrocinadores, equipe multidisciplinar, extrapolando os quesitos técnicos do treinamento e imergindo na vida pessoal dos atletas. Os treinadores foram apresentados pelos atletas como um elo familiar, alguém com quem se aconselhar, uma fonte de segurança. Na fase escolar de treinamento os atletas internalizaram como *habitus* do subcampo do atletismo no Brasil que sua vivência e continuidade na modalidade era dependente do treinador, em maior ou menor nível.

Na segunda fase da trajetória, marcada principalmente pelo início da fase adulta, os atletas entrevistados mostraram que o atletismo passou a ser

uma alternativa de subsistência (tal qual um emprego), mantendo a perspectiva de continuarem a treinar e competir, assim como as decorrências (vantagens e benefícios) de se manterem no subcampo do atletismo voltado ao rendimento esportivo, tais como viajar e competir. Outro marco desta fase é que os atletas passam a entender as disputas que ocorrem no subcampo e cada qual a sua maneira (dada as características pessoais) de se posicionar, se dispor a ocupar as posições no subcampo. Estas posições se referem, principalmente, às vagas existentes para comporem as equipes de atletismo dos clubes esportivos que representam a modalidade no Brasil e são as entidades presentes no subcampo que marcam uma de suas características.

Os atletas puderam tornar claro que para ocupar determinadas posições de prestígio nos clubes de maior ou menor expressão, barganhavam pelos treinadores, salários e cidades (poder treinar perto ou longe de casa) principalmente. Ainda na impossibilidade de disputarem por meio de seus capitais econômico, social e cultural, ainda baixos, utilizavam de seu capital simbólico (potencial performático ou de rendimento esportivo) para provar, de certa forma, que o investimento neles faria jus aos resultados que possuíam e poderiam demonstrar, na representação das entidades. Para todos eles, os resultados apresentados na fase escolar, por meio da posição ocupada no ranking brasileiro de atletismo, foi o cartão de entrada (capital simbólico) para que os clubes os considerassem como opções em suas equipes.

Ainda nesta fase foi observado que os quatro fatores apontados por Houlihan e Green passaram a estar mais presentes do que na fase escolar, muito devido a presença dos clubes, com exceção da atleta A8-2016 que teve na cidade de Maringá/PR o suporte oferecido pelo município, proporcionando condições de permanecer treinando na cidade natal, pela existência do treinador, instalações e subsídio financeiro, tendo que custear o apoio de medicina esportiva por si. O atleta A6-2016 desfrutou de estruturas públicas e privadas para o treinamento durante sua trajetória, já a atleta A7-2016 desfrutou somente de estruturas públicas para treinamento, tendo os outros atletas utilizado, principalmente, de instalações privadas.

Os entrevistados nesta pesquisa podem ser divididos em dois grupos distintos pela geração vivida no atletismo, principalmente daqueles que vivenciaram a presença do incentivo financeiro de maneira marcante ao

esporte, realizado pelo governo federal do Brasil (A4-2016, A6-2016, A7-2016 e A8-2016), sendo atletas que participaram dos jogos olímpicos ocorridos no Rio de Janeiro. Os atletas mais jovens tiveram a oportunidade do Programa Bolsa Atleta e do PAAR das Forças Armadas. Já os atletas A1-2004, A2-2008, A3-2004 e A5-2012 vivenciaram o início da construção e consolidação de uma legislação esportiva para o esporte de rendimento esportivo, beneficiando-se principalmente, das instituições privadas de incentivo ao esporte (clubes). Neste aspecto fica evidenciado duas características do subcampo do atletismo pelas entidades que marcam o espaço social da modalidade, público e privado, apresentando aos atletas possibilidades de inserção e disposição neste espaço tendo em ambas, marcadamente, a característica de os atletas migrarem para regiões (*habitus* do subcampo do atletismo) onde existe infraestrutura para o desenvolvimento do atletismo no Brasil.

Este *habitus* do subcampo vai ao encontro da primeira hipótese apresentada de que **“o subcampo da modalidade de atletismo no Paraná não apresenta infraestrutura necessária para dar suporte a seus atletas participarem de competições de grande porte, entendendo como infraestrutura os quatro fatores apontados por Houlihan e Green sendo: (1) desenvolvimento de instalações de elite, (2) suporte para atletas em tempo integral, (3) prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva e (4) hierarquia de oportunidades de competição centrada na preparação para evento internacional”**, a qual ratifico parcialmente, pois a trajetória dos atletas de atletismo entrevistados revelou que cada uma das fases pelas quais passaram possui características distintas em relação aos quatro fatores preditores de sucesso que balizaram a construção do caminho percorrido por eles.

Considerando o primeiro contato com o atletismo até o início da fase adulta a hipótese é falsa, pois os atletas apontaram que na infância e juventude tiveram as oportunidades necessárias para conquistar competições com os meios que tiveram disponíveis, diferente da fase adulta aonde os relatos ratificam que a falta de infraestrutura dificultou e algumas vezes não permitiu o acesso às competições de maior porte.

E verdade que a maioria dos atletas migrou do Paraná para outros estados do Brasil, pois não conseguiriam continuar na modalidade estando no

Paraná pela falta de equipes e entidades, no entanto, isso não os impossibilitou de iniciarem e se tornarem, em seus tempos, os melhores atletas do ranking em suas provas. Daquela hipótese suponho ser coerente que cada estado brasileiro possa desenvolver uma Rede Estadual de Esporte (REE) que contemple a iniciação esportiva do atletismo, congregando os interesses da sociedade em ter como possibilidade a prática esportiva das crianças e jovens, vislumbrando que quanto mais delas puderem conhecer o atletismo, mais ainda serão as chances de que prossigam na fase adulta e cheguem a uma olimpíada. Congregue também os interesses das entidades públicas e privadas, ao cumprirem com suas responsabilidades legais de promover o esporte e juntas auxiliarem na dinâmica do funcionamento mais eficiente do atletismo.

Ainda sobre a fase em que os atletas passam do momento escolar no esporte e para a fase adulta, os entrevistados revelaram, sob a ótica dos conceitos teóricos sociológicos elencados para análise, que ao optarem por seguir na modalidade e aderirem ao *habitus* do subcampo do atletismo, demonstram não apenas uma escolha, mas uma ruptura em suas trajetórias que marca e afirma este posicionamento como característica do *habitus*, ou seja, para conquistar uma vaga olímpica o atleta de atletismo precisa se submeter ou predispor às exigências do subcampo. A terceira fase identificada por meio dos relatos dos entrevistados também marca uma ruptura importante na trajetória dos atletas, quando eles decidem fazer o necessário para conquistar uma vaga olímpica. Nos discursos a maioria dos atletas relata que sonhava em competir nas olimpíadas, mas como demonstrado no capítulo 6, em algum momento os atletas entendem que para efetivarem este sonho precisam se predispor a assumir posições no subcampo do atletismo que lhe garantiram a vaga.

Neste momento entendo que os quatro fatores preditores do sucesso esportivo apontados por Houlihan e Green (2008) estão mais presentes na trajetória olímpica dos atletas investigados, pois ao internalizarem o *habitus* do subcampo, especificamente sobre querer alcançar o ápice da carreira como atleta de atletismo, passam a buscar o que entendem como necessário para suprir e suplantar as exigências de subsistência (pessoal, familiar e profissional) para atingir o objetivo da vaga olímpica. Neste ponto os atletas,

efetivamente, buscam estar bem fisicamente (auxiliados pelos profissionais de saúde), estão no mais alto patamar do atletismo nacional sendo garantido a eles bolsas esportivas públicas e vagas nas equipes dos clubes de maior prestígio, tendo como consequência a garantia de resultados em competições esportivas nos mais altos níveis e a plenitude do que se pode entender como suporte para estar atleta em tempo integral. A mencionada plenitude deve ser ponderada, pois não houve na revisão de literatura e até mesmo nos discursos dos atletas, menção do que seria e o quanto seria o suporte para estar atleta em tempo integral, no entanto levando em consideração que os entrevistados conquistaram vaga olímpica, considero que o suporte recebido permitiu este acesso, deixando claro que todos os entrevistados apontaram deficiências na trajetória.

Este momento em que vivenciam o auge de suas carreiras, bem como o final da análise que proponho realizar, vai ao encontro da segunda hipótese apresentada de que **“a trajetória do atleta paranaense da modalidade de atletismo é pautada em oportunidades que o possibilitem ter acesso à técnicos, estrutura para treinamento e sustento familiar, visando sua projeção na modalidade.”** a qual também ratifico parcialmente, tendo em vista que na fase escolar os atletas entrevistados não possuíam escolhas complexas em relação as suas vidas, estavam atrelados as suas famílias, logo o atletismo lhes apareceu como oportunidade de preencher o tempo livre (como consequência do baixo capital econômico e consequente investimento em capital cultural). No entanto a referida hipótese é encarada como verdadeira se considerarmos o momento de início do esporte na fase adulta até a conquista da fase olímpica, haja vista que o atleta passa a ser responsável por suas escolhas e, a partir dos relatos, pode-se afirmar que a trajetória dos atletas foi marcada pela escolha de melhores condições pessoais, familiares e profissionais.

O treinamento do modo de pensar e agir de um atleta que pretende ingressar no subcampo do atletismo competitivo é identificável nas sutilezas dos discursos e vivências dos atletas entrevistados. Os hábitos aparentemente conhecidos de um atleta como treinar diariamente, descansar e ter uma dieta balanceada, são apenas a casca do que realmente é necessário para integrar o mundo social do atletismo no Brasil.

Ao investigar a trajetória dos atletas foi notório sua relação com os técnicos e o grau de dependência, evidentemente pela necessidade de treinamento, mas principalmente para os colocarem em condições de disputa no subcampo, seja nas conquistas de espaços para ingresso nos clubes, bolsas esportivas, patrocínios privados, *campings*, apoio emocional e planejamento da vida pessoal. Em nenhum momento foi percebido a entrada do atleta no subcampo sem a participação do treinador, desde o contato inicial com a modalidade, claramente realizado pelo professor de educação física, até a conquista de uma vaga olímpica. Ficou evidente que, apesar da visão unilateral do atleta sobre a trajetória, os atletas internalizavam o *habitus* do subcampo do atletismo ao longo do tempo e passavam a ter mais acesso às oportunidades quando, de certa forma e pelos relatos dos atletas, os treinadores pareciam identificar que seus pupilos entendiam como as disputas funcionavam e a partir de então investiam nos atletas.

As disputas engendradas no interior do subcampo do atletismo competitivo estão objetivadas em uma relação multilateral composta por clubes que desejam os melhores atletas para os representarem, técnicos que desejam os melhores atletas para os representarem, políticas públicas de incentivo ao esporte que escalonam e destacam os melhores atletas para os representarem, entidades privadas (*patrocinadores/sponsors*) que buscam os melhores atletas para os representarem e os mega eventos esportivos que são realizados pensando na apresentação dos melhores atletas. No oposto tem-se o atleta que almeja integrar todos estes elementos, possuindo um capital de destaque para barganha, o corpo e o desempenho obtido por ele. Está e a moeda de troca materializada em resultados esportivos presentes no ranking da modalidade, o capital performático, a potencialidade do atleta.

Durante a trajetória dos atletas destaco alguns pontos importantes e distintos dos encontrados na literatura. O primeiro deles é que sem o treinador o atleta não teria rumo no atletismo competitivo. A primeira vista pode parecer que os atletas tiveram escolha ao sair e entrar em clubes, em verdade a barganha ocorria primeiro com eles (que aceitavam ou não treinar os atletas) ou entre os treinadores e os clubes (para permitir a entrada do atleta ou não). Em pese à primeira impressão de que o atleta é ator principal do subcampo, seus relatos revelaram que o treinador é revestido desse papel perante os

atletas e todos os outros agentes do subcampo (dirigentes públicos e privados, agenciadores, patrocinadores, familiares).

Tais apontamentos ficam claros com os depoimentos dos atletas ao apontarem que moravam com os treinadores, que não compunham determinados programas de incentivo ao esporte sem aquiescência do treinador, não integraram melhores clubes porque os treinadores não estavam juntos ou não eram aceitos, mudaram de cidade e executavam os treinamentos. Mesmo com o relacionamento ruim com o treinador, alguns atletas não deixaram de estar vinculados a eles, até receberem uma proposta melhor.

As relações de poder existentes no subcampo do atletismo partiam do treinador, que sabendo das potencialidades de seus atletas ou dos clubes que representavam, barganhavam por eles (para tê-los ou integrá-los). Posicionar os atletas no subcampo do atletismo é um papel do treinador. Com algum tempo vivendo e internalizando o habitus do subcampo o atleta passa a compreender como estar no jogo, mas até mesmo o “aprender” ser atleta de atletismo é ensinado pelo treinador, que com experiência e conhecedor das regras e disputas do subcampo, moldava seus atletas.

Pelos elementos identificados nas trajetórias dos atletas entrevistados evidencia-se que nas últimas três décadas o Paraná teve atletas que chegaram a uma olimpíada, denotando a capacidade e potencialidade do estado, assemelhando-se pela extensão territorial e população a outros países que conseguem desenvolver tanto ou mais atletas de atletismo. O percurso dos atletas até os jogos olímpicos foi difícil e exigiu habilidades nas relações entre os agentes do subcampo que os atletas não possuíam e passaram a compreender depois de algum tempo vivendo o atletismo. Por este motivo o treinador, mais uma vez, se revela como peça fundamental para o subcampo, não só pelo caráter técnico de treinamento, mas pela condução que realiza dos atletas no subcampo, como foi possível observar com alguns atletas que não tiveram oportunidade de fazer parte do PAAR, pois seus técnicos não permitiram ou quando deixavam de usufruir de oportunidades melhores de bolsas esportivas, por exemplo, por falta de orientação. Mais uma vez as relações e o poder de posicionar o atleta no subcampo do atletismo marcaram uma característica do subcampo no Brasil, quando o treinador

determinava as competições, decidia sobre os clubes e cidades, até mesmo sobre os programas (política públicas) de incentivo ao esporte.

Neste aspecto entendo que o fator que indica a **(3) prestação de serviços de treinamento, ciência do esporte e medicina esportiva** foi entendida nesta pesquisa de duas formas, sendo a primeira somente relativo ao serviço de treinamento, especificamente prestado pelo treinador, agente do subcampo com tanto ou mais evidencia do que o próprio atleta, responsável pelas relações de poder e disputas havidas no subcampo do atletismo no Brasil, tendo a segunda parte relativa à ciência e medicina esportiva. Isto porque, novamente, o treinador desempenhou um papel primordial na trajetória de todos atletas, seja na carreira esportiva ou na vida pessoal, impreterivelmente um suporte para que o atleta aprendesse o funcionamento do subcampo do atletismo no Brasil. Não ficou evidente como a ciência esportiva fez parte neste processo, salvo nos relatos em que os atletas optaram por determinados treinadores por acreditarem em seus métodos ou terem se adaptado a eles.

Esta relação de acreditar no treinador é compreendida de maneiras diferentes nos três momentos identificados na pesquisa. Na fase escolar os atletas deixam claro que o grau de dependência é quase exclusivo e integral em relação ao treinador. Nesta fase os atletas desconhecem qualquer característica e regra do subcampo do atletismo, tudo é novo e interessante, dada a perspectiva de vida que todos demonstraram. O benfeitor da trajetória dos atletas é o treinador, ele moldou o atleta ao habitus do subcampo, aos comportamentos e maneiras de se colocar no subcampo. Evidente que o atleta possui suas características pessoais e personalidade, mas no que diz respeito ao atletismo claramente o discurso dos atletas é carregado das perspectivas dos seus treinadores.

Quando os atletas adentram na fase adulta e assumem as responsabilidade e consequentes decisões de uma vida adulta, o treinador é identificado como mentor e conselheiro para uma vida profissional no atletismo. Este papel é transferido a eles pelos próprios atletas e assumido pelos treinadores quando, por exemplo, optam por levar os atletas para morar junto com eles nas residências e até mesmo com a mudança de cidade. Neste ponto vislumbro que a perspectiva de o atleta ser o ponto focal no subcampo

do atletismo é alterada pela do treinador ao entender que os relatos dos atletas demonstram a força e poder no subcampo do atletismo.

O fator “treinador” demonstrou ser um indicador específico para a realidade do atletismo brasileiro, que difere da realidade de outros países e de fatores que propõem uma fórmula para o sucesso esportivo. A realidade retratada pelos atletas entrevistados nesta pesquisa revela, de maneira diversa e com um caráter pioneiro, que os fatores que podem projetar um atleta de atletismo ao nível olímpico não seguem a lógica apresentada na literatura, colocando o treinador como componente nevrálgico neste processo. Em que pese a intervenção da pesquisa ter sido realizada exclusivamente com os atletas, a perspectiva apresentada por eles deixa marcante o indicativo de intervenção junto aos treinadores para elucidar mais detalhes sobre o subcampo do atletismo brasileiro.

Isto posto, concluo que a trajetória dos atletas paranaenses de atletismo que conquistaram uma vaga olímpica foi marcada por disputas no subcampo do atletismo, em concorrência aos interesses de outros campos (política, mídia, esporte, economia, etc.), exigiu habilidades físicas e comportamentais para que obtivessem sucesso, auxiliados e orientados por seus treinadores, tendo o capital simbólico (potencial performático) a ferramenta de barganha que lhes conferiu garantias de subsistência pessoal e profissional no subcampo.

## REFERÊNCIAS

A1-2004. [ago. 2019]. Entrevista I. Entrevistador: Sentone, Rafael Gomes. Navegantes/SC, 2019.

A2-2008. [ago. 2019]. Entrevista I. Entrevistador: Sentone, Rafael Gomes. São José dos Pinhais/PR, 2019.

A3-2004. [ago. 2019]. Entrevista I. Entrevistador: Sentone, Rafael Gomes. Timbó/SC, 2019.

A4-2016. [jan. 2020]. Entrevista I. Entrevistador: Sentone, Rafael Gomes. Curitiba/PR, 2019.

A5-2012. [jan. 2020]. Entrevista I. Entrevistador: Sentone, Rafael Gomes. Curitiba/PR, 2019.

A6-2016. [dez. 2019]. Entrevista I. Entrevistador: Sentone, Rafael Gomes. Ponta Grossa/PR, 2019.

A7-2016. [jan. 2020]. Entrevista I. Entrevistador: Sentone, Rafael Gomes. Campo do Tenente/PR, 2019.

A8-2016. [nov. 2019]. Entrevista I. Entrevistador: Sentone, Rafael Gomes. Maringá/PR, 2019.

ALBUQUERQUE, L. R., SAMPAIO CECÍLIO, J. C. Centro de memória da educação física da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. In EDUCERE 2013, Congresso Nacional de Educação. Disponível em [https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8207\\_5756.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8207_5756.pdf). Acesso em: 20 de agosto de 2019.

ALDANA, C. M. The social dimension in the initial selection of talents in school athletics. **Deporvida**, v. 16, 2019.

ALEXANDRINO, R. R. **Programas de suporte à carreira de atletas no esporte de alto rendimento**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo. 2019.

ALMEIDA, B. S. **Altilus, citius, fortius...ditius? Lógicas e estratégias do comitê olímpico internacional, comitê de candidatura e governo brasileiro na candidatura e escolha dos jogos olímpicos e paralímpicos RIO 2016**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2015.

ALMEIDA, B. S.; MARCHI JÚNIOR, W. A oligarquia olímpica: uma leitura sobre a autoperpetuação dos brasileiros no poder das instituições olímpicas nacionais e internacionais. **Journal of Olympic Studies**, v. 1, n. 1. 2017. <http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v1n1.id4>.

ANJOS, F. M. **Psicanálise e esporte: o mal-estar na carreira de atletas profissionais**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Psicologia Clínica. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2019. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-27082019-152141/pt-br.php>.

ANTONELLI, M. **Diagnóstico dos centros de treinamento de alto rendimento do Brasil cujas modalidades atendidas têm expectativas de conquista de medalhas nos Jogos Olímpicos de 2016**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. . Disponível em [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/305340/1/Antonelli\\_Mariana\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/305340/1/Antonelli_Mariana_M.pdf). Acesso em 29 de maio de 2019.

ANUNCIAÇÃO, F. N.; SILVA, M. M.; ROJO, J. R.; BONIN-MAOSKI, A. P. C.; TAGLIARI, C. C.; MEZZADRI, F. M. O atletismo no Programa Governamental Bolsa-Atleta: a distribuição espacial dos bolsistas (2011-2013). **Revista Observatório Del Deporte**, v. 3, n. 5, p. 118-37, 2017b.

ANUNCIAÇÃO, F. N.; SILVA, M. M.; ROJO, J. R.; BONIN-MAOSKI, A. P. C.; TAGLIARI, C. C.; MEZZADRI, F. M. O panorama do atletismo no programa “bolsa-atleta”: uma análise entre os anos de 2011 a 2013. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 15, n. 2, p. 57-68, 2017a.

ARANTES, A. A. C. **Diferentes olhares sobre os jogos escolares brasileiros: retrospectiva, perspectiva dos gestores, nível técnico e atletas olímpicos**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Escola de Medicina e Saúde. Universidade Católica de Brasília, Distrito Federal. 2019. Disponível em <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/2602>.

BAKER, J., SCHORER, J., WATTIE, N. Compromising Talent: Issues in Identifying and Selecting Talent in Sport. **Quest**, v. 70, n. 1, p. 48-63, 2018. DOI: 10.1080/00336297.2017.1333438

BEERMANN, B. L. et al. Nutritional Intake and Energy Availability of Collegiate Distance Runners. **Journal of the American College of Nutrition**, 2019. DOI: 10.1080/07315724.2020.1735570

BOLT, U., ALLEN, M. **Mais rápido que um raio: minha autobiografia**. 1 ed., São Paulo: Planeta, 2014.

BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 2003.

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense. 2004.

BOURDIEU, P. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras. 2005a.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2005b.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 4ª edição. 2005c.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus. 11ª edição. 2011.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2ª ed. 2015

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Vozes, 7ª ed. 2014.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. 2ª Ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **Ofício de sociólogo**. Metodologia da pesquisa na sociologia. Rio de Janeiro: Vozes. 2018.

BRASIL. **Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em 1 de fevereiro de 2020.

BRASIL. **Lei Federal nº 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm). Acesso em: 08 de agosto de 2019.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.264, de 16 de julho de 2001**. Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/LEIS\\_2001/L10264.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10264.htm). Acesso em: 08 de agosto de 2019.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.451 de 10 de maio de 2002**. Altera a legislação tributária federal e dá outras providências. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10451.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10451.htm). Acesso em 08 de agosto de 2019.

BRASIL. **Lei Federal 10.672, de 15 de maio de 2003**. Altera dispositivos da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, e dá outras providências. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.672.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.672.htm). Acesso em: 08 de agosto de 2019.

BRASIL. **Lei Federal nº 11.438 de 29 de dezembro de 2006**. Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2004-2006/2006/Lei/L11438.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/2006/Lei/L11438.htm). Acesso em 08 de agosto de 2019.

BRASIL. **Lei Federal nº 11578, de 26 de novembro de 2007**. Institui o Programa de Aceleração do Crescimento. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2007-2010/2007/Lei/L11578.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2007/Lei/L11578.htm). Acesso em: 20 de agosto de 2019.

BRASIL. **Lei Federal nº 12.395, de 16 de março de 2011**. Altera as Leis nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre o desporto, e 10.981, de 9 de julho de 2004, que institui o Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e da outras providências. 2011. Disponível em [www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaldetreinamento/02\\_09\\_2016\\_lei\\_12\\_395\\_marco\\_2011.pdf](http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaldetreinamento/02_09_2016_lei_12_395_marco_2011.pdf). Acesso em 24 de junho de 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011**. Rede Nacional de Treinamento. 2011b. Disponível em [http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaltreinamento/02\\_09\\_2016\\_lei\\_12\\_395\\_marco\\_2011.pdf](http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaltreinamento/02_09_2016_lei_12_395_marco_2011.pdf). Acesso em 15 maio 2016.

BRASIL. **Secretaria Especial do Esporte**. Conselho Nacional do Esporte. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/o-ministerio/conselho-nacional-do-esporte>. Acesso em: 08 de agosto de 2019.

BRASIL. **Confederação Brasileira de Atletismo**. Pistas homologadas pela IAAF. Disponível em [www.cbat.org.br/repositorio/pistas\\_oficiais/pistas\\_oficiais\\_certificadas\\_iaaf.pdf](http://www.cbat.org.br/repositorio/pistas_oficiais/pistas_oficiais_certificadas_iaaf.pdf). Acesso em 29 de maio de 2019.

CBC. **Comitê Brasileiro de Clubes**. Disponível em <http://www.cbclubes.org.br>. Acesso em: 08 de agosto de 2019.

CAMARGO, P. R. et al. As características de distribuição de bolsas Programa Bolsa-Atleta referentes à idade ao sexo dos atletas olímpicos e paralímpicos. **Revista da Alesde**, v. 8, n. 2, p. 18-35, 2017.

CANAN, F.; SANTOS, L. L. S. R.; STAREPRAVO, F. A. Panorama geral sobre políticas e esporte no Brasil. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 15, n. 1, p. 15-27, 2017.

CANAN, F.; ROJO, J. R.; STAREPRAVO, F. A. Considerações sobre a relação entre estado e confederações esportivas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 26, n. 1, p. 156-166, 2018.

CAREGNATO, A. F.; ORDONHES, M. T.; CAVICHIOILLI, F. R. Identificação das instalações esportivas e distribuição espacial das principais entidades competitivas do atletismo brasileiro. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte**, v. 3, n. 1, p. 16-34, jan.-jun., 2018.

CAREGNATO, A. F. **O atletismo brasileiro a partir do entendimento de agentes**: gestores, treinadores, atletas e ex-atletas. Tese (Doutorado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CAREGNATO, A. F., ORDONHES, M. T., SILVA, M. M., CAVICHIOLLI, F. R. Characteristics of learning and training of elite athletics athletes in Brazil: the perspective of experienced coaches. **Journal of Physical Education**, v. 31, e3122, 2020. DOI: 10.4025/jphyseduc.v31i1.3122.

CARNEIRO, F. H. S. **A política de esporte no Distrito Federal: centros olímpicos, “terceiro setor” e focalização**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade de Brasília. Disponível em [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14649/1/2013\\_FernandoHenriqueSilvaCarneiro.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14649/1/2013_FernandoHenriqueSilvaCarneiro.pdf). Acesso em 12 de maio de 2020.

CASTRO, S. B. E. **Políticas públicas para o esporte e lazer e o ciclo orçamentário brasileiro (2004-2011): prioridades e distribuição de recursos durante os processo de elaboração e execução orçamentária**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2016).

CASTRO, S. B. E., MEZZADRI, F. M. Panorama das principais fontes de financiamento público para o esporte brasileiro. **Revista da Alesde**, v. 10, n. 1, p. 33-52, 2019.

CASTRO, S. B. E., MILANI, F. G., SANTOS, T. O., STAREPRAVO, F. A., MEZZADRI, F. M. Parlamentares paranaenses e a alocação e emendas orçamentárias no esporte. **Journal of Physical Education**, v. 30, e3072, 2019. DOI: 10.4025/jphyseduc.v30i1.3072

CBAT. Confederação Brasileira de Atletismo. 2019a. Disponível em <http://www.cbat.org.br/site/?pg=1>. Acesso em: 08 de agosto de 2019.

CBAT. Confederação Brasileira de Atletismo. Estatuto social da confederação brasileira de atletismo. 2019b. Disponível em [http://www.cbat.org.br/acbat/ESTATUTO\\_Aprovado.pdf](http://www.cbat.org.br/acbat/ESTATUTO_Aprovado.pdf). Acesso em: 8 de agosto de 2019.

CBC. Comitê Brasileiro de Clubes. Clubes formadores. Disponível em <https://cbclubes.org.br/clubes-formadores/clubes-formadores>. Acesso em 6 de agosto de 2020.

CHEPYATOR-THOMSON, J. R., ARIYO, E. S. Out of Eastern Africa: An Examination of Sport Labour Migration in the Post- Independence Era. *The International Journal of the History of Sport*, 33(15), p1826-1846, 2016. DOI: 10.1080/09523367.2017.1315941

COAKLEY, J. **Sports in society**. Issues and controversies. New York: NY, McGraw-Hill Humanities. 2015.

COB. Comitê Olímpico do Brasil. Disponível em <https://www.cob.org.br/pt/cob/confederacoes/cbat/>. Acesso em 01 de julho de 2020.

COI. Comitê Olímpico Internacional. Disponível em <https://www.olympic.org/about-ioc-olympic-movement>. Acesso em: 8 de agosto de 2019.

CORREIA, J. C. A. O financiamento público do 3º setor nas políticas públicas de esporte e lazer. **Rev. Bras. Ciência. Esporte**, v. 36, n. 2, supl., p. S667-81, 2014.

COSTA, I. P., ZANIOL, G. E., CAVALHEIRO, M., CAREGNATO, A. F. **Relações entre o programa bolsa-atleta e a modalidade de atletismo**. IV Seminário Internacional de Gestão e Políticas para o Esporte. In: Anais do IV Seminário Internacional de Gestão e Políticas para o Esporte. Curitiba/PR. 8 a 10 de maio de 2019. Disponível em <https://eventos.ufpr.br/SIGPE/SIGPE2019/schedConf/presentations>. Acesso em 1 de janeiro de 2020.

COSTA, C. **Exército e o PAAR: processos de militarização no esporte Nacional**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2020). Disponivel em <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=59564&idprograma=40001016047P0&anobase=2020&idtc=1426>. Acesso em 12 de maio de 2020.

COSTA, I. P., CAREGNATO, A. F., LOPEZ-GIL, J. F., CAVICHIOLLI, F. R. Atletismo: iniciação esportiva de acordo com atletas olímpicos brasileiros. **Retos**, n. 39, p. 163-168, 2021, no prelo.

CZEKANSKI, A., LOWER, L. Collegiate sport club structure and function. ***Qualitative Research in Sport, Exercise and Health***, 2018. DOI: 10.1080/2159676X.2018.1433711

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBRUG, S.; SHIBIL, S. A conceptual framework for analysing sports policy factors leading to international sporting success, ***European Sport Management Quarterly***, 6(2), p. 185–215. 2006.

DE BOSSCHER, V.; SHIBIL, S.; WESTERBEEK, H.; BOTTEBURG, M. V. **Successful Elite Sport Policies**. An international comparison of the Sport Policy factors leading to international sporting success (SPLISS 2.0) in 15 nations. Maidenhead: Mayer e Mayer Sport, UK. 2015.

DIGEL, H. **Organisation of High-Performance Athletics in Selected Countries (Final report for the International Athletic Foundation)**. Germany: University of Tübingen. 2002a.

DIGEL, H. A comparison of competitive sports systems. ***New Studies in Athletics***, 17(1), p. 37–49. 2002b.

DOWLING, M. et al. **Deconstructing comparative sport policy analysis: assumptions, challenges, and new directions**. *International Journal of Sport Policy and Politics*, v. 10, n. 4, p. 687-704, 2018. DOI: 10.1080/19406940.2018.1530276

ELLING, A., REIJGERSBERG, N. **The Netherlands**. In: Elite youth sport policy an management. KRISTIANSEN, E., PARENT, M. M., HOULIHAN, B. Routledge, London and New York, p. 29-46, 2018.

FAP. **Federação de Atletismo do Paraná**. Disponível em <https://www.atletismofap.org>. Acesso em: 8 de agosto de 2019.

FEITOZA, J. E., JUNIOR, J. M. Lesões desportivas decorrentes da prática do atletismo. ***Revista da Educação Física/UEM***, v. 11, n.1, p. 139-147, 2000.

FERREIRA, F. D. C. **A inserção do kung fu no Brasil na perspectiva dos mestres pioneiros**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2013.

FIDELIS, B. M.; ANTONECHEN, L. M. P.; KOCH, C. A. I. Percepção entre dirigentes, atletas e técnicos sobre o projeto talento olímpico paranaense do período 2012 a 2016 na modalidade de atletismo. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 15, n. 2, p. 77-85, 2017.

FONSECA, F. S. et al. Análise do perfil sociodemográfico, motivos de adesão, rotina de treinamento e acompanhamento profissional de praticantes de corrida de rua. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 27, n. 4, p. 189-198, 2019.

FOUCALT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 1996.

G1 . Incentivo da natação por gerações de faz dos EUA potência no esporte. País criou programas de natação para incentivar pais a levarem os filhos para nadar cedo. Ao crescer, eles disputam por suas universidades. 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/08/incentivo-da-natacao-por-geracoes-de-familias-faz-dos-eua-potencia-esporte.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

GEER, J. Track & Field fastest-growing and largest sport among high school athletes. 2018. Disponível em <http://www.usatf.org/News/Track---Field-fastest-growing-and-largest-sport-am.aspx>. Acesso em 20 de agosto de 2019.

GRENN, M.; OAKLEY, B. The production of Olympic champions: International perspectives on elite sport development systems, **European Journal for Sport Management**, 8(Special Issue), p. 83–102. 2001a.

GRENN, M.; OAKLEY, B. Elite sport development systems and playing to win: Uniformity and diversity in international approaches, **Leisure Studies**, 20(4), p. 247-267, 2001b.

HASAAN A., BISCAIA R., ROSS S. Understanding athlete brand life cycle, **Sport in Society**, 2019. DOI: 10.1080/17430437.2019.1624722. Disponível em <https://doi.org/10.1080/17430437.2019.1624722>. Acesso em 5 de jan. de 2020.

HENRY, I. et al. Challenging the new orthodoxy: a critique of SPLISS and variable-oriented approaches to comparing sporting nations. *European Sport Management Quarterly*, 2020. DOI: 10.1080/16184742.2020.1719428

HOULIHAN, B.; GREEN, M. **Elite Sport Development Policy Learning and Political Priorities**. London: Routledge. 2005.

HOULIHAN, B.; GREEN, M. **Comparative elite Sport development: systems, structures and public policy**. Oxford, UK: Elsevier. 2008.

HOULIHAN, B. Public sector sport policy. Developing a framework for analysis. *International review for the sociology of sport*. 40/2, p. 163-185. 2005. DOI 10.1177/10126690205057193.

HUXLEY, D. J., O'CONNOR, D., BENNIE, A. Olympic and World Championship track and field athletes' experiences during the specialising and investment stages of development: a qualitative study with Australian male and female representatives. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, v. 10, n. 2, p. 256-272, 2018. DOI: 10.1080/2159676X.2017.1393452

IAAF. International Association of Athletics Federations. 2017 Constitution. Disponível em <http://www.iaaf.org/about-iaaf/documents/constitution>. Acesso em 07 de agosto de 2019.

INTELIGÊNCIA ESPORTIVA. Projeto Inteligência Esportivo. Disponível em <http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/>. Acesso em 08 de agosto de 2019.

INTELIGÊNCIA ESPORTIVA. Panorama do esporte brasileiro. Jun. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA INTELIGÊNCIA ESPORTIVA. Inteligência Esportiva. Curitiba: UFPR, 2020.

JOHNSTON, K. et al. Talent identification: a systematic review. *Sports Medicine*, 2017. DOI 10.1007/s40279-017-0803-2

JOURDAIN, A.; NAULIN, S. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**. Rio de Janeiro: Vozes. 2017.

KIOURANIS, T. D. S. **Os jogos escolares brasileiros chegam ao século XXI: reprodução ou modernização na política de esporte escolar**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2017. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47355/R%20-%20T%20-%20TAIZA%20DANIELA%20SERON%20KIOURANIS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12 de maio de 2020.

LASSALE, G.; RECOURS, R.; GRIFFET, J. Cultures of running: characteristics and determinants, *Sport in Society*, 2018. DOI: 10.1080/17430437.2018.1490264

LEILA, S. A **Luta como “ofício do corpo”**: entre a delimitação do subcampo e a constituição do habitus do *mixed martial arts* em mulheres lutadoras. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2017.

LIPPERT, M. A. M. **Programa do Atleta de Alto Rendimento do Exército Brasileiro: estudo da continuidade e impacto atual**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física). Universidade Salgado de Oliveira. 2013. Disponível em [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=556427](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=556427). Acesso em 12 de maio de 2020.

LOYOLA, M. A. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas. 2008.

MARCHI, K. B.; SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W.; CAVICHIOLLI, F. R. Do surf ao tow-in – Por uma análise da emergência do campo dos “esportes de prancha”. *Journal of Physical Education*, v. 28, 2017. DOI 10.4025/jphyseduc.v28i1.2858

MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o voleibol**. Hucitec: São Paulo, 2004.

MARCHI JÚNIOR, W. O esporte “em cena”: Perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico. *The*

*Journal of the Latin American Socio-Cultural Studies of Sport*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015. Doi: 10.5380/jlasss.v5i1.43890.

MATOS, A., CORREIA, A. O atletismo de alta competição em Portugal: estudo da qualidade em agentes desportivos. **Revista de Educação Física da UEM**, v. 13, n. 2, p. 7-17, 2002.

MAZZEI, L. C.; BASTOS, F. C.; FERREIRA, R. L.; BOHME, M. T. S. Centros de treinamento esportivo para o esporte de alto rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Rev. Min. Educ. Fís.**, n. 1, p. 1575-84. 2012.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MEZZADRI, F. M. (Org.). **Inteligência Esportiva**. Curitiba: UFPR, 2016.

MEZZADRI, F. M.; SILVA, M. M.; CAVICHIOLLI, F. R. Brazil. In: Elite youth sport policy and management. **A comparative analysis**. Kristiansen, Elsa; Parent, Milena M.; Houlihan, Barrie. Routledge, London and New York, p. 148-163, 2018.

MEZZADRI, F. M.; SILVA, M. M.; FIGUEROA, K. M.; STAREPRAVO, F. A. Sport Policies in Brazil, **International Journal of Sport Policy and Politics**, 2014. DOI: [10.1080/19406940.2014.937737](https://doi.org/10.1080/19406940.2014.937737)

MILLER, L., BUTTELL, F. Are NCAA Division I Athletes Prepared for End-of-Athletic-Career Transition? A Literature Review, **Journal of Evidence-Informed Social Work**, 2018. DOI: 10.1080/23761407.2017.1411305

MIRANDA, C. F. **Como se vive de atletismo**: um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Setor de Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

NCAA. **Student-athletes**. 2017. Disponível em <http://www.ncaa.org/student-athletes>. Acesso em 20 de agosto de 2019.

NJORORAI, W. W. S. Distance running in Kenya: athletics labour migration and its consequences. *Leisure/Loisir*, 36:2, 187-209, 2012. DOI: 10.1080/14927713.2012.729787

NUNES, C. C., ROCHA, M. J. F. Processos migratórios e deslocamentos: o caso de atletas estrangeiros na maratona de São Paulo. *Materiales ara la Historia del Deporte*, n. 19, 2019.

OCAMPO, G. K. F. et al. Os eventos esportivos e a indústria do esporte no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Educação Física*, v. 2, n. 1, 2019. Doi: 10.20873/abef.2595-0096.v2n1p50.2019

OKUIZUMI, A. M. et al. Avaliação nutricional de adolescentes praticantes de atletismo. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, v. 12, n. 80, supl. 3, p. 1130-1137, 2018.

ORDONHES, M. T., LUZ, W. R. S.; CAVICHIOILLI, F. R. Possíveis relações entre investimentos públicos e obtenção de resultados: o caso da natação brasileira. *Motrivivência*, v. 28, n. 47, p. 82-95, maio. 2016.

PAMPUCH, M. A “Rede Estadual” de treinamento no campo esportivo do basquetebol paranaense. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2020.

PAPADIMITRIOU, D., ALEXANDRIS, K. ‘Adopt an athlete for Rio 2016’: the impact of austerity on the Greek elite sport system. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 10(1), p147-162, 2018. DOI: 10.1080/19406940.2017.1416487

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 17, n. 2, p. 211-18, 2006.

PEREZ, C. R.; RUBIO, K. Do desejo à realização: a motivação na trajetória de um medalhista olímpico brasileiro. *Avances de la Psicología del Deporte en Iberoamérica*, 2(1), p. 15-30. 2013.

PILATTI, L. A. **Os donos das pistas**: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000.

PILATTI, L. A. Organização burocrática do esporte: o atletismo na Liga Atlética Paranaense. **EFDeportes**, n. 118. 2008.

POUCHER, Z. A. et al. A Commentary on Mental Health Research in Elite Sport. **Journal of Applied Sport Psychology**, 2019. DOI: 10.1080/10413200.2019.1668496

PRUDÊNCIO, N. **Salto triplo: o sistema de preparação do desportista – da detecção à promoção do talento**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.

REES, T. *et al.* The great British medalists project: a review of current knowledge on the development of the world's best sporting talent. **Sports Medicine**. V. 46, p. 1041-1058. 2016. DOI 10.1007/s40279-016-0476-2.

ROCHA, P. G. M.; SANTOS, E. S. O abandono da modalidade esportiva na transição da categoria juvenil para adulto: estudo com talentos do atletismo. **Revista da Educação Física/UEM**, v.21, n. 1, p. 69-77, 2010. <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v21i1.6912>.

ROJO, J. R., STAREPRAVO, F. A., MEZZADRI, F. M., SILVA, M. M. Corrida de rua: reflexões sobre o “universo” da modalidade. **Corpoconsciência**, v. 21, n. 3, p. 82-96, 2017.

ROJO, J. R., CANAN, F., MORAES E SILVA, M. A contraposição entre corrida de rua e corrida na rua: a polissemia do conceito de esporte. **Revista Observatório Del Deporte**, v. 5, p. 16-22, 2019.

RPC. Documentário mostra imagens da história e do abandono do Pinheirão. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/pr/noticia/2015/12/documentario-mostra-imagens-da-historia-e-do-abandono-do-pinheirao.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

RUBIO, K. A experiência da pesquisa “memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”. **Acervo**, v. 27, n. 2, p. 93-105. 2014.

RUBIO, K. **Atletas olímpicos brasileiros**. São Paulo: SESI-SP. 2015.

SARKAR, M.; FLETCHER, D. Psychological resilience in sport performers: a review of stressors and protective factors. *Journal of Sports Sciences*, 2014. DOI: 10.1080/02640414.2014.901551

SALVINI, L. **A luta como “ofício do corpo”**: entre a delimitação do subcampo e a construção de um habitus do mixed martial arts em mulheres lutadoras. Tese (Doutorado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2017.

SALVINI, L. **Novo mundo futebol clube e o velho mundo do futebol**: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2012.

SANTOS, A. S. **Desenvolvimento humano e educação esportiva: um diagnóstico da trajetória de atletas da modalidade de atletismo de Paranavaí – PR**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2016). Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43161/R%20-%20D%20-%20AGUINALDO%20SOUZA%20DOS%20SANTOS.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em 5 de janeiro de 2020.

SENTONE, R. G. *et al.* Financiamento estatais e resultados esportivos: o caso do atletismo no Brasil. **Arquivos de Ciências do Esporte**. 2019.

SENTONE, R. G. **Esporte de alto rendimento no Município de Curitiba**: políticas públicas, subsídios e gestão. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2016.

SILVA, C. L. **Para além da notícia**: a gênese e a estrutura da informação jornalística esportiva em uma rede de comunicação do Estado do Paraná. Tese (Doutorado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2015.

SILVA, P. V. C., FLEITH, D. S. Atletas talentosos e o papel desempenhado por suas famílias. **Revista brasileira de psicologia do esporte**, v. 3, n. 4, 2010.

SILVA, C. L.; COSTA, I. P.; SILVA, M. M.; CAREGNATO, A. F.; CAVICHIOLLI, F. R. La configuración del ténis de campo de niños y jóvenes brasileños. Primeras descripciones. **Pensar em movimento**, v. 15, n. 1, p. 27-51, 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.15517/pensarmov.v15i1.29696>

SILVA, M. M.; MEZZADRI, F. M.; CAVICHIOLLI, F. R. Políticas públicas para os jovens talentos esportivos no Brasil: desvendando a “Rede Nacional de Treinamento”. **Educación Física y Ciencia**, v. 20, n. 3, 2018. <https://doi.org/10.24215/23142561e055>.

SILVA ROSA, G. S. **A atuação do Exército Brasileiro no desenvolvimento o esporte nacional através do Programa Atletas de Alto Rendimento (PAAR)**. Trabalho de conclusão de Curso. Academia Militar das Agulhas Negras, Rio de Janeiro, 2019.

SOUZA, J. A reflexividade metodológica de Pierre Bourdieu como modelo heurístico do esporte no Brasil – potencialidade e contribuições. In: MARCHI JUNIOR, W. **Ensaio de sociologia do esporte**. São Paulo: Factash, 2011. p. 29-53.

SOUZA, J. **O “esporte das multidões” no Brasil: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2014.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Bourdieu e a sociologia do esporte. Contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos. **Tempo social**, v. 29, n. 2, p. 243-86. 2017.

STAREPRAVO, F. A. **Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos político/burocrático e científico/acadêmico**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2011.

STAREPRAVO, F. A.; MARCHI JÚNIOR, W. (Re) pensando as políticas públicas de esporte e lazer: a sociogênese do subcampo político/burocrático do esporte e lazer no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 2015a. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2015.10.008>.

STAREPRAVO, F. A.; MARQUI JÚNIOR, W. Políticas públicas de esporte no Brasil: uma leitura a partir da noção de (sub) campo. **Pensar a Prática**, v.

18, n. 4, 2015b. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v18i4.27450>

STAREPRAVO, F. A.; SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: uma argumentação inicial sobre a importância da utilização da teoria dos campos de Pierre Bourdieu. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 35, n. 3, p. 785-798. 2013.

STAREPRAVO, F. A.; SOUZA, J.; BARNABÉ, A. P.; MARCHI JÚNIOR, W. Programa “Esporte e lazer na cidade”: onde o político/burocrático e o científico acadêmico se encontram?. **Movimento**, v. 24, n.1, p. 23-34, 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.63125>.

STAVROPOULOS, I. et al. Competencies of the first and second division track and field coaches. **International Journal of Sports Studies**, v. 4, n. 5, p. 584-590, 2014.

TEIXEIRA, M. R., MATIAS, W. B., MASCARENHAS, F. O esporte olímpico no Brasil: recursos financeiros disponibilizados para Olimpíadas Londres 2012. **Revista Brasileira de Ciências dos Esporte**, v. 39, n. 3, p. 284-290, 2017. DOI <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2017.02.004>

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6 edição. Porto Alegre: Artmed, 2012

UOL. Pinheirão é lacrado e interditado por oficiais de justiça. Disponível em <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/05/30/ult59u121998.jhtm>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

VARGAS, P. I., CAPRARO, A. M. “Era competitivo, era muito competitivo!”: Memórias do esporte escolar de rendimento em escolas particulares de Curitiba (1980-1990). **Journal of Physical Education**, 31, e3111, 2020. DOI: 10.4025/jphyseduc.v31i1.3111

VIEIRA, J. L. L. **O processo de abandono de talentos do atletismo no Estado do Paraná**: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos. Tese (Doutorado em Educação Física) – Setor de Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 1999.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J. A trajetória de desenvolvimento de talentos esportivos. **Revista de Educação Física da UEM**, v. 14, n. 1, p. 83-93, 2003.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L. As estruturas políticas e sua influência no desenvolvimento do esporte no Estado do Paraná: o caso do atletismo. **Revista de Educação Física da UEM**, v. 12, n. 2, p. 7-25, 2001.

VIEIRA, L. F. et al. Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo paranaense. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 13, n.3, p. 183-188, 2011.

VITORIO, C. A. et al. Perfil nutricional e antropométrico de adolescentes velocistas praticantes de atletismo de Joinville-SC. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 12, n. 74, p. 708-714, 2018.

ZHENG, J., CHEN, S. Exploring China's success at the Olympic Games: a competitive advantage approach. **European Sport Management Quarterly**, v. 16, n. 2, p. 148-171, 2016. DOI: 10.1080/16184742.2016.1140797

ZIMMERMANN, M. A. **O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2019. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-14062019-093228/pt-br.php>.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WACQUANT, L. Cuatro principios transversales para poner a trabajar a Bourdieu. **Estudios Sociológicos XXXVI**, v. 106, 2018.

WATT, R., HOGAN, S. Are athletes on the right track? The effect of availability of an all-weather athletics track on athletics performance. **Sport in Society**, 2017. DOI: 10.1080/17430437.2017.1346626

**ANEXO 1 – Organograma do desenvolvimento dos fatores de sucesso brasileiro de acordo com a teoria do SPLISS.**

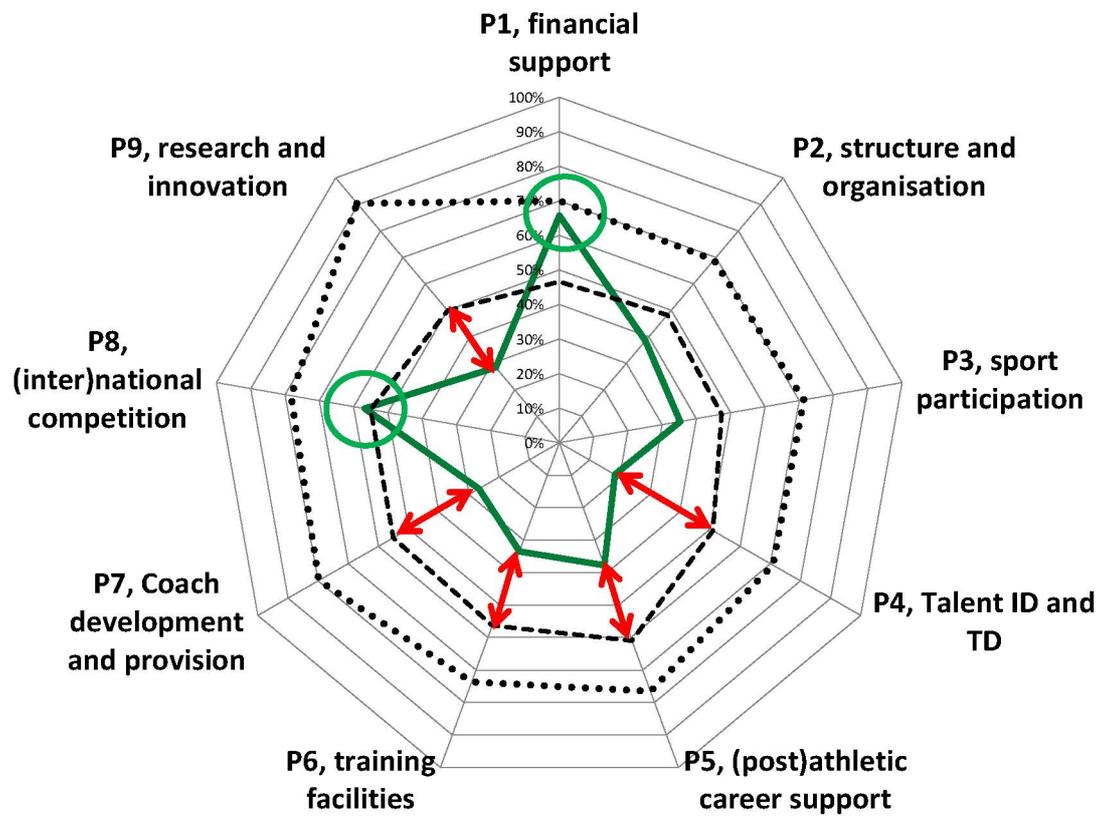


Figura 5. Fonte De Bosscher *et al.* (p. 371, 2015).

## **ANEXO 2 – Questões norteadoras das entrevistas com os atletas**

### **DADOS OBTIDOS PELA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO.**

Os dados básicos de cada atleta a seguir serão confirmados durante as conversas/entrevistas não sendo realizadas de maneira direta.

1. Nome completo.
2. Data de nascimento.
3. Cidade, estado e país de nascimento.
4. Estrutura familiar: classe social, nível socioeconômico, pais e irmão(s), esposa(o), filhos(as), moradia, bairro, escolaridade, trabalho.

### **QUESITOS A SEREM APRESENTADOS E OS FINS DESEJADOS**

\*as orientações após cada pergunta são fruto da compreensão deste autor das leituras dos conceitos teóricos escolhidos relacionados com os quatro fatores de sucesso pontuados. Servem como orientação durante as conversas. Não seguem uma ordem de quesitos, pois ao longo das conversas e encaminhamento dado pelo atleta pretendemos dar liberdade para que as temáticas sejam exploradas de maneira mais natural possível.

- a. Quando e onde começou a praticar esporte.

**(desenhar o início da construção do agente atleta a partir dos locais físicos e campos que orbitou durante a vida; a leitura visa compreender aspectos da vida social do atleta que durante o curso da vida o fizeram tomar determinadas atitudes; estas ações são alguns rompimentos que desejamos conhecer | sutilezas da vida indicam indícios de capitais vivenciados e adquiridos, assim como o conhecimento do funcionamento de determinados campos e seus *habitus* | para nós, algumas experiências implicam a experimentação dos *habitus* de determinado campo ou subcampo que posteriormente farão o atleta decidir ou não lutar por pertencer àquele grupo ou não, como no caso do atleta vivenciar o esporte na infância e depois compreender a possibilidade de crescer naquilo, passando a cada degrau compreender**

as necessidades de permanência no subcampo do atletismo, até chegar a uma olimpíada)

b. Durante sua trajetória como atleta da modalidade de atletismo de que forma e intensidade o suporte financeiro foi responsável?

**(o presente rendimento visa compreender o fator suporte financeiro do setor público; a pergunta é aberta para identificarmos a indicação de qual setor o atleta percebe a importância, pública ou privada; além da participação do financeiro desejamos identificar como o atleta percebeu a necessidade deste elemento, como percebeu as formas de conseguir e negociar, avançando no uso dos capitais | sobre os capitais pretende-se estabelecer a relação entre os capitais percebidos pelo atleta e de que forma barganhou no interior do subcampo, como foram determinantes neste processo, quais foram estes capitais | entendendo que o atleta chegou à Olimpíada provavelmente utilizou capitais durante as disputas no interior do subcampo e assim sendo iremos procurar identificar capitais em comum, assim como o *habitus* durante este processo de disputa). (sem presumir que o incentivo tenha sido financeiro. Pretende-se verificar a que o atleta atribui e em que momento percebeu como um fator importante no desenvolvimento, inserido no subcampo da modalidade de atletismo; como compreendeu o capital econômico e financeiro, sua importância para crescimento na modalidade; como barganhou e disputou o direito de usufruí-lo e ganhá-lo; a barganha entre seu capital corporal e a imagem que ele podia projetar em provas da modalidade de atletismo pelo capital econômico e financeiro possível de ser obtido; a construção de um capital simbólica próprio de cada atleta detentor de um valor no mercado do subcampo da modalidade de atletismo)**

c. Ao longo da carreira como atleta existiram pessoas responsáveis pelo seu desenvolvimento na modalidade de atletismo? Em que momentos elas apareceram e qual sua participação no processo?

**(neste ponto avançamos e focamos no tema equipe especializada de apoio; a necessidade dela nos faz pensar que ao longo da carreira do**

atleta ele perceba ou alguém indique que determinados conhecimentos possam ser importantes para sua evolução | nesta linha o atleta, se aprofundando no subcampo, crescendo na modalidade e potencializando seus capitais, passa a disputar o direito de possuir determinado apoio para crescer no esporte | identificando na visão dos atletas quem são os agentes pertencentes a esta equipe especializada de apoio visamos compreender a constituição do subcampo do atletismo, em níveis, conforme o atleta cresce em sua hierarquia; os capitais de barganha pelo direito da equipe especializada; a possível determinação do sucesso para a evolução dos atletas na modalidade de atletismo; etc.).

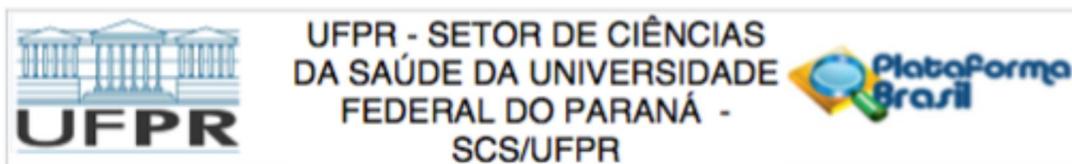
d. O que o esporte representava e passou a representar ao longo da vida. (pretende-se constituir pelo olhar do atleta os rompimentos entre a prática pela brincadeira para a prática profissional pensando na interiorização de pertencimento ao subcampo da modalidade de atletismo, adquirindo um *habitus*, conhecendo os capitais disponíveis e necessários para trilhar uma trajetória | avançamos para as instalações esportivas visando compreender a importância dada pelo atleta neste tema; neste ponto o pertencimento ao subcampo faz com que o atleta busque não só o *habitus* como também o seu grupo, assim acreditamos que algumas migrações indiquem este elemento; sobre as migrações entre regiões e clubes para a disputa sobre os atletas e a barganha entre capitais – simbólico, corporal, financeiro, econômico, etc.).

e. As competições e treinamentos foram importantes no seu desenvolvimento como atleta?

(este fator do sucesso esportivo nos mostra um indício no qual o atleta deve tomar decisões sobre querer pertencer ao subcampo do atletismo e interiorizar o *habitus*; além disto e mais uma vez pode revelar como determinados capitais foram utilizados e construídos pelos atletas a cada competição e equipe de treinamento, técnico, preparador e uma equipe especializada de apoio)

Todas as perguntas, ainda que separadas didaticamente, estão interligadas em suas temáticas e propósito desta pesquisa, que é o de revelar a trajetória dos atletas paranaenses da modalidade de atletismo até sua participação em uma Olimpíada. Os quesitos apresentados estão no campo da teorização o qual pensamos abranger de maneira ampla e a partir deles nos amoldaremos conforme os encaminhamentos das entrevistas. Como explicitamos nos procedimentos metodológicos, utilizaremos o número necessário de conversas para compreendermos o que nos propomos nesta pesquisa.

## ANEXO 3 – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Desenvolvimento e avaliação do esporte

**Pesquisador:** fernando renato cavichioli

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 88770618.4.0000.0102

**Instituição Proponente:** Departamento de Educação Física

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DA NOTIFICAÇÃO

**Tipo de Notificação:** Envio de Relatório Parcial

**Detalhe:**

**Justificativa:**

**Data do Envio:** 06/11/2019

**Situação da Notificação:** Parecer Consubstanciado Emitido

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.786.188

#### Apresentação da Notificação:

Trata-se do relatório parcial da pesquisa intitulada "Desenvolvimento e avaliação do esporte" sob a responsabilidade e orientação do Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli, do Departamento de Educação Física da UFPR, com a participação dos colaboradores: Profa. Dra. Camile Luciane da Silva, Prof. Dr. Riqueldi Straub Lise, dos **doutorandos** Andre Felipe Caregnato, Emilia Devantel Hercules, **Rafael Gomes Sentone (Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR)**, dos mestrandos Isabelle Plociniak Costa, Mayara Torres Ordonhes, Matheus Pereira Rodrigues, Caroline Costa Picetskei, Cristiano Israel Caetano e Marcelo Pampuch (Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Envio de Relatório Parcial	Relatorio_parcial.doc	06/11/2019 23:36:24	fernando renato cavichioli	Postado

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar

**Bairro:** Alto da Glória

**CEP:** 80.060-240

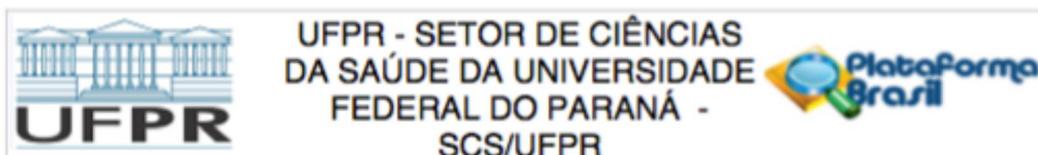
**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3360-7259

**E-mail:** cometica.saude@ufpr.br

Página 06 de 07



Continuação do Parecer: 3.786.188

CURITIBA, 20 de Dezembro de 2019

---

**Assinado por:**  
**IDA CRISTINA GUBERT**  
**(Coordenador(a))**